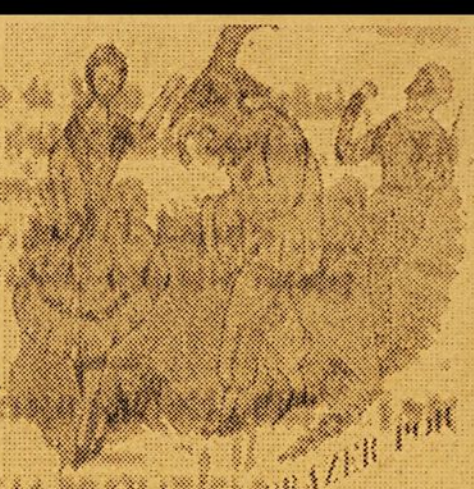




Às leitoras, com carinho



2010000283





T/UNESP
981
B7321
v.1

Bia SYS 0025449

URQUIZA MARIA BORGES

ÀS LEITORAS, COM CARINHO

Trabalho apresentado para o concurso de Livre Docência em História da Cultura Brasileira, junto ao Departamento de Expressão e Comunicação do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista.

À Biblioteca do Instituto de Artes
S. Paulo, 9 - maio - 97

1997

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18
unesp

AGRADECIMENTOS:

Jacob Tadeu Gelwan (capa e fotos)
Patrícia Maria Garib (capa)
Célia Maria Borges Felicissimo (pesquisa)
Juliana Borges Felicíssimo (pesquisa)
Raquel Mattes (colaborou na editoração)
Fátima Plutarco (revisão)
Nenas Medrano (Laboratório)
Denis (Departamento de Microfilmagem
do Arquivo do Estado)
Wal Volk (produção gráfica)

Às mulheres que me inspiraram;
À Ana Martinez, amiga;
À Zélia e à Célia.

INSTITUTO DE ARTES - UNESP
BIBLIOTECA

SUMÀRIO (Volume 1)

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

A Cidade de São Paulo.....1

Névoas e tédio..... 2

A Cidade da Civilização 11

A Cidade e a transformação mundial 34

Novidades no comércio 38

Facilitando a vida das mulheres 50

Procurando inovar 54

Divertindo-se.....57

Da leitura em família à leitora solitária.....68

CAPÍTULO 2

A missão educadora (Correio Paulistano - 1860-1900).....74

Editoriais e as mulheres 87

CAPÍTULO 3

Os ecos de antigas vozes 111

A "nova mulher".....126

A Maçonaria e a instrução 163

CAPÍTULO 4

Tudo que o seu mestre mandar, faremos todas? 173

"Xiquinhas, Xaviéis e Gaviôas"..... 183

"A estontcada D. Laurita"..... 189

Sinhazinha, Ana Cândida, Chiquinha, Vitalina, Maria Luiza.....196

Leonor, Guilhermina e outras.....216

Devotas, caridosas e dedicadas..... 220

O inusitado feminino, em notícia.....244

Escândalo na Paulicéia 244

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de sete anos de pesquisa realizada nos jornais *Correio Paulistano* (1860-1900) *Diário Popular* (1885-1900) e em cartas, relatos, inventários, romances, contos, biografias e autobiografias, tendo como objetivos:

- O exame das maneiras como eram transmitidas nos jornais, romances e dramas as concepções de médicos, liberais, maçons e positivistas (é difícil separar com precisão a origem e a coloração ideológica das idéias divulgadas nos textos) a respeito da função social das mulheres;

- A percepção de como as mulheres reagiam à constante normatização de que eram objeto.

O primeiro objetivo parece-me razoavelmente elucidado, através do exame de diferentes tipos de textos publicados no *Correio Paulistano*, durante o período em que concentrei a pesquisa, segunda metade do Século XIX e de textos literários.

Em um trabalho exaustivo, busquei o esclarecimento das táticas usadas pelos autores para persuadir as mulheres das elites e das camadas intermediárias da sociedade a se transformarem em excelentes donas de casa, esposas amorosas (dentro dos limites da "paixão terna")[1], elegantes anfitriãs e eficientes mães-educadoras, sob a "ilustrada" orientação de pais, maridos, tutores ou irmãos.

Quando me utilizo de conceitos como classes, elites ou camadas sociais, sinto um mal estar proveniente da imprecisão: como definir quem pertencia às elites ou às camadas intermediárias urbanas, no período em que está situada a minha pesquisa? Qual deveria ter sido a extensão da propriedade de um fazendeiro para que ele possa, hoje, ser considerado como tendo pertencido aos grupos da elite cafeeira? E um magistrado? Pertencia a qual camada? Às intermediárias ou à elite da Magistratura, quando já estivesse em final de carreira? Além da propriedade e das profissões, que outros fatores podem indicar a classe social?

Trabalhei com textos que não eram dirigidos a mulheres de uma determinada classe social, mas a todas, abrangidas no singular "mulher", que apagava diferenças sociais, de idades ou estado civil. Entretanto, pelo teor dos mesmos, é transparente a intenção dos autores em dirigir-se às que freqüentavam bailes, teatros, saraus, que podiam ou deviam

---

[1] GAY, Peter. *A paixão terna.* São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

unesp

exercer a filantropia, por meio da organização de eventos, doações e participação em leilões e concertos. Mulheres que não pertenciam às camadas menos elevadas da sociedade paulista e paulistana.

Este fato tornou necessário recorrer a conceitos - elites, camadas sociais mais elevadas ou intermediárias - para situar, socialmente, os que possuíam bens, comprovadamente, ou que deveriam possuir, caso contrário não teriam sido o alvo de determinado texto discursivo, e os que viviam uma situação entre os ricos e os pobres ou despossuídos. Quando falo de elites, refiro-me às mulheres pertencentes às famílias mais ricas - Prado, Pompêo de Camargo, Pacheco Chaves, por exemplo. As camadas intermediárias ou grupos intermediários abrangem os que exerciam profissões urbanas - negociantes, advogados, funcionários públicos, professores, escritores, artistas, jornalistas. Alguns destes profissionais urbanos estavam, circunstancialmente, próximos às elites, nas atividades políticas ou jornalísticas.

Não encontrei entre os membros da família Pompêo de Camargo, constante deste trabalho, casamentos que pudessem ser considerados como entre classes diferentes: as filhas de Antônio Pompêo de Camargo casaram-se com membros das família Souza Queiroz.

O mal estar proveniente da necessidade de classificar e sistematizar atinge profissionais da História de vários níveis de experiência. Peter Gay, em "Esforços para uma Definição" e "Simplificações tentadoras", prolonga-se na apreensão dos diversos significados da palavra burguês e em explicações sobre quem será introduzido em seu conceito de classes médias, e escreve:

> "A necessidade de viver segundo classificações nitidamente delineadas está profundamente arraigada na mente humana e constitui uma de suas primeiras exigências; a simplicidade alivia ansiedades por meio da eliminação das discriminações. Situações reais raramente são nitidamente definidas, e sentimentos reais freqüentemente são verdadeiros vespeiros de ambivalência."[2]

Quanto ao segundo objetivo, conhecer as respostas das mulheres à persuasão, a tarefa foi aqui apenas iniciada; eu a continuarei, como complemento a este trabalho, examinando a documentação da *Coleção Fernando Pacheco* Chaves, pertencente ao Museu Paulista e composta de um expressivo número de cartas, dois diários, prestações de contas e outros documentos - que já foram microfilmados e xerografados por mim -, cartas, reminiscências e relatos da Coleção de Fernando Pompêo de Camargo, e jornais escritos e publicados por mulheres, durante a segunda metade do século XIX.

---

[2] GAY, Peter.In: *A educação dos sentidos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, p. 23- 36.

unesp

A escolha do jornal *Correio Paulistano* deve-se ao fato de que este jornal foi, durante quase todo o tempo do período coberto pela pesquisa, de propriedade e redigido por maçons - liberais ou republicanos - e publicou, com assiduidade, notícias a respeito das "pequenas conquistas do sexo feminino" (conforme se expressavam) na Europa, Estados e Brasil, e artigos "morais" e educadores dirigidos "à mulher".

A partir de 1885, o jornal foi comprado por Antônio da Silva Prado, do *Partido Conservador*, fato que infundiu uma visível mudança na linha editorial do jornal, que passou a dar mais informações oficiais, notícias políticas e informes acerca de lazer, tendo expandido também o espaço destinado à publicidade.

O Correio Paulistano, de propriedade de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, até 1885, era de propriedade do republicano e maçom Joaquim Roberto de Azevedo Marques, um dos criadores da *Loja América* da Maçonaria (Capítulo 2), que fundou a *Propagadora da Instrução Popular*, instituição que deu origem ao *Liceu de Artes e Ofícios* (Capítulo 3). Também eram republicanos e maçons Américo de Campos, redator chefe até 1874, Carlos Ferreira, Rangel Pestana e Leôncio de Carvalho, colaboradores do jornal.

Fiel à vocação missionária dos letrados do período, o *Correio Paulistano* pretendia estar vigilante com a "coisa pública", ativo no exercício da cidadania e na divulgação da instrução, esta, considerada pelos maçons como ponto de partida para a moralização ou regeneração da sociedade. Instrução primária, gratuita e livre era dever do Estado e obrigação de todos que já tivessem atingido "as luzes". "Liberdade plena de ensinar a quem quer que pretenda fazê-lo", pois se considerava um crime "nefando" sujeitar o ensino a crenças religiosas ou ao respeito às instituições "decadentes", retardando o "esclarecimento do povo". (12.2.1871).[3]

Como se verá no Capítulo 2 - *A Missão Educadora* -, a Imprensa era considerada um fator preponderante na formação da "opinião pública", função que os homens de letra se impunham. Na Imprensa, espaço da livre discussão, segundo a concepção dos que

[3] O uso das expressões - luzes, esclarecimento, regeneração, moralização, esclarecido ou idéias do século - é uma constante nos textos do século XIX. Pude perceber, no seu emprego, a referência às idéias dos teóricos franceses do Esclarecimento, que pregaram o individualismo, o governo representativo, o respeito à família, a liberdade de escolha do parceiro conjugal e, alguns, a divisão sexual de funções, como se verá no desenvolvimento deste trabalho.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18

ATTENÇÃO

Previne-se a qualquer pessoa que se ache encarregada de levar um moço para a cidade de Sorocaba ou villa da Piedade para o revdm. sr. padre Lourenço Antonio da Silva Corrêa, que pode-o procurar na rua do Imperador n. 14.

Anúncio de um escravo fugido? (*Correio Paulistano*, 24.5.1866)

escreviam, "a verdade" surgia cristalina aos olhos "do povo", que deixava de ser a multidão dispersa, obscurecida pelas paixões, incapaz de agir com razão e transformava-se na "opinião pública".

Mona Ozouf, após analisar a expressão opinião pública, em textos do século XVIII, afirmou que os autores não se preocupavam em esclarecê-la, apenas usavam-na em suas polêmicas, de forma imprecisa. A característica "unanimement reconnu est nègatif:

> *"Elle n'est pas l'opinion de la multitude, celle-ci 'toute sauvage' comme l'écrit Necker; le public n'est pas um peuple, celu'ici toujours promt à l'erreur, insaisissable et inflammable'.*[4]

Essa autora frisa que a eficácia dos diversos conceitos usados pelos letrados, nos vários tipos de publicações, apoiava-se na anexação da palavra público a outras, e na conservação do singular: amor público consciência pública, espaço público, bem público e opinião pública. O plural remetia à variedade, à multidão:

"Car les opinions publiques de Rousseau ne vivent que l'espace d'un matin, toute de suite réabsorbées par les préjugés personnels. Le passage au singulier opère une véritable conversion (...)[5]

Missionários da palavra, os redatores e colaboradores do *Correio Paulistano* seguem o caminho traçado pelos teóricos do século XVIII, concernente à relação que os que já tivessem se beneficiado da recepção das "luzes" deveriam ter com "a humanidade". O que não significa que - mesmo usando conceitos como "revolução", "reforma" e "povo" (o significado para eles de tais conceitos serão esclarecidos no desenvolvimento do trabalho) pregassem medidas que são consideradas como radicais.

Abolicionistas teóricos, condicionaram a emancipação dos escravos aos interesses dos proprietários e ao princípio da propriedade privada (Capítulo 5).

Assim como não fazem em seus artigos uma crítica aprofundada às relações sociais e à concentração da terra nas mãos de uma parcela da sociedade.

Todavia, ainda que dentro do conjunto de idéias que formaram o Liberalismo, estavam identificados com o

> "papel histórico do jornalismo que, no século XIX, foi marcado pelo espírito de luta pelos ideais e pelas idéias sociais, pela mudança da realidade, pelo questionamento dos regimes autoritários e da sobrevivência do arbítrio e do despotismo estatal (embora associado ao espírito liberalista com todas as suas limitações e deformações ideológicas".[6]

---

[4] OZOUF, Mona. In: *L'homme régénéré*. Essais sur la Révolution Française. Paris: Gallimard, p. 29-30.
[5] Id., ib., p. 25
[6] MARCONDES, Ciro. *O Capital da notícia*: o jornalismo como produção social de segunda natureza. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 36

unesp

O Diário Popular, fundado em 1885 por José Maria Lisboa e Américo de Campos, foi menos explorado e forneceu informações que foram aproveitadas, predominantemente, no Capítulo 1, *A Cidade de São Paulo*.

Dentro do programa liberal e maçom, que fundamentava a linha editorial do jornal, é que se situa a preocupação dos seus redatores em terem as mulheres como destinatárias, ocupando as matérias a elas dirigidas um respeitável espaço. Versavam, tais matérias, sobre a saúde, a beleza, o comportamento e a instrução das mulheres, ensinando-as - como no artigo "Beleza e Saúde" - a se alimentar, vestir e comportar, dentro e fora de casa. Preocupavam-se também os autores em persuadi-las à prática da filantropia, a assistir conferências, a ir a teatros, a ler, a freqüentar festas e saraus, sob o manto protetor do paternalismo esclarecido. O estímulo à diversificação de atividades tinha o propósito - além do fundamental, que era transformá-las em mães e esposas civilizadas - de subtraí-las à poderosa e "nefasta" influência do confessionário e do púlpito (Capítulo 3).

Alguns setores da Maçonaria, apesar da exclusão do gênero feminino de seu interior, pretendiam algumas mudanças na vida das mulheres e atuavam no sentido de expandir os seus horizontes um pouco além da domesticidade e, na domesticidade, "esclarecer" as relações entre os cônjuges, entre pais e filhos e senhores e escravos.

O conceito de esclarecimento aplicado às relações de gênero significava o exercício da autoridade masculina orientado pelos ensinamentos das "Luzes", ou seja, com respeito e sem desmandos, orientação que se aplicava também às relações entre pais e filhos. Como se verá nos textos jornalísticos que serão citados, a crítica às regras antigas, "coloniais" que faziam da mulher apenas uma feitora doméstica, é constante na Imprensa, nos dramas e em alguns romances (Nos Capítulos 2 e 3 escrevo sobre a Maçonaria e sua relação com "a mulher").

O Correio Paulistano, através de suas variadas seções, Noticiário, Folhetins, Anúncios, Editoriais, Cartas do Leitor e Variedades abriu para mim as portas de um cotidiano pleno de surpresas e de não surpresas, a respeito da cidade, seus habitantes, das críticas que estes faziam à administração municipal e aos serviços públicos (Capítulo I) e de manifestações públicas de mulheres.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18



José Maria Lisboa, um dos fundadores do *Diário Popular*.

Li cartas de mulheres elogiando médicos, despedindo-se dos amigos, reclamando de serviços prestados; anúncios de mulheres negóciantes (geralmente estrangeiras, ou melhor, francesas), de concertistas, parteiras, professoras, floristas; artigos e poesias de vaídosas letradas, e conferencistas; elogios a atrizes, como Maria Velluti, tradutora e professora de arte dramática.; notícias de mulheres que maltratavam escravos, que se tornaram curadoras de seus maridos e divulgavam a curadoria com o intuito de invalidar negócios feitos pelos maridos pródigos; de desafios aos costumes e enaltecimento de atitudes que correspondiam plenamente à secular pregação: de devoção, abnegação e caridade, como as que aparecem em necrológios, ressaltadas por familiares e amigos.

As informações que emergem das notícias, cartas, anúncios, crônicas, necrológios, editoriais, relatos, biografias e auto-biografias apontam para uma vasta gama de comportamentos, gestos, emoções, atitudes, frustrando e alegrando a pesquisadora, por existirem e por serem tão esparsas, tão fragmentadas, constituindo rápidos aparecimentos, longos desaparecimentos e muito silêncio, o que obriga a colar, a comparar, a ir a outras fontes...

Acontecimentos banais, singelos, indignos de um trabalhador da História? Não, se o objeto da pesquisa são os fatos do cotidiano, das relações do dia a dia, dentro e fora de casa. Fatos que esclarecem acerca de mentalidades, de sentimentos, emoções, expectativas, buscas, frustrações e incertezas.

Como se expressou Walter Benjamim, nenhum fato do passado é indigno do "cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos", levando "em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história". Nos ecos distantes das vozes ou dos siléncios daquelas mulheres, há uma certa afinidade com vidas posteriores:

> "O passado traz consido um índice misterios, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso".[7]

Apesar de viverem "portas a dentro", excluídas do setor público, algumas conseguiram vencer a timidez, o recatado silêncio e ocuparam as fimbrias da esfera pública do setor

---

[7] BENJAMIM, Walter. Sobre o conceito da História. In: *Magia e Técnica. Arte e Política*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 223 (Obras Escolhidas).

unesp

privado:[8] fizeram conferências, escreveram poesias (na maioria, impregnadas de misticismo, romantismo, bucolismo), reminiscências, enviaram críticas de peças para o jornal, fundaram e redigiram jornais, foram professoras e negociantes respeitadas.

A autoridade masculina esclarecida, que incentivava as mulheres a estudar, ler e a procurar profissões que não fossem de encontro à "natureza feminina", foi chamada por Darmon de "Feminismo paternalista"[9] e denominada também neste trabalho de paternalismo esclarecido.

A persuasão dirigida às mulheres não aparece apenas nas seções feitas dentro do conceito que os responsáveis pelo jornal tinham do que seria um jornalismo sério: também nas seções dedicadas ao lazer, nas de variedades e nos folhetins, a persuasão aparece, ora em tom chistoso, ora carinhoso, ora professoral ou, ainda, em forma de polêmicas a respeito do conteúdo e personagens femininas de peças teatrais.

Prolongadas polêmicas, nas quais se discutia o alcance moralizador do drama, a punição aplicada à perdida ou à adúltera, os efeitos do progresso, dissolvendo velhos e salutares costumes e a vida em família, ameçando valores arraigados e considerados protetores. Neste caso, vê-se a contradição entre a valorização do que chamavam de Civilização, e a desqualificação desta mesma Civilização, o que demonstra a utilização de um mesmo conceito para expressões antagônicas: a mesma Civilização benfeitora, que trazia a iluminação a gaz e depois a elétrica, a locomotiva, os fósforos, o rinque de patinação, a Imprensa, os bancos e a numeração nas ruas, trazia também a destruição da vida antiga, acolhedora, benfazeja, conhecida. (Capítulos 6 e 7).

Norberto Elias escreve a respeito da oposição entre os costumes campestres e urbanos, entre Civilização e Cultura, mostrando o impacto do "novo" na Alemanha do Século XVIII.. Este escritor ressalta o fascínio que a idéia de "penetrar no círculo fechado e perigoso da aristocracia" exercia sobre a classe média. [10]

---

[8] HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984, p. 45-6. A esfera privada compreende a sociedade civil burguesa em sentido mais restrito, portanto o setor da troca de mercadorias e do trabalho social; a família, com sua esfera íntima, está aí inserida. A esfera pública política provém da literária; ela intermedia, através da opinião pública, o Estado e as necessidades da sociedade".

[9] DARMON, Pierre. *Mythologie de la femme.* Dans l'Ancienne France (XVº-XVIIIe siècle). Paris: Éditions du Seuil, 1981.

[10] ELIAS, Norberto. *O processo civilizador*. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p. 40.

unesp

Quanto ao conceito de persuasão aplicado aos textos em pauta é pertinente, pois o objetivo de tais textos era o convencimento, a incitação, ainda que se utilizassem de tons sutis e chistosos, em um processo de comunicação "à sens unique". [11]

Procurei ver os fatos culturais com os quais trabalhei - textos e ações - em uma relação dialética com as demais instâncias sociais (geográfica, econômica, social e política), sem subordinação.

A escolha por trilhar um caminho, com muitas pedras ainda para um trabalhador da História, que é o da aproximação com o texto, a procura de seu significado, não é recente: a minha tese de Doutorado, *A mulher em cena* (segunda metade do Século XIX) tem por objeto as imagens e representações femininas da dramaturgia de estudantes e bacharéis da Faculdade de Direito de São Paulo. Este caminho novo me ensinou a buscar sugestões e ensinamentos em outras áreas, vizinhas da História.

Concluíndo, faço minhas algumas das palavras de Lynn Hunt, quando critica o que ela chama de reducionismo do marxismo e da escola dos Annales, sem, contudo, deixar de render tributo ao que aprendi com o materialismo histórico e com os historiadores dos Annales:

> "No momento, como mostra este livro, a ênfase na história cultural incide sobre o exame minucioso - de textos, imagens e ações - e sobre a abertura de espírito diante daquilo que será revelado por esses exames, muito mais do que sobre a elaboração de novas narrativas mestras ou de teorias sociais que substituam o reducionismo materialista do marxismo e da escola dos Annales. (...) Os historiadores que trabalham com a cultura não devem deixar-se desanimar pela diversidade teórica, pois acabamos de entrar numa nova eextraordinária fase em que as outras ciências humanas (incluindo-se aí, em especial, os estudos literários, mas também a antropologia e a sociologia) estão nos redescobrindo".[12]

---

[11] KAPFERER, J. N. *Les chemins de la persuasion*. Paris: Dunod, 1990, p.12.

[12] HUNT, Lynn. Apresentação. História, cultura e texto. In: _____e outros. *A Nova História Cultural*.
São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 28-9;

unesp

PREPARAÇÃO INCOMPARAVEL

PARA CLARO, TOUCADOR, E BANHO



A MUI AFAMADA

AGUA DE FLORIDA

MURRAY E LANMAN

E' o mais delicado e airoso e ao mesmo tempo o mais estavel de todos os perfumes, e encerra em si, no seu maior auge de excellencia, o proprio aroma das verdadeiras flores, quando ainda na sua florecencia e fragrancia natural. Como um meio seguro e rapido allivio contra as dores de cabeça, nervosidade, debilidade, desmaios, flatos, assim como contra todas as fórmas ordinarias, de accidentes hystericos; é de summa efficacia e não tem outro que o iguale igualmente quando destemperada em agua, torna-se um dentrificio, o mais agradavel e excellente, dando aos dentes, aquella alvura e aperolada apparencia altamente apreciada e desejada pelas senhoras.

Como um remedio contra o mau halito da bocca, depois de dellaida em agua, é summamente excellente, faz remover e neutralisar todas as materias impuras que se criam a roda dos dentes e das gengivas, tornando-as duras, sadias e de uma linda côr encarnada. Quanto a delicadeza, riqueza e permanencia do seu fragrante aroma, ella por certo não tem igual; e a sua superioridade é sem rival.

Ella igualmente se torna um meio mui excellente, para fazer remover de sobre a pelle do rosto, toda a qualidade de bertuejas, ebolições, sardas, pannos, manchas, impingens e espinhas. Quando se queira servir della como remedio para fazer desapparecer qualquer um destes desfiguramentos, e que tanto desfeiam as lindas feições do bello sexo; deverá se usa-la em um estado de delluição, destemperando a numa pouca d'agua; porém no tratamento de qualquer uma espinha usar-se-ha della pura em toda a sua força. Finalmente como um admiravel meio para communicar as feições trigueiras e pallidas, uma pelle macia e de uma transparente alvura, dando lhe uma linda côr de rosa; para um tal fim, ella leva a palma a todos os perfumes que se teem inventado até hoje, e existe em plena soberania sem rival.

Bem entendido tudo isto se refere unicamente á

AGUA DE FLORIDA DE MURRAY E LANMAN

As imitações que se teem feito na França e Allemanha; assim como em muita outras partes, são rateiramente inuteis e invaliosas; portanto recommenda-se mui especialmente ás senhoras, que tenham toda a precaução e cuidado, de quando comprarem, estejam certos bne compram.

A GENUINA
AGUA DE FLORIDA
DE
MURRAY E LANMAN

A qual é preparada somente pelos unicos proprietarios

LANMAN E KEMP NOVA YORK

Acha-se a venda nos estabelecimentos do Braga e Estrella, Quatro Cantos, S. Paulo.

As Pilulas de Constipação

DO

DR. BETHOLDI

Preparadas debaixo da sua direcção e garantidas pela sua assignatura.

DEPOSITO

na loja do Pomby, de Lourenço Grecco, rua da Imperatriz n. 1 B

Vidros de 1$000 para cima. Expedem-se tambem para o interior da provincia pelo correio. 32

Alta novidade

Chegou a casa do Corbisier

uma

nova e lindissima remessa de touradinhos e chapéos vindos em direitura de Paris

A' LUVA DE OURO

Rua da Imperatriz n. 42 12—4

Attenção

Desappareceu no dia 21, ás 5 ½ horas da tarde, uma menina orphã de nome Maria das Dôres, que me foi entregue pelo illm. sr. dr. juiz de orphãos, com os signaes seguintes:

Levando saia de algodão e um paletot de alpaca parda, guarnecido de escossez vermelho; descalça, magra, morena, cabellos curtos e crespos, nariz assado de defluxo, bocca regular, edade 9 para 10 annos. Desde já protesta-se contra a pessoa que a tenha acoutada sem que seja apresentada ao sr. dr. juiz de orphãos ou em casa do annunciante, á rua da Boa Morte n 46.

2—3 *José Ferreira da Silva Leite.*

Cocos

Cgegaram cocos novos, á rua da Quitanda n. 18, a 240, 280 e 320 cada um; cebollas grandes e superiores em restias a 3$000 e 4$000 o cento; latas de azeitonas novas a 2$; velas de composição a 560 e 600 rs. a libra, e castanhas novas a 800 rs o Kilo. Deposito do vinho do Morumby, e chá; recebe-se qualquer encommenda para qualquer parte e a porção que o freguez quizer.

2—3 *José Antonio de Souza Portugal & Comp.*

Attenção

Vende-se 3 victorias em bom uso e com seus competentes arreios, e mais 2 pares de arreios de troly novos, tem mais 10 cavallos que servem para carro e sella; tendo entre elles uma parelha de torolhos; as victorias podem ser vista em casa do sr. Victor Duche, ferrador á rua de S. Bento, e para tratar á rua da Imperatriz n 41, Casa da America. 6—2

(*Correio Paulistano*, 1875).

CAPÍTULO 1

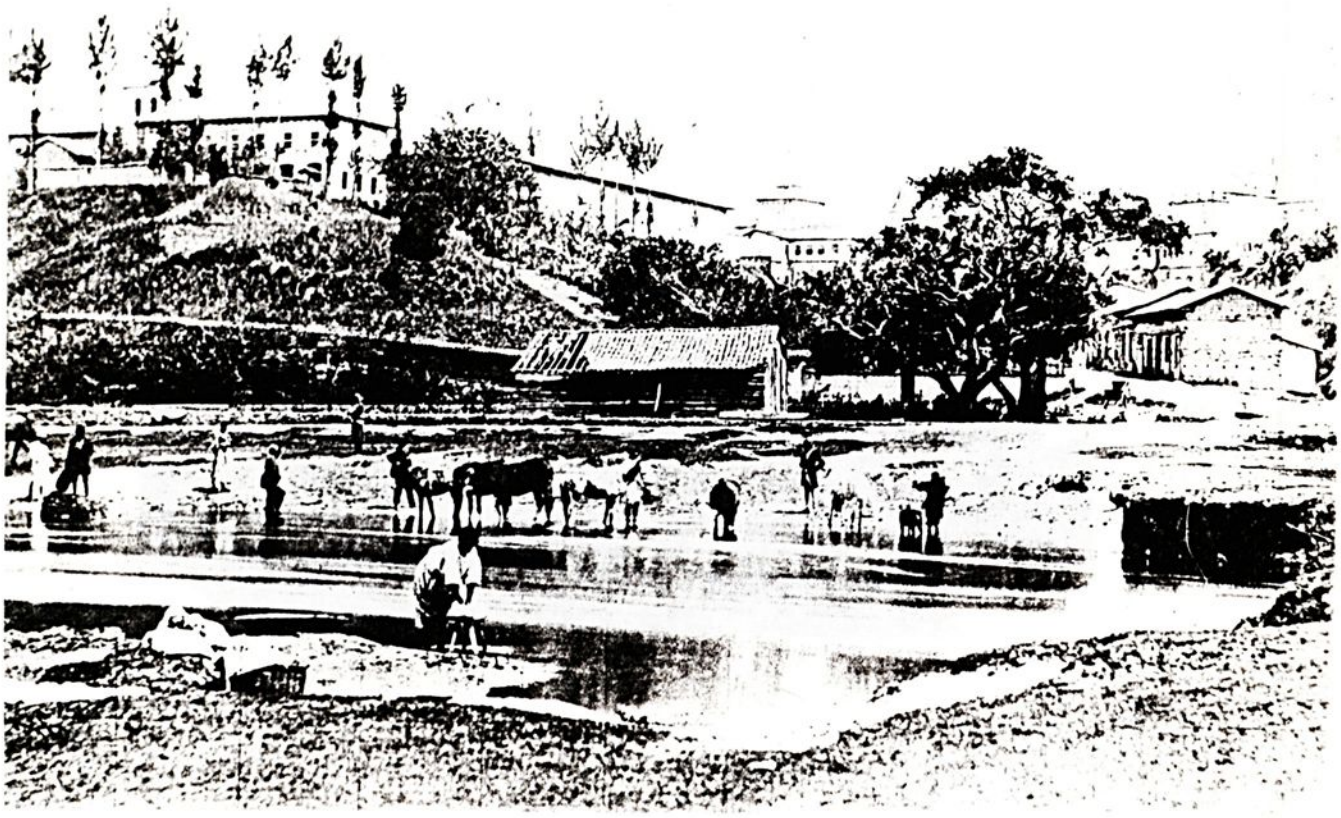
A CIDADE DE SÃO PAULO

"Nesses tempos serenos, a cidade pobre não oferecia diversões. Não existia, portanto, a gana pelos divertimentos; ninguém se agitava sobremaneira, nem estavam os nervos expostos, como hoje, a incessantes ruídos. A não ser para desempenho de seus afazeres, ninguém andava pelas ruas solitárias, calçadas de grendes pedras irregulares. Sobre elas rodavam, aos solavancos, as três únicas seges da cidade, pertencentes ao bispo, à Marquesa de Santos e ao Comendador B." (Maria Paes de Barros. *No tempo de dantes, p.*13).

"À luz plena do gás e ao som da música, o Rink dos patinadores a exibir orgulhoso a moderna geração e as raparigas modernas, livres, alegres, civilizadas, esbeltas, oxigenadas, a ensaiar o patim e embeber-se na higiene da ginástica" (...) (Américo de Campos. *A cidade de São Paulo em 1877).*

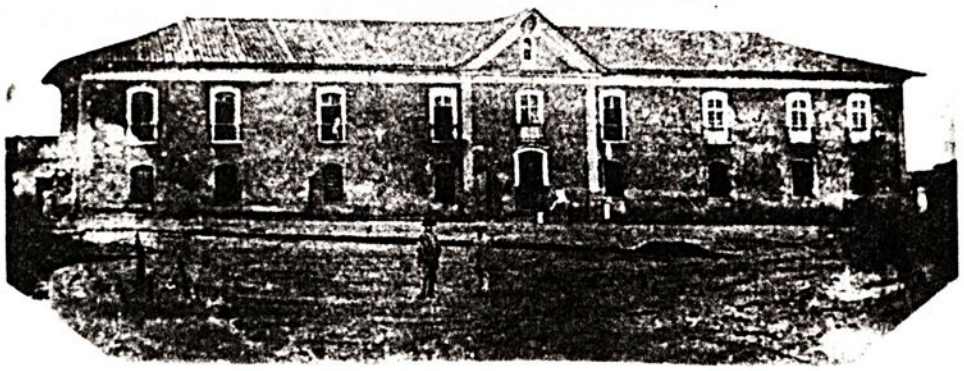
"Montanhas Russas. todos os dias das cinco até meia noite. Grande sucesso. Banda de música, cinematógrafo. Grandes surpresas!. Brinde diário aos freqüentadores!! Rendez-vous do *high life* paulista!! Entradas: adultos: 1$000; Crianças: 500 réis". (20.4.1900).

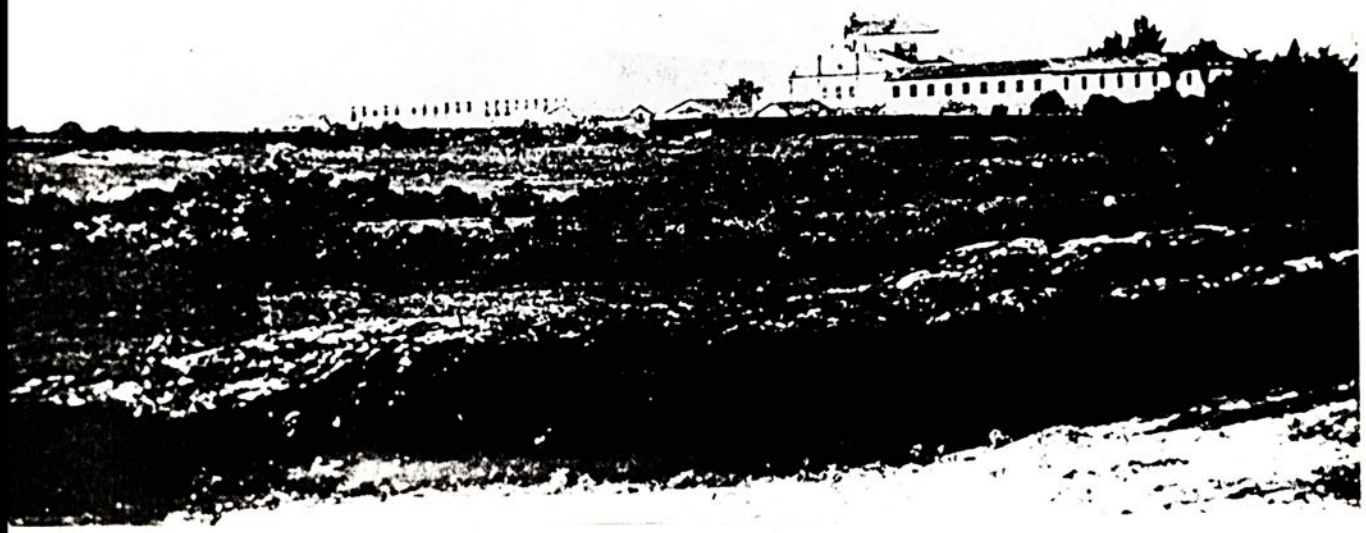
"A concorrência do povo nas ruas é principalmente extraordinária aos sábados, desde a tardinha, ou quando a música dos Permanentes toca das sete às nove horas da noite, no jardim do Palácio, isto regularmente todas as quintas e domingos e de vez em quando, em outros dias". (Henrique Raffard. *Alguns dias na Paulicéia,* p.20-1).



Carmo, ao fundo a torre da Igreja do Colégio.

1862





São Paulo (1867): Fotos do Militão



São Paulo (1867): Fotos do Militão

1887



São Paulo (1887): Fotos do Militão



São Paulo (1887): Fotos do Militão



Rua Marechal Deodoro, antiga Rua do Imperador (1910)

Névoas e *tédio*

> **"No dia de seus anos seu filho não poderia esquecer de mandar-lhe uma lembrança - É pobre e fraca, singela como as flores sem cheiro, do campo; é um adeus de cá da terra das névoas para a terra dos fulgores, da minha sombra para aquele interior saudoso dos nossos lares". (Carta de Álvares de Azevedo à sua "mãe e amiga"(10.7.1850).**

Muito se tem escrito sobre o tédio e a feiúra que envolviam a cidade de São Paulo, principalmente a partir das cartas que o poeta Álvares de Azevedo escreveu à sua mãe, Maria Luísa. Nessas cartas, a angústia do poeta, seu "spleen" são alimentados pela névoa e pelo tédio de sua cidade natal, de ruas mal calçadas, de habitações precárias, com seus bailes sempre os mesmos - "descrito um baile de São Paulo estão descritos - com pouca diferença - todos os presentes passados e futuros - De cão a cachorro não há diferença - cara d'um focinho d'outro" - e cujo comércio oferecia poucas opções, o que levava Álvares de Azevedo a fazer constantes encomendas para a mãe. Um local sem encanto, sempre o mesmo, é o que era para o poeta a cidade "que não deixou de ser São Paulo - que quer dizer muita coisa entre as quais tédio e aborrecimento".[1]

Apesar de se sentir só e entediado, permanecendo em casa, pois nem estudar conseguia, impedido pelo "tédio que estimula o sono', o poeta preferia não receber visitas para ser poupado do "trabalho de andar quebrando os pés pelas *macias calçadas* de São Paulo" (12.5.1848). A preferência por ficar em casa era resultante da falta de opções de lazer, da "caipirice" das paulistanas e do não brilhantismo dos bailes, que ele compara com os do Rio de Janeiro:

> "Enquanto no Rio reluzem esses bailes à mil e uma noites, com todaa sua magia de fulgências e luzes, por aqui arrasta-se o narcótico e cínico baile da Concórdia Paulista - Nunca vi lugar tão insípido como hoje está São Paulo - Nunca vi cousa mais tediosa e mais inspiradora de *spleen* - Se fosse eu só o que o pensasse, dir-se-ia que seria moléstia - mas todos pensam assim - A vida aqui é um bocejo infindo - " (Carta de 12.6.1849).

Em outros momentos, o poeta parece ter se divertido em alguns bailes, falando das moças bonitas e interessantes que encontrou, como se verá no capítulo *Tudo que o seu*

---

[1] BIBLIOTECA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS. *Cartas de Álvares de Azevedo.* São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1976., p. 87 (Carta de 11.6.1848). Com o objetivo de reduzir as notas, as citações extraídas das cartas, constantes dessa publicação, serão identificadas pelas datas).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18

mestre mandar faremos todas?. Também em *Macário*, o poeta fustiga a cidade e as ruas, através de Satá, que responde a Macário, quando este lhe pergunta o nome da cidade:

> "Tem o de um santo; é quase o mesmo. Não é o hábito que faz omonge. Demais essa terra é devassa como uma cidade, insípida como uma vila, e pobre como uma aldeia. Se não estás reduzido a dar-te ao pagode, a suicidar-te de *spleen*, ou alumiar-te a rolo, não entres lá. É a monotonia do tédio. Até as calçadas! (...) São intransitáveis. Parecem encastoadas as tais pedras. As calçadas do inferno são mil vezes melhores. Mas o pior da história é que as beatas e os cônegos cada vez que saem, a cada topada,blasfemam tanto com o rosário na mão que já estou enjoado".

. A cidade das "formigas e ...caipiras" ... A única coisa que ela tinha de bom, dizia o poeta, eram os doces; apreciou estes ao ponto de fazer presentes de doces, inclusive para uma amiga de sua mãe, que trabalhava no Palácio do Imperador.

Outro testemunho pouco lisonjeiro é o de Francisco de Paula Ferreira de Rezende, que vivera na cidade enquanto estudante da Faculdade Direito e ao voltar, em 1868, diz tê-la encontrado "tal qual a deixara treze anos antes; a única novidade é a estrada de ferro".

Ferreira sentiu-se decepcionado com a falta de novidades, pois São Paulo passava por ser "uma das maiores e das mais belas cidades que possuímos"; ele a reviu com "a mesmíssima indiferença com que treze anos antes" a deixara e, "no fim de muitos poucos dias", já se achava "aflitíssimo" para voltar para Minas Gerais.[2]

Francisco de Assis Vieira Bueno (1816-1908) relata, com certo humor, as condições de sua cidade natal, na primeira metade do século. Vinho bom e barato, vida simples, trajes sem luxo, a Igreja e o trabalho sendo as únicas diversões. Os ricos varavam os anos com os seus trajes de passeio: "A mulher rica com seu vestido de sarja de Málaga, mantilha de pano fino com larga renda de retrós de Itália, bordada (puçá), vestia com luxo".

As casas da cidade eram quase todas térreas, "só havendo sobrados em algumas ruas mais centrais. Feitos de taipas, os prédios eram destituídos de elegância, sem arquitetura e mesmo feios, por causa dos beirais projetados sobre a rua; o único, que sobressaía dessa vulgaridade, era o que hoje é ocupado pelo hotel de França". Quanto à iluminação, "o primeiro ensaio" foi:

> "uma enorme geringonça de ferro, pregada na parede de uma esquina, que estendia por cima da rua um longo braço, em cuja extremidade estava dependurado um lampião. Colocados de longe em longe nas ruas principais, a luz desses lampiões, alimenda com azeite de peixe, difundia uma claridade mortiça, que só alumiava um pequeno espaço, projetando longas sombras movediças,quando o vento balançava os lampiões. As noites eram pois trevosas, quando não havia lua" (...)

---

[2] REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas recordações*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988, p.423

unesp

Vieira Bueno, ao lembrar da água que tomava em sua infância e juventude, do chafariz da Misericórdia, ficava com "os cabelos arrepiados":

> "A água do chafariz vinha do tanque chamado Reúno, que era uma represa dum pequeno córrego afluente do Anhangabaú; e em seu trajeto, até chegar na cidade, passava por um rego, descoberto, parte do qual atravessava um arrabalde escuso, chamado rua do Rego, cujo ar era empestado, e cujo chão era juncado de caveiras de boi, de sabugos,de chifres, de ossos, e de outros resíduos imundos". (...)[3]

Maria Paes de Barros, quando escreve a respeito da década de 1850, diz que a vida corria intensa, "portas a dentro". O lazer constava de idas à missa, à casa do tio, de onde viam as procissões, e do entrudo, quando as pessoas exageravam em suas brincadeiras e, principalmente as mulheres, aproveitavam o momento para se divertirem mais abertamente, pondo em prática brincadeiras como jogar bacias e jarros de água uns nos outros. Maria elogia as laranjinhas, tão detestadas por Ina Von Binzer.[4]

No *Correio Paulistano,* década de 1860, editoriais, cartas, artigos comentam os problemas da cidade, ora em tom sério, ora em tom chistoso. Em 1° de novembro de 1865, um leitor elogiava a beleza do Brás e indicava os melhoramentos que ele julgava mais necessários: plantar árvores e construir casas arejadas.

O Editorial de 3 de junho de 1866 relacionou as melhorias "essenciais": iluminação - principalmente a freguesia de Santa Efigênia exigia uma iluminação mais adequada - "por ser o futuro ponto mais importante pelo lado comercial" - e limpeza, considerada, até então "muito negligenciada":

> "Quando chove as praças e ruas principais do centro da cidade se transformam em verdadeiros pantanais. Qual seria o motivo? O sistema de calçamento, a natureza ou qualidade do material empregado, seja qual for, é preciso remover o mal. Não apenas o centro mas muitos outros pontos da cidade precisam de tal tipo de reparo".

O editorialista critica ainda a falta de salubridade da cidade, a vala aberta por ocasião do desvio do rio Tamanduateí, que não fora aterrada e pede que se arborize as margens do rio, se remova o lixo ali existente e se ilumine a região.

Na seção destinada à correspondência dos leitores, cartas com pseudônimos, às vezes estranhos, supostamente escritas por pessoas "do povo", como sapateiros, quitandeiras, etc., reclamam por melhorias e contra a sujeira e os animais soltos nas ruas. Bem escritas, as cartas, provavelmente, eram de autoria dos redatores, colaboradores e articulistas do jornal.

---

[3] *A Cidade de São Paulo.* São Paulo: Biblioteca Academia Paulista de Letras, 1976, p.13-24.
[4] BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes.* São Paulo: Nacional, 1 1946, p.33-7.

unesp

Um missivista, que se diz sapateiro e artista, diz ter pedido "emprestada tinta ao seu vizinho doutor" para escrever para o jornal, com o intuito de colaborar "para o desenvolvimento da cidade"; e o faz, relacionando as "coisas" que faria para transformá-la:

> "um mercado simples, sem luxo, com todos os legumes, frutas, hortaliças, aves, etc., para não ficar o cliente tendo que andar pela cidade à procura dos tabuleiros e quitandeiras; proibiria os carros de eixo fixo, por fazerem muito barulho. Mandava arborizar praças, largos e passeios vizinhos e dentro da capital, por ser higiênico e elegante; estabelecia carroças de propriedade da prefeitura para colher o lixo e vendê-lo aos chacareiros, o que cobriria a despesa da coleta". (A carta é datada de 14.5.1865).

Na seção A Pedido, sob o título "As caudas e o Tijucão", Alda Branca do Céu agradece a Sílvio Silvis e Alberto de Carvajal (pseudônimos de folhetinistas, como se verá no Capítulo 6) "o interesse e cuidados" que mereciam do jornalismo "o sexo a que se orgulha de pertencer" e pede a eles que, em nome dela "e do fragilíssimo sexo a que pertence" - eles que são "os Leões da nossa terra" - usem a sua pena em defesa das mulheres que, seguindo a ditadura do *grand mond*, têm que usar caudas prodigiosamente grandes o que as faz sofrer com o "tijuco". Diz que o seu *moire-antique*, cor de canela está "barreadinho de tijuco". Que os jornalistas usassem os "seus valiosíssimos escritos para fazerem ver a necessidade de se calçarem as ruas de forma a não juntarem o tijuqueiro que hoje se vê". (27.4.1865).

Balbina Rosa escreve sobre "O feijão e os atravessadores", "esses vendeiros desavergonhados" que estão deixando ela, sua família e seus vizinhos sem o "viradinho, bem mexido". Diz que o seu filho - o Quincas - que "anda na escola e já entende vírgulas", explicou-lhe que essa careza é por via desses atravessadores. Que vão atravessar os paraguais, raça de Judas". Promete ao redator um "balainho de ovos frescos" se ele conseguir que os atravessadores vendam o feijão "por uma continha que não aleije os pobres". (28.4.1865).

Genoveva da Silva dirige-se ao "Sr. Redator" para reclamar da imundície acumulada "nos quintais e nas áreas", exalando "epidêmicos aromas"; quando alguém reclama, os vizinhos, que acumulam o lixo em suas casas, fazem "cara feia". Diz que se ela fosse fiscal daria "uma assaltada" na casa de uma vizinha sua que acumula "águas sujas de lavar barris, pratos e outras ingrediências". Termina a carta, dizendo que vai cuidar de suas panelas e pedindo ao destinatária que fale com os fiscais, aos quais promete dar "umas botinhas inglesas, obra do meu Ambrósio". (21.6.1865).

unesp

Amália Rosa de Jesus, quitandeira, escreve ao "Sr. Redator" para reclamar das cabras que quebraram os ovos "fresquinhos e quase todos de galinha preta", que estavam no seu tabuleiro e, ainda "por cima", comeram suas couves. Um bode, "que fede mais que um burro morto" acompanha as cabras, em "suas tropelias". Diz ainda que "uma freguesa de cheiro" informou-lhe haver "uma lei ou postura, uma coisa assim" que proibia "o andar nas ruas essas criaturas". Pede desculpas pela carta que foi escrita pelo "Nhô Maneco" e manda ao redator "duas pintinhas para comer no nosso S. João". (23.6.1865).

A carta de Nicota Rodrigues tem o objetivo de pedir ao "Sr. Redator" que "tenha dó da pobreza, que Deus o aumentará". Imagine o "Sr. Redator", ela tão "faceira e asseada", que sempre varreu a "sua testada" como manda a lei, e quando "os homens da carroça" passavam" no seu "bequinho", "achavam a lixarada numa montoeira", agora, por ordem de "um velhote com uma espada grande e pistola na mão" teria de recolher "o cisco" para dentro de casa:

> "Mas, sim senhor; como é que a gente vai agora pôr para dentro de casa a cisqueira da rua, voçuncê não me contará?"

Atribui a ordem aos ingleses, "que andam a inventar estas patifarias para comerem o nosso suor". Pede ao redator que "tire o cisco de dentro de casa" e a "livre também da espada do homem". (24.6.1865)

A carta de Apollinária Gerúndia de Mattozinhos reclamava do número que sumira de sua casa, prejudicando-a em sua profissão de lavadeira e engomadeira, profissão que ela, até então, exercera "com aplauso do senhor público" e dos "fregueses da Academia". O sumiço se deu porque o proprietário resolveu "embelezar o frontispício do seu prédio, mandando caiá-lo", o que fez "empregando na tal obra um pintor muito chué que borrou o 2 do vinte", deixando-a "só com o zero". Por causa disso, ela tivera que sair avisando a freguesia, uma "trabalheira", e tivera que suportar muitas "caçoadas" por causa do número zero, que ainda era "alguma coisa'. O pior acabara de acontecer: apareceu no beco "um meliante" e borrou o zero de seu casebre, informando a ela que era para pôr números novos. O tempo foi passando, e ela vivendo em uma casa sem número, perdendo os fregueses... Em vista dos prejuízos, ela escrevia ao "Sr. Redator", pedindo que lhe fosse "restituída a cifra no seu lugar", "ao contrário ela poria na porta o "que lhe parecesse", e não daria " cavaco à nação".(1.8.1865)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18

A correspondência, às vezes, é trocada entre duas "comadres"; Tudinha escreve para "Comadre Chiquinha" reclamando da algazarra que os guardas da prisão fazem. Diz que os tais "têm garganta como estes barcos que os estrangeiros inventam pra bala não furar". Os guardas "berram como as vacas na porta do quintal, chamando as crias". Diz que tem até dó dos presos, que devem estar "dementes" com tanta gritaria. Da casa de correção, onde estão os "presos de crimes mais feios que os da cadeia", não se ouve nada; apenas as sentinelas "dão, de quando em quando, uma batida na espingarda para mostrar que estão acordados". Pergunta ao redator:

> "Por que não hão de fazer o mesmo os pilatos da cadeia, que além de berrarem 'a...ler...ta!' ainda misturam certa gritaria destemperada, que só o Santo Padre pode agüentar? Se berram para assustar esse maldito Imperador do Paraguai, bem, mas para assustar a gente, que precisa descansar depois de engomar mais de seis dúzias de roupa por dia...é muito atrevimento, e até muita relaxação se quer que diga; parece que eles não têm comandante pra os repreender!" (20.8.1865)

Sabino Luiz Pitanga diz que tendo chegado de Minas para entregar uns queijos e umas cartas nas ruas do Rosário, 49 e Boa Vista, 39, "girou pra baixo e pra riba, de roda, atravessado, mas qual, todas as ruas são a mesma!".Chegou a achar que lhe deram

> "uns nomes e uns números de invenção, quando aqui tudo se chama São Paulo e as casas são todas uma".

Mas aí viu um "moleque trepado numa escadinha borrando o letreiro da rua" e perguntou "ao negro" porque estava a fazer aquilo. Este lhe respondeu "que era por ordem do Sr. Fiscal", pois, a Câmara ordenara que fossem colocados nomes e números novos. Então, o "caipira" pediu "ao moleque" que o acompanhasse, entregou-lhe a encomenda, incumbindo-o de passá-la "ao Sr. Fiscal" para que fizesse a entrega, quando os nomes das ruas e os números da casa estivessem prontos. Escreve ao "Sr. Redator" para ter "um documento da minha probidade".(12.8.1865)

Chiquinha responde "à comadre Tudinha" informando que está "quase boa do romatismo", pois "já anda por todo o quintal" e até pretende ir, na sexta-feira, "na missa do Senhor dos Passos".

Sente muito o "incômodo da comadre" com os gritos dos guardas, mas que não pode ajudá-la, por não saber de uma casa vaga. No entanto, que se consolasse a amiga, pois não era a única a sofrer: ela, Chiquinha, andava angustiada com a possibilidade de recrutarem o seu "Manduca", moço diligente, mas sem vocação para as armas:

> "tão bonzinho, tem inclinação pra quase tudo, menos pra soldado; ele faz gaiola, caça passarinho, faz briga de galo, toca muito bem viola... joga o truque, e é tão habilidoso que sempre ganha; mas, honra lhe seja feita, por não admitir bandalheiras, às vezes briga, dá e apanha, enfim os cobres sempre faz".

Manduca não tem emprego; como " está por abrir o recrutamento, tão forte como no Rio de Janeiro, onde dizem que até os padres e os deputados não têm escapado", Manduca, por medo de ser recrutado - ele "tem medo até de defunto" - não sai mais de casa, não vai ao Teatro São José, "onde pode ir com 500rs."

Ela anda "brava" com a ameça de mandar todos para a guerra e, apesar de mulher, "quando fica enjerizada não manda os outros dizerem", e é o que faz naquela carta. Se o que "aqueles estrangeiros" estão querendo é terra, que se lhes dê terra, coisa que tem bastante no Brasil, para acabar logo com aquela guerra.Ela andou ouvindo

> "que a causa de tudo que estamos sofrendo é não se ter soldados, e que por isso qualquer estrangeiro nos faz quanto desaforo quer, e nós sempre agüentando, com cara alegre. O meu Manduca não há de ir pras guerras! Há de ficar como fera dentro de asa".(1.9.1865)

O Velho Economista escreve para "o muito lido jornal" dando "uma importante notícia, "que deve ser publicada em tipo proeminente", para prestar "um bom serviço ao público". A carta é a respeito de um "Cel. Fortunato José de Camargo, principal fornecedor de gado para a cidade"; este, não aceitando o preço que lhe fora imposto pelos negociantes, mandou cortar o gado por preço inferior ao que estava sendo vendido aos consumidores. O missivista anuncia que o Cel. Fortunato pretendia estabelecer-se no varejo, e, sabe-se, que

> "se andou procurando casas por esta cidade e freguesias vizinhas para os estabelecimentos respectivos, portanto as notícias que temos a respeito são verídicas".

O Velho Economista apoia a atitude do Cel. Fortunato José de Camargo e pede que ele "não esmoreça" na sua luta, pois poderá ganhar vendendo a carne cortada, pelo preço que o boi é vendido "em pé" - "carregadas as despesas":

> "a população bendirá todos os dias o homem que sem despesas abre as portas da caridade a tantos miseráveis, e tantas famílias gradas opressas sob o peso da miséria, que na redução de 40rs em libra de carne, encontrará com que comprar a farinha - o pão - ou as ervas para os filhinhos. Há muito tempo se reconhece que a carne a 120, que além de mal pesada, em algumas partes, feia e morrinhenta, às vezes, de véspera, com uma boa parte de ossos para metade ou mais, é cara". (29.9.1865)

Em 2 de setembro, a reclamação é dirigida "aos Senhores Fscais" contra a casa de bilhares do Senhor Rogério, que instalou "um cano" para a rua pelo qual "atiram, todas as noites, tudo que há de imundo". O mau cheiro é tanto, "que não dá para passar por aí". A carta é assinada por "Uma vítima".

unesp

As cartas, que podem ter sido escritas por um dos folhetinistas, como Sílvio Silvis, que em seus folhetins escreve sobre "o cisco" nas ruas, a falta de numeração das casas, o barulho provocado pelos carros e outros problemas da cidade - omo se verá no Capítulo 6 - informam a respeito de alguns dos muitos problemas que dificultavam a vida dos paulistanos. O autor delas (ou autores?) demonstra sensibilidade para perceber as dificuldades da população, ante o descaso do poder público. Colocando-se no lugar de pessoas pertencentes às camadas menos elevadas da sociedade, utilizando-se do linguajar popular, que se percebe falso, de estereótipos em relação às mulheres mais pobres - as supostas autoras das cartas são desabridas no falar, expõem as suas "mazelas" com franqueza e justificam a pressa para terminar a carta com a necessidade de cuidar das panelas - o autor (ou autores) sente-se à vontade para falar do descaso em que eram deixadas as ruas e becos onde viviam as pessoas mais pobres e muitos deles também. A forma "popularesca" funcionaria como um disfarce do cronista "sério", quando desejava tratar de temas considerados "menores", permitindo-lhe maior contundência, enfatizada pelo vocabulário chulo, que, provavelmente, teria mais impacto sobre a administração municipal, destinatária de suas críticas, e alguns leitores. Disfarce que não esconde a condição de homem de letras bem informado do autor (ou autores), que poderia ser estudante da Faculdade de Direito, sabendo-se que era hábito entre os letrados o se esconderem atrás dos pseudônimos.

Em relação ao fato de muitos estudantes - e até famílias bem situadas - viverem precariamente, tem-se o testemunho de Álvares de Azevedo. Em 23 de abril de 1850, escreve à sua "querida Mãe", dizendo estar morando na rua Boa Vista, em

> "dois casabres muito ruins onde estão metidas seis pessoas -(...) provisoriamente todos, porque temos de mudar-nos todos".

Em outra carta (26 de maio de 1850), diz que foi posto para fora de "uma casa muito ruim e muito velha", porque o dono quis consertá-la "um dia que lhe deu veneta". E que o "tio Joaquim" não lhe ofereceu para morar com ele, porque antes "de mudar-se para a cidade" morava na Rua Consolação "numa casinha de duas janelas e uma porta, onde além da família dele estavam Tio João e D. Eliza". Finalmente, o poeta conseguiu mudar-se para "uma casinha nova de dois lances na descida de S. Francisco (pelo medíocre aluguel de 12$rs".(Carta de 16 de junho de 1850).

unesp

Outros indícios de que as cartas, supostamentes emitidas por pessoas das camadas menos elevadas, foram na realidade escritas por letrados: as referências aos ingleses, à guerra do Paraguai, às descobertas, assim como a forma como são feitas as críticas ao poder público e a maneira escolhida para mostrar que a diferença entre os preços do "gado em pé" e da carne cortada era excessiva. Não demonstrando desconhecer as relações econômicos, o autor aponta um caminho para a diminuição do preço ao consumidor, ou seja, descreve a atitude de um hipotético produtor, que pretende fazer a venda diretamente ao consumidor.

Quanto ao recrutamento, a reclamação de Chiquinha identifica-se com a posição do jornal (Capítulo 2), manifestada em editoriais e nas seções de responsabilidade da redação, como Noticiário Geral..

As cartas retratam também atitudes e costumes da época como o agradecimento, em forma de presentes, a um favor recebido, e hábitos como o jogo do truque, a ida ao Teatro e a viola, praticados por homens "do povo".

Silva Bruno relaciona depoimentos de viajantes, estudantes e de governantes a respeito do estado das ruas, praças e iluminação da cidade de São Paulo - alguns deles já citados neste capítulo - e as posturas objetivando a melhoria da cidade: em 1830, o estabelecimento de penas para moradores que através de canos, colocados em suas residências, "desaguassem imundícies para a rua"; em 1853, proibia-se que se amarrassem animais nas esquinas e batentes das portas das casas da Sé e de Santa Ifigênia; em 1855, proibia-se que rótulas de portas e janelas se abrissem para fora; em 1857 decretava-se que oficiais dos diversos ofícios não trabalhassem nas portas dos prédios ou nos passeios; em 1846 e 1855, medidas determinando que fosse feita novamente a numeração dos prédios, "em ordem alternada, dos dois lados"; em 1865, medida insistindo na numeração alternada, "pelo sistema da Corte". Nesse ano, foram trocados nomes de várias ruas. Quanto à limpeza, desde 1855, a Câmara já dispunha de carroças para a limpeza do lixo das casas de "pessoas notoriamente pobres". A limpeza era feita a partir das seis horas e os moradores deviam depositar o lixo em "cestos, caixões ou gamelas, junto à porta da rua".[5]

---

[5] BRUNO, Ernani da Silva. *História e tradições da Cidade de São Paulo.* São Paulo: Hucitec, 1991,v2, p.515-8.

unesp

A iluminação da cidade de São Paulo começou a ser feita em 1829, através de lampiões de azeite de peixe e mamona e os moradores das casas onde eram afixados os lampiões encarregavam-se de acendê-los e mantê-los limpos. [6] Eram as "geringonças" a que se refere Francisco de Assis V. Bueno.

Em 1847, o Presidente da Província, Manoel da Fonseca Lima e Silva, fez com o comerciante Affonso Milliet, residente em Santos, um contrato para a iluminação da cidade, que passaria a ser feita com "gás hidrogênio líquido", através de 160 lampiões, constando cada um "de quatro orifícios luminosos, cuja abertura deverá ter o diâmetro preciso para dar maior luz" do que a que era até então produzida pelas "geringonças" de azeite. Uma das cláusulas do contrato estipulava que os lampiões deveriam ficar acesos durante toda a noite, exceto nas horas em que a lua estivesse "fora, ou no horizonte". Mas a iluminação continuou precária e recebendo críticas dos habitantes.[7] No final do século, a iluminação a gás ainda predominava nas ruas e praças, mas alguns estabelecimentos comerciais já faziam uso da iluminação elétrica.

Apesar das medidas oficiais, pelas reclamações publicadas no *Correio Paulistano,* percebe-se que os serviços públicos nem sempre eram executados a contento e que a concentração das críticas sobre a fiscalização atestam a precariedade nesse tipo de prestação de serviços, dificultada pela falta de verbas[8], despreparo dos funcionários, pouca receptividade da população às exigências quanto à limpeza e o próprio crescimento urbano.

A *cidade da Civilização*

Em 16 de maio de 1875, o dramaturgo França Júnior (1838-1890), que estudara na Faculdade de Direito de São Paulo, entre 1858 e 1862, e fora colaborador do *Correio Paulistano*, viu grandes diferenças na cidade que, na visão dele, perdera, naqueles treze anos a graça de "burgo estudantil". Em uma crônica marcada pela saudade, França Jr. compara a cidade a uma mulher e dirige-se à ela, de forma íntima, antepondo ao

[6] Apud: SOUSA, Pedro Luis Pereira de. *Casa Barão de Iguape*, p. 148-151
[7] Id., Ib., p. 538-551
[8] BRUNO, Ernani da Silva, ob., cit., p. 541, relata as dificuldades financeiras da Câmara para iluminar a cidade, na primeira metade do século.

unesp

presente o passado, que aparece idealizado, idílico, mas pobre, desqualificado pelo presente, que enverga um traje "à moda':

> "Foi em teu seio hospitaleiro, poética cidade da montanha, que escrevi o poema da minha mocidade; /Deixei-te singela e cândida como a mimosa filha dos campos, e venho encontrar-te faceira como uma cortesã, mais fresca e louçã que outrora, sorrindo debaixo de um belo céu. (...) /Eras a rainha do Sul. /Hoje varres o pó das ruas com a longa cauda de teu vestido, envergas o puff, manejas o leque, e já não coras como outrora, quando te dizem que és bela e encantadora. / Quem foi que assim te transformou, poética e bela cidade da montanha? / Que me importa a mim a tua formosa *Ilha dos Amores*, com seus tapetes de relva, com seus quiosques, a espelhar-se graciosa nas águas do Tamanduateí?" / Onde está o teu Passeio Público, severo e rude como um paulista dos bons tempos? A grama crescia pelo caminho e os sapos cantavam felizes pelos charcos. / Onde está o teu Passeio Público de outrora? / Fui visitá-lo domingo passado, e não o conheci! / Deixei-o de botas, ponche a tiracolo, chapéu desabado, vestido com a rude simplicidade de um caipira, e venho encontrá-lo como um janota! (...) Quando cheguei perguntei pelo Lefevre: / Já não existe, disseram-me, com indiferença. Pobre Lefevre. Era o melhor hoteleiro da velha Paulicéia! Parece-me que ainda tenho na boca o sabor de seus bifes à milanesa. E Hotel d'Itália? Perguntei já um pouco contrariado./ Já não existe: hoje temos o de França".

França Jr., decepcionado por não encontrar o "seu" hotel e com a indiferença citadina dos novos habitantes, pegou as malas e instalou-se em uma República de Estudantes para "reaver" o passado:

> "Como me sinto feliz! As vezes acordo sobressaltado, parece-me ouvir o sino da Academia que me chama. Enfim, encontrei a minha Paulicéia. O estudante ainda existe. Somente é preciso catá-lo, procurá-lo, como a violeta sob a copa das folhas verdejantes."

No saudoso folhetim, o ex-folhetinista do *Correio Paulistano,* deixa escorrer pelas suas frases, ao mesmo tempo, admiração pelo "progresso da "Paulicéia", a saudade da velha cidade e a ansiedade por reencontrar o antigo espaço - feio, mal arranjado, mas íntimo - e consegue o seu intento na República de Estudantes. Estes, na ótica do autor, já não eram mais os "leões" da cidade, os "donos" do teatro, os "vanguardeiros" da civilização, os antigos estimuladores de novos hábitos e atitudes, mas apenas "violetas" escondidas em suas Repúblicas. (Folhetim. *Correio Pulistano*, 16.5.1875).

Américo de Campos, bacharel, republicano, maçom e jornalista (ver Capítulo 2), publicou um entusiástico artigo, em 1878, sobre o progresso da "Paulicéia", comentando, desdenhosamente, as coisas do passado, que ele chamou de "feias antigualhas". O "apagamento" dos estudantes da vida da cidade, notado e lastimado por França Júnior, que foi procurá-los em uma República, seu último reduto, juntamente com a Academia, é frisado por Américo de Campos, em outro tom; ele divide a cidade de São Paulo, que ele chama de "grande cidade, populosa, florescente, a transbordar de vida e de progresso", em três fases: a cidade dos padres jesuítas e capitães-mores; a cidade acadêmica - a Coimbra americana e

unesp

> "finalmente, a cidade da civilização, a nova cidade que transfigura-se e cresce a nossos olhos, erguendo-se e emancipando-se pouco a pouco das feias antigualhas do passado. A cidade colonial e fradesca, pobre, atrasada e mesquinha foi a que Saint-Hilaire visitou. Mais de um traço das memórias d'aquele ilustre viajante caracteriza aqueles velhos tempos".

Campos lembra o episódio da feitura de um par de canastras, para a qual Saint-Hilaire teve de recorrer à intervenção "da alta e poderosa autoridade do Sr. Governador", pois São Paulo não tinha comércio e nem indústria. Depois, a cidade "das beatas, dos frades e dos tropeiros" transformou-se na cidade dos estudantes, "cheia de encantos"; foram eles, os estudantes, que fizeram o teatro, iluminado por "vela de sebo e o rolo" e, onde eles, "vestidos de mulher, faziam os papéis de Inez de Castro e outras heroínas das tragédias e das comédias". O "teatro foi o escândalo culminante na era acadêmica", como o foi "a primeira padaria regular da cidade", "inventada" entre 1830 e 1845. Esses tempos eram "das serenatas ao luar, das belas noites de Natal e S. João, das feiras do Espírito Santo, das janelas de rótulas e das lutuosas mantilhas a resguardar as belas *Rosinas* paulistas dos ousados *Almavivas* acadêmicos".

O autor faz uma síntese dos acontecimentos que possibilitaram o aparecimento da "cidade da Civilização", "de recentíssima data", recorrendo a uma metáfora vulcânica:

> "Assim como a Academia foi o Vesúvio que sepultou sob as cinzas e sob as lavas irrompidas de seu seio a velha Pompéia dos frades e dos governadores coloniais, assim a estrada de ferro, o telégrafo, o desenvolvimento agrícola da província, a imprensa, os estabelecimentos industriais, a navegação a vapor, o grande comércio e outros elementos do progresso moderno acumularam-se um dia, e absorveram a cidade escolástica, a cidade dos empregados públicos, literária, palreira, poética, mas vadia, pobre, paralisada, transformando-a em um grande centro, renovando-lhe a população, trazendo-lhe o gás, os larápios de profissão, a imprensa regular, os Almanaques, as óperas líricas, as prima-donas, o sorvete, os *touristes* marqueses e não marqueses, os *bonds,* os *patins* e os patinadores e até as borboletas cosmopolitas que em abundantes partidas nos estão enviando o Rio da Prata e outros pontos longínquos do Globo".
>
> A cidade "moderna" é um "monstruoso imbróglio das três cidades", pois nela "estão amalgamados em um só plano o velho e o novo, o belo e o grotesco, o imponente e o pequeno, como acontece nas convulsões geológicas". A mistura é visível "nos costumes do povo, nos hábitos domésticos, nos tipos da população, nos edifícios, nos divertimentos públicos, em tudo e por tudo": "Ao par do fino burguês vestido à moda parisiense, o velho cônego de capote de pano *rapé* e chapéu alto. A empavezada *cocotte,* de chapelinho incrível, luvas de três botões, cauda de dois metros e botinas a meia perna com saltos de duas polegadas, a ombrear com a tímida, embolorada e modestíssima mantilha, contemporânea talvez da bisavó da fresca moçoila de olhos negros que se oculta nas escuras dobras. À luz plena do gás e ao som da música, o *Rink* dos patinadores, a exibir orgulhoso a moderna geração e as raparigas modernas, livres, alegres, civilizadas, esbeltas, oxigenadas, a ensaiar o *patin* e embeber-se na higiene da ginástica, enquanto à pequena distância as míseras recolhidas do Convento da Luz espantam a triste sonolência da sombra e do claustro modulando as fanhosas rezas monótonas de seu livro de orações".

unesp

Campos registra a existência de 36 escolas primárias; cinco colégios para o sexo feminino, "sendo o mais notável o Colégio Pestana";[9] 3 ou 4 para o sexo masculino e um misto, a Escola Americana (depois Mackenzie); três jornais diários: *Correio Paulistano*, *A Província de São Paulo* e o *Diário de São Paulo;* duas bibliotecas: a da Academia, "um tanto desmantelada, mas relativamente rica... em antigualhas; e a Biblioteca Popular, criada e organizada pela *Loja Maçônica América*, possuindo cerca de três mil volumes, e hoje entregue à Propagadora"; o Museu Provincial e e um modesto Observatório Astronômico do Seminário Episcopal", sob a orientação de Frei Germano, "capuchinho ilustradíssimo", cultor da matemática e da astronomia e talvez "o exclusivo sacerdote daquele pequenino templo científico, ali estranhamente encravado naquele Instituto de educação ultramontana e dogmática".

Para o lazer o autor cita a "espantosa quantidade de hotéis (sendo os principais o de França, o da Europa, o Maragliano e o da Paz), restaurantes, cafés, casas de cerveja, botequins e mesas de repasto, que atulham a cidade"; os teatros S. José e o Provisório; o Jardim da Luz; a Ilha dos Amores; o Hipódramo, "regularmente preparado no arrabalde da Moóca pelo Club de Corridas; e de mais recente, o Rink".

Finalmente, relaciona os estabelecimentos industriais: entre eles a fábrica de tecidos de Diogo de Barros, seis tipografias a vapor, três oficinas de encadernação, "sendo a do Livro Verde a mais bem montada", fábricas de cerveja, de vinho, oficinas de fundição, serrarias e marcenarias a vapor; e ainda oficinas secundárias de carros, máquinas de lavar roupa, olarias etc.[10]

---

[9] O Colégio Pestana, fundado pelo casal Rangel Pestana e Damiana Rangel Pestana funcionou na Rua Boa Morte, 31. Entre os professores "três senhoras" estrangeiras e os professores Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, Américo Brasiliense e Américo de Campos. No currículo, além das disciplinas tradicionais como crochê, tricô, costura, caligrafia, tapeçaria, desenho, música e fillet, noções de física, Química, Retórica, Poética, Geologia, Economia doméstica,Filosofa, Álgebra, Geometria e Direitos da mulher na sociedade. Lições de catecismo eram dadas em dias determinados, "atendo-se a religião dos pais". INDICADOR econômico para 1878. Edição similar. São Paulo: Convênio Imesp, Daesp, 1982, p.159.

[10] O Livro de Lançamento de Impostos Municipais de Negócios e Profissões, para o ano de 1877-1878 registra a existência de, aproximadamente, 45 estabelecimentos industriais nas freguesias urbanas da Sé, Santa Ifigênia, Consolação e Brás. Eram fábricas de cigarros, chapéus, arreios, carroças e carros, cerveja, licores, vinho, vinagre, água gasosa, fogos, cola, cestos de vime, tecidos, salsichas e fundições. O Indicador Econômico da Cidade São Paulo para 1878 relaciona 17 fábricas. Ver a relação destas, extraída do Livro de Lançamento de Impostos em: BORGES, Urquiza Maria. *Negociantes na cidade de São Paulo:* 1875-1880. São Paulo,1980. (Mestrado em História Social) - Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo Universidade de São Paulo, p.63..

unesp

Campos faz observações que parecem a mim, leitora de hoje, atuais e oportunas. As razões que ele aponta para o desenvolvimento da cidade são também relacionadas pela Historiografia especializada; os comentários que ele faz a respeito dos serviços criados, como por exemplo, o significado do aparecimento dos hotéis na mudança de mentalidade dos paulistanos, demonstram acuidade de observação e são pertinentes. Ele vê na proliferação dos hotéis e confeitarias um "notável sintoma de profunda modificação de costumes na capital e província:

> "O hotel é uma brecha aberta nas grossas paredes do acanhado isolamento a que andavam condenadas as famílias paulistas ainda há vinte anos. Habitar no hotel, comer no restaurante, ir ao Café ou à Confeitaria, escândalos incríveis que não praticavam os nossos progenitores, salvo caso de força maior, são fatos comezinhos hoje, normais, afinados pelo *diapason* dos mais exigentes escrúpulos e na plena concordância das leis divinas e humanas. Nem é o hotel simplesmente a tolerância legalizada pelo uso. Laivo característico e precursor do socialismo, é a realização de uma lei econômica. É o fogão emancipado da obscura individualidade doméstica". (...) Há vinte anos, que é que tinham os paulistas? As quitandeiras, os taboleiros noturnos, espécies de *Cafés cantantes* e ambulantes, nos quais fervia a chaleira do negro e perfumoso líquido a 10 réis a chícara, trazendo em companhia as fatias do cuscus, o pinhão e o amendoim".[11]

A relação dos estabelecimentos comerciais e industriais, de escolas, prédios públicos, sociedades, bancos, estradas de ferro e outras companhias feita por Joaquim Floriano de Godoy, em 1875, coincide, em sua maior parte, com a que foi feita por Américo de Campos. Godoy preocupa-se com o registro de itens que não constam do artigo de Américo, como a enumeração de 15 sociedades: *Ateneu Literário*; *Núcleo Jurídico*; *Germânia*; *Artística Beneficente*; *Portuguesa Beneficente*; *Alemã Beneficente*; *Alemã Socorro-Mútuo; Euterpe Comercial; Concórdia Familiar; Cassino Paulistano*: *Clube Democrático*; *Loja Capitular Amizade*; *Loja Sete Setembro*; *Loja América*; *Loja de Adoção Sete de Setembro* (escrevo a respeito dessas lojas maçônicas, no capítulo *Os ecos de antigas vozes)*. Quanto às indústrias, Godoy não as enumera, apenas cita os produtos que são fabricados (são os que cito na nota seis). Na lista de Godoy aparecem os bancos Gavião, União Paulista, Mauá e do Brasil.[12]

No Livro de Impostos para 1877 aparecem também uma agência do Banco Mercantil de Santos, a Casa Bancária do Dr. Thedoro Reichert, a Agência do Banco do Minho e do Banco Aliança do Porto (não consta o Banco Mauá).

---

[11] A cidade de São Paulo em 1877. *In* LISBOA, José Maria (org.) *Almanaque Literário para 1878*. São Paulo: Tip. da Província, 1877, p.1-9.

[12] *A Província de São Paulo*. Trabalho Estatístico, Histórico e Noticioso. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1978, p.24-5.

unesp

Eurípedes Simões de Paula consagrou a expressão "segunda fundação da cidade" para as transformações ocorridas na década de 1870:

> "Depois de consultar estatísticas e vários livros, chegamos à conclusão de que pelo ano de 1872 começou a transformação de São Paulo. Mas queremos deixar claro que sem certos fatores anteriores, absolutamente não se teria dado esse progresso e que, essa mudança não pode ser marcada em um dia certo, nem mesmo em determinado ano. É o resultado conjugado de vários fatores políticos, econômicos e sociais".[13]

Um conjunto de fatores de ordem econômica, técnica, cultural, social e política interligaram-se e impulsionaram a cidade no sentido de um desenvolvimento mais visível, mais acelerado: a emancipação política, a Faculdade de Direito, a expansão da lavoura cafeeira, a imprensa diária, a estrada de ferro, a imigração, a mudança de fazendeiros para a cidade, o desenvolvimento do comércio e a maior possibilidade de intercâmbio cultural e de lazer, resultado da ferrovia. A partir da fundação da Faculdade de Direito de São Paulo, em 1828, os habitantes começaram a deixar os seus hábitos, por demais recatados e foram se abrindo, lentamente, a novos costumes trazidos pelos estudantes e outros visitantes. A Faculdade de Direito foi um dos "catalizadores" da cidade "mente":

> "A imprensa nasceu virtualmente com a Academia e veio a ser um campo de experiências e uma pedra de toque para estudantese professores".[14]

Os estudantes e bacharéis da Faculdade de Direito de São Paulo tinham consciência, às vezes exacerbada, de seu papel como agentes provocadores de mudanças na cidade e de mentores da nação. Silva Jardim, chamou a si e aos seus colegas de "um pugilo de inteligências firmes", que tinham por missão conduzir "a Pátria":

> "Somos o santelmo onde a Pátria fita olhares de agonia. Seremos-lhe o salvamento na noite tormentosa do crime, em que a quiserem imergir no lodaçal vergonhoso de um vil baquear. Somos a alma da geração que surge. (...) A nós, pois, a primogenitura do Trabalho, da Luz, do Ideal. A nós". [15]

A formação do Estado Nacional repercutiu favoravelmente na economia do país e da cidade. . O comércio, reabilitado,

---

[13] A segunda fundação de São Paulo: de pequena cidade à grande metrópole. São Paulo, Separata da *Rev. de Hist.*, 17: 167-179, jan.-mar., 1954.

[14] MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo*. De comunidade à Metrópole. São Paulo: Difel, 1970, p. 84.

[15] JARDIM, A. Silva. A gente do mosteiro. São Paulo: Tip. da Trib. Liberal, 1879, p. 5. Sobre a Faculdade de Direito, ver: BORGES, Urquiza Maria. *A mulher em cena* (2ª metade do século XIX). São Paulo,1986 (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo: SIMÕES NETO, Francisco Teotônio. *Os bacharéis na política e a política dos bacharéis,* São Paulo, 1982 (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

unesp

> "se transfigura à medida que se diferencia quantitativa e qualitativamente passando, a contar de modo crescente, como 2º polo dinâmico das atividades econômicas".[16]

Eurípedes Simões de Paula acrescenta aos fatores já citados a administração do Dr. João Teodoro Xavier, presidente da província de 1872 a 1875, que promoveu melhoramentos urbanísticos no largo dos Curros (praça da República), Jardim Público (Jardim da Luz), construiu ruas, fez ver a necessidade de calçar as ruas com paralelepípedos, mandou ajardinar a Ilha dos Amores, no rio Tamanduateí, em frente ao Mercado, mandou construir os taludes do Largo do Carmo até o Tamanduateí e, ainda:

> "incentivou os fazendeiros e capitalistas que começavam a ganhar dinheiro na lavoura cafeira no oeste da Província, a construirem residências na cidade. Durante o seu Governo gastou-se no aformoseamento da cidade a quantidade 646:418$000, quantia enorme para a época, quase a metade do Orçamento anual da Província".[17]

As rótulas, "uma das feias antigualhas do passado", a partir de 1874, deveriam ser arrancadas, por determinação de uma postura, o que provocou a publicação de um "anúncio", na primeira página do *Correio Paulistano,* criticando a medida e esclarecendo "ao povo" que a Câmara não podia "obrigar os proprietários a mudarem, ou a tirarem as rótulas de seus prédios, pois a Constituição do Império garante direito integral à propriedade". O que ela poderia estabelecer seriam "padrões para as construções e reconstruções, mas abusa quando quer obrigar os prédios já existentes a alterações". (6.1.1874).

Os melhoramentos vão sendo noticiados, de forma entusiástica pelos jornais: no Retróspecto que o *Correio Paulistano* publicou, em janeiro de 1874, faz-se considerações entusiásticas sobre "a grandeza da terra", seus recursos e a expectativa de "melhoramentos" trazidos pelas "idéias novas" e o "progresso da Civilização". A "civilização a vapor" vai se desenvolvendo na província: as estradas de São Paulo até Cachoeira, ponto de entroncamento com a Pedro II, e a Ituana foram inauguradas e feitos contratos para a abertura de outras, entre o Governo da Província e a Cia. Paulista. O redator acredita que a grandeza de São Paulo está na expansão ferroviária e acentua a importância da estrada do Norte, que ligará São Paulo ao terminal da estrada Pedro II. Após a união das duas capitais, os que fizerem o percurso entre elas hão de preferir o conforto e a segurança de uma ferrovia "às agruras da viagem marítima".

---

[16] FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*, implicações sócio-econômicas. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p.64

[17] PAULA, Eurípedes Simões de. Ob., cit..

unesp

Registra-se também a inauguração do telégrafo entre São Paulo e Sorocaba. (3-4-6-10.1.1874).

Como escreveu Hobsbawm:

> "além de inegável e triunfante, a tecnologia moderna eraextremamente visível". (...) Mas os maiores e mais potentes motores do século XIX eram os mais visíveis e audíveis de todos. Eram as 100 mil locomotivas (200-450HP) que puxavam seus quase 2,75l milhões de carros e vagões, em longas composições sob bandeiras de fumaça. Elas faziam parte da inovação de maior impacto do século, sequer sonhadas cem anos antes - ao contrário das viagens aéreas - quando Mozart escreveu suas óperas".[18]

Os inventos da segunda metade do século - turbinas, motores, gramofone, eletricidade, telefone e locomotiva - foram capazes de produzir um estado de euforia, de "otimismo tecnológico" que fazia com que os jornais noticiassem com deslumbramento cada nova descoberta. A história da invenção do primeiro fonógrafo por Thomas Alva Edison, em 1877, que se "tornou um herói americano" por causa disso, era contada no *Diário Popular*, em 1889; comparando-a com a queda da maçã, que revelou a Newton a teoria da gravidade, o articulista afirmava que "muitas vezes os grandes inventos são devidos a qualquer fato insignificante". Foi um fato corriqueiro que inspirou ao eletricista Edison

> "a primitiva idéia de seu fonógrafo, maravilhosa descoberta destinada, como é notorio, a reproduzir a voz humana."

O inventor, sendo muito religioso, recitava os salmos na Igreja, em voz alta, e notou que "o seu chapéu, que estava próximo da boca, vibrava a cada sílaba, produzindo um ritmo semelhante ao das palavras que pronunciava". Foi o princípio de tudo, finalizava o redator da nota. (Um pouco de tudo. 18.3.1889, p. l). [19]

No mesmo jornal, um ano depois, na seção Variedade, a notícia intitulada "Locomotivas que falam", assim começava:

> "Eis mais uma descoberta de Edison. Vivemos em um século de maravilhas e o famoso inventor do fonógrafo tem grande culpa no estado de espanto que todos ficam ante as maravilhas modernas. Sua última invenção é o linguagrafo, pequeno aparelho composto de tubos, de fios de bronze e de um teclado, que instalado à locomotiva e operado pelo maquinista transmite em inglês, francês, alemão ou português todo e qualquer aviso necessário. Exemplo: quando dois trens se encontram saudam-se como amigos. Ao entrar nas estações, a locomotiva com voz de Júpiter tonitroante anuncia de onde vem. Espantoso!". (26.4.1889,p.l).

---

[18] HOBSBAWM, Éric. *A era dos Impérios*. 1875-1914.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988,p.48

[19] Thomas Alva Edison (1847-1931) registrou 1.032 patentes, entre elas a da lâmpada incandescente de filamento de carvão e o fonógrafo.

unesp

A iluminação das vitrines da Casa Garraux, pela eletricidade, é noticiada no *Correio Paulistano*, primeira página, seção Boletim, que fazia parte do editorial. O redator enfatizava o "aspecto deslumbrante" das duas "artísticas" vitrines, onde estavam expostas "bijuterias e presentes para o Natal e Ano Bom". (20.12.1888).

Nem bem as pessoas tinham conseguido se recuperar do espanto com "o aparecimento dos "novos ônibus em Londres, com iluminação a gás" e surgia:

> "o novo e terrível competidor, o ônibus movido à eletricidade".Dois deles percorreram as ruas de Londres a título de experiência e consta que logo, logo a companhia começará o serviço regular desses veículos. São mais cômodos que os conduzidos por cavalos e mais econômicos". (*Diário Popular*, 9.3.1889, p.1).

Os bondes elétricos foram instalados em Londres em 1897 "e, depois, na maior parte das aglomerações importantes; cidades que não possuiam o bonde à tração animal ou a vapor sentiam-se tentadas" a adotar o bonde elétrico.[20] Na cidade de São Paulo, em 1901 as linhas de bondes de Água Branca, Barra Funda, Bom Retiro, Liberdade e Ponte Grande, Higienopolis, Brás, Penha, Avenida Paulista, Paraíso e Araçá já funcionam com tração elétrica. [21]

Em 1887, o *Correio Paulistano* informa que havia sido inaugurada - "perante grande número de convidados e representantes da imprensa - os trabalhos da Empresa Paulista de Eletricidade, que substituiria

> "a luz relativamente cara e deficiente do gás, dos óleos e outros materiais pela luz intensa, vigorosa produzida pela eletricidade". (6.10.1887).

Raffard registra a existência de "perto de trinta casas" que faziam uso da luz elétrica, conjuntamente com a do gás carbônico, em 1890. Elogia "o prestimoso cidadão Abílio Marques" que conseguira, nove anos antes, iluminar, à eletricidade, a sua casa de residência, rua Barão de Itapetininga e

> "não se cansou em continuar os estudos que o levaram a formar a companhia, funcionando praticamente faz uns 15 meses".[22]

O autor, que visitou a Usina Central, à rua da Boa Vista, descreveu-a, com minúcias, e informa sobre o projeto desta de instalar "1.000 lâmpadas para focos de 10 velas como

---

[20] SCHNERB, Robert. O século XIX. In: CROUZET, Maurice (org.) *História geral das civilizações*. 2ª ed.. São Paulo: Difel, 1961, 174. Esse autor escreve sobre o desenvolvimento da eletricidade desde o seu princípio. Sobre a eletricidade ver também: Enciclopédia Mirador Internacional, v. 8, p. 3749 3751. A 1ª unidade produtora de energia no Brasil foi a usina termelétrica instalada em Campos, no ano de 1883. Juiz de Fora, desde 1889, tinha uma pequena usina em funcionamento.

[21] BORGES, Urquiza Maria. Relatórios dos prefeitos da cidade de São Paulo (1899-1911). *Memória da IV Semana da História* (4 a 8/X/1982). Franca: Campus de Franca Unesp.Memória da IV, 19-25;

[22] RAFFARD, Henrique. *Alguns dias na Paulicéia*. São Paulo: Biblioteca Academia Paulista de Letras, 1977,p.21-2.

unesp

tipo a generalizar e outras de forças diversas até 50 velas, bem como todo o material correspondente para uma outra instalação." Considerou "a luz bastante fixa", sem oscilação, o que se devia ao trabalho do encarregado da direção técnica.

O entusiasmo dos que assistiram e "viveram" o início da implantação das estradas, e depois, da iluminação elétrica, aparece ao lado dos que não acreditavam no sucesso das inovações, ou que lamentavam os efeitos do "progresso" sobre os velhos tempos que, em suas crônicas, aparecem aureolados pelo romantismo e como objeto de saudade. Deslumbramento com o novo comvivia com a insegurança que esse mesmo novo despertava.

Alguém que assinava com as iniciais Z.B., escreveu, em Assuntos do dia, um artigo em que relatava alguns desacertos da iluminação pública em Paris, através da eletricidade; se a experiência não estava dando certo em Paris, o que haveria de acontecer em São Paulo? (*Diário Popular*,29.1.1890).

Melhoramentos e inovações aparecem nos dois jornais, *Correio Paulistano e Diário Popular,* noticiados de forma enfática, ainda que, às vezes, também chistosa, como aconteceu com a informação do *linguagrafo.* (Não consegui descobrir o que tenha sido tal invento).

Em 6 de janeiro de 1887, informa-se que o "novo matadouro", situado no "arrabalde de Vila Mariana" fora inaugurado, tendo sido oferecido um *lanche* com "muitos brindes" às autoridades e à Imprensa" e que às 5 horas e ¼ "os convidados regressaram à Capital", de bonde (segundo Raffard, este era conduzido a vapor, juntamente com o de Santo Amaro).[23]

A inauguração do Hotel Europa, à rua Alegre, 94, por "dois moços de nacionalidade russa" - "no prédio que pertencera à família Gavião e que servira também de Palácio do Governo" - aparece na seção Notas do repórter, no tom pseudo-informativo do *réclame.* O "repórter" elogia os "amplos quartos bem mobiliados e arejados, a sala de jantar espaçosa e clara" e o "ótimo serviço de cozinha". E acrescenta: "Sua localização central próxima à Estação da Luz deverá atrair muitas pessoas vindas do interior" (*Diário*

[23] Ob. cit., p.23-4.

unesp

Popular, 16.41887,p.1). [24] (No Capítulo 6, falo do *réclame*, publicado sob a forma de informação, em seções não reconhecidamente publicitárias).

Em 1887, a capital começou a ser irrigada "nas principais ruas" pela empresa Reis & Cia., com água dos registros da Cantareira. O redator achava que o serviço estava sendo bem executado, restando apenas que ele fosse feito mais cedo (*Correio Paulistano*, 3.8.1887, p.2).

Nas vésperas do Natal de 1888, também no *Diário Popular* o deslumbramento com as vitrines da Casa Garraux, iluminadas à eletricidade:

> "A iluminação estava excelente, sendo deslumbrante o efeito produzido". (19.12.1888).

No último ano do século, Zé Basílio (peseudônimo, provavelmente), em *Matinais*, enaltecia a beleza da cidade, com suas novas construções, os belos jardins das moradas, que poderiam ser ainda mais belos "se as nossas patrícias chegassem às janelas", matizando com as suas presenças as cores das flores. Mas, durante à noite, a cidade continuava triste e melancólica, nos arrabaldes:

> "(...) as ruas não são muito transitadas, não há ruido nenhum, as bocas dos pianos fechadas. Aqui e ali, longe, uma luz acesa de uma venda, até às nove horas. O povo não sai às ruas e nem ilumina os salões. Imaginem que esplendor seria esta cidade se muitas casas acendessem um biquinho só dos lustres das salas e dos vestíbulos. Era um encanto".

Zé Basílio cita o exemplo de Porto Alegre, onde uma postura obrigava os inquilinos a iluminar as entradas para segurança dos transeuntes. Em São Paulo, "os jardins dos palacetes são abrigos de gatunos", o que não sucederia se os proprietários iluminassem as suas entradas, proporcionando, além de maior segurança para os moradores e os passantes, a visão dos "belos lustres" que poderiam ser admirados da rua. Finalizando a crônica, diz Zé Basílio: "A vida é a luz; é um crime essa treva". (*Correio Paulistano*,20.1.1900).

Zé Basílio utiliza-se de um argumento que ele sabia ser eficiente junto às pessoas enriquecidas pela produção cafeeira, ansiosas para exibir o seu modo de viver luxuoso.

A "Cidade da Civilização" continuava ainda a oferecer problemas, ao lado de algumas soluções, aos seus habitantes; o desenvolvimento, desordenado, ia motivando artigos

---

[24] Raffard informa a existência de vários hotéis em São Paulo, em 1890: Hotel da França, que foi aumentado com a anexação "de diversos sobrados seguidos"; "O belo edifício do Grande Hotel e o Grande Hotel Paulista, "perfeitamemte colocado na esquina das Ruas Boa Vista e São Bento, dominando o jardim do Largo de São Bento". Ob., p.15

unesp

ufanísticos, detratores e muitas reclamações. Nas seções destinadas às manifestações dos leitores no *Correio Paulistano* e *Diário Popular* (a partir de 1885), as reclamações se sucedem.

Em 4 de agosto de 1876, na Seção Particular, um leitor reclama contra as "praças do corpo de permanentes que despejavam materiais fecais do alto do morro do Carmo" e o relaxamento nos passeios públicos como a falta de providência para que se consertasse o "fecho do cordão de ferro na rua do Hospício o que poderia se fazer "com pouca coisa", e o abandono em que estavam as roseiras ali plantadas.

Em 9 de novembro de 1889, no *Diário Popular,* Farmer critica os quiosques, "lojas de bebidas alcoólicas e de comidas podres que se instalaram na cidade, vindas do Rio de Janeiro". Sugeria que os mesmos fossem "tolerados" em locais onde não "estorvassem a circulação" e que só deveriam vender ao público "flores, frutas e jornais". Ressaltava Farmer: o "desgracioso quiosque instalado na bela Avenida da Luz em frente da casa de Detenção" permitia a embriaguez dos soldados da guarda daquela casa, tornando-se necessário que as autoridades tomassem as devidas providências.

Em Assuntos do Dia, seção de responsabilidade da redação do jornal, reclama-se da

> " falta de policiamento para conter os lojistas e mercadores que em seu afã publicitário sujam as ruas e fachadas das casas comerciais com placas e faixas que atentam contra o bom visual das ruas. Não acha a Câmara Municipal que devia olhar para isto? Que não devia permitir que os comerciantes reduzissem assim as principais ruas da cidade a bazares de baixa classe ou coradouros de roupa?" (*Diário Popular*,24.12.1889, p.l).

As casas de comércio, que vendiam objetos inflamáveis, são objeto de comentário que demonstra a consciência do perigo que elas demonstravam:

> "guardam nos seus armazéns, no coração da cidade, escondidos, enormes depósitos de materiais inflamáveis e explosivos (...) são dezenas de barrilotes de pólvora, grande cópia de dinamite, querosene, água-raz. Imagine-se o que não pode produzir um incêndio, uma faisca elétrica, uma simples ponta de cigarro, e por aí avalie-se a criminosa inconsciência ou ganância dos autores de semelhantes abusos". (Fato Pavoroso.
>
> (a) J. Júnior.*Diário Popular,* 4.1.1890, p. l).

A arborização das ruas é mal administrada, por falha dos "fiscais que permitem animais se esfregando nas proteções das ávores e as destroem", segundo alguém que se assina "Cidadão":

> "Se o serviço fosse executado por pessoa entendida e organizada ficaria mais barato do que contratos para o plantio de árvores, queé preciso replantar quase todos os anos por meio de novos contratos; sistema seguido até hoje com bom resultado eleitoreiro".(Assuntos do Dia. *Diário Popular*, 4.2.1890, p.l).

unesp

"A falta quase absoluta de quem queira empregar-se em serviços domésticos" tem por motivo a facilidade com que os pobres conseguiam, - "por módicos preços" - morar em cortiços que infestam a cidade, era a opinião de "Felix Június", em Assuntos do Dia. Félix tece considerações a respeito dos moradores "desses casebres":

> "pertencem àquela classe de moseráveis, criaturas para quem a obrigação é um jugo intolerável e o trabalho a pior das desgraças. Viver sem trabalhar! - Eis o sonho dourado desses infelizes".

Félix Június acha que a polícia deveria intervir, "severamente" para impedir a construção dos "casebres infectos, sem ar, a que chamam - cortiços", onde a "classe de miseráveis" levada pelo ócio, cai na embriaguez, criminalidade e prostituição":

> "Cumpre à polícia recensear a população desses cortiços e impor-lhe um prazo para a procura de meios honestos de existência". (Retas e Curvas.*Diario Popular,* 11.1.1890, p.1).

Felix, como os demais liberais do período, apontava como única causa da miséria a preguiça dos pobres, transformando a questão social em caso de polícia.

Zé Basílio também faz críticas à polícia, ineficiente e violenta, agindo quando não precisava. Cita como exemplo um fato acontecido com o sr. Miguel Romano, proprietário do Café América, que narrou ao repórter ter empurrado "um bêbado que queria de todo jeito entrar no seu café", o que levou a Polícia a ir prendê-lo. Por "ser negociante matriculado" negou-se a ir acompanhado pelos guardas até à Delegacia, onde foi sozinho e relatou o fato ao delegado, dr. Herculano de Carvalho, que lhe deu voz de prisão. "Para se livrar teve que pagar 35$ de fiança". (*Correio Paulistano,* 9.3.1900, p.2)

"Brutalidade policial" é o nome da notícia publicada em *Vida Diária,* na qual se relata que o "carro" do Dr. Pereira da Rocha "foi apreendido" por ter entrado o seu proprietário em uma rua onde não podia, mas sem sinalização. Os guardas fizeram o maior estardalhaço. A polícia é tachada de "imprevidente e desordeira". (*Correio Paulistano, 5*.3.1900,p.2).

Raffard achou "insuficiente o policiamento da cidade", principalmente à noite, em ruas com "poucos bicos de gás", que ficavam sem guardas. Apesar dos poucos furtos "ou de outros crimes que se dão na Paulicéia", aconselha que as mulheres tenham cuidado e,

unesp

"mesmo nas principais ruas do distrito de Santa Ifigênia", não saissem enfeitadas com jóias de valor. [25]

Zózimo Barroso clama por melhorias na Capital, que deveriam começar pelo saneamento e melhor distribuição de água; depois a administração cuidaria de fazer boas calçadas, parques, jardins:

> "Se há cidade no mundo que mereça ser ornada com todas as obras modernas de aformoseamento urbano, São Paulo é uma. Goza de clima delicioso; ar de montanha, puro e vivificante, devido a sua altitude (750m.); é banhada por um rio e dois cursos de água (...) Existe denúncia da existência de duas mil casas em São Paulo, que possuem esgotos, mas não água encanada para levá-los. Isto é um horror. A febre amarela e todas as moléstias infecciosas aparecem e se desenvolvem onde há aglomeração humana e falta de asseio. Nada custa tão caro a uma nação como a doença e a morte. Avante pois com as obras necessárias". (Assuntos do Dia. *Diário Popular*, 27.9.1890, p.l).[26]

O tratamento dado aos animais empregados no serviço de transporte era objeto de críticas de Farmer, achando exemplar "o que se fizera em outros países", onde se organizaram associações protetoras de tais animais:

> "O que se vê em nosso país no que se refere a maus tratos de animais é entristecedor. Não só grosseiros e ignorantes condutores de carroças espancam desapiedadamente os seus animais em serviço, mas (quem diria!) o mesmo fazem os cocheiros das companhias de carris urbanos, dirigidos que são,por homens que possuem cultura de espírito e, às vezes, até títulos científicos. A Cia. Carris de Ferro, por exemplo, emprega em uma linha um único animal que muitas vezes puxa o carro, em caminho enlameado, arregado com vinte e oito pessoas, como foi visto no domingo. O pobre animal que gemia sob tão pesada carga era cortado pelo relho do azorrague do condutor, que parecia condoído da sorte do pobre, mas tinha horário a cumprir e ordens de serviço, sem o que seria multado. É ou não é isto cruel e vergonhoso? Por amor da nossa civilização, valha-nos quem pode, e faça cessar imediatamente e para sempre esta barbaridade". (Tráfego Urbano. *Diário Popular*, 5.2.1891,p.1)

Mais uma vez, o exemplo civilizador "de outros países" - o autor refere-se com toda certeza aos europeus - era lembrado como estímulo para mudança de atitudes. Os que escreviam com a pretensão de fazer valer os direitos de cidadania já estavam voltando o olhar para os animais.

No *Correio Paulistano,* a insatisfação é com os bondes: um funcionário da linha paulista foi grosseiro com os passageiros e o reclamante exige a sua demissão; a falta de asseio nos bondes torna penosa a viagem; a falta de veículos, depois do espetáculo do Teatro São José, obriga muitas famílias a voltarem a pé, tornando pequena "a concorrência ao teatro". (ll.6.1896). Outra reclamação contra o serviço de bondes é motivada pela supressão dos veículos da estação do Norte:

---

[25] Ob. cit., p.102-3.

[26] Raffard informa que o Jornal da Tarde de 19 de abril de 1890, criticava a falta de esgoto da maior parte das habitações da cidade (p.102).

unesp

"agora os passageiros que chegam do Rio têm que pagar as fortunas exigidas pelos cocheiros de carros e tílbiris". (C. P.,16.8.1896).

Os autores das notas e pequenos artigos que aparecem na seção Assuntos do Dia, do *Diário Popular*, apesar de se esconderem atrás de pseudônimos, eram, provavelmente, os responsáveis pelo jornal, pois a seção, que ocupava a primeira página, tem características de Editorial, é opinativa, é vigilante em relação ao público e não se utiliza da forma chistosa. Em certos momentos, demonstram uma consciência que se se pode qualificar de "contemporânea", não apenas devido à permanência dos problemas citados até os dias de hoje, como por privilegiarem as soluções para as questões de higiene e saúde da população.

A "Cidade da Civilização" não se expandiu e nem progrediu de acordo com as espectativas dos redatores, colaboradores e leitores-missivistas dos jornais. O aumento da população não foi acompanhado pela adequação dos serviços públicos ao novo número de habitantes, ocasionando descontentamento com as habitações, com o desleixo das ruas, com a precariedade dos transportes urbanos e o serviço de água e esgotos. Como se verá em seguida, a cidade cresceu além das previsões dos contemporâneos.

Constituída pelas quatro freguesias - Sé, Santa Efigênia, Consolação e Brás - a cidade tinha, pelo recenseamento de 1874, a seguinte população, dividida de acordo com a situação perante a lei - senhor ou escravo - a escolaridade e o sexo:

	Livres alfabetizados	Analfabetos	Escolares	Escravos
Sé:				
Homens	2.621	1.063	480	1.077
Mulheres:	1.368	2.192	308	832

Santa Efigênia e Consolação:

Homens:

675	1.313	566	400

Mulheres:

348	1.652	488	413

Brás:

Homens:

378	608	84	149

Mulheres:

244	808	72	129

A maior concentração de homens livres era na Sé, onde o número de homens e mulheres alfabetizados era superior ao dos analfabetos. Nas demais paróquias, dava-se o inverso: em Santa Ifigênia e Consolação, o número de homens analfabetos era o dobro dos que sabiam ler e escrever e o de mulheres analfabetas quase cinco vezes maior do que o de alfabetizadas. Esse dado, aliado à especificação das profissões feita no censo, demonstra que as pessoas de maior prestígio viviam na Sé, como médicos, engenheiros, fazendeiros, capitalistas. O comércio mais elegante e mais especializado e os serviços de lazer como confeitarias, cafés, bares e os hotéis localizavam-se na Sé, o que transformava essa freguesia no ponto vital da cidade.

Como escreveu Paulo Cursino de Moura:

unesp

> "o triângulo formado pelas ruas Quinze de Novembro, Direita e São Bento, o velho triângulo é a tradição máxima de São Paulo. Vive nessa excentricidade do Triângulo que de triângulo só tem o nome, a cronologia de toda a vida comercial e social da Paulicéia".

Somente no final do século é que a cidade foi perdendo

> "sua semelhança com um polvo, tendo o corpo formado pelo triângulo e os tentáculos sendo as alongadas e raras ruas que levavam às saídas para o sertão e ia adquüirindo o aspecto de uma teia de aranha, pelo ligamento das ruas em torno do núcleo central".[27]

O comércio varejista, segundo Alberto de Oliveira Lima, segue os padrões da cidade nos seus estágios iniciais: ele tende a mudar de localização na proporção do crescimento urbano; integradas com as condições do ambiente urbano é que as duas principais atividades do sistema de varejo "transportar os bens e atrair os consumidores à sua localização, geram fluxos na área urbana".[28]

No Livro de Lançamentos de Impostos Municipais de Negócios e Profissões, 1878, estão registrados na Sé 328 estabelecimentos de produtos de alimentação, 4 casas bancárias, 4 fotografias, 2 livrarias, 3 casas de música, além de inúmeras lojas que vendiam artigos para vestimenta e adornos e outras com sortimentos muito diversificados, vendendo fazendas, ferragens, armarinho, adornos, etc.,[29]

O *Correio Paulistano* publicou, em 23 de julho de 1887, o *Boletim Demográfico do Município da Capital,* com elogios para a Comissão Central de Estatística da Província que achara "conveniente" divulgar "os dados recolhidos e apurados sobre o movimento da população do município da capital". No texto, frisava-se as dificuldades que a Comissão encontrara, porque a Estatística não tinha "ainda obtido carta de naturalização no Brasil". A Comissão era aplaudida pelos esforços empregados no "cumprimento de sua árdua missão.

Em dezembro "do ano passado", informa o Boletim, a população do município da capital era de 47.693 habitantes assim distribuídos: Sé: l2.82l; Santa Efigênia: ll.900; Consolação: 8.269; Brás: 5.998; São Bernardo: 3.667: Freguesia do Ó: 2.750; Penha:

---

[27] BRUNO, Ernani da Silva., ob., cit., v. 3, p.1040

[28] LIMA, Alberto de Oliveira. *Distribuição Espacial do Comércio Varejista da Grande São Paulo*. São Paulo, IGEOG, Série Teses e Monografias, nº 15, 1975.

[29] BORGES, Urquiza Maria. *Negociantes na cidade de São Paulo* (1875-1880). São Paulo, 1980. (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, P.57-9. Nesse trabalho, analiso a comércio a varejo: tipos de estabelecimentos, publicidade, mistura e especialização no comércio, renda, prestígio dos negociantes e participação política deles no município, etc., assim como o imposto que pagavam, dividindo-os em grupos de acordo com a renda e participação no Orçamento do Município.

unesp

2.283. O articulista calcula que a população, naquele momento, não poderia ser inferior a 50.000 habitantes, porque tendo entrado na província, de janeiro a junho, 15.745 imigrantes, 2.000 ficaram na Capital.

A população era dividida de acordo com o estado civil, instrução, religião, condição de senhores e escravos e nacionalidade: solteiros 33.952; casados 11.639; viúvos 2.106. Instrução: primária 15.812; secundária 1.845; superior 648; Religião: não católicos 1.325; católicos 46.372. Escravos: 502; brasileiros 35.407; estrangeiros 12.280, dos quais 5.717 italianos, 3.502 portugueses e 1.187 alemães.

Número de fogos: 9.133.

Causas de morte: "em primeiro lugar as moléstias do aparelho gastro-intestinal".

A comparação entre os recenseamentos de 1872 e 1886, apontou para um aumento de 21.657 habitantes; tal aumento levou o redator a concluir que a população dobraria, em 15 anos e que no final do século a capital de São Paulo deveria ter 100.000 habitantes, caso se mantivesse "a mesma progressão". Previsão modestíssima em relação à realidade, pois em 1890 a população da cidade era de 64.934 habitantes e em 1900 era de 239.820.[30] Indicava-se como fatores do crescimento populacional: a imigração estrangeira, responsável por, aproximadamente, 10.183 indivíduos; o excesso de natalidade sobre mortalidade, computado em 6.000 almas e, finalmente, a imigração de nacionais em número de 5.474.

Paul Singer calcula o crescimento da população paulistana entre 1860 e 1886 em 71%, o que dá uma taxa geométrica anual de cerca de 2%:

> "O aumento demográfico é ainda mais acentuado a partir de 1872. Durante os 14 anos que medeiam entre 1872 e 1886 a população paulistana cresceu de 52%, o que dá uma taxa geométrica de 3% ao ano. (...) entre 1836 e 1872 a taxa foi somente de 1%".[31]

A cidade, a partir do final do século XIX, expandiu-se geograficamente, com a formação de novos bairros, de acordo com a condição social dos povoadores:

> As ferrovias atraíram o povoamento (...) Ao longo delas fixam-se as indústrias (...) e o seu acompanhamento necessário que são os bairros operários. Assim se formam estes setores recentes, hoje densamente povoados, que envolvem as estradas de ferro

---

[30]MATOS. Odilon Nogueira de. A cidade de São Paulo no século XIX. São Paulo, Rev. de História, n. 21 e 22, p.114, 1955; PRADO JR., Cáio. Contribuição para a geografia urbana da cidade de São Paulo. In: *Evolução Política do Brasil e outros estudos. 3ª* ed.. São Paulo: Brasiliense, s.d.,p.128.

[31] SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana.* São Paulo: Nacional, s.d., p.31

unesp

> e bordam, como uma auréola, as faces sul e leste do maciço paulistano: Ipiranga, Cambuci, Mooca, Brás, Pari, Luz, Bom Retiro, Barra Funda, Água Branca Lapa".[32]

O processo de urbanização se intensificou bastante, no período: "em 1860 quase a metade dos paulistanos ainda vivia nas zonas rurais do município; em 1886 menos de um quinto dos habitantes da cidade estão nesta condição. Entre 1872 e 1886 a população urbana praticamente dobrou".[33]

Quanto aos habitantes mais privilegiados, que até quase o final do século viviam no centro, por volta de 1880, começaram a procurar outros locais, mais aprazíveis e menos ruidosos; suas residências acompanharam

> "o bordo inferior do maciço pouco acima da linha em que começa a baixada do rio. É aí que se instala o bairro de Santa Ifigênia, com suas residências aristocráticas de fins do século passado, que se prolongam depois pelos Campos Elíseos".[34]

Em princípios do século XX, é que as residências luxuosas passaram a ser construídas em Higienópolis, "o bairro da aristocracia paulista, das fortunas saídas do café". Depois, as novas fortunas saídas da indústria e do comércio, "quase todo em mãos de estrangeiros, imigrantes enriquecidos nesta Canaã americana", fixam-se na Avenida Paulista, o que será "claramente dito" pela arquitetura do bairro.[35]

A Comissão de exame e inspeção que apurou o número de cortiços em Santa Efigênia, 1893, arrolou 60 cortiços "abrigando uma população de 1.320 indivíduos de todas as nacionalidades":

> "Em três ruas da região, havia uma concentração de 42 cortiços: rua dos Gusmões, General Osório e Santa Efigênia. Ao lado do cortiço havia o *hotel-cortiço*, uma espécie de restaurante, onde a população operária, à noite, se aglomerava para dormir, e os sobrados, convertidos em cortiços por meio de divisões e subdivisões, comuns na rua do Bom Retiro, cujo nome parecia uma ironia se o visitante olhasse para os locais onde se acolhiam os trabalhadores. Em 43 cortiços a Comissão contou 281 cubículos para uma população de 965 habitantes".[36]

Maria Alice Rosa Ribeiro cita o jornal *Fanfulla* que denunciou a ocupação de um terço da Capital por cortiços e o abuso cometido pelos proprietários desses e das habitações operárias, que cobravam preços abusivos e não investiam na melhoria das condições das casas:

> "Por trás das divisórias de tábuas ou de lona, a tuberculose e a mortalidade infantil conviviam com os tristes trastes humanos jogados nos cortiços. Eram dessas

---

[32] PRADO JR., Cáio. Ob., cit., p., 133
[33] SINGER, Paul. Ob., cit., p. 31
[34] Id., Ib., p. 134
[35] PRADO JR., Cáio. Ob. cit., p. 134
[36] RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *História sem fim...* inventário da saúde pública - 1880-1930. São Paulo: Ed. Unesp, 1993, p.132

> habitações que saíam os contingentes de tuberculosos, como constatou o dr. Clemente Ferreira em sete anos de funcionamento do dispensário."[37]

O problema de falta de moradias é assinalado também por Raffard: apesar "de se prontificarem 50 a 60 casas mensalmente", muita gente retirava-se da Capital por não achar um lugar para morar. Havia então cerca de 14.000 casas.[38]

A carência de habitações para as camadas menos elevadas e os aluguéis altos, em conseqüencia do custo excessivo dos terrenos e das edificações, levaram, entre outros fatos, ao aparecimento de cortiços. Interessante que, apesar do aumento de cortiços no final do século, publica-se no *Diário Popular* uma sequência de dois artigos, em 10 e 16 de janeiro de 1891, no qual se critica as péssimas condições das habitações operárias na Inglaterra, a miséria e a mortalidade infantil naquele país, sem se fazer referência ao que se passava em São Paulo.

Maria Alice relata o debate sobre limpeza pública, acontecido em 1899, com grande repercussão, em conseqüência do surto de peste bubônica em Santos. Os paulistanos temiam que tal surto chegasse à Capital, o que não era impossível, devido "ao estado deplorável da limpeza pública, a irregularidade da remoção do lixo, as sujeiras acumuladas nas ruas e terrenos baldios", atraindo os ratos. Foi organizada pelo Dr. Emílio Ribas uma *campanha contra roedores,* pagando-se "duzentão" por cada rato caçado. A irregularidade na coleta do lixo era denunciada pela *Folha do Brás* como "vergonhosa":

> ' os asquerosos receptáculos de lixo expostos todas as manhãs às portas da casa', ali permaneciam por dias, exalando cheiros e sofrendo a ação de cães e gatos que espalhavam o lixo pela rua".[39]

Quanto à água, até o final do século, o sistema de captação, então a cargo da Cia. Cantareira de Esgotos, não acompanhou o rítmo de crescimento da população.[40]

A distribuição de alimentos era também um ponto crítico da expansão da cidade. Alimentos adulterados e estragados eram vendidos à população,[41] provocando,

---

[37] Id., Ib., p. 136

[38] RAFFARD, Henrique. Ob. cit., p. 15

[39] RIBEIRO, Maria Alice. Ob. cit., p. 136-141. A autora informa ainda a respeito do destino que se dava ao lixo, que era "todo depositado à margem esquerda do Tietê, onde a empresa tinha as suas cocheiras, oficinas de conserto de material, veículos diversos, vassouras e as habitações dos empregados" Havia dois fornos incineradores, que eram postos a funcionar. depois de "um significativo volume de lixo". Até que tal acontecesse, os trapeiros, "miseráveis" e catadores de lixo espalhavam os monturos para recolher o produto que desejavam. Somente em 1912 o serviço de limpeza pública foi encampado pela prefeitura.

[40] Id., Ib., p. 15 e segs.

unesp

juntamente com a água poluída, alta taxa de mortalidade infantil, sendo as moléstias relacionadas ao aparelho digestivo as principais causadoras de morte, como se viu no *Boletim Demográfico do Município da Capital.*

Apesar das mazelas provenientes do crescimento desordenado, a imprensa vai registrando os "progressos" da cidade, o seu embelezamento, que se dá na região central e naquela que passou a ser habitada pelas elites.

Em março de 1874, o folhetinista que se assinava G, escrevia que a cidade estava sendo calçada, as fachadas das casas pintadas, mas que os ricos teimavam em não construir.

A inauguração da fábrica de luvas - *Luva Paulistana* - é noticiada no estilo que se poderia definir como *rèclame* casual, do qual se tornavam merecedoras as firmas que anunciavam no jornal. A nota mereceu destaque da editoria, aparecendo na primeira página, ressaltando-se que "o público comparecera em peso" à inauguração:

> "O serviço é feito com toda perfeição pelo pessoal da fábrica, todo caprichosamente escolhido. Os proprietários ofereceram um delicado copo d'água e uma bem servida mesa de doces aos convidados. Foram levantados muitos brindes aos cooperadores (os proprietários) do progresso da província". *(Correio Paulistano,* 2.8.1887).

A fábrica criou um jornalzinho intitulado *A Luva de Ouro".* cujo primeiro número fora distribuído "ontem, durante o espetáculo" (teatral?):

> "trata-se de um interessante jornalzinho literário e comercial. Traz douradas a primeira e segunda páginas. O jornal é publicação da fábrica de luvas, ultimamente montada na capital com este nome". (5.8.1887).

Em 21 de abril de 1888, em Assuntos do Dia, *Diário Popular,* frisava-se a "atenção que os países cultos dedicavam à Província de São Paulo, por sua iniciativa própria de progredir sem tudo esperar do governo central". Uma das principais razões dessa "atenção" era o incentivo à imigração, na tentativa de organizar um tipo de trabalho que substituísse a escravidão, que o redator não sabia como ainda perdurava,"em pleno século dezenove". São Paulo estava muito à frente das outras províncias, pois Minas Gerais e Rio de Janeiro haviam começado, "tardiamente", a incentivar a imigração:

> "Terminada a escravatura a preocupação do paulista é aumentar consideravelmente o número de braços que determinará o desenvolvimento da lavoura em regiões até hoje não utilizadas. A par de outras vantagens que trará o aumento de braços, veremos aos poucos se desenvolver a pequena lavoura, poderoso elemento de riqueza pública; veremos por força das circunstâncias o imposto territorial ir fazendo desaparecer a grande propriedade agrícola para dar lugar aos pequenos

---

[41] Maria Alice Ribeiro escreve que havia miolo de vitelas e bicabornato misturados ao leite e que, além do leite, outros alimentos eram adulterados, como: banha de porco, farinha de trigo e as bebidas. Ob., cit., p.119.

unesp

> proprietários rurais; veremos também dar-se incremento às indústrias ainda tão embrionárias em nosso país".

A positiva influência do aumento da mão de obra sobre o desenvolvimento da província, compensaria

> "o ônus que a província sofre com a introdução de imigrantes".[42]

Poucos meses depois do otimista artigo enaltecendo as grandes modificações que viriam da imigração, inclusive a substituição do latifúndio pela pequena propriedade produtora, alguém que se assinou Bruno - pseudônimo que podia estar escondendo a crítica de um dos colaboradores do jornal ou a de um habitante da cidade - publicou no *Diário Popular* um artigo intitulado *Viagem a um mundo novo,* dando suas impressões a respeito da cidade, após "dezoito anos de ausência".

Bruno, obtido o título de bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi para Paracatu (Minas Gerais), ajudar o pai na administração da fazenda, não antes de ter se despedido da cidade, com tristeza e saudade antecipada da "alegria e descuido de quando se tem vinte e um anos". Passou-se o tempo, e ele tivera notícias das "grandes mudanças na capital": "estradas de ferro, imigração, empresas de toda sorte, abolição e republicanismo", o que o fizera empreendar aquela viagem, para conferir "in loco". Mas, desde o desembarque, começaram os seus problemas: as pessoas olhavam para ele com "olhar de troça", criticando a sua roupa e suas "botas brancas". Foi para o Grande Hotel, onde se sentiu completamente desambientado. No dia seguinte à sua chegada, foi procurar um antigo conhecido que alugava cavalos, mas só encontrou "gringos" no antigo endereço do "Capitão Miranda". Procurou outros "velhos" conhecidos, mas não encontrou ninguém. Pondera Bruno:

> "Diz todo mundo que a São Paulo de hoje é grandiosa, bonita, próspera, confortável. etc., Mas não é esta a minha opinião".

O autor critica as reclamações que ouviu de antigos conhecidos, "supostamente bem colocados", contra os ordenados e o custo das despesas familiares. Ele cansou de ver:

---

[42] Sobre a comparação entre o total de imigrantes, que a partir de 1884 destinou-se a São Paulo e o número que se destinou para as outras regiões do Brasil, ver quadro comparativo discriminando também a origem, em: SCHWARTZMAN, Simon. *São Paulo e o Estado Nacional.* São Paulo: Difel, 1975, p. 99; dados gerais sobre a imigração, que se tornou massiva e as implicações dessa imigração para o comércio a indústria, ver: SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil.* São Paulo: Alfa-Ômega, 1976, p.80. Diz esse autor que "o trabalho assalariado é o índice de transformações que incluem as estradas de ferro os bancos, o grande comércio de exportação e importação e inclusive, uma certa mecanização ao nível das operações de beneficiamento da produção"; MARTINS, José de Souza. O cativeiro da terra. 2ª ed.. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

unesp

> "bacharéis sem clientela, médicos sem clínica, procuradores que não têm o que procurar, artistas sem serviço, impostos a abarrotar e viva o progresso!"

Quanto às mulheres, preferia as do seu tempo àquelas modernas "passeantes":

> "São Paulo passava por ser terra de moças bonitas, mas de costumes tão recatados que dificilmente se as via, o que levava os moços a se utilizarem de expedientes para chamar sua atenção e chegarem às janelas para serem vistas."

Os estudantes, querendo ver as moças, contratavam moleques para fazer algazarra na rua e com isso faziam as "belas" moradoras aparecer às janelas. Conclui Bruno:

> "Vejo-me inteiramente avulso neste São Paulo de agora; não entendoas músicas, as cantigas e menos entendo a língua, pois mais se fala italiano que português. E para falar a verdade, sinto e muito a perda enorme de originalidade poética que a cidade sofreu e o meu bestunto não alcança as belezas de agora. E quanto à política? Aqui então o negócio é mais interessante. Conservadores da União, Conservadores mendistas e um autonomista. Liberais puros, liberais federalistas e liberais separatistas. Republicanos unionistas, separatistas, federalistas, evolucionistas e revolucionistas. Que trapalhada!!!" (*Diário Popular,* 11.7.1888,p.1).

Para um forasteiro, Bruno mostra-se muito bem informado acerca das dissidências políticas locais, o que me faz admitir a possibilidade de que o nome Bruno pudesse ser o pseudônimo de um habitante da cidade.

Bruno e França Jr., de diferentes maneiras, manifestam o mesmo sentimento de perda, em face do progresso, que "engolira" o passado, e a mesma desorientação por não terem encontrado mais os referenciais da época em que foram estudantes. Seus comentários críticos em relação ao progresso, causador de perdas como da "poesia", do "romantismo", da tranqüilidade e da cordialidade, que Bruno diz que não achou mais no seu contato com os "novos habitantes", estrangeiros, opõem-se ao tom enaltecedor de Américo de Campos. Este, estranha e ufanisticamente - por se tratar de uma pessoa que foi impiedosamente crítica em relação à Monarquia, ao Jesuítismo, ao Partido Conservador e à Escravidão - enaltece os "ousados bandeirantes", situando-os como elementos formadores da paulistanidade. Sendo maçom, republicano e abolicionista, a glorificação das "façanhas dos bandeirantes", que caçavam índios para escravizar, tendo um deles, Jorge Velho, destruído o Quilombo dos Palmares, é uma nota fora do tom:

> "Os ousados bandeirantes paulistas eram já os descobridores e fundadores das maravilhas dos sertões, eram já autores de mais uma revolução, quando lembraram-se de inventar a padaria".

Desconheceria Américo a integral história das bandeiras tendo, inadvertidamente, integrado o coro dos louvadores da epopéia bandeirante? Ou quando escreveu o seu artigo, estava com a visão obliterada pelo fascínio do progresso?

unesp

Nas diversas matérias aparecem informações que parecem a mim, leitora de cem anos após, pitorescas ou singelas; como o hábito de oferecer "um delicado copo de água" nas inaugurações, juntamente com a mesa de doces. A otimista previsão de que o latifúndio cederia lugar à pequena propriedade, após a abolição, não se realizou o que dá à profecia um caráter futurista, ainda hoje. O aviso de que o espetáculo terminaria antes do "último bonde", é singela e desperta saudades de coisas não vividas.

A cidade e a "transformação mundial"

As mudanças pelas quais passa a cidade de São Paulo, segunda metade do século XIX, estão integradas em um contexto internacional de desenvolvimento do capitalismo, a partir da Inglaterra e, posteriormente, de outros países da Europa - como França e, mais tarde, Alemanha - e dos Estados Unidos. O centro decisório desse sistema era a Grã-Bretanha:

> "Esse pluralismo crescente da economia mundial ficou, até certoponto, oculto por sua persistente e, na verdade, crescente dependência dos serviços financeiros, comerciais e da frota mercante da Grã-Bretanha. Por um lado, a *City* de Londres era, mais que nunca, o centro de operações das transações comerciais internacionais, tanto que o rendimento de seus serviços comerciais e financeiros, sozinho, quase compensava o grande déficit do item mercadorias de sua balança comercial (137 milhões de libras contra 142 milhões, em 1906-1910). Por outro lado, o enorme peso dos investimentos britânicos no exterior e de sua frota mercante reforçou ainda mais a posição central do país, numa economia mundial que girava em torno de Londres e se baseava na libra esterlina".[43]

Avanços tecnológicos, desestruturação de hábitos e costumes arraigados, industrialização, mudanças em todos os setores se sucedem:

> "O que definia o século XIX era a mudança: mudanças em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do litoral do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial. Com algumas exceções marginais e cada vez menos importantes, todos os países, mesmo os até então mais isolados, estavam, ao menos, perifericamente, presos pelos tentáculos dessa transformação mundial."[44]

As regiões periféricas, objeto de um imperialismo agressivo por parte dos países europeus industrializados e dos Estados Unidos, integraram "a globalização", submetendo-se integral ou parcialmente às decisões da "parte menor", onde o 'progresso nascera".

---

[43] HOBSBAWM, Éric. *A era dos Impérios* (1875-1914). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 80
[44] Id., ib., p. 46

unesp

Esse 'progresso' chegava como conquistador e era "ajudado por uma minoria de colaboradores locais".[45] Progresso que, como se viu, suscitava euforia, submissão aos valores e modo de vida inglês, francês, alemão e, mais para o final do século, norte-americano, mas também medo, resistência, desorientação cultural, como aconteceu com "Bruno" e França Júnior, em seus regressos (ou pseudo-regresso), à cidade de São Paulo. Ainda, Hobsbawm:

> "o progresso fora dos países avançados não era nem um fato óbvio nem uma suposição plausível, mas sobretudo um perigo e um desafio estrangeiros. Os que se beneficiavam com ele e o acolhiam favoravelmente eram as reduzidas minorias de governantes e citadinos que se identificavam com os valores adventícios e irreligiosos. O que os franceses no Norte da África chamavam, significativamente, de *évolués* evoluídos - eram, a esta altura, justamente os que haviam rompido com seu passado e com seu povo".[46]

O desenvolvimento da Província de São Paulo e depois Estado de São Paulo encaixa-se na análise do citado autor: o desenvolvimento da lavoura cafeeira, trazendo "o progresso" para a capital e algumas cidades do interior, enriquecendo as elites cafeeiras (enriquecimento abalado pelas sucessivas crises do café, como se verá no Capítulo 4), contribuiu de forma essencial para a formação "dos dois Brasis" ou vários Brasis como acontece até hoje.[47]

Simon Schwartzman, escrevendo acerca da dependência dos países periféricos ou "novos" em relação aos países centrais, afirma que o Brasil "pertencia, se bem como sócio menor, a este clube de 'novos' países, que receberam o impacto da expansão econômica inglesa:

> "A Inglaterra não permaneceria como o principal mercado para os produtos agrícolas brasileiros nos fins do século XIX, mas era, certamente, o principal provedor dos empréstimos e de investimentos de capital".

Schwartzman cita Manchester:

> "A Grã-Bretanha... nunca se empenhou em manter sua supremacia inicial no campo das exportações brasileiras; seu interesse primordial no Brasil era enquanto mercado para os produtos ingleses, e não como supridor de matérias-primas para consumo local".

Depois da Guerra Civil, os Estados Unidos passaram a ser o principal mercado para os produtos brasileiros e, a partir da Primeira Guerra, suplantaram a Inglaterra no setor de investimentos de capital.[48]

---

[45] Id., ib., p53
[46] Id., ib., p. 52
[47] Noam Chomsky, professor de Lingüística do MIT (Inst. de Tecnologia de Massachussets), no programa Roda Viva, de 9.12.1996, apresentação de Matinas Suzuki Júnior disse que "um pedacinho" do Brasil é primeiro mundo mas que o "restante" é como a África Central.
[48] SCHWARTZMAN, Simon. *São Paulo e o Estado Nacional.* São Paulo: Difel, 1975, P.83

unesp

O café, desde a década de 1840, foi o principal produto de exportação do Brasil:

> "de 1860 até a Primeira Guerra Mundial o volume das exportações quase sextuplicou. Este surto econômico se deveu principalmente à expansão das colheitas de café, que se tornaram, desde a segunda metade do século XIX, responsáveis por quarenta a oitenta por cento das exportações do Brasil".

Schwartzman frisa que o crescimento econômico do país, baseado na lavoura cafeeira, não foi "um fenômeno isolado" mas ocorreu em um "contexto de rápida expansão do mercado internacional:

> "(...) de 1850 a 1880, o comércio mundial aumentou em 170 por cento, de acordo com suas estimativas; de 1880 a 1913, teve um aumento de 170 por cento; mas o crescimento de 1928 a 1958 foi de apenas 57 por cento".[49]

Os produtores de café que mais prosperaram foram os que diversificaram as suas atividades, a partir da lavoura e dedicaram-se ao comércio internacional e aos investimentos nos transportes, como as famílias Prado e Pacheco Chaves. Sérgio Silva considera que a economia cafeeira está na base do desenvolvimento do capitalismo no Brasil e do "desenvolvimento industrial lento", que se concentrou na região de produção cafeeira:

> "Para analisar corretamente a importância da indústria nascente no Brasil, é necessário relacioná-la com as transformações econômicas e sociais por que passa o país e, em particular, a região das grandes plantações de café, isto é, a região formada fundamentalmente pelos atuais Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e, principalmente, o Estado de São Paulo."[50]

Para esse autor, café e indústria estão indissoluvelmente ligados, "como partes da acumulação de capital no Brasil" e a esses dois elementos acrescentam-se as "novas formas de acumulação baseadas no trabalho assalariado".

Economia cafeeira, inserção no capitalismo internacional, ferrovias e imigração são componentes básicos para a compreensão do desenvolvimento da província de São Paulo e de sua capital, no final do século XIX.[51] Nesse contexto, entende-se o predomínio de produtos importados no comércio a varejo da cidade, produtos que antes da "globalização" e da dinamização dos transportes, a partir da Grã-Bretanha, não chegariam aqui com a abundância que passaram a chegar, depois de 1870; assim como se

---

[49] Id., ib., p. 82

[50] SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil.* São Paulo: Alfa-ômega, 1976, p. 79. Sobre café e industrialização, ver também: DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo.* São Paulo: Difel & Edusp, 1971

[51] Sobre café e ferrovias, ver: MATOS, Odilon Nogueira de. *Café e ferrovias.* São Paulo: Alfa-ômega & Edit. Sociologia e Política,1974; a população de São Paulo, em 1872, estava abaixo das populações das seguintes cidades brasileiras: Rio de Janeiro (274.972 hab.); Recife (116.671); Salvador (129.109); Porto Alegre (43.998). Em 1920 São Paulo ultrapassou essas cidades, menos o Rio de Janeiro. Anuário Estatístico de 1971, p. 42. Apud: SCHWARTZMAN, Simon. Ob. cit., p.62

unesp

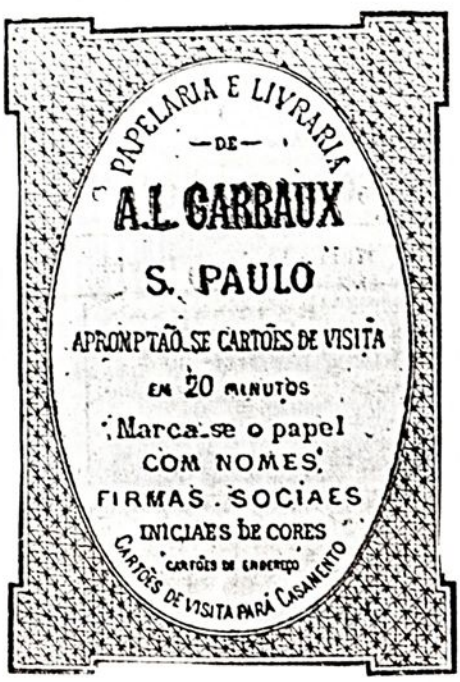
NOVO

ESTABELECIMENTO

Photographia Paulistana

N.° 46 RUA DA IMPERATIZ N.° 46

C. Elwell & Dulley.



Varejo e serviços (*Correio Paulistano*, 1862-1875)



DILIGENCIA PROGRESSO PAULISTA

Sahirá de S. Paulo nos dias 4, 9, 14, 19, 24, e 1 deste mez, Os bilhetes podem ser procurados na rua Direita n. 17, fabrica de chapéos.

As bagagens devem ser entregues 1 dia antes da partida.

ESTABELECIMENTO PHOTOGRAPHICO

DE

A' LUVA DE OURO

CASA CORBISIER — RUA DA IMPERATRIZ 42 — S. PAULO

Grande sortimento de luvas de pellica de todas as côres, casa Corbisier, rua da Imperatriz 42. 6—6

A 300 rs. a 300 rs. a 300 rs.

a garrafa de superior kerosene marca brilhante, café em pó sem mistura a 360 rs. a libra e 800 rs. o kilo, vélas de composição a 500 rs. a libra, azeite doce superior a 720 rs. a garrafa, vinho de Lisboa tinto a 400-500 600, 720 e 800 rs a garrafa. Vinho de Lisboa branco de qualidade especial a 640 rs. a garrafa. Cerveja nacional e ingleza de todas as qualidades. Macarrão, talharim e letria 640 rs. a libra. Chá nacional a 1$280 e 1$600 rs. a 1 bra. Chá da India a 2$800 e 3$200 a libra.

Além dos generos acima encontra-se na mesma casa um completo sortimento de seccos e molhados nacionaes e estrangeiros que se vendem por preços baratos.

Travessa da Sé n. 15 20—2

Em frente ao becco das Minas

O Estandarte Auri-verde

Cantos sobre a

questão Anglo-Brazileira

POR

Luiz Nicoláo Fagundes Varella

A' venda nesta typographia a 1$ rs. o exemplar.

Varejo e serviços (*Correio Paulistano*, 1866-1875)



DILIGENCIA
PROGRESSO PAULISTA

Sahirá de S. Paulo nos dias 4, 9, 14, 19, 24 e 29 deste mez. Os bilhetes podem ser procurados na rua Direita n. 36, fabrica de chapéos.

As bagagens devem ser entregues um dia antes da partida.

O annunciante tambem tem uma bella e commoda caleça que dá optimo commodo a 4 pessoas, e que igualmente viaja entre esta capital e a cidade de Santos.



RUA DIREITA N. 38 — RUA DIREITA N. 38

PIANOS

CONCERTOS E AFINAÇÕES

Frederico Schich, recentemente chegado de Paris, e successor do sr. Leopoldo Knedler, offerece os seus serviços ao respeitavel publico, concertando e afinando pianos com toda a perfeição.

Não o encontrando póde deixar recado na

Rua Direita n. 36, Fabrica de Chapéos. 8—1

Varejo e serviços (*Correio Paulistano*, 1866-1875)

ANNUNCIOS



CORREIO PAULISTANO

GARRAUX DE LAILHACAR E COMPANHIA

LARGO DA SÉ

GRANDE SORTIMENTO

DE PERFUMARIAS FINAS

CHEGADAS PELO ULTIMO PAQUETE

CHEGOU UM NOVO SORTIMENTO

Das muito procuradas

PECHINCHAS

COMPOSTA DOS OBJECTOS SEGUINTES

Por 6:000 réis

NÃO HA NADA MAIS BARATO

300 ENFEITES DE CABEÇA

PARA AS FESTAS DO NATAL

DE ANNO BOM E DE REIS

NOVIDADE E ACTUALIDADE

CHEGOU UM NOVO SORTIMENTO DA CASA

Garraux de Lailhacar e companhia

DAS MUITO AFAMADAS

CAIXAS de PAPELARIA

E NÃO HA NADA MAIS BARATO

QUE

Uma Caixa de Papelaria

CONTENDO

os objectos seguintes

PELO MODICO PREÇO DE

6$000

FAZENDAS CHEGADAS ESTE MEZ

na casa Garraux de Lailhacar e companhia

Almanak de Lembranças

LUSO BRASILEIRO

PARA O ANNO DE 1866

COM 432 ARTIGOS E 97 GRAVURAS

POR A. M. DE CASTILHO

PAPEIS PINTADOS para forrar casa. Grande sortimento ultimamente chegado na casa de

GARRAUX DE LAILHACAR E COMPANHIA

Preços, 600, 700, 800, 900 e 1$000 rs. de uma peça para cima

Varejo e serviços (*Correio Paulistano*, 1862-1875)

entende a preocupação de alguns paulistanos com a industrialização, a alfabetização, a imprensa e a ferrovia, índices que mediam o "progresso".

Sob o ponto de vista cultural, além da alfabetização, o número de publicações - livros, jornais e revistas - o desenvolvimento das artes visuais, do teatro, da ópera e da música, indicavam a prosperidade do país e do grupo social dominante: "a burguesia". A ópera tornou-se "a catedral da burguesia".[52] Como bem disse Hobsbawm, "três inovações" do "grande século" (1875-1914) continuam dominando a cultura da vida cotidiana, nos dias de hoje:

> "a indústria publicitária em sua versão moderna, os modernos jornais e revistas de circulação de massa e (diretamente ou através da televisão) a fotografia em movimento ou filme".[53]

A importância de se manter bem informado, já era uma preocupação dos letrados brasileiros: a *Casa Garraux*, sob o título "Jornais estrangeiros", informava que "mediante módica comissão", poderia "mandar vir qualquer jornal do estrangeiro". E anuncia a venda do *A estação*, "jornal de modas, em português, a 14$00 ao ano". A mesma *Casa Garraux*, um ano depois, avisa que, após 29 anos de existência, vai passar por uma reforma: aumenta seu capital em mais de quinhentos contos e iniciará um novo serviço:

> "uma seção tipográfica desenvolvida para impressão por conta própria e alheia, de obras científicas e literárias; estabelece em Paris um agente seu para a compra de todos os artigos relativos ao seu ramo de comércio". (D.P., 17.9.1890,p.3).

No mesmo ano, a *Livraria Moderna*, à rua São Bento, 56-B, promoveu uma "liquidação" com abatimentos de 10, 20, 30, 40 e 50 por cento, em livros de Direito,Medicina, Artes, Literatura francesa, portuguesa e brasileira, romances, retratos de celebridades., etc.. (D.P., 10.2.1890). Poucas vendas ou falta de planejamento da livraria, que adqüiriu uma quantidade acima da capacidade de absorção do mercado?

---

[52] Hobsbawm que se utiliza várias vezes da palavra burguês, inclusive para definir um dos capítulos de seu livro , *A era do Capital* -1848-1875 (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979), capítulo que ele denominou de O mundo burguês, define nessa mesma obra, o que ele chema de burguês: (...) "Economicamente, a quintessência do burguês era um 'capitalista' (isto é, o possuidor do capital, ou aquele que recebia renda derivada de tal fonte, ou um empresário em busca de lucro, ou todas estas coisas juntas. E de fato o "burguês característico ou o membro da classe média de nosso período incluia poucas pessoas que não entrassem numa destas categorias." (...) Uma das principais características da burguesia como classe era que consistia num corpo de pessoas com poder e influência, independente do poder e influência derivados de nascimento ou *status*. Para pertencer a ela um homem tinha que ser 'alguém'; uma pessoa que contasse como indivíduo, por causa da sua riqueza, capacidade de comandar outros homens, ou de influenciá-los de alguma forma." (p.252 e 254).

[53] *A era dos Impérios (1875-1914).* Rio de Janeiro: Paz e Terra,1988, p.22

unesp

Em 11 de janeiro de 1890, em Um pouco de tudo, *Diário Popular*, noticiava-se a implantação de uma fábrica de papel e o redator, agindo como publicista preocupado com a cidadania, alertava para a necessidade de se aprender com os japoneses a fabricar papel; urgia-se

> "tomar certas providências a fim de aproveitar a experiência dos japoneses - que fabricam o melhor papel - com fibras de plantas conhecidas no Japão pelos nomes indígenas de MITSUMATA - GAMPI e KODSU. A entrecascas desses vegetais é formada de filamentos muito longos e muito flexíveis que constituem a resistência extraordinária do papel japonês". (p.1).[54]

Novidades no comércio

> "Trovoada. Noticiário. Na tarde de 27 do corrente caiu sobre a cidade uma forte trovoada, acompanhada de grande chuva de pedra tocada do Oeste, que durou meia hora, reaparecendo o sol e tornando a tarde limpa. A pedra foi tão abundante que em casa de algumas famílias, ajuntaram-nas e fizeram riquíssimos sorvetes". (C.P., 7.11.1862,p.3)

Em relação às últimas décadas do século, as críticas de Álvares de Azevedo ao comercio varejista da cidade, durante o período em que nela residiu, como estudante, (1844-1851), parecem remotas. Álvares, queixando-se da escassez de produtos nas lojas paulistanas, faz à mãe as mais diversas encomendas, como *pelerine* - "creio que assim se chamam esses casacões de senhora que se enfiam sobre o vestido" - livros que viu anunciados nos jornais do Rio de Janeiro, "três ou quatro músicas das mais modernas e mais em moda", para alguém dar de presente, "seda frouxa de cores sortidas", luvas - "porque as que aqui há são de muito ruim pelica - ou antes couro - e quando se recebe fica-se em dúvida se são para os pés ou se para as mãos" - e uma casaca. Algumas encomendas são para terceiros, o que demonstra que as pessoas usavam da boa vontade de amigos e parentes para fazer suas encomendas.[55]

Vinte, quinze anos depois, mesmo antes do funcionamento da estrada de ferro, os mais diversos artigos para vestimenta, alimentação, decoração,adorno pessoal, brinquedos e produtos para lazer são anunciados nas páginas do *Correio Paulistano* e do *Diário Popular*. O que é um indício, juntamente com os produtos que são relacionados nos

---

[54] O Coronel Antônio Proost Rodovalho, que foi um dos pioneiros na instalação de luz elétrica montou uma fábrica de papel. RAFFARD, Henrique. Ob. cit., p. 24

[55] Ob., cit., p. 78, 106, 107, 190.

anúncios de inúmeros leilões, de que as elites paulistanas haviam penetrado no "mundo burguês".[56] Como escreveu Hobsbawm a respeito dos membros da "burguesia triunfante":

> "haviam eles vivido até então, bastante bem, rodeados de uma profusão de objetos sólidos e enfeitados, envolvidos em grande quantidade de tecidos, podendo permitir-se tudo que consideravam apropriado a pessoas de sua posição social e inapropriado aos seus inferiores, consumindo alimentos e bebidas em quantidades substanciais, provavelmente excessivas. Comida e bebida, pelo menos em alguns países, eram excelentes: *cuisine bourgeoise*, na França, era termo astronomicamente elogioso".[57]

A partir da década de 1870, o varejo já se apresenta diversificado e com uma sofisticada oferta de comestíveisa e de bebidas: Empadas de palmito e camarões, "todos os domingos e sextas-feiras", e *brioché* "todos os domingos" na confeitaria e padaria do Leão, que, em 1871, anuncia também manteiga de Minas, romãs e abacaxis "superiores"; vinhos paulistas, ovas de taínhas, taínhas cruas e fritas de Santos, peixe seco, ostras em latas, camarões; sorvetes, depois das três horas da tarde, na Sereia Paulistana; "vinhos finos de todas as qualidades", cognac, cerveja, vermouth, licores, peixes em lata, frutas em compota, chocolate, leite condensado, presuntos, petit-pois na George Harvey & Silva; queijos, doces e frutas frescas.

O Armazém de *Silva Braga & Cia.*,, rua Direita, 34, oferecia:

> "Uvas moscatéis e dedo de dama, esplêndidas. Cajus, melões, peras,mangas, bananas, abacaxis, manteiga fresca de Petrópolis e Barbacena, geléia de mocotó, de galinha, doce de figos em calda (aos kilos e em latas)". (C. P., 9 e 12.1.87).

Americano & Cia., vendia banha refinada, "procedente do Rio Grande do Sul" e informava que os seus preços eram sempre os mais baratos. (D. P., 18.12.1889); Silva Braga & Cia., vendia "queijos frescos de Minas - Massa especial" (D.P., 6.11.1889); na Confeitaria Stadt Coblenz havia chegado:

> "um lindíssimo sortimento de doces em figuras próprias para as festas e também bombons, *Fondants Pralinés,* amêndoas finas, *Brause, Limonade*, Bombons (novidade). (D.P., 23.12.1889).

---

[56] O fato apontado, geralmente, como a razão para os leilões é a mudança de domicílio: para outro país, quando se trata de estrangeiros que voltam para a terra de origem, para outra cidade e até de um bairro para outro. Uma das colaboradoras na pesquisa, Célia Maria Borges Felicíssimo, chamou minha atenção para a estranheza de tantos leilões, motivados por mudanças, principalmente quando as mudanças eram dentro da cidade, aparecendo na relação de bens a leiloar objetos pessoais, de arte, etc.. Como a mobilidade da riqueza é grande no período, famílias poderosas perdiam tudo, como aconteceu com os descendentes das famílias Elias Pacheco Chaves (que será objeto de outro trabalho meu), Sousa Queiroz, Tibiriçá, Paes de Barros, etc. pode ser que tais leilões tivessem sido também motivados por necessidades financeiras, de sobrevivência. Um aspecto que pretendo verificar no meu próximo trabalho, a respeito das famílias de elites.

[57] HOBSBAWM, Eric J. Quem é quem ou as incertezas da burguesia. In: *A era dos Impérios* (cit.), p.234

unesp

O *Café Java* oferecia iguarias próprias para as festas do Natal e sua "especialidade" eram o vinho verde e vinhos italianos (idem); A *Casa Garraux* também vendia "doces finíssimos para o Natal" (idem); na Travessa do Seminário, número 12, os paulistanos encontravam "castanhas italianas de primeira qualidade a 400 réis o kilo" (idem); o *Armazém de Molhados,* além das castanhas a 500 réis o kilo, vendia bacalhau do Porto, pescada de Lisboa, polvo e vinho verde (idem); a *Cremerie Suisse* vendia castanhas italianas (D.P.,24.12.1889); A *C. Schorcht Júnior* anunciava a cerveja *Antártica*:

> "a melhor e mais saborosa cerveja, preferível à estrangeira. Vende-se uma dúzia, sem as garrafas a 5&000. Recebem-se pedidos para o interior no Depósito Normal". (D.P., 28.12.1889).

A Antártica Paulista, temerosa de que não pudesse atender a clientela, nos dias de Carnaval, solicitava que:

> "as pessoas que desejarem ter gelo e cerveja gelada para os dias de Carnaval, avisem com antecedência para providenciarmos em tempo". (a) Eduardo Guimarães Filho. (D.P., 10.2.1890).

O *Café Java* vendia sorvetes de forma, sorvetes especiais, refrescos gelados, cerveja gelada e aceitava encomendas para festas de casamento e batizados; no Noticiário, o redator agradecia o sr. Domingos dos Reis, "proprietário do magnífico estabelecimento *Café do Chá,* à rua Direita, n. 55", por tê-lo obsequiado

> "com um kilo de café torrado, produto de seu estabelecimento. É escusado asseverar que é excelente e cuidadosamente torrado e moído". (D.P., 15.2.1890).

E à rua do Seminário, 23, vendia-se o "Pão Especial de Veneza:

> "aprovado pela Junta de Higiene em 1873 e premiado com diploma de mérito na Exposição Científica de 1884, no Rio de Janeiro. Este belo pão é inteiramente diferente do pão comum; sua massa é alva, esponjosa e de um gosto saboro-

síssimo, e é fabricado da melhor farinha do trigo, importada. Vende-se na rua do Seminário, aonde também se recebem encomendas, e pelas ruas em tabuleiros". (D.P.,29.1.1890).

A Padaria Portuguesa anunciava como "novidade" o "pão especial *Kuchen,* dito gemada a *Rio Grandense,* às terças, quintas e sábados". (D.P., 31.1.1891); O Empório Inglês vendia:

> "queijo de Minas, leite condensado e manteiga fresca".
> (D.P.,18.7.1892).

unesp

Salmão, lagostas, bacalhau, enguias, bacon frescos, que "haviam chegado no frigorífico do vapor Madalena", estavam à disposição de uma degustação mais refinada (D.P.,21.7.1892).

A firma *Moretz-Sohn* & Cia., à rua do Comércio, anunciava:

> "biscoitos ingleses; erva-mate; frutas cristalizadas; puding à l'olive; ameixas; passas de Málaga; cajus, mangas, morangos e uvas em calda; foie de canard; perdrix trufées; chá verde e preto; ovas de taínha; petits-pois ingleses e franceses; cham-

pgnons especiais, em vidro; saumons à la tomate; farinha de ervilhas; féculas de diferentes espécies; figos turcos em lata; camarões do Cabo-Frio; biscoitos franceses". (C.P.10.7.1896)

Restaurantes, casas de chá e hotéis eram um convite para os paulistanos das camadas altas e médias saírem de casa, mudando os seus hábitos, como afirmou Américo de Campos. Em 15 de fevereiro de 1890, publicava-se no Noticiário do *Diário Popular* que o *Café do Chá, à* Rua Direita, 55 fora inaugurado e dispunha de:

> "um depósito de bebidas, à direita da entrada e frutas, boas salas, moínho de café, mesas ao ar livre e ao fundo, uma bonita gruta. No ato da abertura tocou a banda do corpo policial permanente, havendo grande concorrência".

O *Restaurant Girondino*, situado no Largo da Sé, n.1, de propriedade de Freire & Orsat, anunciava o seu cardápio:

> "aos seus bons fregueses e amigos *Menu a propos* para as Festas de Natal - Rabanadas à Portuguesa, Formigas à Portuguesa, Polvo com arroz à Portuguesa, Polvo ensopado à Portuguesa e mais variedade de petiscos. Bom VINHO VERDE e de outras qualidades". (D.P., 24.12.1889).

O Café e Restaurante Java informava às famílias que elas poderiam freqüentá-lo com tranqüilidade, pois havia "gabinetes" próprios para recebê-las. (D.P., 21.7.1892);[58] *O Café Restaurant* situado na "Chácara da Floresta, Ponte Grande, oferecia um "GRANDE RECREIO" no

> " sítio mais fresco e agradável da cidade com preços módicos e bom tratamento. Comidas a todas as horas e sob encomenda. Peixe fresco todos os dias.

Cozinha francesa. Vinhos de primeira marca. Os proprietários: *D*J. Dalton & Cia. (D.P., 23.12.1889)

O *Café Americano* anunciava os seus preços como forma de atrair fregueses:

---

[58] Na minha infância, em Campos Gerais, em alguns feriados e nos aniversários, íamos à Sorveteria situada à praça, esquina com a rua Nossa Senhora do Carmo, tomar sorvete e ficávamos em um dos "reservados" que havia "para as famílias", como constava do letreiro escrito na parede.

unesp

> "Um almoço - café com leite: 800 réis; Idem chocolate: 1000 réis; Idem com chá: 800 réis; Idem com leite simples: 600 réis; café pequeno 200 réis; café maior: 300 réis (D.P., 18.7.1892, p.3).

O *Hotel du Louvre* (antigo Maragliano), à rua São Bento, 54, "através de seu gerente Pierre Lauburger, participava ao público:

> " desde 1º de março funciona este estabelecimento dirigido por chefe de cozinha francês, sem rival nesta capital. Acomodações para famílias e passageiros.Pensão mensal 50$000".(D.P., 28.12.1889,p.3)

A adesão à cozinha francesa representava "civilização", riqueza e nobreza. A importância que se dava a esse símbolo de "consumo conspícuo"[59] é comprovada pela publicação de um *menu,* todo em francês, de um jantar oferecido pelo "Comendador Azevedo", em Lorena, ao presidente da Província João Alfredo Correia de Oliveira:

*"Menu du diner offert a S. Excia., Mr. Le conseille*r

João Alfredo Correia de Oliveira:

Potages

Crême d'argo aux poins d'asperges *Vins*

Printanier à la D'Orleans

Madère

Hors d'oeuvre *Xérès*

Timbales aux huitres

Deesse de volaille aux truffes

Relevés

Poisson à la Chambord *?*

Filet de boeuf à la moderne

Entrées

Cotelettes d'agneau aux champignons *Vins*

Bordeaux e

Bourgogne.

---

[59] Expressão usada por Muriel Nazzari em seu artigo: Dotes paulistas: composição e Transformações (1600-1870). *Rev.Bras. de Hist.* São Paulo: v.9, n} 17, pp.87-100, set.88/fev.89.

Couisson de poularde à la Villerey

Salmis de gibier à la Périgord

Galantine de pintade en belle-vue

Salade russe

Coup du milieu

Lunch à la romaine *Rhum*

Poits à l'Imperial

Dindon truffé à l'imperiale

Champagne

Jambom d'York

Entremets

Asperges à la Hollandaise - Charlotte Russe

Porte

Macédoines de fruits au marasquin - Fromage glacé

Dessert assorti

Constance

O redator, além de transcrever o *menu*, para enfatizar mais o poder econômico e o prestígio social do anfitrião, descreve a luxuosa casa da família Azevedo, o salão, a sala de jantar, os jardins, a prataria, os cristais, "a criadagem" (não fala de escravos) e o cemitério com "túmulos grandiosos", e após, a festa: os criados com trajes de cerimônia, serviram perfeitamente; durante "o 1° serviço, o professor Tedesse tocou lindas áreas na harpa" e, além desse músico, duas bandas alternaram-se durante o jantar, que durou três horas e meia; "guardou-se a etiqueta nos mínimos detalhes". Depois do prolongado jantar, houve um sarau dançante.

A notícia enaltecedora do brilho da festa termina com a citação da frase de João Alfredo, síntese capsular dos valores que orientavam as elites brasileiras:

unesp

> "Contemplo aqui o fausto romano aliado à delicadeza francesa". (C.P., 29.12.1885).

O fato de se tratar de uma homenagem a um conservador influiu no realçe que se deu ao evento, pois naquele ano o jornal já era de propriedade de Antônio da Silva Prado, figura de destaque do partido (Capítulo 2).

De 1860 a 1880,[60] algumas lojas já mostravam um nivel maior de especialização e vendiam apenas roupas, como *Au Prophéte*, que anuncia o recebimento de um estoque de "roupas feitas" para adultos e crianças; a casa de Madame Corbisier, que, desde 1865, anuncia camisas, gravatas, ceroulas, luvas, sapatos, enfeites de flores e produtos para lazer como jogo de xadrez, acordeões, brinquedos e fumo; a *Casa do Sol*, vendendo fazendas, armarinhos e roupa feita, por preços "resumidos"; A casa de Pedro Bourgarde anuncia, sob o título França & Brasil, que recebera "um grande sortimento de roupa feita" e com o orgulho de um experiente profissional francês, o proprietário acrescentava dispor de "sortimento de tecidos" e que se fazia "qualquer vestuário pelo gosto moderno, elegância e perfeição, concernente à arte do alfaiate".

A ênfase na "modernidade" da mercadoria é frisada pela negociante Rosalie Naret que inicia o seu anúncio informando:

> "NOVIDADE, CHEGADA EM DIREITURA DE PARIS: coques, cachepeigne para teatro, chapéus, coletes, paletós, vestidos e toucas para batisados; fitas, flores, fumo, leques, punhais, fivelas, camisas para homens" (...)

Madame Fretin dirige o seu anúncio aos acadêmicos, pois vende artigos escolares como "livros em branco", réguas, pastas, lápis, canetas, lápis tinta, etc.

Um produto que começa a ser anunciado, desde 1871, é o sabonete, "a 2$000 réis a dúzia, na *Casa de Schaar*. (24.5.1871); *Ferreira dos Santos, Paiva & Cia.*, informavam ser

> "os únicos representantes dos afamados sabonetes da fábrica Meireles (Pelotas), assim como de outras marcas que estão sendo mais procuradas do que as estrangeiras. (C.P.,31.12.1885)

---

[60] Os anúncios do período de 1860 a 1870, que não apresentam indicação da fonte é porque estão na minha dissertação de Mestrado, *Negociantes na cidade São Paulo* (1875-1880), na qual poderão ser encontradas mais informações a respeito da publicidade no período; ver também: BORGES, Urquiza Maria. Atividades mercantis na cidade de São Paulo. *Digesto Econômico*. São Paulo, 299:119-42,dez.1982.

unesp

Em 1871, o anúncio de um "grande leilão de Hilário Luiz da Silvrira Breves" demonstra que o paulistano dispõe de mais possibilidades de escolha e que a vontade de consumir das elites podia ser satisfeita, em parte, na sua cidade.

Na relação de produtos a serem leiloados, havia lampiões para querosene; lustres para querosene; castiçais, cobertores, leite condensado, doces em calda de Lisboa, peixes em latas sortidos de Lisboa, geléias, caximbos, ponteiras, colarinhos, peitos e punhos de papel, sapatinhas, camisas de flanela e algodão e de morim, cestas de vime, globos para lampiões, charutos, máquinas de costura, jogos, conhaque, vinhos, cerveja, vinagre, sal refinado, rum, especiarias, champanhe, azeite doce, genebra, perfumarias, relógios, brinquedos, lanternas, bacias, bengalas, chicotes e "trens de cozinha". (15.3.1871, p.3).

Em 31 de dezembro de 1890, na seção Noticiário, *Diário Popular*, era anunciada a venda do "famoso restaurante "*Serêa Paulista*", que saia

> "da administração cuidadosamente pessoal do Sr. José Fischer - a quem todos elogiavam - e vai ser comandada agora por uma companhia".

O redator lamentava o fato da casa - "chamada Mansão dos Justos" - não mais contar com "sua alma que era o simpático e pachorrento Fischer". A nota faz pensar que a *Serea,* que oferecia também banhos, deveria ser o local de encontro dos letrados e boêmios da cidade, os denominados "Justos", no texto, que haviam estabelecido com o proprietário uma relação amigável.

Aumenta o número de anunciantes especializados em peças de vestuário, a partir de 1880:

Au Palais Royal oferece um variado estoque de artigos para noivas e "vestidos para senhoras e meninas, muita variedade, e tudo barato". (D.P.,10.11.1886); *Au Fhenix,* anuncia que recebeu um estoque de roupa branca (C.P., 30.12.1885). *Au Bom Diable* são "fornecedores do Seminário Episcopal e principais colégios da província" e anuncia que a loja abriu. "à moda Europa um Rayon especial de roupas para crianças, além disto enxovais para escolares, costumes finos e ordinários" (C.P.,31.12.1885); *A bota Meliés* recebera:

> "SORTIMENTO de calçados dos melhores fabricados no estrangeiro e também o calçado SANTIAGO, incontestavelmente o melhor e mais elegante calçado nacional. Acha-se na mesma casa o negócio de alfaiate, facilitando aos fregueses com esta combinação de calçado e roupa". (C.P.,30.1.1887, p.4)

unesp

A Primavera, Largo da Sé, n.3, era "um elegante estabelecimento" recém inaugurado, que vendia fazendas, armarinhos, modas e tinha oficina de costura, bordados e "roupa branca". Sua especialidade eram "os artigos pretos, sedas e enxovais para casamento". E oferecia "mimosos brindes e lindas lembranças". Telefone: 386. (a) *Cândido & Cia.* Frederico Alcanforado passar "a tomar conta da oficina de chapéus para senhoras e meninas", da casa *A la Ville de Paris* e lembra aos fregueses que continua recebendo, "diretamente de Paris, duas vezes por mês, as últimas novidades". (C.P.,31.12.1885).

Pela carta do "dono" da *Chapelaria Alberto,* publicada na Seção Livre, (*Diário Popular,* 31.12.1889,p.2), constata-se que já estava acontecendo um conflito entre os fabricantes nacionais de chapéus e os importadores, sinal do crescimento do setor. Esse "dono" responde, através do jornal, "a reclamação" da indústria nacional de chapéus, que se sentia prejudicada em suas vendas pela concorrência da importação de chapéus londrinos e pedem um aumento nos impostos sobre os chapéus importados. O proprietário da *Chapelaria Alberto*, que já pagava 2$500 de imposto "por cada chapéu", julgava o imposto já bastante alto, motivo pelo qual vendia a sua mercadoria mais cara; acrescentava que, se mesmo mais cara, a freguesia tinha preferência pela sua mercadoria, é porque esta era "de melhor qualidade". Lembra aos fregueses que suas oficinas "confeccionam chapéus de senhoras com modelagem francesa".

Os anúncios de lojas especializadas em produtos "de luxo" aumentam, a partir da década de 1880; *Silva Braga e Cia.*, anuncia-se como "loja de vidros e papéis pintados"; (C.P.,31.12.,1885); *Pedro P. Betencourt & Cia.,* vende objetos de "electro-plate, próprios para presentes e artigos franceses, à fantasia, chegados pelo último vapor, brinquedos e bonecas de biscuit". (idem); Na loja *MASCOTTE,* "a 4$000 cada, lindas bonecas nacionais artisticamente feitas pelo Major Sabino, rua da Liberdade, 94". (C.P., 7.7.87,p.3); O proprietário da *A la pendule suisse,* Maurice Grumbach participava ter recebido da Europa:

> "um lindo sortimento de jóias, relógios e despertadores. N.B.: encarrega-se de qualquer encomenda, mediante módica comissão."D.P., 27.12.1889,p.4)

Maurice informava quatro endereços: em Paris, Nova Iorque, Alemanha e Suiça, um atestado insofismável da internacionalização do comércio.

unesp

O aumento do número de anunciantes, a oferta de brindes, as liquidações, a ênfase na origem francesa das mercadorias e sua "modernidade", o apelo natalino, são sinais de a competição entre os lojistas e, consequentemente, do crescimento do comércio.

Produtos os mais diferentes, provenientes das novas invenções tecnológicas, começam a aparecer a partir da década de 1870, apontando para o aumento do conforto doméstico, embelezamento das moradas das elites, de acordo com o gosto do "mundo burguês", e para a racionalização do trabalho tradicionalmente feminino. Exemplos:

> "Retretes ou Latrinas, a novo sistema que se transportam com a maior facilidade para qualquer parte, sem causar o mínimo incômodo, conservando-se sempre limpas. É um progresso notável que deverá existir em todas as casas onde existe o verdadeiro asseio. Rua São Bento, 57. ((C.P., 4.1.1874).

Miguel Paulicastro se estabelece com uma *Marcenaria a vapor*, e se diz habilitado para fazer:

> "mobílias completas do melhor gosto; entalhes e esculturas. (C.P., 3.1.1874).

Sofás, poltronas, pufs, bancos de piano, colchões, travesseiros, cortinas, cortinados bordados, filó, crochê, tule e musselina podiam ser encontrados na *Loja do estufador e tapeceiro G. Brandt*, rua do Imperador, número 5. (C.P., 8.1.1887).

Sant"Anna & Cia. faz uso de "uma chamada" - em letra maiúscula e de forma - para informar que vende produtos para "Gás, água, esgotos e eletricidade" e, em seguida, especifica os seus produtos:

> "Latrinas de todos os sistemas, mictórios, lavatórios, banheiras, pias de ferro para cozinha, (...) Bombas, depósitos de ferro, canos de chumbo, de ferro e de barro. Torneiras, registros e todos os artigos para eletricidade. Lustres de cristal, lampiões, arandelas, pendentes e mais artigos para gás. Encarregam-se de colocação de encanamentos de barro para esgotos de latrinas. Encanamentos para gás e água, e bem assim colocam latrinas de todos os sistemas, nesta capital e no interior do Estado de São Paulo. BRA PERFEITA E GARANTIDA. PREÇOS SEM RIVAL". (D.P., 20.12.1889)

Uma latrina *Patente (Jennings)* era anunciada:

> "PERFEITA E COMPLETA", com bacia, encanamento dàgua e banco envernizado. Ver e tratar à rua da Assembléia, n.26. (D. P., 30.5.1891,p. 3).

Em 1887, o anúncio de aluguel de uma casa destacava, entre as características da mesma, o fato dela possuir:

> "todas as comodidades necessárias, gás, água fria e quente, bom fogão econômico". (C.P., 12.1.1887).

unesp

Apesar da oferta de artigos para encanamento de água e do anúncio de aluguel de uma residência frisar a existência de água quente, as casas paulistanas, em sua maioria, não tinham banheiras, fato que ainda perdurava, no início do século XX, como se verá. O que resultava em oportunidade para a instalação de casas de banhos como *O Terraço Paulista* e a *Serea Paulista*. O primeiro, quando inaugurou, anuncia:

> "banhos quentes, frios e de chuvas, a toda hora e a um mil réis com direito a um cálice de licor. (D.P., 25.6.1888, p.2).

E a *Serea Paulista*, a mais antiga casa de banhos da Paulicéia, restabeleceu "o serviço de banhos", informava o proprietário José Fischer. (D.P., 23.12.1889).

Em 1892 os paulistanos compravam à Rua do Rosário, 10, filtros "sistema Pasteur" para serem colocados em talhas e para colocação direta em encanamentos. (D.P., 18.7.1892, p.3).

A *Casa Garraux* vai se especializando também na venda de produtos de ornamentação (bronzes, porcelanas, quadros, biscuits, etc.), "doces finíssimos" e brinquedos, que ela oferece "à distinta freguesia, por preços ao alcance de todos", para o NATAL-ANO BOM- e REIS". (D.P., 23.12.1889)

Na mesma data, eram vendidas:

> "Campainhas elétricas para portas, janelas, armários, e cofres para prevenir incêndios e ladrões. Coloca-se pára-ráios e telefones".

Ganz & Cia. - Budapest (Hungria) - encarregava-se da distribuição de eletricid ade à grande distância. Foram nomeados

> "MARQUES, Moutte & Cia., seus representantes em todo o Império do Brasil para o emprego de seus aparelhos elétricos, concedendo-lhes direito exclusivo de exploração, venda de máquinas, transformadores e outros aparelhos elétricos, bem como do seu sistema de distribuição de eletricidade. (C.P.,23.8.1887).

Em 15 de setembro houve "lançamento de um aparelho de iluminação elétrica"(Ibidem).[61]

"Outras inovações: o negócio de móveis e roupas usadas (D.P., 14.11.1886) no *Bazar do Povo,* à rua do Imperador, que pagava os melhores preços:

> "compra e vende de tudo - paga bem e vende barato, sempre a dinheiro. (*Diário Popular*, 6.11.1889,p.3).

---

[61] William Thomson aperfeiçou "múltiplos aparelhos elétricos". In: SCHNERB, Robert. O século XIX. O apogeu da Civilização Européia. In: CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações.* 2ª ed. São Paulo: Difel, 1961, tomo VI, p.113

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18

Também em *Ao Financeiro,* podia-se comprar, vender e alugar móveis, colchões, louças, livros. A loja era de propriedade do Sr. Joaquim Rebello & Cia., situava-se à rua de São José, 95, e tinha telefone: nº 330. (D.P.,6.11.1889,p.3).

Mesmo os trabalhos de agulha, ocupação das mulheres de todas as camadas sociais, já eram comercializados, conforme anunciava P. de Mendonça:

> "colchas de crochê, chales, lenços de seda, *peignois* para senhoras, perfumaria, bijuteria, escovas para fatos e dentes e camisas. (D.P.,14.11.1886)[62]

.A Casa Bittencourt & Cia. oferecia:

> "NOVIDADE - Ventilador americano que pode adaptar-se à cadeira de balanço"(C.P., 31.12.1885, p.4)

As máquinas de escrever *Cosmopolit* eram vendidas à rua São Bento, 38. (D.P.,21.7.1892,p.3). Não vi anúncios, anteriormente, de máquinas de escrever, que provavelmente, já deviam ser comercializadas antes. A primeira máquina de escrever é de 1867, tendo sido inventada por dois americanos.[63]

Os inúmeros leilões que aparecem no *Correio Paulistano* e *Diário Popular*, da década de 1870 até o final do século, são também um claro indicativo da sofisticação do modo de vida paulistano. Sob o título de "leilão esplêndido", Hilário Breves, "autorizado pelo exmo. sr. conselheiro Duarte de Azevedo, que com sua exma família retira-se para a corte (temporariamente), anunciava:

> "magníficos móveis de vinhático, mogno e jacarandá, faia, cristais porcelanas, pratas de Lei, piano de armário, riquíssimas dunquerques com tampa de mármore e portas de espelho, peles de onça, tapetes aveludados, finíssimos quadros a óleo, camas francesas de vinhático, cadeiras austríacas - serviço completo (de porcelana) para jantar, chá, café, vinhos tintos do Porto e muitos outros objetos de gosto e próprios de pessoas finas". (C.P., 27.12.1875).

Em 1887, autorizado "pelo estimável cavalheiro - o Ilmo. Sr. João M. Rudge" - haveria um "suntuoso leilão"; os objetos e móveis apareciam no anúncio divididos por compartimentos: salão de visitas: grande e sólida mobília de *pallissandre,* obra *Legére,* modelo antigo com 22 peças e espelhos, jarras, tulipeiras, porcelana de *Sévres,* tapetes, escarradeiras, gravuras, e "um soberbo piano forte, grande formato do afamado autor H.Hers. modelo 7 Bis"; gabinete: "elegante mobília francesa, imitação de bambu, 17 peças, respaldos bordados", escrivaninhas, estantes, quadros, espelho, vasos, tapetes, escarradeiras, despertador, etc.; dormitório principal: mobília de vinhático, "suntuoso

---

[62] O muito citado Raffard informa sobre a existência de uma fábrica de bordados do Sr. Fernando de Albuquerque, que, provavelmente, empregava só mulheres. Ob. cit.,p. 25

[63] SCHNERB, Robert. Ob. cit., 154

unesp

leito à Rístori, com enxergão, banca de luz à Luiz XV guarnecida de mármore, guarda-vestidos de desarmar, rico toilette com tampo de mármore, elegante guarda-casacas com florões emoldurados" e outros; sala de costura e recreio: mobília austríaca com 11 peças e aparadores com guarnição de mármore, cadeiras, *balançoirs* e *chaises longues*, secretária de tuya e bois-rose incrustada, com estantes e gavetas para senhora, "superior máquina de costura, com caixa", stores americanos, quadros, mapas, vasos, jarras, cestas de papéis, enfeites, bibelots.; no salão térreo:movo bilhar francês, com jogos de bolas, taqueiras, mesas de intervalo, cadeiras avulsas, cabides transparentes e outros; sala de jantar, mais cinco dormitórios, copa e cozinha. (D.P.,1.4.1887, p.3).

Facilitando a vida das mulheres

Em 23 de janeiro de 1866, aparece o anúncio de um

"Novo depósito de fogões econômicos".

Em 23 de julho de 1876, à p. 3 do *Correio Paulistano,* sob o título "Fogões Econômicos", anunciava-se que acabara de chegar

"UM NOVO SORTIMENTO DE FOGÕES DE SALA E DE COZINHA".

Desde então, o fogão econômico, mais estético e higiênico do que os longos fogões de rabo e que deve ter se tornado o sonho de muitas paulistanas, é presença constante nas páginas de anúncios. O complemento necessário para tais fogões, a lenha rachada em pequenas toras, começa a ser vendida, cortada "por máquina" e "em todas as dimensões", na rua do Gazômetro. (C. P., 21.1.1887). Em 18 de julho de 1892 (*Diário Popular),* outra firma vendendo "lenha rachada", pelo telefone 680.

Os fogões econômicos, sem dúvida nenhuma, representaram mudança na higiene da cozinha e no trabalho de cozinhar, predominantemente feminino, realizado pelas escravas, criadas ou donas de casa menos afortunadas. Sua presença no jornal, me leva a pensar o quão pouco se sabe da vida cotidiana de nossas antepassadas, do trabalho doméstico, um trabalho que "não aparece", dizia minha mãe. Não resisto à tentação de relacionar os anúncios dos fogões econômicos e da lenha apropriada para eles e já comercializada em 1887, na Cidade de São Paulo, com os fogões à lenha, de longos rabos, das casas onde passei minha infância e meninice, na décaqda de 1940 e início dos anos cinqüenta. Por que não havia fogões econômicos no interior de Minas? Dificuldade de transporte? Por causa da guerra?

unesp

Máquinas de costura, de mão, são anunciadas em 1874:

> "Taylor: de 60$000 a 90$000 réis, conforme o luxo da caixa; Princesa Imperial de 35$000 a 60$000. (4.1.1874).

A máquina Singer, aparece portentosa, às vezes, ocupando uma página e vendida "à prestação, a um mil réis por semana", na rua da Imperatriz 34-B". (*Diário Popular, 14.*11.1886). E a loja *Au Fhenix* chama a atenção da clientela para a marca das "Máquinas Singer", afirmando que o "único depósito é na sucursal da companhia". (C.P.,30.12.1885).

Em seis de novembro de 1888, no *Diário Popular*, destacava-se a inauguração da

> "Empresa de Lavagem de Casas, à rua da Imperatriz, nº 2. Serviço avulso ou por assinatura. À disposição das exmas. famílias, um pessoal altamente especializado. Fazemos lavagens, limpeza de chaminés, jardins, hortas, poços e tanques".

Esse serviço deve ter tido boa acolhida, porque em 28 de maio de 1891 (*Diário Popular)*, aparece o projeto de outra *Empresa de asseio e lavagem de casas:*

> "Com este título vamos ter nesta Capital uma companhia cujos fins são: lavagem -vidros, portas e janelas; reempapelamento de paredes, pintura e asseio geral numa casa. E, finalmente, fazer tudo quanto necessário para asseiar uma casa particular ou de negócio. AGUARDEM!".

A comercialização e a fabricação de sabão e sabonete foi outro benefício para as mulheres. Basta lembrar a "trabalheira" da mãe de Maria Paes de Barros e de suas escravas, na execução de sabão e velas. O Sr. Oscar Lassen montou, na Rua S. Domingos, na Bela Vista, uma Fábrica de sabão e sabonetes:

> "Fomos mimados com algumas amostradas e os achamos tão bons quanto os que por aí são vendidos. É mais uma indústria paulista, que convém animar. (*Diário Popular,* 22.12.1890, p.2).

O sabão de soda, ou preto, era feito pelas mulheres de menor poder aquisitivo, na longínqua Campos Gerais.

As Lavanderias e tinturarias a vapor, surgem, a partir de 1880: A *Tinturaria do Progresso*, à rua do Seminário n.15, garantia:

unesp

> "trabalho com toda perfeição em tingimento e lavagem, com abatimento nos preços. Também compra e vende roupas usadas. O proprietário: *Guglielmo Alfonso & Cia.*. (D.P., 4.3.1889, p. 3).

A *Lavanderia Paulista*, de propriedade da *Cia. Ypiranga de Tranways & Construções* "oferecia as suas novas instalações:

> "O serviço de separação e a lavagem de roupas recebidas das casas de família é feito exclusivamente por senhoras. Retiramos e entregamos a domicílio. Preços conforme tabela à disposição dos fregueses. Pagamento na entrega da roupa lavada e pronta". (D.P.,28.5.1891, p.3).

Frisar que a roupa era separada e lavada "por senhoras" equivalia a dizer que esse trabalho, tradicionalmente feminino, seria feito com cuidado e baseado em experiência.

O "progresso" expandia-se para o interior: o *Diário Popular* informa em seu Noticiário que o barão de Rezende, de Piracicaba, encomendara dos EUA

> "os maquinismos de uma lavanderia, igual à que está sendo mentada na Capital, e que será estabelecido em Piracicaba. Os mecanismos serão movidos por água". (12.11.1889, p.2).

Raffard fala da existência de uma lavanderia, na Alameda Barão de Limeira, fundada pelo engenheiro Nabor Jordão, "coadjuvado pelo capitalista Dr. Elias Antônio Pacheco Chaves.[64]

O café moído, vendido no *Café Java,* e no *Café do Chá,* como se viu, era outra inovação para facilitar o trabalho doméstico.

Serviços de mudanças e transporte de pianos, assim como de lavagem de casas e limpeza de chaminés e carretos estavam em um único endereço, à rua Líbero Badaró, 106. (D..P., 21.7.1892, p. 3).

A *Fábrica da Conceição* informava que além de possuir "lavanderia e tinturaria a vapor", podendo preparar "luto pesado" em três horas, seja qual for o tecido" e tingir em 60 cores "inalteráveis" - especialidade em veludos para qualquer cor - preparava peles de animais e aves, que podiam ser embalsamadas, "com toda a perfeição". (D.P.,2.4.1887,p.3).

Um anúncio intitulado Indústria Americana, deixando o leitor na dúvida se tal expressão referia-se à origem dos produtos ou se era o título de uma casa comercial, anunciava:

---

[64] Ob. cit., p. 81-2. O autor faz um histórico das lavanderias, desde o primeiro sistema, manual.

unesp

> "NOVIDADE para a estação calmosa. Geleiras com depósito especial para água e divisões com prateleiras para a conservação em gelo, de comestíveis, bebidas, frutas etc.. Recebemos também novo sortimento de sorveteiras americanas tão aperfeiçoadas que em dez minutos produzem o melhor sorvete. Rua São Bento, 36". (C.P., 29.1..1887, p.4).[65]

Um artigo ensinando como conservar os legumes é publicado em 1896: o autor manda colocar os legumes do mesmo tamanho em caixas de Flandres, enchê-las "com água em quantidade suficiente para preencher os espaços vazios e banhar os legumes"; pôr sal. Soldar as caixas e submergi-las em uma caldeira cheia de água que se mantém em ebulição durante duas horas; deixar esfriar e pôr em estantes; depois colocar os legumes em grande vasilhas de barro, derreter manteiga em quantidade suficiente e derramá-la fervendo sobre os legumes, até cobri-los completamente:

> "Deve-se cuidar, cada vez que se retire para o consumo de cobrir o restante com manteiga derretida". (23.9.1896, p.1).

> *A fórmula parece à quem vive no final do século XX, tão trabalhosa, que me pergunto se houve quem tivesse seguido as instruções do articulista. Provavelmente, a população da cidade preferiu continuar comprando legumes frescos, que eram consumidos no mesmo dia..*

No *Diário Popular,* anunciava-se "A melhor máquina de fazer botões":

> " faz três tipos de botões. Preço 80$000 réis, com 40 grosas de botões. Preço para São Paulo e para o interior, despesas às custas do comprador. Agência Gallo de Ouro.(23.4. 1888,p.3).

No Largo do Palácio, *Lourenço Rossomanho & Cia.* estabelecem-se com uma "grande tinturaria", a vapor, lavagem química, trabalho de conserto, "tudo a preços módicos e bem feito" e venda e compra de roupa usada". (D.P., 13.3.1890, p. 3).[66]

---

[65] A conservação dos alimentos pode ser feita a partir da produção do "frio artificial por meio do éter metílico e do cloreto de cálcio". Em 1876 o navio *Frigorifique* fez a primeira viagem entre a Europa e a América do Sul. SCHNERB, Robert. Ob. cit., t.VI, p.150

[66] Robert Schnerb ressalta "o imenso domínio que a química se atribuíra no decorrer do século XIX". A eletricidade, nos primeiros tempos, era produzida a partir do carvão, do qual se retiravam também óleos utilizados no aquecimento, óleos pesados, benzol, fenóis; no XIX já se fabricavam descolorantes, soda, cloro;graças à química orgânica, novos tecidos foram produzidos; a eletroquímica e a eletrometalurgia, através do forno elétrico produziram o tungstênio, o níquel, o cromo e criou-se novas ligas, que foram exploradas "em grande escala pela indústria", a partir dos anos 1880-1900. Mesmo a eletricidade, nos primeiros tempos, era produzida a partir do carvão, do qual se retiravam também óleos utilizados no aquecimento, óleos pesados, benzol, fenóis; no XIX, já se fabricavam descolorantes, soda, cloro; O limiar do século XX. In: CROUZET, Maurice. Ob. cit., t. 14, p.175-8;

unesp

SORVETEIRAS AMERICANAS, que faziam sorvete em 10 minutos, eram vendidas "a preços ressumidos", na casa de *Pedro Paulo Bittencourt & Cia..*, à rua S. Bento, 36. (D.P.,23.12.1889,p.3).

Outros produtos que influíram na vida das mulheres: a fabricação, a vapor, de massas branca e amarela (D.P., 7.11.1888) e as mamadeiras especiais, com termômetro e tendo marcada nelas "a quantidade de água a misturar-se com o leite". (Idem.)

E os fósforos de segurança, anunciados no *Correio Paulistano*, em 7 de outubro de 1887 (p.2) representaram um tremendo avanço em relação à antiga forma de obter fogo, pelo atrito, como escreveu Robert Schnerb:

> "antes do isqueiro fosfórico, o palito de fósforo representa o mais belo êxito na conquista do fogo: combinando os efeitos do enxofre e do fósforo com a madeira, proposto na Áustria por Romer e por Preshel, é melhorado por Lundstroem, de Joenkoeping. Destarte, o século XVIII, que recorria sempre ao atrito de um sílex com um metal para acender a isca, parece, comparativamente, próximo das eras primitivas".[67]

Henrique Raffard informa a existência de uma fábrica de fósforos:

> "Na Vila Mariana progride a fábrica de fósforos, imitando os Jönköpings da Suécia, com real vantagem para os seus afortunados proprietários, os Senhores Eisenbach & C., que ainda não têm concorrentes no país".[68]

Procurando inovar

Em alguns anúncios, o formalismo cede o lugar à tentativa de inovar, o que já é indício de competição, esta proveniente do crescimento do comércio varejista, que impulsionava os proprietários a buscar formas que julgavam atraentes e capazes de "pegar" a freguesia, numa tática próxima da publicidade contemporânea:

> "À Maçã de Ouro, Rapaziada de bom gosto!
>
> É VERDADE, É VERDADE, que chegou à rua do Imperador nº 3 o mais suculento e saboroso polvo seco de Lisboa que se vende a 900$ o quilo. Continua-se a vender gêneros de molhado por preços baratíssimos." (C.P., 6.8.11.1874).

> Salão Oliveira: Quem é????????????
>
> Que tem grande sortimento de cabelos finíssimos e de todas as cores e tranças a 15$000 o par? É no Salão Oliveira, à rua Direita nº 42. É o único que vende mais barato". (C.P., 20.25.11.1874).

---

[67] "O apogeu da civilização européia' (1815-1914) (citada), p. 151
[68] Ob. cit. p.25

unesp

"ACHA-SE ENTRE NÓS,

> E está hospedado à rua São Bento, nº 66A, um primoroso sortimento de fustões brancos de cores, vindos diretamente de Paris, os quais serão vendidos da seguinte forma: de cor (a Pompadour) a 640; amarelo muito largo a 800; branco de cordão a 500; branco lavrado a 700". (C.P., 29.12.1880).

Os proprietários da *Loja Violeta* utilizam-se da propaganda da *Loteria do Ypiranga* para anunciar "baixa nas suas mercadorias, acreditando os mesmos fazerem um grande bem, pondo muitas lindas *Pellegas* em circulação" e possibilitando maior lucro ao povo, que em vez de sair da "*Tesouraria do Ypiranga* com uma magra tira de papel, sairá da *Loja Violeta* com bons pacotes de fazendas". Não gastem suas economias comprando um sonho, mas concretos e úteis tecidos.

A propaganda do *Tônico Oriental*, um texto longo em relação aos demais anúncios, dirigida à mulher, pretende persuadi-la através do apelo à vaidade e da referência enfática à ameaça da velhice. Recorre-se à metáfora "folhas no outono", para lembrar os estragos causados pelo envelhecer, processo que faz com que o "sexo feminino" perca todos os atrativos perante o sexo oposto:

> (...) se sua fronte se acha desguarnecida e despojada, a glória da mulher se esvai como as folhas no outono e todos os seus outros atrativos perdem o seu encanto."

O *Tônico Oriental* já havia sido testado na América do Sul e já era usado no México e em Cuba, por se tratar de um produto especial para "os climas cálidos". (C.P.,23.1.1875).

A *Água de Flórida de Murray* fazia com que "as senhoras" se movessem "numa atmosfera radiante de frescura e fragrância de verão". Servia também para lavar os dentes, conservando-os limpos; por ocasião de um baile ou de uma visita, acomselhava-se que a senhora pingasse umas gotas no lenço e, com toda certeza, a fragrância atrairia "mais atenção do que o raro bordado de que o mesmo é composto". O tônico era milagroso", pois, além de perfumar, aliviava "as dores de cabeça" e fazia

> "desaparecer, como por encanto, toda a opressão do espírito, restituindo ao mesmo tempo uma doce e refrigerante suavidade, aliviando as idéias, dando ao espírito uma brilhante elasticidade, e à mente novo alívio e vigor".

Finalmente, aconselhava-se ao comprador que se certificasse da existência "sob cada envoltório, até mesmo lavrado no próprio vidro das garrafas" dos nomes de *Murray e Lanman.* (C.P., 19.3.1875,p.3).

unesp

O óleo para "alumiar" *Luz Diamante*, era completamente seguro e se, por ventura, o candeeiro quebrasse, a chama apagaria, no ato. E informação importante: era de Nova Yorque. (C.P., 31.12.1885).

Em Notas do repórter, *Diário Popular,* dizia-se que "nada melhor assenta em um cidadão do que um bom costume, e se esse se obtém por módica quantia, o caso se torna ouro sobre o azul". O que podia ser resolvido, indo-se:

> "*À Bella Jardineira*, que VENDE POR UNS MAGRÍSSIMOS MIL RÉIS, o mais amplo dos costumes conhecidos, para adultos e crianças. De forma, que à vista de tão vantajosos preços não há hoje quem deixe de andar luxuosamente encadernado e pronto sempre para tomar parte em qualquer solenidade. Queiram, grandes e pequenos, ler atenciosamente o sedutor anúncio da *À Bella Jardineira* e entender-se com o Sr. Line, que os receberá com um amável sorriso sempre". (16.4.1887, p.2)

Fábrica a Vapor de Mendes & Miranda informava a freguesia:

> "o afamado *Café Piriquito*, tão consumido nesta capital, tem como garantia a análise feita pelo farmacêutico Sr. Macedo Soares, já publicada anteriormente. Os proprietários se comprometem a manter sempre a qualidade do produto." (D.P., 18.12.1888, p.3).

A *Estrela do Brasil,* Rua da Boa Vista, 63, loja de fazendas, modas e armarinhos, "rogava às exmas. famílias o obséquio de considerarem o presente anúncio como convite" e esclarecia o público a respeito de seu "variado sortimento" de roupas íntimas, enxovais completos para batizados e para o lar, gravatas, camisas, ceroulas e mais peçaspara homens" e objetos para presentes e de perfumaria. O anúncio termina com as seguintes frases:

> "On parle français. Se habla español. Si parla italiano. Man Sprich deutsch. Os proprietários: Fernandes Famm & Weissohn" (D.P., 7.11.1889,p.3).

Vitctor Nothamann & Cia diziam-se os únicos representantes da

> " água de beleza privilegiada por S.S.M.M.R.R. da Espanha e recomendada pela Academia de Medicina de Madrid. É de assombroso efeito para tirar toda sorte de panos, rugas, espinhas, sardas, verrugas, manchas, nódoas de varíola e toda sorte de afecções cutâneas." (D..P., 5.11.1889, p.3).

. Em 28 de dezembro de 1889, uma loja situada à antiga rua de São José, 89, fazia um acróstico com a palavra República para anunciar bebidas. (*Diário Popular).*

No *Correio Paulistano,* a *Casa Eclética,* rua S. João, 24, anunciava que recebera um carregamento de papel higiênico (grifo meu), por 1$500, cada pacote de mil folhas:

> "Quem sofrer de hemorróidas use desse precioso papel que tem dado provas inequívocas contra esse terrível mal; os que ainda o não tem devem munir-se desse precioso preservativo. O papel é fino, macio e agradável ao seu uso". (10.7.1896,p.3).

unesp

Na Seção Livre, uma pequena nota sob o título VITÓRIA! VITÓRIA! dizia:

> "Chapa vitoriosa! Foram eleitas as camisas de linho de 3$000 e em segundo lugar os costumes de 25$000 réis e em terceiro as gravatas de 1$000 réis. (a) F.G. Martins & Cia. (D.P., 18.9.1890).

O crescimento do varejo e o fato dos mesmos produtos serem vendidos por vários comerciantes, induzia-os à busca de fórmulas publicitárias mais elaboradas, utilizando o humor, fatos do momento e o recurso de exagerar as qualidades da mercadoria - o que hoje se chama de "propaganda enganosa". Recorria-se também à concorrência nos preços, publicados nos anúncios, às liquidações e à distribuição de brindes, comportamentos usuais na publicidade atual.

Apesar de ter aumentado o número de anunciantes entre 1860 e o final do século, a forma de anunciar em jornais, pelo número de negociantes que existiam, não se generalizou. Provavelmente, porque os negociantes e prestadores de outros tipos de serviço tinham outras formas de anunciar, como consta dos *Relatórios dos Prefeitos da Cidade*. Nesses *Relatórios*, através das *Tabelas Estatísticas do Imposto de Publicidade* estão relacionados os itens considerados como propaganda: anúncios aéres e instantâneos, por meio de projeções luminosas; anúncios ambulantes conduzidos por pessoas; anúncios em bondes; anúncios em teatros, casas de espetáculos, salões, cafés, botequins; anúncios em pano, papel, parede e em metal com dizeres "Grande Liquidação, "Liquidação Total" ou outros dizeres similares; anúncios ou reclames em carroças; chapéus de sol, com saliência, excedendo de 0,40; letreiros, placas ou tabuletas em paredes, postes, figuras ou emblemas em globos de lampião a gás ou a eletricidade; letreiros em postes; letreiros atravessando a rua.[69]

Divertindo-se...

> **"Havia um teatro de humilíssima aparência, que o vulgo chamava casa da ópera, situada ao lado sul do largo do Palácio, no lugar em que está um dos belos edifícios públicos modernamente ali construídos. De vez em quando alguns curiosos representavam entremezes, como o de Esganarelo, do Juiz de Paz da roça, do Manoel Mendes Enxúndia, e outras farsas chocareiras, até que depois da Faculdade os estudantes instalaram nessa mesma casa o Teatro Acadêmico. Desde então, durante muitos anos, alguns estudantes, excelentes atores, (...) ali proporcionavam grátis, a um público escolhido, excelentes diversões, representando os dramalhões mais em voga naquele tempo, farsas e pantomimas". (Francisco de Assis Vieira Bueno. *Recordações evocadas de memória)*[70]**

---

[69] BORGES, Urquiza Maria. Relatórios dos Prefeitos da Cidade de São Paulo (cit.).

[70] Sobre a produção dramatúrgica dos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo e seu papel como impulsionadores do teatro, ver: BORGES, Urquiza Maria. *A mulher em cena* (2ª metade do século XIX). São Paulo, (Doutorado). Escol de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1986.

unesp

A partir da década de 1860, existe um teatro profissional na cidade, acompanhado pelos folhetinistas (Capítulo 7), que funcionavam como informantes culturais e "críticos" pedagógicos da atividade teatral. Atores e atrizes eram objeto de comentários elogiosos, negativos e até de longos artigos. Como o teatro era a principal atividade de lazer, as peças nacionais e estrangeiras, o desempenho dos artistas, os espaços teatrais[71] eram objeto de considerações por parte dos folhetinistas, redatores e leitores, que encetaram, nos meados do século, algumas polêmicas a respeito da função ou disfunção do teatro. (Capítulo 7).

Os cronistas (Capítulo 6) procuravam aliciar o público, ora através de uma persuasão cordial, ora utilizando-se de um tom severo. Alfredo Cramer, depois de ter ido a um espetáculo em benefício da atriz Minelvina, ao qual "não foi quase ninguém, talvez por causa do frio", pergunta:

> "Por que é que desampara o povo o teatro? Dentre os divertimentos a que acode o povo é o que mais robustece". (C.P.,24.6.1866). (O autor refere-se à função moralizadora ou educadora do teatro, tema do Capítulo 7).

Carlos Ferreira, outro folhetinista, dizia que "em matéria de diversões" o público não podia reclamar, pois naquele momento estavam sendo levados na Capital diversos espetáculos teatrais e um eqüestre. (C.P., 14.junho.1874,p.l).

Em um artigo mais longo, a redação do *Correio Paulistano* procurava animar a companhia que ocupava naquele momento o teatro do Batuíra[72] e que se ressentia da "falta de concorrência":

> "A falta de concorrência que nestas três ou quatro récitas tem havido no teatro, não é razão para a empresa e nem os artistas desanimarem"... Já não é pouco conseguir-se os aplausos espontâneos e muitas vezes, entusiásticos d'um público ilustrado, qual o que freqüenta o teatro de São Paulo. Já não é pouco o favor da poderosa voz da Imprensa, que por vezes manifestou, bradando bem alto, o seu descontentamento contra o mau andamento dos espetáculos, e que hoje, de acordo com o público, anima os artistas, confessando boa vontade, diligência e boa execução de seus trabalhos". (C.P., 14.10.1862, p.3).

---

[71] A respeito do teatro na cidade de São Paulo, ver: AMARAL. Antônio Barreto do. *História dos velhos teatros de São Paulo.* São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1979; esse autor relata, de forma detalhada, a história dos teatros como:Casa da Ópera, Teatro Harmonia, o do Batuíra, Teatro São José, Teatro Provisório, Politeama, Teatro Colombo, Municipal e Apolo; e também acerca das Companhias, atores e espetáculos exibidos durante o século XIX e início do XX.

[72] Barreto Amaral esclarece que Batuíra era um português, muito estimado pelos estudantes e que depois de fechado o teatro tornou-se um abolicionista ativo, ao lado de Luís Gama. Ob., cit., p. 59-60.

unesp

O autor, no seu afã consolador, tecia considerações a respeito das crises que, ocasionalmente, atingiam "todos os teatros"; para ilustrar, cita a última crise por que passava o *Ginásio,*

> "definhando-se à mingua de espectadores, apesar de seus esforços e quase no mesmo caso o *Atheneo* - e outros teatros em pior estado!"

A chegada dos famosos atores Manoel Antônio Pinheiro e a senhora D. Júlia Pinheiro, "artistas muito aplaudidos na Bahia e Santos", permitiria à empresa "lançar mão de dramas mais importantes, "que por falta de número no pessoal da companhia não têm ido à cena". A melhoria na qualidade dos dramas e no desempenho dos atores faria com que o "público acabasse por vir".

Após a encenação da peça *O suplício de uma mulher*, em Paris (no Capítulo 7, escrevo a respeito da polêmica que essa peça provocou), Ferreira de Menezes (Capítulo 6) diz, no seu comentário sobre a mesma, que o "público viu, aplaudiu e delirou pela composição", por ter notado que se tratava de "uma coisa nova:

> " não no fundo e na idéia, mas pelo menos, no modo e na forma; como sabemos que ele é dispensador de glórias (e de detratação, às vezes), chamou o autor a sua presença; ninguém se apresentou: Dumas dizia que não era seu o drama; Girardin que não era aquele o que ele havia escrito" (...) (20.4.1866,p.2).

Em 1862, reclamava-se contra a demora na construção do Teatro São José, "que deveria ter sido feito depois de outras obras mais necessárias, como estradas, calçadas para caminhar e água para beber. Informa que a Província, que deveria ter entrado com 108:219$500 do orçamento já entrara, até aquele momento, com 166:219$473(C.P.,14.12.1862).

Depois de seu funcionamento continuam as críticas dos acionistas ao São José. Um missivista qualifica a empresa que arrendou o teatro de absolutista e de abusar "da bondade do público que acorre para ver espetáculos mais próprios de uma aldeia". Para definir o desempenho da mesma, utiliza-se de uma expressão "vinagrismo", ou seja, os músicos estavam sempre em desacordo com a cena. Reclama ainda que o espetáculo anunciado para o domingo (23.07.1865), não houve:

> "A empresa não se importa com o sacrifício do povo, que lá foi patinhando na lama, famílias se incomodaram e o teatro fechado". (C.P.,26.7.1865,p.2).

Em 10 de junho de 1866, na seção A pedido, um acionista mostra-se revoltado com a Companhia Dramática que "pouco apreço tem pelos acionistas", que não tiveram um único espetáculo, quando o contrato só os obrigava a pagar os espetáculos "em benefício particular". Em 20 de julho do mesmo ano, com a demissão do ator Joaquim

unesp

Augusto Ribeiro de Souza, pedia-se o final da subvenção governamental. Em 1874, na Seção Particular do Correio Paulistano, ele é considerado por um leitor como "um pardieiro de mau gosto". Este opina contra a reabertura do teatro. (C.P.,1.1.1874,p.3).

A atriz mais elogiada durante a década de 1860 foi Maria Velluti, casada com o ator Joaquim Augusto Ribeiro de Souza. Velluti, que atuou também nos palcos do Rio de Janeiro, aparece como tradutora de várias peças. Ferreira de Menezes, analisando a peça *Maurício Renaud*, considerou os desempenhos de Maria Velluti e de Joaquim Augusto como "soberbos":

> "Velutti sabe ser mãe: deu um grito ao lhe roubarem o filho, um desses gritos que fazem mal, porque acordam na alma as recordações mais dolorosas". (C.P.,4.3.1866).

Espectadores manifestam-se acerca de Velutti: a atriz é "simpática, graciosa, majestosa, boa atriz e boa declamadora", diz um deles. (C.P.,17.9.1865).

Quando representou o papel-título da peça *Mãe*, de José de Alencar, a atriz foi comparada à Marie Duval, comentada atriz francesa da época. Na seção Variedade, o redator relata o que dissera a atriz francesa, quando, em uma de suas apresentações, fez chorar o próprio neto: "Estou louca de alegria. Fiz chorar uma criança. Represento magnificamente o meu papel". Parodiando Duval, o autor da nota afirma:

> "Velluti fez chorar uma criança imensa...fez chorar o povo que foi ver *Mãe;* (24.10.1862)

Mantendo o tom enaltecedor, o redator diz que "todo mundo pergunta:

> "já viu Velluti nesse drama? Ouviram Maria Velluti? Velluti não dá lágrimas ao público; chora com o público".

No Folhetim de 2 de setembro de 1862, a sua função de "mestra" da cena era ressaltada:

> "a senhora D. Velluti, a quem sobra boa vontade e inteligência e a quem está confiada a direção intelectual do teatro tem sido incansável em dar boas lições aos seus discípulos e o seu trabalho não tem sido frustrado; aqueles que prestaram atenção ao progresso, embora lento que vai transparecendo em todos os artistas, facilmente reconhecerá que uma forte dedicação e um esforço de estímulo os tem levado a procurar agradar e satisfazer o público".

Carlos Ferreira (capítulos 6 e 7) "derrama" elogios à Velluti:

> "...É a estrela que brilha sempre, é o fogo que vivifica, é a flor que não se deixa crestrar pelo sol do egoísmo, do interesse; em seu pensamento não há um só minuto consagrado à especulação". (C.P.,28.9.1862,p.3).

Machado de Assis, a respeito do desempenho de Velluti na peça *Os dois renegados*, escreve:

unesp

THEATRO DE S. JOSÉ

QUARTA-FEIRA 22 DE NOVEMBRO DE 18[illegible]

Lindo espectaculo em beneficio da joven

HORTENCIA

Subirá á scena o sempre applaudido e muito interessante drama brasileiro em 3 actos, intitulado:

A HISTORIA D'UMA MOÇA RICA

Toma parte toda a Companhia

Seguir-se-ha a importante scena comica, composta expressamente para a beneficiada e por ella executada, na qual imitará diversos artistas deste theatro, intitulada:

A AURORA DE ARTISTA

Escripta por um academico

Terminará o espectaculo com a sempre bem aceita comedia, mesclada de musica, denominada:

OS OVOS DE OURO

Principia ás horas do costume

A tenra planta, vigorosa cresce
Se a reverdece o matutino orvalho:
Assim a infancia o máo porvir affronta.
Se apoio encontra no infantil trabalho.

Escuta oh povo do torrão paulista
Da nova artista as expressões tão calmas:
Ella te implora que lhe não recuzes
Do apoio as luzes, do trabalho as palmas.

Lazer (*Correio Paulistano*, 1861-1875)

Theatro Provisorio

19.ª representação

da companhia-Lyrico Dramatico de Zarzuela

Domingo 25 de Abril de 1875

Beneficio do tenor da Companhia

D. Henrique Asensio

O Beneficiado, seguro das bellezas que encerra a Zarzuella que abaixo annuncia para seu beneficio, e confiado que este illustrado publico paulistano a acolherá, como uma das melhores obras que fazem parte do repertorio, destinou levar em scena pela segunda vez nesta capital, a interessante Zarzuela em 3 actos, denominada:

Jugar con fuego

Em que toma parte toda a companhia

O beneficiado espera que este distincto publico o coadjuve em seu beneficio, e agradando que seja esta obra, ficarão satisfeitos todos os seus bons desejos.

Principiará ás 8 horas.

A Sociedade pede desculpa ao illustrado publico paulistano, que tantas provas de bom acolhimento lhe tem prestado, em precipitar tão repetidos os seus beneficios, em consequencia de se achar o theatro tomado por um contracto d'outra companhia desde o dia 15 de Maio em diante, e em cuja data esta companhia se vê forçada a abandonar o theatro provisorio, onde tem exhibido os seus trabalhos.

THEATRO DE S. JOSÉ

DOMINGO 5 DE AGOSTO DE 1866

SEXTA E ULTIMA

GRANDE REPRESENTAÇÃO

DO

CELEBRE PRESTIDIGITADOR

HERMANN

DIVIDIDO EM TRES PARTES

PROGRAMMA

PRIMEIRA PARTE.

1—O jogo de Collin Maillard.
2—A gaiola de Renard.
3—O ovo ching ching.
4—O lenço viajante.
5—O egypcio avarento.

SEGUNDA PARTE.

1—O lenço de seda indiano.
2—O café Marabout.
3—O correio.
4—O rosario de minha avó.
5—O chapéo do diabo.

TERCEIRA PARTE.

1—A pesca milagrosa.
2—Os objectos volantes.
3—O coelho chinez.
4—O concerto monstro.

Da primeira á segunda e da segunda á terceira parte haverá um intervallo de 15 minutos que será preenchido por uma escolhida orchestra.

PREÇOS DOS LUGARES

Camarotes de 1.ª e 2.ª Ordem—10$000 rs. Camarotes de 3.ª Ordem—6$000 rs.

Todos os Camarotes tem seis entradas.

Cadeira de 1.ª Classe—2$000 rs. De 2.ª Classe—1$000 rs.

Galerias—500 rs.

As pessoas que quizerem mais entradas de Camarotes que o numero estabelecido, custa cada uma 500 réis.

OBSERVAÇÃO

O espectaculo começará ás 8 horas em ponto.
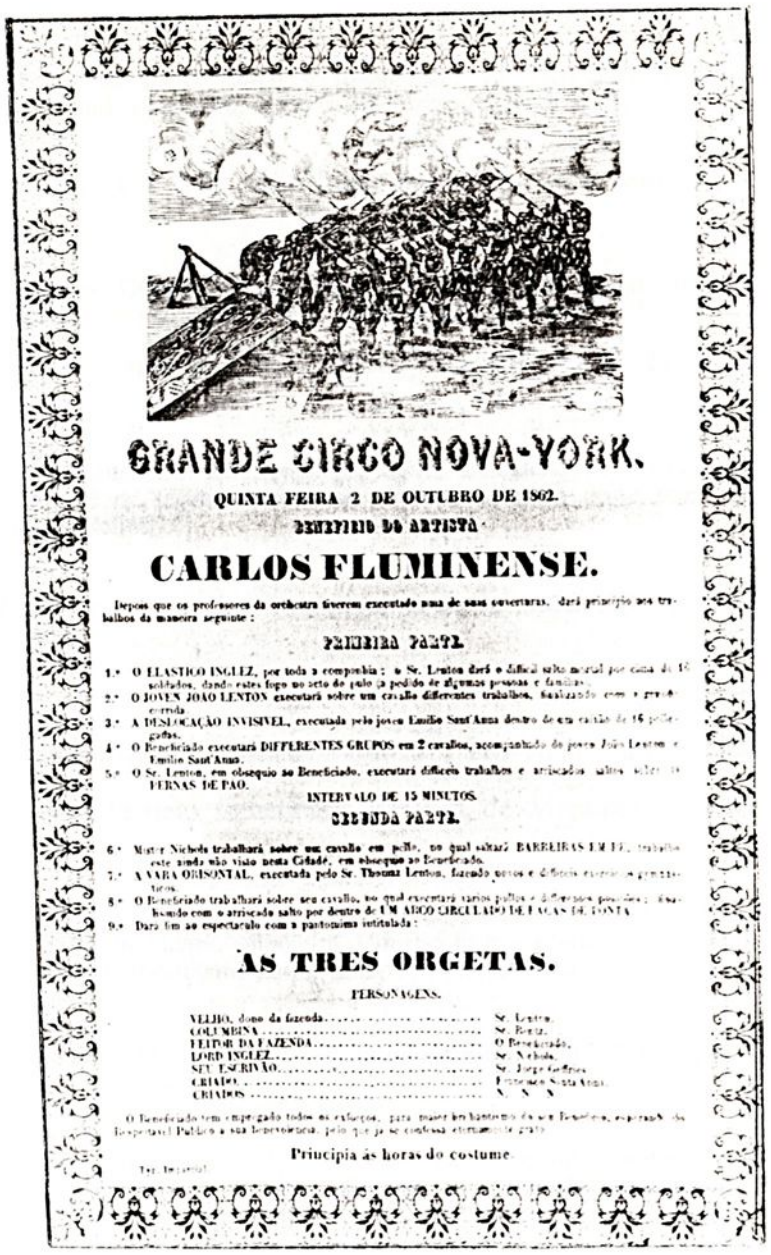
Os bilhetes estão á venda de 11 horas até ás 4 horas da tarde, no Hotel da Europa; á noute no Theatro.

Correio Paulistano, 6.8.1866.

Romances em portuguez.

MUITO BARATOS.

Jeronimo Paturot em procura d'uma posição social, 1 vol 2$500.
Roberto Valença, por A. A. Teixeira de Vasconcellos, 1 vol. 2$.
Fernanda, por A. Dumas, 2 vol. 2$500.
Os desposados, por W. Scott, 3 vol. 3$500.
Isabel de Baviera, reinado de Carlos VI, traduzido por L. de Mendonça, 3 vol. 3$500.
Amaury, por A. Dumas, 3 vol. 3$.
O Abbade, por W. Scott, 3 vol. 3$600.
Waverley ou ha 60 annos, por W. Scott, 4 vol. 4$500.
Acté, por A. Dumas, 2 vol. 2$500
O chale preto por A. Dumas, 1$.
Gabriel Lambert, por A. Dumas, 1$500.
A Galera do sr. de Vivienne, 500.
A Predicção por A. Dumas, 1$.
Impressões de Viagem, por A. Dumas 2 vol. 4$.
Joanna de Napoles, rainha de Jerusalem por A. Dumas, 2 vol. 2$500.
O Rei do Mundo historia do dinheiro e sua influcia, por E. Souvestre, 3 vol. 1$500.
As minhas memorias por A. Dumas, 4 vol. 8$.
O Patriarcha do Valle ou a linda Hespanhola, 2 vol. 4$.
De Paris a Cadiz por A. Dumas 3 vol. encad. em 1 vol. 4$.
De Cadiz, a Alger e Tunis, pelo mesmo, 4$.
Miss Mary ou a preceptora por E. Sue, 3 vol. 4$000
O medidor de Terrenos, por F. Cooper, 2 vol 3$000.
O Espião do Campo Neutro, por Cooper, 4 vol. com estampas, 4$.
O Pastor de Ashbourg, por A. Dumas, 4 vol. 6$.
Anna de Geiersteia, por W. Scott, 4 vol. 5$.
Os Corsario Vermelho, por Cooper, 3 vol com estampas, 4$.
O Caçadores de Cabelleiras, por Mayne Reid, 3 vol, 5$.
A mortandade do meio dia 2 vol. 3$.
A marqueza de Cambo, 1$600.
Martha, por Valrei, 3 vol. 3$.
A condessa de Salisbury ou a instituição da ordem da Liga, por A. Dumas, 2 vol. 1$500.
O Padre e Bailarina por M. Perrin, 2 vol. 3$.
Recordações da minha vida, por A. Dumas 2 vol 4$.
Consciencia, por A. Dumas, 3 vol 4$000.
A Velhice de Camões, com estampas, 2 vol. 5$.
Jogo e o espirito dos Perdas, por A. Dumas, 2 vol. com estampas, 3$.
O Corpo de Cesar, por A. Dumas, 3 volumes 5$.
Saltimbancos a meia moeda, por P. Feval, 1 vol 2$500
O Marquez de Sarcilla, por E. Sue, 3$.
Urbano Grandier, com estampas, por A. Dumas 2$.



GRANDE CIRCO NOVA-YORK.

QUINTA FEIRA 2 DE OUTUBRO DE 1862.

BENEFICIO DO ARTISTA

CARLOS FLUMINENSE.

Depois que os professores da orchestra tiverem executado uma de suas conversatas, dará principio aos trabalhos da maneira seguinte:

PRIMEIRA PARTE.

1.° O ELASTICO INGLEZ, por toda a companhia; o Sr. Lenton dará o difficil salto mortal por cima de 10 soldados, dando estes fogo no acto de pulo (a pedido de algumas pessoas e familias).

2.° O JOVEN JOÃO LENTON executará sobre um cavallo differentes trabalhos, finalizando com a gran[de] carreira.

3.° A DESLOCAÇÃO INVISIVEL, executada pelo joven Emilio Sant'Anna dentro de um cesto de 16 pollegadas.

4.° O Beneficiado executará DIFFERENTES GRUPOS em 2 cavallos, acompanhado do joven João Lenton e Emilio Sant'Anno.

5.° O Sr. Lenton, em obsequio ao Beneficiado, executará difficeis trabalhos e arriscados saltos sobre os FERNAS DE PAO.

INTERVALO DE 15 MINUTOS.

SEGUNDA PARTE.

6.° Mister Nichols trabalhará sobre um cavallo em pello, no qual saltará BARREIRAS EM FI[LA], trabalho este ainda não visto nesta Cidade, em obsequio ao Beneficiado.

7.° A VARA ORISONTAL, executada pelo Sr. Thomaz Lenton, fazendo passos e difficeis exercicios a pinnaculos.

8.° O Beneficiado trabalhará sobre seu cavallo, no qual executará varios pullos e differentes posições, finalizando com o arriscado salto por dentro de UM ARCO CIRCULADO DE FACAS DE PONTA.

9.° Para fim ao espectaculo com a pantomima intitulada:

AS TRES ORGETAS.

PERSONAGENS.

VELLHO, dono da fazenda	Sr. Lenton.
COLUMBINA	Sr. Bortiz.
FEITOR DA FAZENDA	O Beneficiado.
LORD INGLEZ	Sr. Nichols.
SEU ESCRIVÃO	Sr. Jorge Guelfos.
CRIADO	Francisco Sant'Anna.
CRIADOS	» » »

O Beneficiado tem empregado todos os esforços, para maior brilhantismo de seu Beneficio, esperando do respeitavel Publico a sua benevolencia, pelo que já se confessa eternamente grato.

Principia ás horas do costume.

Lazer (*Correio Paulistano*, 1862)

Café Paulistano.

Rua do Carmo n. 79.

Participa-se ao respeitavel publico desta cidade, que acha-se abert[o] este estabelecimento de recreio, sito na rua do Carmo n. 79.

Os amadores do jogo do bilhar ahi encontrarão n'um vasto e bem apropriado salão, tudo quanto preencher seus desejos, tendo á sua escolha não só cinco bellos bilhares de tabellas elasticas, e dos mais modernos, mas tambem uma salla apropriada, diversos jogos licitos, taes como, xadrez, dominó etc. etc.

Além do que fica annunciado, acharão os dilettanti na casa variedade de bebidas, com especialidade sorvetes que, com quanto não possão ser desde já fornecidos sel-o-hão do principio do mez proximo em diante.

Uma sala particular estará decentemente mobiliada para receber as familias apreciadoras do sorvete, e que quizerem honrar com suas presenças este estabelecimento de recreio.

Em gabinete especial encontrarão os amantes da leitura jornalistica varios jornaes da côrte e desta cidade. 2—3

S. Paulo 28 de Novembro de 1862.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18
unesp

> "A Senhora Velluti, no papel difícil e trabalhoso de Henriqueta, esteve verdadeiramente inspirada e mostrou, como tantas vezes, que possui o fogo sagrado da arte".[73]

Esse autor encantou-se com a atriz em "seu dificultoso papel, na linda comédia" *Mulheres terríveis*:

> "Anuncia-se também no Ginásio as *Mulheres terríveis*. É a Odisséia da Senhora Velluti, e se a leitora ainda não viu essa linda comédia, não deve faltar a ela".[74]

A respeito da tradução de *Os dois renegados* por Velluti, Machado faz a seguinte consideração:

> "A tradução é boa e só encontrei um *engage* que me fez mau efeito; mas são coisas que passam, e nem é de supor outra coisa tendo-se ocupado desse trabalho importante a Senhora Velluti".[75]

As comédias *Um francês na Espanha e Maricota ou os efeitos da educação, O marido no prego* foram traduzidas por Velutti.

Outra atriz a ocupar "a cena jornalística", naquele momento, era Júlia Carlota de Azevedo, elogiadíssima, principalmente pelo folhetinista Ferreira de Menezes, futuro marido da atriz:

> "Viva Deus! Eu gosto muito de ver a Senhora Júlia chorar em cena; mas também gosto muito de vê-la rindo, alegre, galhofeira. Um riso franco, cintilante, trino é o melhor remédio contra os aborrecimentos da alma". (C.P.,4.2.1866).

Quando interpretou *O anjo da meia noite*, Júlia foi homenegeada com uma poesia, de dezessete estrofes, assinada por Dídimo; eis a última estrofe:

> "E tu, exímia Artista - nos teus sonhos,/ A voz de Deus - o gênio iluminou-te... / Nos mistérios da Arte - fez-te um Anjo da Luz / e não da Meia Noite." (C.P.,18.set. 1865).

Os elogios rasgados aos atores acicata a minha curiosidade em, futuramente, descobrir como eles viveram e depois morreram. Passaram fome? Morreram na miséria?

Algumas pistas levam a pensar que suas vidas foram cheias de agruras; Carlos Ferreira, que assinava com o pseudônimo C, elogiou os "esforços dos atores" que faziam o teatro em São Paulo, muitas vezes em vão, porque o público só valorizava:

> "o que é estrangeiro, deixando morrer à míngua artistas que, se não são astros luminosos, podem ainda ser estrelas". (C.P.,ll.10.1862).

---

[73] ASSIS, Machado de. *Crítica Teatral*. Rio de Janeiro: Jackson, 1953, p.31
[74] Ob. cit., pp.30 e 96.
[75] Idem, p. 30

unesp

Depois, reclama da falta de "concorrência no último espetáculo", o que desanimava a empresa, "solícita em promover a perfeição do cenário e a naturalidade do vestuário".

As reclamações visando a falta de público e o pouco apreço que este dava às artes são constantes. Quando o *Recreio Dramático Paulistano*, fundado por empregados públicos, foi fechado, a redação do *Correio Paulistano* lamentou o fato, atribuindo-o, "em grande parte, ao pouco gosto que entre nós há por tudo que é arte". (1C.P.,9.11.1862, p.2).

No Folhetim de 11 de janeiro de 1874, o autor mostrava-se angustiado devido à situação em que morrera o ator João Eloy, considerado pelos cronistas de variedades, que faziam então a "crítica teatral", um dos melhores atores da cidade:

> "Sofreu e gemeu oito meses com os olhos postos na família e a mão estendida à munificência das almas nobres, já que os colegas o esqueceram. Tinha trinta e três anos e a sua vida foi a eterna história de todos os artistas dignos desse nome: o talento, a pobreza, a honra". (a) G.

A miséria rondava também literatos e suas famílias. Carlos Ferreira, dramaturgo, poeta e jornalista morreu quase na miséria; Júlio Ribeiro, autor de *A Carne*, antes de morrer, pediu aos amigos que cuidassem de sua família; estes fizeram uma lista de subscrição em benefício da mulher e filhos de Júlio Ribeiro. (D.P., 14.11.1890 e Crônica Fluminense, D.P.17.11.1890). Em 1888, aconteceram vários eventos na cidade, em benefício da viúva do escritor Joaquim Manoel de Macedo:

> "O Clube Familiar realiza no domingo, dia 29, um festival em benefício da infeliz viúva do notável romancista brasileiro, Dr. Joaquim Manoel de Macedo". (D.P., 26.4.1888).

A sociedade dramática União Familiar do Brás representou o drama *Tio João*,[76] no Teatrinho do Brás, em benefício "da viúva do finado romancista". Avisava-se que o espetáculo terminaria antes de "passar o último bonde". (D. P., 28.4.1888,p.2).

Em 7 de maio de 1888, o Noticiário do *Diário Popular* publicava a seguinte nota:

> 'A viúva de um literato'. Foi realizada uma récita em benefício da viúva Macedo pelo Clube União Famíliar, condoído do estado de penúria que essa ficou ao enviuvar. Por enquanto foram arrecadados e enviados ao *País* 200$000. Eis uma ação digna de louvores".[77]

---

[76] Os cronistas e os redatores de anúncios não tinham o hábito de citar os autores das peças e, de algumas, não consegui descobrir quem foram os autores.

[77] Joaquim Manoel de Macedo foi professor do Colégio Pedro II, preceptor dos netos de Pedro II e deputado pelo Partido Liberal (ala conservadora), várias vezes. Parece estranho que a sua viúva tenha ficado tão pobre. BOSI. Alfredo. *História Concisa da Literatura*. São Paulo: Cultrix, 92-97, p. 143

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

unesp

Outro indício de dificuldade para sobreviver no meio teatral é o número grande de "benefícios" que são anunciados no *Correio Paulistano:* Maria Velluti apresentou em seu benefício, o drama *Mãe*, de José de Alencar (15.8.1862,P.4); em 16 de novembro de 1862, anunciava-se o benefício para o Senhor Henrique José da Costa, "que tanto bem fez pelo teatro", como artista e como empresário"; em 23 de novembro do mesmo ano, era o benefício para a Senhora D. Ismênia, "que se acha desempregada e para quem pede-se a proteção do público"; em 12 de outubro, solicitava-se que as pessoas assistissem o espetáculo em benefício do Sr. José Luís da Silveira, "um pai de família que merece a proteção do público"; em 2l de novembro de 1865, outro anúncio:

> "Jovem Hortênsia - Em benefício daquela interessante menina, que desde algum tempo tem tomado parte em várias peças, com grande aplauso, sobe amanhã à cena, no Teatro de São José, um bem escolhido espetáculo".

Em 17 de setembro de 1865, outro benefício de D. Maria Velluti, que, provavelmente, seria muito concorrido,

> "atendendo a geral simpatia de que goza a distinta atriz e às impressões que nos deixa o seu trabalho dramático, quando ele permite à atriz revelar os seus verdadeiros talentos".

Júlia Azevedo, "artista cujo nome é a melhor recomendação para o público, há muito habituado a prestar-lhe ao elevadíssimo e modesto talento, a homenagem da vida", faz um espetáculo em seu benefício. (C.P., Noticiário. 31.5.1871)

Velluti interpretou "um pitoresco e gracioso papel", rendendo "os recursos artísticos de que dispõe", na peça *Os ovos de ouro*, em benefício de Madame Guillemet". (C.P., 8.6.1866, p.2).

Os profissionais da música estavam sujeitos também às mesmas dificuldades de sobrevivência, tendo que apresentar concertos em benefício próprio. Em 1862, devido ao fato do professor Giraudon anunciar um concerto, com a participação de Josefina Porfírio de Lima, filha do engenheiro José Porfírio de Lima, uma carta anônima, que depois se soube ter sido escrita pelo genro de José Porfírio, criticava a participação de "uma moça-família" em um concerto público, ainda mais "em benefício" de um professor estrangeiro[78].

---

[78] BORGES, Urquiza Maria. Josefina deve ou não tocar em público? *ARTEunesp,* São Paulo, V. 7,p. 173-185, 1991.

unesp

Em 11 de março de 1866, pedia-se a atenção do público para o "espetáculo-concerto em benefício do Sr. Alexandre Julliardi, tenor de Grande Ópera, discípulo de G. Giraudon".

Em *De Omnibus Rebus,* - além da pouca propensão dos paulistanos para as artes - atribuia-se às imposições do consumo e da moda, além do custo do espetáculo, a pouca freqüencia ao teatro:

> "O teatro lírico é caríssimo (...) Um camarote não custa apenas 50$000; há pequenas verbas de despesas obrigatórias que elevam a despesa de um camarote à uma soma que poucas famílias estão no caso de dispender... As luvas, as jóias, o vestido de seda e outros pequenos artigos da minuciosa toilette feminina são, conseqüentemente, e, tanto, ou mais do que o atraso artístico da população, a causa eficiente das "vazantes" de que se queixam os empresários e néo-críticos dos noticiários". (C.P., 1.8.1882).

O Teatro, especialmente o de Ópera, era o local onde as elites ocidentais iam exibir o seu poder; o não se apresentar à última moda, com adornos caros, era um signo de empobrecimento, este, um fato ultrajante, desqualificador perante "a sociedade".

Lucilla Chaves Prado, filha de Elias Pacheco Chaves e Anésia Prado e neta de D. Veridiana, se dava ao luxo, de "não repetir um só vestido e trocava dois por dia", em uma de suas temporadas em Guarujá, no princípio do século XX[79].

Os excessos da moda foram objeto de vários comentários chistosos dos cronistas; em 13 de julho de 1866, em Noticiário, *Correio Paulistano*, informava-se:

> "A peça *Famille Benoiton,* de Sardou, depois de cento e cinqüenta representações virou moda em Paris. Feita para ridicularizar os excessos da Moda, deu efeito contrário. A ridícula saia da heroína foi parar nas vitrines e vendeu-se em um dia, duzentas e oitenta pelo preço de 12$600."

O "penteado a Tito" mereceu do redator o seguinte comentário:

> "O cabelo postiço vai desaparecer, diz o correspondente do *País* (...) não demorará muito tempo e haverá a renúncia às cúias exóticas e serão restaurados os cabelos naturais e genuínos. A ciência demonstrou que as cuias causavam dores de cabeça e apressavam a calvície (...) E depois as mulheres notaram que o uso de cabelos postiços dava à cabeça certo cheiro de mofo que os homens não tomam por cheiro de santidade, sem contar os desenganos da última hora". (Noticiário Geral. C. P., 19.9.1876).

Viajar para o litoral ou para as cidades balneárias, em férias, já era um hábito das elites desde os meados do século, conforme depoimento de Maria Paes de Barros, cuja família ia passar temporadas em Santos. Em 1889, na seção Cartas de Caldas, relata-se uma festa que aconteceu quando foi inaugurado o Cassino de Poços de Caldas:

---

[79] RODRIGO OCTÁVIO, Laura Oliveira. *Elos de uma corrente.* Seguidos de novos elos. Rio de Janeiro: Civilização, 1994, p.149

unesp

> "O edifício estava maravilhosamente iluminado e decorado. As famílias eram buscadas de carro em suas casas. As moças, alegremente vestidas, animavam mais ainda a festa. No princípio da noite, o Senhor Anthero Manhães pronunciou palestra cujo tema foi: A BONDADE DA MULHER. No meio do sarau foi servida excelente ceia. (a) Titus".(D.P., 12.3.1889).

Titus informa ainda: que "aos presentes foi solicitada a fineza de deixarem os seus nomes inscritos num álbum preparado para este fim"; no domingo, os banhistas de Caldas ofereceram mais um baile "às senhoras e famílias do lugar"; Antero Manhães, ofereceu "um magnífico brilhante ao Sr. George Roy, proprietário do Cassino. Do Rio e de Campinas vieram visitantes".

Apesar das insistentes reclamações a respeito das poucas opções de lazer que eram oferecidas para os paulistanos, desde a década de 1860 recitais, circos, bilhares, casas de banho (as últimas freqüentadas, provavelmente, quase que só pelos cidadãos masculinos) bailes comuns ou carnavalescos no *Tyvoli Paulistano* e no *Hotel Quatro Nações*, saraus no *Concórdia* são anunciados na Imprensa.[80]

O *Grande Circo de Nova-York* oferecia as seguintes atrações: equilíbrio sobre escada; trabalhos sobre cavalos; equilíbrio sobre garrafas; deslocações extraordinárias; cena cômica de dois palhaços. (28.8.1862, p.4); em 30 de novembro de 1862, anúncio do Grande Restaurant de Paris, à rua São Bento, 84 e no dia 29 do mesmo mês, do Café Paulista, participando

> "ao respeitável público da cidade, que acha-se aberto este estabelecimento de recreio, sito à rua do Carmo n. 79. Pode-se jogar bilhar, pois contamos com cinco mesas de bilhar, xadrez, dominó, e uma sala, decentemente mobiliada para receber as famílias apreciadoras de sorvete e que quiserem honrar com sua presença este estabelecimento de recreio".

Em setembro de 1865, inaugurava-se a *Casa de Banhos - Sereia Paulistana* - e que constituia, segundo o redator da nota, "uma das mais palpitantes necessidades dos grandes centros de população":

> "A casa que vem de abrir-se à rua de São Bento, nº 1, pode admirar-se como um primor de luxo e de bom gosto, casando perfeitamente a profusão dos ornatos com a excelência e largueza dos cômodos. É um estabelecimento que faz honra ao progresso de São Paulo e pode ser apontado ao pé dos melhores da Corte, pela elegância, tamanho dos quartos, e pelo que cada quarto encerra: um banheiro de

---

[80] Sobre os espetáculos musicais na cidade, ver: REZENDE, Carlos Penteado de. Cronologia musical de São Paulo (1800-1870). In: *São Paulo em quatro séculos*. São Paulo: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1954, v.2, p.233-68; _____A música em São Paulo. In: BRUNO, Ernani da Silva (org.) *São Paulo: terra e povo*. Porto Alegre: globo, 1967, p.253-74; _____*Trdições musicais da Faculdade de Direito de São Paulo*. São Paulo: Saraiva, 1954; GONÇALVES, Janice. *Música na cidade de São Paulo (*1850-1900); o circuito da partitura. São Paulo (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

> mármore, sobre o qual pendem duas torneiras, uma de água quente a outra de fria. Além disso há o indispensável, como lençóis, sabão, espelhos, esponjas e tudo muito limpo. Na sala de entrada encontram-se refrescos finos e bebidas de espírito". (C.P., Noticiário. 26.9.1865, p. 1-2).

A longa e elogiosa nota, em uma seção do jornal que não era especificamente destinada à publicidade, era finalizada com a declaração do redator de que fora "pessoalmente, examinar o estabelecimento" e nada escapara de sua visão, inclusive:

> "o poço, reservatórios e canalização das águas, tudo perfeitamente acabado. A casa estará em exposição todo dia 27 do corrente, indo à tarde, tocar nela, obsequiosamente, a música da Sociedade Euterpe Comercial e começará a funcionar dia 28".

Em 1879, a "Sereia Ondina, Rainha das águas, juntamente com o rei do Fogo e o homem-peixe, apresentavam-se no *Jardim Público* (Jardim da Luz). (11.1.1879,p.3).

No Ano de 1887, os paulistanos são brindados com um espetáculo de prestidigitação, com "uma torrente de novidades" e "nova categoria de sorte com a ciência antiga por processos modernos" e a invocação de "imponentes fantasmas vivos e impalpáveis". Anunciava-se que "os princípios da ótica" foram surpreendentemente abolidos". O espetáculo estava suscitando "cenas de horror", mas, para aquele dia, o Conde Patrízio preparara um espetáculo que podia "ser assistido por mulheres e crianças". No final, um Diorama, "o melhor aparelho no gênero", propiciava aos espectadores "viagens maravilhosas a todos os mundos conhecidos. As mil e uma noites em ação. Preços entre 10 réis e um real. (23.1.1887,p.4);

A *Companhia Folies Bergéres* apresentou-se na cidade e foi "beneficiada com inúmeros aplausos" (C.P., 8.1.1887). Fazia parte do repertório dessa Companhia um espetáculo de hipnotismo, apresentado pelo professor Stephano, para o qual eram convidados "médicos, jornalistas e outros cavalheiros". (5.1.1887,p.2).

A atuação feminina em espetáculos não teatrais é eventual:

Em 1888, apresentou-se na Corte a "Orquestra de senhoras americanas", que, na estréia, entremeou o concerto "com a representação da comédia *Receita dos Lacedemônios* . A orquestra compunha-se "somente de dois primeiros violinos, dois segundos, um contrabaixo de cordas, um trombone e o bumbo. O resto do pessoal da orquestra foi suprido por músicos do quadro permanente do teatro *Variedades Dramáticas*. O

unesp

Correio Paulistano transcreveu o comentário do *Jornal do Comércio,* que considerou as senhoras

> "perfeitamente aproveitáveis como artistas de orquestras... só precisam de um pouco mais de ensaios e mudança de repertório, que é inteiramente estranho ao nosso gosto musical". (12.6.1888).

O *Circo Thauro Machico,* no seu "variadíssimo, deslumbrante e surprendente" espetáculo, tinha uma mulher toureadora:

> "Grandíssima novidade: estréia da arrojada heroína nacional Maria Aguiar Barbosa, toureando a vaca na barrica corredia e pegando-a à unha. Esta valorosa toureira é sempre recebida com muitos aplausos". (D. P., 16.4.1887,p.3).

O *Restaurante Pedro Hannes,* em Vila Mariana, anunciava almoço, jantar, *lunches,* vinhos, cervejas e licores de todas as marcas. (D.P., 27.4.1889,p.3).

Com tantas atrações, me pergunto se sobraria tempo para ler e escrever cartas, atividades muito praticadas pelas elites desde o século XVIII.

No final do século, no *Correio Paulistano*, a miséria aparece novamente associada ao lazer, em uma polêmica sobre trabalho artístico infantil; o fato que provocou a polêmica, foi o ato do juiz mandando recolher em asilos as crianças que trabalhavam em uma peça, no *Teatro Apolo*. Os editoriais do jornal são favoráveis ao ato do juiz , que se apoiou no jurista Lafayette, que no seu *Direito das Famílias* afirma que o juíz tem jurisdição sobre os menores órfãos; pelo teor dos artigos, percebe-se que a atitude do juíz foi criticada como uma ingerência no direito de propriedade. Além dos editoriais criticando o abuso contra "míseras crianças, sem saúde", o jornal publica cartas de leitores de apoio ao juiz. Em um artigo, escreve-se:

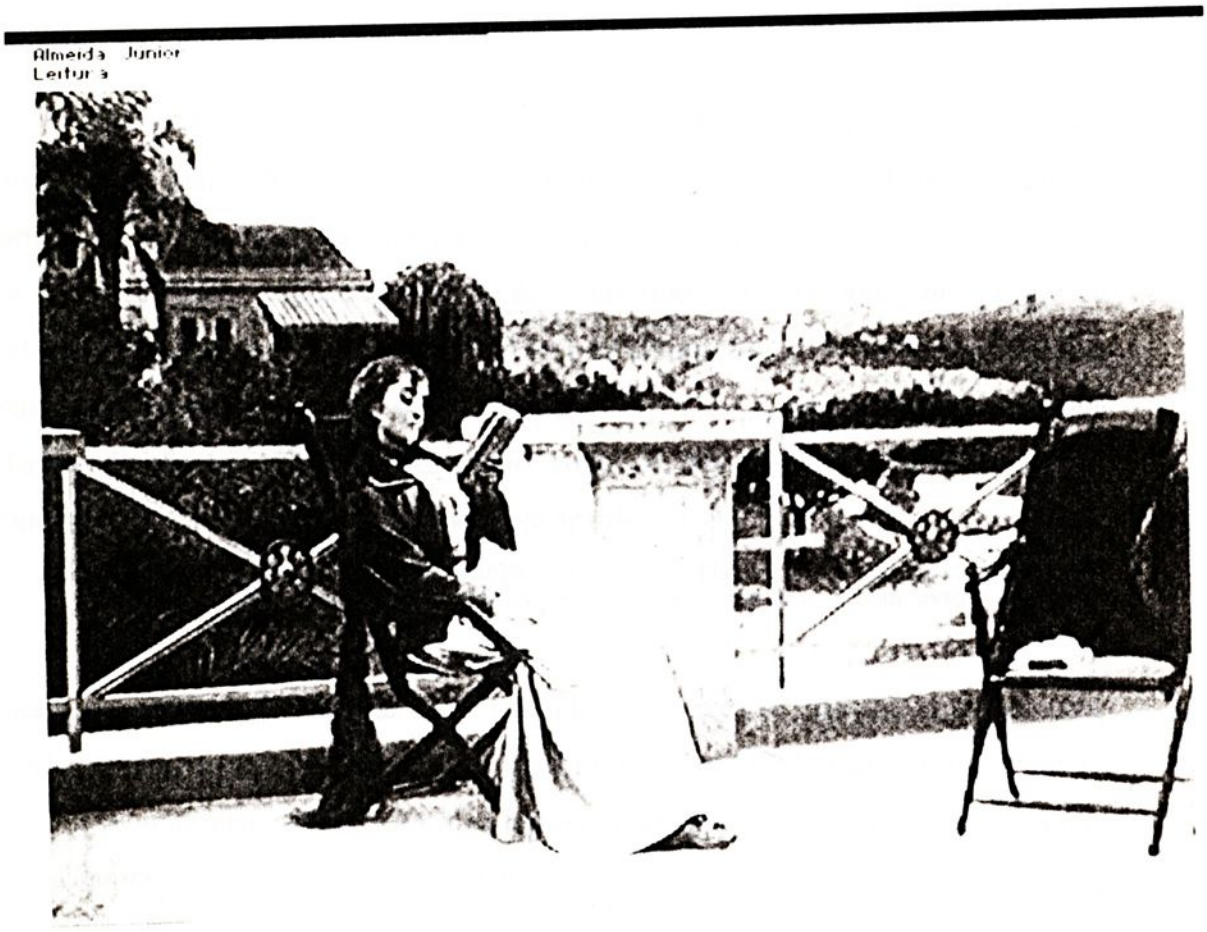
> "Feira de crianças! A entrega de meninos de 10 a 14 anos a uma empresa de espetáculos que representa o *Tim Tim*, onde as personagens dizem frases indecentes, dançam o tango, cheios de lubricidade, não é facilitar-lhes, pelo menos, a prostituição? (19.8.1896).

O articulista elogia a entrega das crianças a "casas corretivas honestas", subtraindo-as "da ganância do empresário".

Uma carta do Juiz Hypólito de Camargo esclarece que os meninos foram "depositados no Instituto Ana Rosa e as meninas na casa Pia de São Vicente" e que os mesmos

> "não estão absolutamente sofrendo constrangimentos e nem acham-se em cárcere privado. Pelo contrário, estão recebendo um tratamento como o que nunca perceberam. Os que não estão doentes, estão alegres..."

unesp


Almeida Junior
Leitura

O juiz adverte que há um policiamento constante no *Colégio das Palmeiras* porque os "neoprotetores" tentaram um assalto lá. ((19.8.1896). No dia 2l de agosto, noticiava-se:

"O *Teatro Apolo* continua fechado. Antes assim, do que aberto a martirizar, no Tim, Tim, míseras crianças sem saúde e sem instrução".

Da leitura em família à leitura solitária

De um jornal de Combra, o *Correio Paulistano* transcreve uma nota a respeito de "uma aproximação entre duas senhoras": George Sand e Guiomar Torres, escritora portuguesa. O autor da nota referia-se a um texto escrito por George Sand e traduzido por Guiomar Torres, por ele comentado de forma laudatória. George Sand ressaltava no texto a importância dos trabalhos manuais e da leitura realizados concomitantemente; considerava a autora francesa, que se notabilizou por seu comportamento crítico em relação à divisão sexual das funções sociais, como um dos "júbilos mais doces, atraentes e duráveis" fazer um trabalho qualquer com as mãos,

> "enquanto uma voz amiga, sonora ou velada pela comoção nos faz ouvir simplesmente, sem ênfase, e sem pretensão, um belo e bom livro". (Noticiário Geral. 10.2.1876).

Apesar do objetivo de George Sand ter sido a valorização dos trabalhos manuais, valorização que assume um significado mais forte por causa da imagem que a autora projetou de si mesma, o texto funciona também como um exemplo da importância que tinha a leitura comunitária, como lazer e forma de entrelaçar as pessoas.

José de Alencar comenta os saraus de sua infância, onde a leitura em voz alta de alguns romances-folhetins, lidos repetidamente, está no fundo de sua vocação literária. A família reunida após o jantar, à luz de vela, ouvindo um leitor, concentrada em torno da leitura e do foco de luz. A pouca iluminação deve ter tido um peso na eleição da leitura comunitária como forma de entretenimento.

Outro fato que teve a ver com o referido tipo de leitura era a escassez de livros.

unesp

José de Alencar informa que foi o convívio com os colegas da Faculdade de Direito de São Paulo que lhe permitiu conhecer autores como Alexandre Dumas, Chateaubriand e Vitor Hugo.

Os livros importados era inacessíveis para a grande maioria das pessoas letradas, devido à raridade de livrarias, gabinetes de leituras e o preço; o que levava os alunos da Faculdade de Direito de São Paulo a procurar suprir a carência de livros, trocando os que possuiam entre si:

> "Cada estudante, porém, levava consigo a modesta provisão que juntava durante as férias e cujo uso entrava logo para a comunhão escolástica. Assim correspondia São Paulo às honras de sede de uma Academia, tornando-se o centro do movimento literário".[81]

No período em que José de Alencar estudou em São Paulo, o mesmo de Álvares de Azevedo, se já existia um comércio de livros devia ser mais do que insuficiente; Alvares encomenda para a sua mãe a *História dos girondinos,* de Lamartine, um exemplar da *Democracie en France* de Guizot e o *Raphaël d*e Lamartine.[82]

Edições pequenas encareciam os livros, o que deve ter levado ao hábito da leitura coletiva, que devia ser também uma forma de praticar o convívio. O hábito de ler cartas, em voz alta, para os amigos, ou em reuniões após o jantar faz pensar que a prática da leitura em grupo era prazeirosa, uma forma também de lazer.

Elaine Showalter, referindo-se à Inglaterra, afirma que os romances vitorianos foram "projetados para circulação na família", o que os obrigava a ser castos e respeitáveis". E que eram "artificialmente caros" para que a maioria dos leitores de classe média não tivessem condições de comprá-los e ficassem na dependência de "um cartel de editores e bibliotecas itinerantes que dependia de seu alto preço para a estabilidade de suas margens de lucro".[83]

Com relação à Cidade de São Paulo, os hábitos de leitura de seus habitantes ainda é uma história a se fazer. Pelos textos dos literatos que fizeram a Faculdade de Direito de São Paulo, pelas informações que alguns deixaram e pelas divulgações feitas no *Correio*

---

[81] ALENCAR, José de. *Como e porquê sou romancista.* Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger & Filhos, p.28

[82] Ob. cit., p.114-5.

[83] SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual.* Sexo e Cultura no *Fin de Siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p.31

unesp

Paulistano, pode-se afirmar que se lia em São Paulo. Liam bem, ou seja, assimilavam satisfatoriamente as suas leituras? Ina Von Binzer teve uma opinião desfavorável a respeito da cultura dos brasileiros, que tachou de "meia cultura", afirmando que os mesmos "não se revelam capazes de fornecer a informação desejada" acerca dos temas que são objeto de suas explanações enfáticas, pomposas e artificiais.[84]

As moças eram leitoras infatigáveis, às vezes de "livros inadequados", a se acreditar nas considerações do folhetinista e dramaturgo Carlos Ferreira, que em seus Folhetins (Capítulo 6) e em seus dramas como *O marido da douda* e *Os pequenos e Grandes* (Capítulo 7), defende a tese de que as mulheres desviavam-se das normas por falta de educação adequada e por causa das leituras perniciosas.

Antônio Cândido atribui o "amaneiramento bastante acentuado que pegou em muito estilo" e o "tom de crônica, de fácil humorismo, de pieguice que está em Macedo, Alencar e até em Machado de Assis", ao fato de que os escritores "prefiguravam" um público feminino e a ele procuravam ajustar-se. Apesar de tal concessão, não conseguiram sobreviver como autores, sujeitando-se à remuneração estatal.[85]

Aqui, vou limitar-me a expor que tipo de literatura era oferecida aos paulistanos e através de quais meios tal literatura tornava-se acessível.

Na década de 1860, já aparecem três livrarias: a *Garraux*, a do *Correio Paulistano* e a *Waldemar* que anunciam obras nacionais e francesas, predominantemente. Os autores ofertados pela primeira são: P. Fevall, E. Sue, P. Kock, Walter Scott, Dumas, Garret, Ponson du Terrail, Castelo Branco e *A cabana do pai Tomás*, de Harriet Stowe. (C.P., 13.7.1862); a Garraux anuncia as seguintes "novidades": Allan Kardec, Guizot; Figuier, Leclercq, Fournier e *Os Miseráveis,* de Vitor Hugo. (C.P.,19.6.1862); a Livraria Waldemar vendia *Les Miserables*, sendo 30$000 a brochura e 37$000 a encadernada. (C.P.,27.9.1862).

Os livros podiam ser adqüiridos também através de assinaturas; a tipografia de Jorge Stokler informava achar-se no prelo e que "brevemente sairá à luz", *Amélia*, "o belo

---

[84] BINZER, Ina Von. *Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil.* São Paulo: Anhembi, 1956, p. 78

[85] CÂNDIDO, Antônio. O escritor e o público. In: *Literatura e Sociedade. Estu*dos de teoria e história literária. 4ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1775, p. 85

unesp

romance" de J.C. Stokler de Lima e que a assinatura custava 2$000 o volume; a *Livraria Waldemar* recebia assinaturas para o *Album Literário*, de Manoel dos Reis, por 5$000 o exemplar antes e 6$000 depois da publicação. (2.10.1862). A *Garraux*, em 1865, vendia várias brochuras em francês, por preços que variavam de 1$000 a 2$000 . Seriam caros os livros? Se comparados a outros preços, me parece que não. A mesma Garraux, que vendia além de livros, artigos de vestuário e para presentes, anunciava uma liquidação dos seguintes produtos:

> "capas modernas pretas enfeitadas, garantidas, perfeitas e ultimamente chegadas, a partir de 25$000; vestidos de 120$000 por 80$000 e 90$000; de 100$000 por 70$000. Damos garantia total sobre os artigos e afiançamos que cada vestido foi feito com 18 a 20 côvados de fazenda". (C.P., 23.1.1866).

No mesmo ano, a passagem de São Paulo a Santos, na estrada de ferro, que tinha dias marcados para o embarque, custava 10$000 (C.P., 27.5.1866, p.3); "o célebre prestidigitador" Hermann apresentava-se pelos seguintes preços: Camarote: 15$000; camarote de terceira: 10$000; cadeira de primeira classe: 3$000; de 2ª classe: 2$000. (25.7.1866, p.4).

Em 15 de outubro de 1865 o *Novo Gabinete de Leitura* anunciava romances, literatura poética de viagens e teatro. Madame Fretin, que já comerciava com livros e artigos de escola faz propaganda de um *Gabinete de Leitura*, dirigido por ela, à Rua da Imperatriz, 50. (8.3.1874). A *Biblioteca das Famílias* fazia "publicação semanal de cadernetas para famílias, contendo romances nacionais e estrangeiros, contos e viagens"; Objetivo:

> "desenvolver o gosto pela leitura e vender porque é barato. Cadernetas de 16 páginas: 8$000 por semestre e 15$000 por ano". (C.P., 20.5.2874).

Como seriam tais cadernetas? Seriam cadernos de capa dura, como os que até hoje são chamados de cadernetas? Como eram editadas? Dúvidas que impulsionam a uma outra pesquisa.

Em 1865, existem mais duas Livrarias: *Ao Livro Verde* e a de H. Alliot; nesse ano o *Correio Paulistano* liquida obras de Dumas, Eugene Sue, *O Visionário* de Schiller, *O judeu errante* 25.4.1865,p.4) e no ano seguinte anuncia a coleção de História de Césare Cantu, por 50$000. (8.5.1866,p.4). *Contos e Fantasia*, de Fagundes Varela, um "volume lindamente encadernado e impresso em Paris", era vendido pela *Garraux* por 5$000; em 1889 a *Livraria Moderna* diz que recebeu *Os Gatos* de Fialho de Almeida; *Contos de* Rabelais, e a "Biblioteca Romântica Econômica, nºs de 1 a 6, a 500 réis,

unesp

novidade portuguesa". (D.P.,2l.12.1889,p.3). Esta Livraria estava "liquidando "todas as suas preciosidades e os interessados não devem perder esta oportunidade de comprar mais barato".

Outra forma de leitura, talvez a mais barata e mais acessível para um maior número de pessoas, era o romance-folhetim, publicado semanalmente no *Correio Paulistano*, na 1ª página, como: *A Senhora de Miremont*, de Foudras, *Vida Imperial* de E. Gaboriau, *Os moicanos de Paris*, de Alexandre Dumas *A Maldição, Os usurários de Paris* de Odysse Barot, *A Hervanaria*, de Xavier de Montepin, *A Avó*, de Emílio de Richebourg e outros. *Memórias de Um Sargento de Milícias*, de Manoel Antônio de Almeida foi publicado duas vezes: a 1ª inicou-se em 5 de junho de 1866 e recebeu um longo artigo, elogioso. (Literatura. 13.6.1866,p.3); a 2ª em 1888, no Diário Popular (2.6.1888).

Na seção Um pouco de tudo, do *Diário Popular*, foi publicada a seguinte nota:

> "O primeiro romance-folhetim. Um dos eruditos investigadores de *l'Intermediaire* encontrou os vestígios do 1º romance-folhetim que foi publicado ou que pelo menos parece ter sido nas colunas de um jornal. Esse romance era *Júlia* ou e *Nova Heloísa*, de Jean Jacques Rousseau. O próprio filosófo conta em suas *Confissões* que um tal Bastide, fundador de um jornal - *Le Monde*, pediu-lhe que o ajudasse a encher o seu jornal. 'Ele tinha ouvido falar na Júlia e quis que eu o publicasse inteiro em seu jornal', diz Rousseau. Que progresso teve depois esta primeira tentativa do romanece-folhetim!" (29.8.1890,p.1).

Rousseau escreve em *As Confissões:*

> (...)"um certo M. de Bastide, autor dum jornal chamado *le Monde*, queria por bem ou por mal, encaixar todos os meus manuscritos. Era das relações de M. Duclos e veio em seu nome pedir-me para ajudá-lo a encher o seu jornal; tinha ouvido falar de *Julie* e queria publicá-la em seu jornal: queria que eu publicasse ali o *Émile*; também teria desejado que publicasse le *Contrat social*, se desconfiasse de sua exisência. Por fim, fatigado de suas impertinências, tomei o partido de ceder, por doze luzes, o meu resumo de la *Paix perpètuelle*".[86]

Como se vê, Rousseau não afirma ter cedido *Júlia* ou *Heloísa* para serem publicados em Folhetins, no *le Monde*. Será que o "erudito investigador" de *l'Intermediaire* colheu tal informação em outra fonte?

A literatura ao alcance da moça era restrita; Carlos Ferreira aconselhava *Higiene d!Alma*, do Barão de Finchtersleben, um "belo livro, repleto de máximas de resignação e de otimismo", qualidades que faziam parte do ideal feminino. É necessário que os

---

[86] ROUSSEAU, Jean Jacques. *As Confissões.* Prefácio e trad. de Wilson Lousada. S.Locl.: Ediouro, s/d., p. 358

unesp

publicistas façam a apologia "dos bons livros", encaminhando homens e mulheres para uma leitura "sadia":

> "Se dos homens se pode dizer que cada dia tornam-se mais indiferentes às leituras severas e úteis, o que diremos da mulher?"

Também *Paulo e Virgínia* era aconselhado:

> "Bernardin de Saint Pierre vai fazer parte da Biblioteca da menina que vai gabar-se de igualar-se à sublime Virgínia, cujo único e inofensivo defeito é suspirar por um poético Paulo. (...) Um bom e poético livro é um lenitivo para os dissabores da vida (...) e também a música de Mercadante, Verdi, Rossini e Bellini". (Folhetim.C.P., 22.11.1874).

Ferreira desaconselhava para integrar as "Bibliotecas das meninas" os autores: George Sand, Alexandre Dumas Filho e os livros *Cartas de Heloísa e Abelardo*, *Werther* e *Manon Lescault*. Uma das personagens femininas de Carlos Ferreira, Leonor da peça *Os grandes e os pequenos*, que personifica os efeitos deletérios de uma má educação, aparece em cena lendo *A dama das camélias*.

unesp

CAPÍTULO 2

A MISSÃO EDUCADORA (*Correio Paulistano* - 1860-1900).

"A história dos jornais em cada nação, se fosse possível escrevê-la com todo o desenvolvimento necessário seria, certamente, a história completa do desenvolvimento intelectual, moral e material desse povo. Ver-se-iam, refletir-se aí, como em um espelho, as tendências que ele manifestou, as idéias de que viveu, as paixões que animaram-no, as crenças às quais rendeu homenagem. Não se diz contudo, que a antigüidade não tivesse seus jornais; mas jornais limitados, em um sentido muito restrito, a uma enumeração dos fatos que se produziam cada dia, na ordem política. Assim os gregos tinham as suas efemérides, os romanos seus anais pontificais, onde se consignavam todos os acontecimentos notáveis dignos de serem guardados. Os "Acta Diurna" (atos de cada dia) constituiam, em Roma, uma espécie de jornal oficial que, emanando da autoridade mesma, devia naturalmente apresentar sempre os fatos sob um ponto de vista favorável ao poder. (...)

A época em que as folhas volantes começaram a multiplicar-se na Alemanha, acha-se entre os anos de 1451 e 1460. Foi somente em 1563 que a Itália viu aparecer em Veneza os primeiros jornais no sentido real da palavra. Chamavam-se então "Notizie Scritte" porque eram escritas a mão e tomaram mais tarde o nome de "Gazetas" porque qualquer um podia ossuí-las, pagando uma pequena moeda chamada "gazeta". (...)

Na época em que estamos, além dos jornais políticos, não há ciência, não há ofício, indústria, arte ou profissão que não tenha seu órgão. Nem mesmo a arte culinária deixou de criar, recentemente, um resumo eriódico (...)

Certamente, entre estas inumeráveis publicações, não há talvez mais agradáveis que as consagradas a fazer conhecer a uma multidão de encantadoras leitoras as fantasias diárias e tão diversas da moda. " (Do *Moniteur des Dammes et des Demoiselles*. Tradução do francês por uma senhora. O jornal. Variedade. C. P., 19.9.1865,p.1).

"Houve uma coisa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal. Devia ser curioso vê-las quando um século despertou ao clarão desse *fiat* humano; era a cúpula de seu edifício que se desmoronava. (...) O jornal que tende à unidade humana, ao abraço comum, não era um inimigo vulgar, era uma barreira... de papel, não, mas de inteligências, de aspirações.

(...) Todas as coisas estão em gérmem na palavra, diz um poeta oriental. Não é assim? O verbo é a origem de todas as reformas.

Os hebreus, narrando a lenda do Gênesis, dão à criação da luz a precedência da palavra de Deus. É palpitante o símbolo. O *fiat* repetiu-se em todos os caos e, coisa admirável! sempre nasceu dele alguma luz.(...) As aristocracias dissolvem-se, diz um eloqüente irmão d'armas. É a verdade. (...)

Tremem, pois, tremem com este invento que parece abranger os séculos - e rasgar desde já um horizonte largo às aspirações cívicas, às inteligências populares". (ASSIS, Machado de. A reforma pelo jornal. In: _*Crônicas* (1859-1863). Rio de Janeiro: Jackson, 1953, p.43-7).

unesp



CORREIO PAULISTANO

Director da redacção e proprietario do estabelecimento — [illegible] — Collaboradores diversos

PARTE OFFICIAL

AGRICULTURA, COMMERCIO E OBRAS PUBLICAS

PORTARIA DE 14 DE OUTUBRO DE 1865

Approva as Instrucções para a exposição de productos agricolas e industriaes e de obras de arte nas provincias do Imperio, a que se refere a portaria desta data.

Sua Magestade o Imperador Ha por bem approvar e mandar que sejão executadas as Instrucções que, para a exposição dos productos agricolas e industriaes e de obras de arte nas provincias do Imperio, forão propostas pela Commissão Directora da Exposição Nacional.

Palacio do Rio de Janeiro em 14 de Outubro de 1865.

Dr. Antonio Francisco de Paula e Souza.

Instrucções para a exposição de productos agricolas e industriaes e de obras de arte nas Provincias do Imperio, a que se refere a Portaria desta data.

Art. 1.º Far-se-ha, no proximo anno de 1866, uma exposição dos productos agricolas e industriaes, e de obras de arte, em todas as capitaes das provincias do Imperio, á excepção da do Rio de Janeiro, cuja exposição se effectuará juntamente com a da côrte...

Art. 2.º A exposição das referidas capitaes...

Art. 3.º O prazo para exhibição publica dos objectos de que acima se trata, não será menor de 8 dias, nem maior de 15.

Art. 4.º Para dirigir o serviço desta exposição, o presidente da provincia nomeará uma commissão composta de 5 pessoas idoneas, as quaes designarão de entre si o seu presidente.

...

Art. 7.º Incumbe ás commissões:

§ 1.º Escolher o edificio para a exposição...

...

Art. 21. Não serão admittidos á exposição, salvo licença especial da commissão:

§ 1.º Animaes vivos.

...

Art. 26. O premio que for designado para qualquer producto industrial pelo jury geral da exposição nacional ou da internacional será conferido ao productor ou expositor...

Art. 27. Ficão os presidentes das provincias autorisados a acrescentar a estas instrucções as medidas que julgarem convenientes...

...

Art. 30. Para a exposição dos productos...

Classe 1.ª — Productos das minas...

...

Sala das sessões da commissão directora da exposição nacional em 16 de Agosto de 1865. — Marquez de Abrantes, presidente. — Dr. Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque, vice-presidente. — Dr. Antonio José de Souza Rego, 1.º secretario. — ...

Conforme. — Dr. Antonio José de Souza Rego, 1.º secretario.

EXPEDIENTE DA PRESIDENCIA

DIA 17 DE JANEIRO DE 1866

—Ao commandante superior da guarda nacional da Constituição. — ...

(*Correio Paulistano*, 1866)

"Dizem alguns que V. Excia. não existe; outros afirmam o contrário. Mas estes são em maior número, e a força do número, que é a suprema razão moderna, resolve as dúvidas que eu porventura possa ter. Creio que V. Excia. existe, em que pese os mofinos caluniadores de V. Excia. Se não existisse como se falaria tanto em seu nome, na tribuna, na imprensa, nos meetings, na praça do comércio, na rua do Ouvidor?" (ASSIS, Machado de. À Opinião Pública. 5 de Março de 1867. Cartas Fluminenses. In: *Crônicas* (1864-1867). Rio de Janeiro: Jackson, 1953, v.2, p.397-405.

"Hommes de lettres désignés, il est vrai, par des hommes de lettres, dont le narcisisme se lit donc ici à plein: ils s'enchantent d'imaginer la spécialisation de leur petite troupe détachée des fébrilités et des necessités de l'action, tout entière occupée à constituer una opinion publique éclairée, rêve dont témoigne toute la littérature académique des discours et des éloges". (Mona Ozouf. Le concept d'opinion public).[1]

A Imprensa era responsabilizada pela formação da "opinião pública", através da pregação dos letrados, criando condições para a libertação do povo. Esse pensamento integrava os textos liberais a partir do século XVIII, na França e depois nos demais países da Europa e terras colonizadas pelos europeus.

Autores franceses ou brasileiros, como já se viu nos textos em epígrafe, demonstravam acreditar no poder do texto jornalístico, espaço fundamental da manifestação dos que já haviam atingido "as luzes":

> *"ceux qui ont le talent d'instruire les hommes et le don de les émouvoir, les gens de lettres en un mot, sont au milieu du public dispersé ce qu'étaient les orateurs de Rome et d'Athènes au milieu du public assemblé".*[2]

A Imprensa é o espaço da livre discussão, através da qual "a verdade" surge cristalina aos olhos "do povo", que deixa de ser a multidão dispersa, obscurecida pelas paixões, incapaz de agir com razão e transforma-se em um ser coletivo, dotado de opinião pública, graças à palavra dos "publicistas."Analisando a expressão opinião pública, em textos do século XVIII, Mona Ozouf observa a imprecisão na utilização do termo, afirmando que os autores não se preocupavam em esclarecê-la, mas apenas em usá-la em suas polêmicas. Observa que a sua característica "*unanimement reconnu est négatif:*

> *"elle n'est pas l'opinion de la multitude, celle-ci 'toute sauvage' comme l'écrit Necker; le public n'est pas um peuple, celui'ci toujours prompt à l'erreur, insaisissable et inflammable".*[3]

---

[1] OZOUF, Mona. In: *L'homme régénéré*. Essais sur la Révolution française. Paris: Gallimard, p.29-30.

[2] NECKER. De l'administration des finances de la France. Apud: ZOOF, Mona. Ob. cit., p.34

[3] Ob. cit.,p.32

unesp

Essa autora percebe na comparação de "opinião pública" com um "tribunal" - semelhante ao "tribunal divino", perante o qual todos são iguais - a busca de uma legitimação que transcende as individualidades e que se ampara na cidadania, na igualdade de direitos, que são afirmados e reafirmados como a antítese aos privilégios de classe oriundos do nascimento. Ela enfatiza que a eficácia dos diversos conceitos usados, como "voz pública", "consciência pública", "amor público", "espaço público", "bem público" e "opinião pública" estava no uso da palavra público, no singular:

> *"Car les opinions publiques de Rousseau ne vivent que l'espace d'un matin, tout de suite réabsorbées par les préjugés personnels. Le passage au singulier opère une véritable conversion que la littérature physiocratique ilustre et que définit une lettre oú Condorcet fait remarquer à Turgot, en guise de consolation, quel abîme il y a entre la 'voix du public', faite des 'cent clabauderies excitées par les édits', plurielle par conséquent, et la 'voix publque' une".*[4]

A transformação das opiniões em opinião pública, portanto, assentava-se na idéia de uma cidadania exercida com liberdade e consciência, ou seja, com razão, adqüirida graças às publicações na imprensa, das "lições" dos letrados. Mas como obrigar as "opiniões individuais esclarecidas" a se sujeitarem à opinião geral? A solução encontra-se no conceito de opinião pública dos fisiocratas:

> *"La solution que le siècle invente, celle pour laquelle Habermas lui fait hommage d'avoir inventé le concept d'opinion publique, est celle des physiocrates: pour que l'opinion publique ait cette infaillibilité qui emporte sans discussion l'assentment de chacun, il faut et il suffit que l'opinion publique soit l'autre non de l'évidence. Céder à l'évidence, c'est ne pas céder. C'est faire ce que les géomètres font devant les vérités mathématiques; ils ne 'cèdent' qu'à la présence de la raison en eux, et c'est elle, comme Euclide, le véritable despote".*[5]

Milton Meira do Nascimento afirma que a missão educadora e consequente formação da "opinião pública", que estava dispersa em vários autores, foi sistematizada pelo projeto pedagógico do *Círculo Social,* idealizado por Nicolas de Bonneville e Claude Fauchet. A crença de que os intelectuais eram responsáveis pela educação do povo, que "por si mesmo" não conseguia "libertar-se do erro e da ignorância, nos quais o despotismo" insistia em mantê-lo", era comum aos homens de letras do século XVIII. A a novidade que o autor vê no projeto de Bonneville é a fundação de uma instituição com o objetivo de sistematizar a missão educadora, objetivando a formação da "opinião pública":

> "A primeira e principal tarefa do *Círculo Social*, que acabamos de formar, é a de dar à voz do Povo toda a força para que exerça, em toda a sua plenitude e com uma extensão indefinida, seu direito de censura, o único poder do qual jamais desfrutou, o único que forma a opinião geral, que é sempre certa e toda-poderosa: o único poder que lhe é vantajoso exercer por si mesmo".[6]

---

[4] Id. ib., p.25
[5] Id. ib. p.41
[6] NASCIMENTO, Milton Meira do. *Opinião Pública & Revolução*. São Paulo: Edusp, 1989, p.80-1 E 90.

unesp

O Círculo, através de seu jornal *La bouche de fer*, visava o combate contra a ignorância e a superstição, vigas do despotismo:

> "Neste momento, destruir o poder tirânico do clero, sem dúvida, já é alguma coisa, já que se trata de um poder de grande penetração, firme e difícil de ser destruído, porque está fundado na opinião e a opinião governa o mundo".[7]

Meira do Nascimento mostra o vínculo do Círculo Social com a Maçonaria, que possibilita ao grupo "uma visão teológica do mundo, fundada numa concepção mística dos acontecimentos físicos e sociais, ligada a uma tradição maçônica que vai haurir seus princípios na teoria do verbo criador da tradição judaico-cristã". [8] Visão, portanto, alicerçada na existência de uma verdade que é anterior ao jogo político e que passa a ser reconhecida pelo povo, mediante o trabalho pedagógico dos letrados que já possuem essa verdade. Essa concepção de uma "verdade metafísica" atrai para o Círculo as críticas de outros letrados, como La Harpe para quem a verdade revela-se na prática política. La Harpe via no *Círculo* uma mistura de crenças, sonhos e discussões políticas, mistura fundamentada na Maçonaria; suas críticas não incomodam Bonneville, que confirma suas ligações maçônicas fazendo a "exposição de sua metafísica do mundo" e justificando através dela "sua prática política".

Bonneville e seu grupo - além do Abade Fauchet o grupo recebeu a adesão de Condorcet, Brissot e Mercier - pregam a união da humanidade, considerada como um todo orgânico e uno, e afirmam a liderança que a França estava desempenhando no desencadeamento da "revolução regeneradora", que se expandiria para toda a terra. O Círculo é criticado também pelos jacobinos que o acusam de pregar a anarquia, por não se conformarem os seus componentes apenas com a igualdade de direitos, mas pretenderem também "a igualdade absurda das propriedades". [9]

Como se verá, a preocupação pedagógica, com base no pressuposto de que os homens de letras têm uma missão a cumprir em relação ao povo, missão regeneradora e formadora da opinião e que se realizava através do texto jornalístico, orientava também os editoriais e outras seções de responsabilidade da redação do jornal *Correio Paulistano*.

Esse jornal foi fundado no ano de 1854, por Joaquim Roberto de Azevedo Marques, que começou a imprimi-lo nas oficinas da Tipografia Imperial, de propriedade de Azevedo

---

[7] Id. Ib., p.70
[8] Id.ib.,p.26
[9] Id. ib., p. 85-6.

unesp

Marques. Começo difícil, quando o proprietário saia de "porta em porta", pedindo anúncios aos negociantes, "que nem de graça anunciavam", escreve João Sampaio, na edição comemorativa do centenário do jornal, de 26 de junho de 1954.

Desde o seu começo, jovens brilhantes, estudantes e bacharéis da Faculdade de Direito de São Paulo, como Afonso Celso, Couto de Magalhães, Falcão Filho, Rangel Pestana, Quirino dos Santos, França Júnior, Ferreira de Menezes, Fagundes Varela, Américo de Campos e outros foram colaboradores, redatores ou folhetinistas do jornal. Joaquim Roberto, que nos dois primeiros anos de funcionamento do jornal teve um irmão como sócio, em 1856 passou a ser o único proprietário do jornal. Em 1875, Leôncio de Carvalho comprou o jornal. A 22 de dezembro do mesmo ano, o proprietário é novamente Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Em 1882, o jornal tornou-se propriedade de Antônio da Silva Prado, do Partido Conservador, e o antigo proprietário tornou-se seu administrador, apoiado por Almeida Nogueira e Herculano de Freitas.

No período de Leôncio de Carvalho, anuncia-se na 1ª página do jornal que este é um porta voz do Partido Liberal. Em 26 de julho de 1876, o Editorial "franqueia as suas colunas às reclamações de todos os correligionários, assim como aos artigos de interesse para a lavoura, indústria e comércio". Publica-se também um aviso ao Partido Liberal de São Paulo, da Comissão do Clube Liberal, solicitando que os membros do Partido "fiscalizem as eleições e tomem providências contra os abusos e fraudes nas eleições".

Azevedo Marques, que até o final do século teve o seu nome ligado à história do *Correio Paulistano,* era maçom e foi um dos fundadores da *Loja América* da Maçonaria, que criou a *Propagadora da Instrução Popular*, instituição que deu origem ao *Liceu de Artes e Ofícios* (Capítulo 3). Auto-didata, provavelmente através do convívio com outros maçons, foi se informando a respeito das idéias do Liberalismo, ou do Esclarecimento que orientaram os letrados brasileiros, durante o século XIX.[10]

---

[10] Para a Ilustração no Brasil, ver: BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A Ilustração brasileira e a idéia de Universidade.* São Paulo: Convívio/Edusp,1986. Para esse autor, apesar dos inconfidentes mineiros, a Ilustração chega mesmo ao Brasil, durante o século XIX: (...) "o que afirmamos é que, sob o influxo dos autores 'populares' do século XIX, criamos um movimento 'ilustrado', que, sob forma nova, de certo modo desempenhou um papel semelhante ao do iluminismo na Europa do século XVIII. Deste, a nossa 'ilustração' guardou a crença absoluta no poder das idéias; a confiança total na ciência e a certeza de que a educação intelectual é o único caminho legítimo para melhorar os homens, para dar-lhes inclusive um destino moral - traços todos estes característicos também desses autores 'populares' do

unesp

Juntamente com Américo de Campos e Leôncio de Carvalho, Azevedo Marques participou do *Primeiro Congresso Republicano*, realizado na Cidade de São Paulo, em 1876 e assinou o *Manifesto do Partido Republicano Paulista*.

Américo de Campos foi, por oito anos, diretor de redação do jornal, tendo se demitido do jornal, em 1874. Republicano e abolicionista, participou do Congresso Republicano Provincial de 1873 e fez parte da Comissão formada para verificação de poderes, juntamente com Martinho Prado Júnior. Signatário do *Manifesto do Congresso Republicano*, supõe-se que tenha apoiado a moderação do mesmo, quanto à questão servil. No *Manifesto* ressaltava-se que a questão servil era social e não política e a sua resolução dependia da "opinião nacional" e não dos partidos; ou seja, a emancipação ficava, de fato, condicionada à conveniência dos proprietários:

> "Se todavia o negócio for entregue a nossa deliberação, chegaremos a ele do seguinte modo: a) cada província realizará a reforma de acordo com as suas peculiaridades, mais ou menos lentamente, conforme a maior ou menor facilidade para substituição do trabalho escravo pelo livre, em respeito ao princípio da união federativa; b) em respeito aos direitos adqüiridos, e para conciliar a propriedade de fato com o princípio de liberdade a reforma terá por base a indenização e o resgate". *(Correio Paulistano*, 5.7.1873,p.1).

Entre os signatários, Américo de Campos, Roberto de Azevedo Marques, Bernardino de Campos, Francisco Glicério, Martinho Prado Jr., M.F. de Campos Sales e Francisco Quirino dos Santos. A ambigüidade dos letrados brasileiros nesse assunto já foi analisada por autores como Roberto Schwartz e Alfredo Bosi (Capítulo 5). Anteriormente, Campos fizera uma crítica à Lei do Ventre Livre, considerando-a ineficaz: os que já eram escravos, iam morrer na escravidão; e os que nascessem após, seriam constrangidos à "servidão", até os 21 anos. O artigo, publicado como Editorial, foi precedido de um esclarecimento de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, no qual afirma que o artigo era publicado no espaço destinado aos Editoriais porque ele, o proprietário, compartilhava das idéias defendidas no mesmo. ("A reforma servil". *Correio Paulistano,* 5.8.1871,p.1).

Em sua carta de despedida, Américo de Campos diz retirar-se "por sua livre e espontânea vontade", agradece os empregados da oficina e afirma sua fidelidade à democracia e ao "nascente *Partido Republicano*"; esclarece ainda que nem sempre foram

---

oitocentos que, herdeiros do iluminismo, abriam, entretanto para essas convicções, uma dimensão nova, que o século XVIII não compreendera totalmente: a dimensão histórica". (p.9).

unesp

de "sua autoria e responsabilidade moral os escritos publicados nas diversas seções". (2.6.1874).

Em 1874, foi trabalhar no jornal *A Província de São Paulo.* Dez anos depois, transfere-se para o *Diário Popular*, fundado por José Maria Lisboa, jornal que defendia com veemência o regime republicano. Proclamada a República, foi nomeado cônsul em Nápoles, onde morreu em 28 de janeiro de 1899. Foi um dos fundadores da Loja América, "que sob roupagens maçônicas, fazia propaganda republicano e abolicionista". Boêmio e amante da música, freqüentava rodas boêmias com Fagundes Varela, Emílio do Lago, Ferreira de Menezes e outros; gostava de caminhadas, de perambular e ir ao teatro...[11]

Em 18 de dezembro de 1889, ele publica no *Diário Popular* um artigo intitulado "Religiões Livres", no qual analisa a queda do Império a partir do desmoronamento de dois dos "três pontos de apoio", em que "o velho regime" assentava-se: "o escravo e o rei"; faltava a derrocada do "padre oficial".Ao novo regime cabia, "como trabalho preliminar de reconstrução, eliminar do terreno o último ranço dos velhos alicerces", ou seja, "o privilégio absurdo e anômalo de religião do estado:

> "desde que as sociedades modernas governam-se pelas relações do Direito, desde que o Direito é concepção puramente humana, o fruto direto da elaboração intelectual, e não inspiração dogmática da Crença, é bem justo que as relações da coletividade social desprendam de vez da subordinação teocrática, reorganizando-se definitivamente no regime leigo da relatividade intelectual e humana. E nem é isto abolir a religião; é simplesmente dar a cada coisa o seu lugar. Ao Direito o domínio das relações sociais. À crença religiosa, o mundo da consciência (...)".

Apesar de maçom, a concepção de Américo de Campos a respeito da política identifica-o com La Harpe e não com Bonneville.

Liberal ou republicano, até 1882, o que caracteriza a linha editorial é a oposição à Igreja ultramontana, a apologia da Maçonaria, a crítica à Monarquia - mais vigorosa no período em que o proprietário é Joaquim Roberto - ao processo eleitoral, à centralização política, à falta de instrução do povo brasileiro, à Guarda Nacional, ao recrutamento, assim como o seu apoio à Emancipação, desde que proveniente da chamada "revolução moral" (Capítulo 5).

---

[11] NOGUEIRA, Almeida. *A Academia de São Paulo.* Tradições e Reminiscências. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia/Saraiva, 1977, v.5, p.98-101; REZENDE, Carlos Penteado. *Tradições Musicais da Faculdade de Direito de São Paulo*, (citada), p.115-9.

unesp

Com relação ao tema Recrutamento, o jornal publica uma carta (ao ler as cartas de leitores paira sempre uma dúvida: seriam verdadeiras? ou escritas pelos próprios redatores do jornal?) de Camilo Antônio Pedroso, que diz ter pago a quantia de 600$000 para que um tropeiro seu fosse solto; o mesmo, "apesar de isento" por ser um trabalhador, foi preso pelo Sr. Camilo Antônio Pedroso, Delegado de Bragança, unicamente por freqüentar a casa de uma mulher que era também "amiga do delegado". O missivista critica a "vergonhosa atitude" do Delegado. (C.P., 14.2.1865, p.3). Uma carta que parece verdadeira esta, pois se refere a uma autoridade policial de Bragança. Narrativas envolvendo autoridades ou pessoas públicas não podiam ser "inventados" e publicados.

Em Cartas Familiares, um missivista critica o recrutamento que só atinge os pobres. Diz que enquanto a pobre mulher tem que esconder o seu filho "Deus sabe lá onde, os filhos dos magnatas passeiam fagueiros pelas ruas". (a.) Capitão Pancrácio. (12.2.1865), p. 2 e 3).

O Editorial intitulado Mulheres e Recrutamento faz um apelo às mulheres para que preparem os filhos para reagirem contra os desmandos, no caso, o Recrutamento:

> "Resignem-se as mães, as esposas e as filhas; resignem-se mas aprendam por esse fato o que é a libérrima sociedade brasileira e, como as mulheres da Polônia, façam-se sacerdotisas da liberdade, transformem o lar em escolas de patriotismo e com o leite, transmitam aos filhos o ódio à tirania". (8.1.1871,p.1).

Como se verá neste capítulo e no terceiro, as mulheres eram objeto constante de normas, conselhos e também de informações, pois o jornal acompanhava as conquistas iniciais do Feminismo na Europa e nos Estados Unidos .

Na mesma data, transcreve-se um artigo do jornal *A República,* no qual o Recrutamento era identificado com "a barbárie", "um crime legal contra a paz e direitos do cidadão e da família"; apesar de não estar sendo mais praticado, ouvia-se rumores de que ele voltaria; apela-se ao Presidente da Província para que impeça aquele "escárnio que avilta os brios do pobre povo brasileiro, mísero rebanho ainda inconsciente de seus direitos e de sua força".

O comportamento de "alguns régulos da Guarda Nacional" era considerado uma ameaça à cidadania, por terem "como especialidade perseguir maçons e republicanos". Provavelmente, consideravam ilegais as escolas noturnas destinadas à "educação do povo" e as lojas maçônicas, que tinham por objetivo a prática da solidariedade, do humanismo e da conscientização do povo. O redator aconselha o povo a "não

unesp

comparecer às paradas da Guarda Nacional, a não lhe dar apoio", para que ela se acabe, com o tempo:

> "É preciso que o povo faça-se forte; sem isso, nem um palmo de terra lhes cederão aqueles que tudo mandam e tudo podem em nome do supremo patrão, o Sr. D. Pedro II". (Noticiário. C.P., 6.1.1871, p.2).

Em "Cena Edificante", é relatado o caso de "um figurão da guerra e do Império", que tinha a seu serviço uma família paraguaia; uma menina dessa família morrera e fora "envolvida em trapos e carregada em um pau para ser enterrada". O redator tece considerações e faz ironia a respeito do "espírito cristão" do "figurão". (Noticiário. 14.1.1871).

"O Imperialismo" de D. Pedro II era associado ao de Napoleão III através da crítica a Delesvaux, magistrado que, por dinheiro, sentenciava à morte os opositores do regime. A citação é feita "como uma lição para os ingênuos que acreditam:

> "que os reis são elementos de ordem, paz, prosperidade e honestidade social. (...) Custa acreditar tanta imoralidade, tanto cinismo! Agora vai aparecendo toda a podridão, a horrorosa gangrena que corroía a França imperial". ("Belezas da Monarquia". C.P., 2.2.1871,p.1).

"O progresso da Argentina" é comparado com o "marasmo colonial de nosso viver ordeiro, isto é, retrógrado, centralizador e atrofiado pelos arrochos dinásticos".Através de dados estatísticos, o editorialista mostra que "apesar das guerras" a Argentina se desenvolvera, e que era pertinente concluir que tal desenvolvimento era um produto da Democracia, "a única força organizadora da vida social". ("Argumento Sem Réplica". C.P., 10.2.1871,p.1).

Em "O despotismo desvaira", os "rabinos imperiais, instrumento da insidiosa política dinástica", são acusados de pretenderem aniqüilar "a luz viva, fecunda e regeneradora, que apesar das peias centralizadoras, irradia das Academias do Império". A razão da contundente crítica era a forma como se aplicavam "os exames preparatórios às matérias dos cursos superiores": os lentes e estudantes sujeitavam-se aos exames "de portas fechadas e em matula". O decreto 4675, de 14 de janeiro de 1871, que estabelecia provas escritas e orais para as Academias, sendo as primeiras, a portas fechadas e as segundas públicas", é tachado de "infamante, ridículo, monstruoso". (C.P., 31.1.1871, p.1).

Em 12 de fevereiro do mesmo ano, o Editorial posicionava-se a favor do ensino obrigatório "mas com liberdade plena de ensinar a quem quer que pretenda fazê-lo".

unesp

Subordinar o ensino a crenças religiosas ou ao respeito às instituições "decadentes" era um empecilho ao esclarecimento do povo.

No Noticiário são publicadas notícias de alforrias, acompanhadas de elogios:

> "Congratulamo-nos com o país pelo grande desenvolvimento que vai tendo a idéia da libertação da escravatura. Felizmente, apesar das idéias anacrônicas do governo que nos rege, o respeito à dignidade humana vai se tornando uma realidade entre nós". ("Alforrias". C.P., 19.2.1871).

Em "Instrução popular" (Editorial. 23.5.1874), considerava-se essencial a instrução popular, enfatizando-se que instruir apenas "os homens de comodidades", não era suficiente:

> "a relaxação dos costumes, superstição e degradação de toda a sociedade são resultados da ignorância; a educação das massas interessa à sociedade ilustrada porque ela aproveitará de seus benefícios. Povo instruído conhece os seus deveres e obrigações".

Em um momento, o povo não conhece os seus direitos e obrigações, em outro, como aqui, ele é chamado de "livre e culto". Coerência não é a marca dos textos jornalísticos do período.

Um dia depois, o Editorial transcrevia um artigo do Dr. Garcia, de Coimbra, intitulado "O jornal é o livro do povo". O tema ainda é a necessidade da "instrução popular": no Brasil, a "ignorância do povo" é que possibilitava a enorme influência política da "minoria ilustrada".

A preocupação com a instrução popular, um dos objetivos da Maçonaria, realizava-se através da criação de escolas noturnas e gabinetes de leitura. Segundo as informações do Correio Paulistano, em tais escolas o ensino era gratuito e o objetivo era, além da instrução, objetivar o que os maçons chamavam de "formação moral", possível por meio de ensinamentos de "um verdadeiro cristianismo, baseado na sociedade e no amor ao próximo, ao lado da preparação para o trabalho". Nas referências a este, não aparece preocupação com as condições reais do trabalho livre: quando se noticia a criação de indústrias, elogia-se exclusivamente a oportunidade de trabalho que é dada para mulheres e homens, como se as condições de salário e atendimento ao trabalhador fossem ideais.

A cobertura do *Congresso Republicano Provincial* pelo *Correio Paulistano* é feita de forma apologética, comparando os opositores, que consideravam os republicanos "como doidos", aos que pretenderam impedir a independência do Brasil:

> "Acaso não é perfeito e completo o simile a que dão ensejo as idéias novas e as aspirações que preparam a nova independência do Brasil? Caminhemos! Caminhemos! Nossa tranqüilidade é a nossa melhor força e a nossa melhor esperança. Firmeza, civismo e avante!. (1.7.1873, p.1).

unesp

Partidários das "idéias novas" e do "progresso", entretanto, publica-se uma carta em Correspondência do Correio, do Rio de Janeiro, sem assinatura, na qual era manifestado o temor de que o telégrafo fosse mais "uma arma de controle" e trouxesse "mais males do que benefícios às províncias", pois permitiria uma intervenção maior e mais rápida do governo central sobre os assuntos provinciais. Nele, criticava-se ainda a instrução "jesuítica" que era ministrada no Império, que formava "governados" e não cidadãos; a necessidade de reformas - do ensino, do processo eleitoral, que devia adotar a eleição direta, do regime, com a proclamação da República e a separação entre Igreja e Estado - era enfatizada.(12.1.1874).

Em "Escárnio da Centralização" (30.1.1874), apontava-se como caminho para "a soberania popular", a República Federativa. Do texto, salta a idéia de que com a mudança de regime, viria a redenção do povo. Sem o tom inflamado dos revolucionários franceses, a crença na capacidade transformadora "da revolução" no Brasil, identifica os redatores do Correio com aqueles. [12]

Os ataques à Igreja ultramontana são mais contundentes no período da Questão Religiosa no Brasil, entre 1872-1875, desencadeada pelo crescente poder do ultramontanismo, que numa tentativa de renovar a Igreja Brasileira persegue padres casados e que fossem maçons ou liberais, apesar do governo monárquico não referendar as bulas papais que tinham por objetivo perseguir os clérigos maçons

Os ultramontanos eram radicalmente partidários do poder papal e, durante o século XIX, posicionaram-se contra: as pregações do Esclarecimento - racionalismo, liberdade de Imprensa, liberdade de culto, casamento civil, ensino laico - as outras seitas cristãs e, ainda, contra a Maçonaria, o socialismo, deismo, cientificismo. O ultramontanismo era também designado por jesuitismo, segundo David Gueiros de Oliveira, para que a lei de expulsão dos jesuitas do Marquês de Pombal, de 1759, pudesse ser estendida às outras ordens religiosas ultramontanas.

O movimento de reafirmação do escolasticismo concretizou-se por um trabalho intenso de doutrinação dos seminaristas, de publicação de encíclicas, bulas e pela restauração da Companhia de Jesus. *A Encíclica Quanta c*ura e o *Sílabo dos Erros*, em 1864,

---

[12] Sobre a incidência de expressões como Revolução, idéias novas, regeneração, princípios regeneradores nos textos de pregação republicana, ver: BORGES, Urquiza Maria. A República, um jornal acadêmico (1877-1878). *História,* São Paulo, (nº esp.): 149-162, 1989.

unesp

sistematizaram a nova pregação pontifical, criando condições para que os diversos grupos que se opunham ao catolicismo, se unissem. [13]

Gueiros analisa o que ele chama "Os elementos em conflito" - o Galicismo,o Jansenismo, a Maçonaria, o Protestantismo, o Ultramontanismo, o Positivismo - e mostra, ao correr da obra, os momentos de aproximação entre os grupos perseguidos pela Igreja Católica e as razões de tal aproximação. Cita um clérigo presbiteriano A. L. Blackford, que considerou o apoio maçônico aos protestantes, lutando ao lado deles pela liberdade de culto, como "uma defesa em causa própria". Blackford em uma carta ao *The Christian World,* afirma que a Maçonaria no Brasil "era um grande fato e um grande poder, e um dos mais importantes meios de que Deus tinha usado e estava usando para quebrar o domínio do catolicismo no Brasil". Na mesma carta informa a respeito da divulgação bem sucedida da sociedade maçônica no Brasil e o *status* que propiciava o pertencer àquela sociedade. [14]

Outro ponto de ligação entre os liberais progressistas brasileiros (muitos deles maçons), e os protestantes era o fato de que os primeiros passaram a acreditar na pregação dos últimos acerca da superioridade dos países protestantes sobre os católicos, no tocante ao "progresso". Tal idéia apoiava-se no desenvolvimento dos países protestantes, como Inglaterra, Estados Unidos e Holanda. Mesmo na França católica, o impulso econômico fora dado pela presença huguenote. Gueiros cita Tavares Bastos para exemplificar a contaminação de alguns letrados brasileiros pela idéia de que o protestantismo favorecia o desenvolvimento: Tavares, antes de Laveleye e Weber, já afirmava que o marasmo brasileiro poderia ser resolvido pelo incentivo à imigração protestante.[15]

Entre os anos de 1871 e 1875 o jornal publica uma série de editoriais com críticas contundentes ao ultramontanismo. Este era acusado de estar criando condições, no Norte, para uma guerra civil. Afirma o editorialista que os ataques não são dirigidos ao cristianismo, mas às ambições políticas do clero e aos abusos que são cometidos em

---

[13] . VIEIRA, David Gueiros . *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil.* Brasília: Edunb, 1980, p.27-59. Segundo esse autor, ultramontanismo foi o termo usado na França para designar cristãos que "defendiam o ponto de vista dos papas, ou davam apoio à política dos mesmos. No entanto no século XIX o termo reapareceu,dessa vez descrevendo uma série de conceitos e atitudes do lado conservador da Igreja Católica e sua reação aos excessos da Revolução Francesa". Id., ib., p. 32

[14] Ob. cit., p. 278-9

[15] Id., ib., p. 52

unesp

nome do Messias. Considerava o Concílio do Vaticano, que se realizava, um elemento fermentador do "espírito das guerras religiosas" que voltava a comandar a Europa; o Concílio tinha por objetivo o combate "ao progresso da razão", que fora desencadeado pelas idéias novas. (C. P., 31.10.1874, .1).

Em 12 de março de 1874, o jornal publica uma carta assinada por "Um católico" em que o governo monárquico é estimulado a não se curvar às exigências "de Roma e dos ministros do Vaticano". Para o missivista, o povo estava sendo ludibriado pela política de Roma "travada a pretexto do amor divino", mas que não era outra coisa senão "a realização de um plano onde entra uma soma de vaidade revoltante". A riqueza do Vaticano é criticada e o palácio do papa considerado "um empório de felicidades e luxo, ao passo que a religião de Jesus Cristo é toda de humildade, modéstia e piedade". O autor reivindica que a riqueza do Vaticano fosse colocada a serviço dos pobres. Antepondo "a aspiração moderna" e "as idéias adiantadas do século" às bulas, à romanização e ao dogma da infalibilidade papal, o autor demonstra confiança em que "as consciências" não se subordinem à coação que vem de Roma e pratiquem uma religião salutar, sem fanatismos: "o império da consciência sem o pernicioso obscurecimento da razão".

Em 25 de março de 1874, em "Nova Bandeira Política", o articulista chama a atenção para o perigo do movimento ultramontano que se organiza politicamente, procurando eleger representantes no Parlamento e Assembléias Provinciais.[16] O articulista afirma, orgulhosamente, ter sido o *Correio Paulistano* o primeiro a alertar para o perigo do domínio romano: a questão "episcopo-maçônica" era apenas uma manobra para distrair os adversários, desviando a atenção deles do projeto de dominação, subjacente ao ultramontanismo. O que a Igreja Católica pretendia, através do pontificado infalível, era a supremacia política, como em outros tempos (Estados Pontifícios durante a Idade Média). O *Sílabo* era um "verdadeiro código social" destinado a

> "ser a base constitucional de todos os povos e não pretendendo outra coisa senão a deslocação da soberania popular pela soberania teocrática, encarnada no chefe visível da Igreja".

Em julho de 1876 transcrevia-se uma série de conferências intituladas "A caridade e o século" proferidas no *Grande Oriente do Vale dos Beneditinos,* ala liberal e republicana

---

[16] Um deles era o Senador Cândido Mendes e o influente jornal dos ultramontanos era O *Apóstolo. Id., ib.*.

unesp

da Maçonaria e que esteve sob a direção do Dr. Joaquim Saldanha Marinho, de 1864 a 1883. O Velho Liberal era o Dr. Saldanha Marinho e a publicação das conferências foi precedida de comentários elogiosos. Nas conferências, o Velho Liberal enfatizava o espírito filantrópico da instituição maçônica e o papel que a mulher deveria ter na execução da caridade. A tolerância e o humanitarismo da Maçonaria eram contrapostos à intolerância, ira e espírito vingativo dos partidários do jesuitismo.

Editoriais e as mulheres

Nos Editoriais dirigidos às mulheres, predominam o estímulo para que elas se instruam e as críticas à dominação que o púlpito e o confessionário exerciam sobre "o sexo feminino". Pelo teor de tais artigos, de outros publicados nas seções "Variedades" e "Noticiário Geral", de responsabilidade da redação, e das informações, vê-se o tipo de educação que os responsáveis pelo jornal consideravam ideal para libertar as mulheres do poder de persuasão dos ultramontanos.

As propostas de melhoria na educação feminina dos liberais de todos os matizes, inspiradas "nas luzes do século", definiam, como objetivo educacional, a formação da boa mãe e da boa esposa. Esse modelo era veiculado não apenas nos artigos "sérios" dos jornais, mas também na seção de variedades chamada Folhetim (Capítulo 6) e em peças de teatro e romances. [17].

Apesar da crítica contundente aos exageros do Ultramontanismo, os Editoriais, assim como o Positivismo, o Liberalismo e a Maçonaria identificavam-se com o Ultramontanismo quando situavam "na mulher", singular-coletivo, a função regeneradora, função que ela exerceria no lar, através da educação dos filhos e da relação estabelecida com os adultos masculinos de sua família e de suas amizades.

A mulher devotada aos deveres do lar, honrada mas com uma educação condizente com a sua classe social, o que lhe possibilitaria desincumbir-se de suas tarefas de anfitriã perfeita, já era uma exigência do nada ultramontano Rousseau (Capítulo 3), que afirmou a necessidade de Júlia não ser apenas honesta, mas aparentar ser. Esse autor projetou no

---

[17] Os traços da idealidade feminina que formavam as personagens exemplares na dramaturgia dos acadêmicos e bacharéis da Faculdade de Direito de São Paulo é tema da minha tese de Doutorado, citada, *A Mulher em cena* (2ª metade do século XIX).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18

Livro IV do *Emílio* e em *A nova Heloísa* a totalidade das funções a serem exercidas pelo gênero feminino, desde a infância.

Um exemplo de maçom, republicano e anti-católico, mas que preconizava um comportamento que se pode chamar de conservador para as mulheres, foi Carlos Ferreira. Suas personagens femininas, tanto a heroína de *O marido da douda* como a de *Os grandes e os pequenos*, são jovens meigas, gentis, educadas, submissas à autoridade paterna e materna, capazes de sacrifícios pelos que amam e que têm por objetivos a realização do amor no casamento e na maternidade. As anti-heroínas, Bárbara e Leonor são arrogantes, fúteis, leitoras de romances perniciosos e por isso punidas exemplarmente. (Ver Capítulo 7 e *A mulher em cena,* citada).[18]

A identidade de objetivos entre ultramontanos, maçons e liberais no tocante à essencialidade familiar e doméstica da função da mulher, pode ter sido a razão que levou liberais e maçons a matricularem filhas no Colégio de Patrocínio de Itu, regido pelas Irmãs da Congregação de São José. Segundo Ivan Manoel, as oligarquias, entre elas cidadãos maçons, matricularam suas filhas no referido colégio, que tinha por objetivo a formação de esposas e mães exemplares no lar e na sociedade, onde as mulheres representariam também o papel de "ornamentos" e funcionariam como suportes para a projeção econômica e social dos maridos. Educadas e condicionadas pelas irmãs para serem católicas devotas, as ex-alunas tornavam-se divulgadoras das idéias do ultramontanismo e forneciam meios de subsistência para a Congregação de São José.[19]

---

[18] Carlos Ferreira, dramaturgo, poeta, jornalista e republicano, substituiu Quirino dos Santos na direção do jornal *Gazeta de Campinas,* em 1886. Antes trabalhara no *Correio Paulistano* e depois fora chefe de redação do *Gazeta de Campinas,* republicano. Como a maioria dos homens de letras e artistas, que não tinham empregos públicos, enfrentou sempre dificuldades financeiras. Fez a sua primeira comunhão pouco antes de morrer, ato celebrado pelo Padre Júlio Maria. LOBO, Plágio A. *Velhas figuras de São Paulo*. São Paulo: Biblioteca Academia Paulista de Letras 1977, p.59-64.

[19] O autor Ivan Manoel observa que "a oligarquia", naquele momento, desejava para suas filhas "uma educação competente mas, ao mesmo tempo, temia uma proposta educacional que se mostrasse excessivamente avançada, pretendendo a 'liberdade feminina'. A oligarquia apoiou economicamente as Irmas de São José, apesar de não ser possível identificar os nomes dos apoiadores, devido à escassez de fontes. Os Almeida Prado, Queiróz Telles, Souza Aranha, Garraux, Pinto Ferraz entre outras, puseram suas filhas no Colégio de Itu. MANOEL, Ivan Aparecido. Igreja e Educação Feminina: *Os colégios das Irmãs de São José de Chamberry* (1859-1919). São Paulo, 1988 (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 190-1 e 165-180.

unesp

Com relação aos maçons que punham suas filhas no Colégio de Itú, o testemunho de um 0deles, Antônio Pompêo de Camargo, é ilustrativo da preocupação que o excesso de religiosidade das irmãs provocava. As filhas de Antônio Pompeo, Vitalina e Matilde, matriculadas no *Colégio N. S. do Patrocínio,* em 1863 e 1868 respectivamente[20], tornaram-se profundamente religiosas (Capítulo 4). Portanto, alguns anos depois, quando as enteadas de Antônio, Francisca e Olívia, foram matriculadas no mesmo colégio, ele demonstra apreensão quanto à educação religiosa, escrevendo na prestação de contas, anexada ao inventário do Capitão Francisco José de Camargo Andrade, pai delas:

> "As duas meninas estão no *Colégio São José*, em Itu; e apesar de ser a direção desse estabelecimento de ensino entregue à congregação de São José, todavia o tutor jamais se descuida de velar para que no espírito de suas pupilas não se incutam as exageradas idéias de ascetismo religioso, tanto mais condenável quanto ele concorre fatalmente para o esfriamento das afeições paternas, em detrimento dos sagrados interesses da família..."[21]

Convém que se observe ainda, a respeito da antítese apontada por esse autor, entre a crítica feita pelos liberais radicais ao ultramontanismo e a presença de filhas de maçons no Colégio de Itu: os colaboradores do *Correio Paulistano* que mais oposição fizeram à romanização, como Carlos Ferreira, Ferreira de Menezes, Américo de Campos, Azevedo Marques, por exemplo, não pertenciam às elites cafeeiras, eram profissionais urbanos, dedicados às lides jornalísticas e à advocacia. Transparece do comportamento de componentes de certas camadas sociais urbanas, formadas por profissionais liberais, mais flexibilidade em relação às mulheres.

As atitudes de algumas jovens paulistanas, ainda que não merecessem críticas quanto ao seu decoro, apontam para uma ligeira descontração de hábitos, com a permissão de seus pais, ou sob as vistas deles (Capítulo 4), no âmbito urbano.

As críticas que aparecem no *Correio Paulistano* ao domínio que confessores e pregadores missionários exerciam sobre as mulheres e que demonstram apreensões semelhantes àquela manifestada por Antônio Pompêo de Camargo, são evidências de que os profissionais liberais, pertencentes às elites econômicas e camadas intermediárias, com idéias liberais ou ligações maçônicas não queriam as suas filhas encerradas dentro

---

[20] *Das Irmãs de São José*. Homenagem à Congregação, p.428-9.

[21] CENTRO DE MEMÓRIA DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS. *Inventário do Capitão Francisco José de Camargo Andrade*. Arquivo do Tribunal de Justiça de Campinas, TJC, 3º Ofício, Caixa 320, processo 7117.

unesp

de casa "feitorando escravos", ou nas sacristias e confessionários confabulando contra eles, maçons, e nem ornamentando festas, apenas.

Pretendiam-nas como seres pensantes, dentro de limites, para que suas funções fundamentais não ficassem comprometidas por excessos de "modernismos". Um desses modernismos, como se viu no Capítulo 1, na parte destinada ao lazer e se verá no Capítulo 7, eram as leituras consideradas perniciosas. É um tema ainda a ser pesquisado, essas diferenças de mentalidade em relação às mulheres, de um grupo social para outro ou de uma cidade maior para outra.

Todavia, apesar das "idéias novas" e do programa do cientificismo pregar mudanças na situação das mulheres, a experiência malograda do Colégio Rangel Pestana, que incluia entre as disciplinas tradicionais outras que não o eram, como Física e Química, Álgebra, Retórica e Política e Direito da Mulher na Sociedade Brasileira, é um indício do predomínio de uma expectativa mais tradicional, em relação ao desempenho feminino na sociedade. Ensinar Retórica e Política fazia supor que os educadores estavam preocupados em oferecer às mulheres condições para que pudessem falar e opinar, o que não era comum em uma sociedade que privilegiava o recato e a modéstia feminina. E a inovação de ministrar lições de catecismo, em dias determinados, "atendendo-se a religião dos pais",[22] atesta o ecumenismo de Rangel Pestana, que, mesmo não sendo protestante, lecionou em colégios protestantes.[23]

No tocante à luta por igualdade de direitos entre os sexos, que ocorria nos Estados Unidos e Europa, o jornal acompanha-a com interesse e constância. As pequenas conquistas femininas, como a abertura de espaço para elas nas repartições públicas, nas Universidades e a luta pela participação política eram noticidas de forma aclamatória. Esse acompanhamento informativo e opinativo não pode ter sido motivado apenas pelo chamado "interesse jornalístico", que de certo existia pois, mulheres e homens aclamando o direito das mulheres ao voto, mulheres ingressando nas Universidades, ainda que em condições especiais, ou seja de desigualdade, ou em repartições públicas eram notícias "quentes", causadoras de impacto nos leitores.

Mas, além de noticiar, há na maneira de dar a notícia o intento persuasivo, através do estímulo à imitação. Mulheres instruídas, abertas até um certo limite, '"ao novo", ao

---

[22] *INDICADOR econômico para 1878.* Edição similar. São Paulo: Convênio Imesp, Daesp, 1982, p.159

[23] Pestana lecionou na Escola americana. VIEIRA, David Gueiros. Ob. cit., p. 261

"moderno", eram menos permeáveis à pregação de missionários, padres e confessores, como se verá no Capítulo 3. As notícias sobre mulheres que se destacaram na luta feminista, como Louise Michel, Huberttine Auclert, nas artes, nos estudos acadêmicos são emitidas em tom apologético.

Em 15 de março de 1866, em um texto publicado na seção Variedades, denominado "Condição da mulher na China", o autor registrava de forma enfática que a condição humilhante da mulher naquele país era própria de um povo que não podia ser definido como civilizado.

A situação da chinesa era relatada desde o nascimento, recebido sem festas, até a velhice, quando então, "com a saúde prejudicada pelo atrofiamento dos pés, só conseguia andar apoiada em escravas". O costume "bárbaro e inconcebível" provocava também doenças cutâneas, gangrenas e dores. Quanto "à educação, reduzia-se a obedecer e a sofrer. Apenas uma ou outra sabe ler e tem alguma cultura". No casamento, a noiva, apoiada em escravas, ficava à disposição da curiosidade dos convivas e tinha que "sofrer com paciência toda sorte de gracejos mais ou menos grosseiros que lhe dirigem". Casada, a mulher não participava da posição social do marido:

> "metida no interior da casa passa a sua existência monótona, metida entre o cachimbo e o chá, sem mesmo pensar em outra existência mais digna".

Confúcio, que deveria ter

> "elevado a mulher à sua devida posição, concorreu para degradá-la. Na China, os escritos dos antigos sábios, as leis, os costumes tendiam a "vilipendiar e degradar a companheira do homem e a influência desse pernicioso sistema fazia-se sentir no caráter geral do povo chinês".

O longo artigo sobre a mulher chinesa é publicado com o intuito de mostrar um exemplo cultural negativo, estando, todavia, integrado na visão imperialista do Ocidente, que buscava pretextos de toda sorte para justificar a sua expansão, realizada em detrimento dos povos "nativos". Os "bárbaros" chineses tinham muito a aprender com o Ocidente, inclusive a maneira civilizada como os europeus e norte-americanos já tratavam as suas mulheres.

Apesar de não haver no artigo, qualquer comparação entre a situação das chinesas e a das brasileiras, pelo teor de outros textos publicados (Capítulo 3), pode-se presumir que havia colaboradores no jornal que não consideravam ideal a situação das brasileiras; mesmo levando em conta as mudanças que estavam ocorrendo, em relação ao período colonial.

unesp

Os motivos da publicação estão relacionados com a preocupação que tinham alguns letrados com o "reerguimento" das mulheres à condição de "regeneradoras" da espécie e companheira do homem, funções que, para serem exercidas a contento, exigiam maiores cuidados com a educação.

Sob o significativo título de "Notáveis verdades", o editorialista, em 25 de janeiro de 1874, fazia elogios ao presidente da Universidade de Cornell, que havia aberto os cursos regulares para a freqüencia feminina. Dizia o editorial:

> o fato importantíssimo, por ser em si mesmo um passo dado para construção de um fim nobre, qual seja a educação da mulher, veio trazer além disso outras conseqüencias vantajosas, suavizando os costumes escolásticos".[24]

Em "Nobilitação da mulher pelo trabalho", (editorial), o articulista admirava-se com o fato de o *Jornal do Comércio* - "que aliás não é fácil de inflamar-se por inovações, *maximé* quando elas cheiram a tendências democráticas" - trazer a notícia de que o governo federal da Suíça,

> "tratando de melhorar a situação das mulheres na sociedade, estava esforçando-se por abrir-lhes as carreiras que as suas condições físicas e morais as tornam aptas a ocupar". (26.8. 1870).

O próprio articulista fornece a pista para o entendimento de que as notícias eram escolhidas de acordo com a opção ideológica e política dos responsáveis pelo jornal. No caso citado, como um jornal conservador poderia ter publicado uma notícia sobre um fato considerado "novo"?

O concurso aberto para o preenchimento de funções nos Correios e Telégrafos da Suíça teve, segundo o autor, maior índice de aprovação "entre o belo sexo, que obteve menção de ótimo, em número dobrado ao dos homens". E, concluía:

---

[24] Em 1877, era presidente da Universidade de Cornell Andrew Dickson White. GAY, Peter. *A educação dos sentidos.* A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, p. 141. Este autor descreve a luta das mulheres para entrarem nas Universidades, principalmente nos cursos de Medicina, já que fazia parte da expectativa em relação "ao feminino" atitudes de cuidados com os doentes: "a vocação médica parecia natural nas mulheres, tanto quanto a de professora, pois no século XIX como em todos os anteriores, elas eram as supervisoras da saúde doméstica e as enfermeiras do lar. Nada havia de irreconciliável ou não-feminino no quadro agradável de uma mão tranqüilizante oferecendo um remédio a um doente, enxugando-lhe a testa ardendo em febre, confortando os que estão prestes a morrer. Além disso, a idéia de que as mulheres pudessem cuidar melhor de outras mulheres agradava muitos homens mais puritanos que temiam que um médico homem violasse o puro recato de suas pacientes". Id., ib., p. 136

unesp

> "não será demais tudo quanto eu disser para aprovar sob o ponto de vista civilizador, os esforços que emprega a República Helvética para elevar o posto que a mulher deve ocupar na sociedade moderna; utilizar suas forças de modo útil, abrir-lhe carreiras honrosas e lucrativas é praticar ao mesmo tempo atos de inteligência e de moralização".

Apesar de subordinar o acesso às profissões "às condições físicas e morais" da mulher e do teor paternalista do artigo, o que era típico do discurso pedagógico de alguns homens letrados do século XIX, a posição do articulista é inovadora, comparada com a opinião de alguns escritores da mesma época e com a mentalidade dominante na sociedade brasileira.

Em "Mulheres nos Estados Unidos", registrava-se a escolha de onze senhoras para composição de um júri, no território de Wyoming, entre as quais "algumas esposas de cidadãos de elevada posição". Comentava o redator:

> "O belo sexo já começa a gozar dos direitos em outros tempos reservados aos homens... São uns doidos esses americanos. Desalmados, atacam de frente a sância lei ultramontana". (31.5.1870).

Em 1874, o "talento, a inteligência e a posição elevada das mulheres" que fizeram uma petição (18.000 assinaturas) a Disraeli, solicitando o seu apoio a favor do projeto que concedia direito de voto às mulheres e "demais direitos exercidos pelos homens", eram ressaltados. (2.8.1874).

Em 30 de agosto de 1866, sob o título "O belo sexo na Itália", elogiava-se a atuação das mães dos soldados na guerra contra os austríacos, afirmando-se ser "forçoso reconhecer que em nenhum lugar, exceto na Polônia, as mulheres possuem qualidades tão razoáveis quanto na Itália:

> As mães, com o rosto banhado em lágrimas, mandam os filhos morrer nos campos de batalha; (...) em Revigo e em Pádua, manifestaram suas simpatias pela causa nacional, em frente aos austríacos. Em Pádua, diante da artilharia assentada na Praça Pública, elas reuniram-se gritando: Viva a Itália! Fora o estrangeiro! O comandante não quis praticar um morticínio, cumprimentou as mulheres e partiu".

Depois da revolta de 1831, algumas polonesas criaram o movimento que se chamou *Enthousiastes*, que tinha por objetivo mais amplo "a ressurreição do país", do qual fazia parte a emancipação feminina. Segundo a coordenadora do movimento, Narcyza Zmichowska, a mulher tinha um duplo dever:

> *"D'abord, soulever ces tentures de soie et de velours qui tiennent, dans son salon, comme dans un harem, la femme séparée du monde; descendre au forum et là s'emparer, comme d'un domaine vraiment féminin, des questions sociales que, sans l'aide de la femme, l'homme ne peut résoudre. Ensuite aider, et de toutes ses forces, les hommes qui palpitent, souffrent, combattent et meurent pour la liberté".*[25]

---

[25] ABENSOUR, Léon. *Histoire Générale du Féminisme.* Des origines à nos jours. Paris: Ressources, 1979, p.224-5.

unesp

Não se vê, na forma como eram redigidas as notícias, apesar do estímulo à educação e profissionalização, qualquer sinal que aponte para uma quebra na atribuição das tradicionais funções de educadora, mãe, consoladora, enfermeira e regeneradora da espécie; o que os redatores e colaboradores pretendiam era a instrução das mulheres para que o enaltecimento da figura feminina, sua valorização como "companheira do homem" se tornasse possível; e condicionavam sempre o exercício das profissões à concepção de "natureza feminina" (Capítulo 3). Mesmo assim, em relação a jornalistas e escritores, inclusive europeus e norte americanos, a posição dos que escreviam no *Correio Paulistano,* pode ser considerada avançada.

Em notícia a respeito da "mãe de Washington", por Armando Carrel, transcrita na seção Variedade, primeira página, essa mulher é caracterizada como "forte e decidida", sendo a ela atribuída "a responsabilidade da força e caráter do filho ilustre, que libertou, com a ajuda de oficiais estrangeiros, a América, e foi seu primeiro presidente". Para ela, pompa e poder pouco significavam; o caráter e a força dos homens que defendiam a pátria é que importava,. Não viu a posse do filho, pois já estava enferma, com câncer no estômago. Faleceu aos oitenta e cinco anos. O texto é longo e repetitivo, enaltecendo qualidades como simplicidade, modéstia, coragem e fortaleza de espírito. (22.6.1877).

Em "Educação da mulher", no Noticiário Geral, o redator observa que não era "uma ou outra nação" que começava a "prestar séria atenção à educação da mulher; são quase todas. Ainda bem; antes assim". Segundo ele, ninguém negaria "à grande República americana a sua iniciativa neste e noutros pontos de civilização; a ela toca a glória". Depois do preâmbulo, informava-se que o rei da Baviera tinha um projeto de fundar, em Munique, "uma escola especial de arte industrial para raparigas".

Informava-se ainda que outra escola seria fundada em Moscou, "além da escola de instrução para as senhoras que deve funcionar no começo do novo ano". Asim terminava a nota:

> "Nós porém, ainda não começamos a cuidar da educação do homem, quanto mais da mulher!..." (9.11.1872).

Já me referi, no Capítulo l, ao artigo de George Sand a respeito de trabalhos manuais e leitura em voz alta, para um grupo. Agora, vou focalizá-lo para ressaltar melhor a posição de Sand em relação a uma atividade tradicionalmente feminina. No texto transcrito do *Jornal da Tarde* e intitulado "Dos trabalhos d'agulha e do trabalho em

unesp

geral", George Sand critica as mulheres de talento que consideravam os trabalhos "caseiros, particularmente os d'agulha", como embrutecedores, insípidos e como "parte da escravidão a que condenaram o nosso sexo". Afirmando não ter "nenhum gosto pela teoria da escravidão", diz não achar que tais trabalhos fossem escravizadores; pelo contrário, ela tinha experimentado, em todas as épocas de sua vida, "um atrativo natural, invencível" por eles, que serviam também "para acalmar grandes agitações do espírito". A influência dos trabalhos caseiros era embrutecedora apenas para aquelas que não sabiam "procurar o que se acha em tudo: o bem fazer". Sand comparava as tarefas femininas com o trabalho do operário que "cava depressa e bem, "e ainda diz, sorrindo, que ama o trabalho:

> "Amar o trabalho é uma palavra simples e profunda do operário do campo, palavra que todo o homem e toda a mulher podem comentar, sem que isso implique a idéia da servidão. Pelo contrário, é por aí que nosso destino escapa a essa lei rigorosa do homem explorado pelo homem". (C.P., 21.6.1871, p.1).

No texto da escritora, a mesma posição enaltecedora do trabalho que aparece em outros textos de europeus e brasileiros, como José de Alencar, que, em sua peça, *O crédito,* faz a apologia do trabalho para homens e mulheres, através de Rodrigo, herói-*raisonneur,* e de Julieta, a protagonista feminina, que aprendeu "as verdades" com o namorado Rodrigo.

Não teria Sand consciência da violenta exploração dos trabalhadores, inclusive em seu país, naquele momento? Afirmando que seria através do trabalho que o 'homem explorado" poderia escapar da servidão, apesar de algumas atitudes suas consideradas avançadas para a época ,[26] percebo a escritora afinada com a vitoriosa teoria liberal, pregando que o problema da miséria e da exploração se resolveria, "naturalmente", através do trabalho obediente e silencioso, ou seja, da aceitação, por parte dos trabalhadores, das condições estabelecidas pelos patrões.

---

[26] George Sand não participou, efetivamente, do movimento feminista. Eugénie Nobyet lançou a sua candidatura à Assembléia Nacional, "recebendo o apoio do Clube dos Jacobinos". A escritora, entretanto, recusou-se a "transformar-se no porta-voz das mulheres", porque, "embora partidária da igualdade entre os sexos", não reconhecia "os métodos do feminismo francês". As mulheres não lhe pareciam "estar preparadas para o exercício do direito do voto; devem, antes, receber a instrução necessária para livrá-las da miséria e da ignorância". SAFFIOTI, Heleieth I.B. *A mulher na sociedade de classes:* mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 109. A posiçã de Sand é semelhante à posição assumida por José de Alencar, nos discursos que proferiu no Parlamento, contra a Lei do Ventre Livre: antes de libertar os escravos, urgia instruí-los (Capítulo 5).

unesp

Em 1° de outubro de 1879, no Noticiário Geral, publicava-se uma "Estatística de mulheres que trabalham nos Estados Unidos" com muitos louvores a essas mulheres: 45 criadoras de gado; 16 barbeiras; 21 dentistas; 15 advogadas; 40 médicas ou cirurgiãs; 588 sacerdotisas pregadoras; 10 empregadas em canais; 144 empregadas nos correios; 29 empregadas nos telégrafos; 77 tipógrafas; 196 carreteiras; uma pilota; 43 arcabuzeiras e 7 fabricantes de pólvora.

Sob o título "A mulher há de regenerar a sociedade", a admiração com o fato de que muitas mulheres, empregadas pelo Tesouro norte-americano, para contar dinheiro para pagar soldos dos combatentes e os fornecedores do exército, não tenham roubado: "as notas eram de todos os valores, desde 25 centins até mil dólares, e nunca se achou falta de uma só nota". (11.3.1876, p. 3).

Em "Gratidão feminina", relata-se a reação da "primeira agraciada pela sanção do Senado de Washington", autorizando a admissão de advogados do sexo feminino nos tribunais norte-americanos: a advogada fizera colocar

> "no dia 8, ao abrir a sessão, um bouquet de flores exóticas em cada lugar dos que votaram a favor da medida progressista, e magníficos cestos de flores nos dos três senadores que foram os oradores campeões do sexo". (Noticiário Geral. 1.2.1879, p.2).

Em "A mulher do Futuro" são várias as informações sobre a formação universitária de mulheres: eram oito os estados em que a mulher era admitida como advogada, na União Americana; na Inglaterra, ao contrário dos Estados Unidos, a mulher ainda não era admitida no fórum, o que fazia com que Miss Orue, de Londres, "uma advogada distinta e com muitos clientes", se fizesse "representar por um sócio, homem"; A senhora A.H. Jacobs recebera da Universidade de Groningen o diploma de *Medicine Doctor*. Ela escrevera "uma dissertação muito original e profunda sobre a localização dos fenômenos psicológicos e patológicos em cérebros de grandes dimensões. É essa a primeira vez que na Holanda se confere o título de doutor em Medicina a uma mulher"; em Roma, formara-se um clube "cujo fim é o adiantamento da mulher". As norte-americanas que viviam em Roma, eram os membros mais ativos do clube. A raínha da Itália declarara a sua simpatia pelo programa e trabalho do clube; o jornal italiano *La Dona* informava que Matilde Desalles, doutora em medicina pela Universidade de Bolonha, tinha naquela cidade "uma extensa clientela". A matéria terminava enfatizando que "um dos melhores gravadores sobre madeira, nos EUA", era uma senhora, Mary Hallock Foote, que também "escreve romances bem sofríveis. Ela ilustrou os poemas de Hawthorne e

unesp

estudou nas aulas públicas gratuitas de *Cooper Institut de New York."* (Noticiário Geral. 31.7.1879, p.2).

Em "A mulher americana", atribuía-se o fato das Confecções e Fábricas de tecidos empregarem um número maior de mulheres do que de homens ao "tédio que a mulher americana vota ao ócio". (Noticiário Geral. 5.7.1877, p.2). A questão dos salários menores pagos às mulheres e a necessidade absoluta de trabalhar, parece que não existiam para quem redigiu a notícia. Apenas "o tédio" ,sentido pelas trabalhadoras, era o motivo da "louvável iniciatiava".

A Sociedade Médico-Psicológica, de Paris, por proposta do célebre professor Magnon, resolveu "unanimemente", admitir, como membro efetivo, "uma menina russa", Mlle. Skvortsof, que se formara em medicina, em Paris. O fato era ainda "mais notável', escreve-se, porque para serem admitidos naquela Sociedade, os médicos tinham que reunir "elevados títulos":

> "Agora faz-se uma verdadeira exceção em favor de Mlle. Skvortsof. Esta jovem estudiosa deve tal honra à impressão que no mundo científico produziu o seu livro da afasia, enfermidade que ofende um certo gênero de memórias. Mlle. Skvortsof dedica-se especialmente ao tratamento de moléstias nervosas". ("Um médico de saias". Noticiário. 12.10.1881, p.2).

Além de procurarem as Universidades, as russas liberais ou anarquistas, segundo Carey Thomas, eram vistas "como um flagelo" em Leipzig:

> "As universidades alemãs, vivem com medo - a grande oposição às mulheres provém do terror que as mulheres russas inspiraram com sua anarquia em Zurick até que foram banidas. Eu creio realmente que o único pedido de matrícula de uma única russa em Leipzig já seria suficiente para fechar as portas das universidades às mulheres".[27]

Gay observa que Carey Thomas, com a "sua habitual perspicácia", via no pânico que as russas provocavam, o medo das idéias socialistas. Abensour, escrevendo acerca do feminismo na Rússia, liga-o ao niilismo e acentua a contraditoriedade da situação das mulheres russas. Ao mesmo tempo em que a mulher "est la chose de son mari", no final do século XIX, ela exercia alguns direitos políticos:

> "Propriétaire, elle pourra concourrir à l'élection des membres des zemstvos ou de la douna; simple habitante d'un village, elle contribuera à l'administrer, et souvent tels bourgs, d'où pendant la saison d'été tous les hommes émigrent pour des travaux temporaires, connurent une administration exclusivement féminine."[28]

Algumas russas fizeram parte da *intelligentzia*, que no governo dos últimos Romanoff, uniram política e atividade intelectual, artística e literária. Burguesas e aristocratas

---

[27] GAY, Peter. Ob. cit., p. 141

[28] ABENSOUR, Léon. Ob. cit., p.258

unesp

freqüentam as Universidades, cursando letras, direito, medicina e ciências (No capítulo 7 escrevo a respeito das mulheres em algumas peças de teatro e romances russos). Algumas como Sophie Perovskaïa, Élisabeth Olovenikof e Essia Hoffmann, radicalizaram a luta: Sophie morre executada, Élisabeth fica louca na prisão e Essia Hoffmann morre de dor porque afastaram dela o filho. O final dessas mulheres, "*loin de décourager leurs émules, en suscite des centaines*". Abensour diz que as russas praticavam o socialismo e consideravam a reivindicação de seus "direitos particulares como puro egoísmo:

> Et si elles sont féministes, c'est sans le chercher, et même sans le savoir".[29]

Na matéria "O belo Sexo nos Estados Unidos", Noticiário Geral, era observado que "a concessão de direitos políticos ao belo sexo" tivera um "ensaio prático nos EE.UU." Era o direito a votar obtido pelas mulheres de Wyoming, um território, que até 1867, não estava povoado. Doze anos depois, as cidades de Cheyenne e Juleburg já eram dois centros importantes:

> "Cheyenne foi o ponto de reunião onde muitos utopistas norte-americanos fizeram o ensaio de teorias e onde as mulheres deram o último passo no caminho da emancipação. Um periódico dissera, não há muito, que o ensaio tinha sido desgraçado, que não votaram as verdadeiras mulheres, isto é, as mulheres capazes, e que algumas votantes eram levadas às urnas por políticos inescrupulosos, que as recrutavam em lugares pouco respeitáveis".

Mas o "*Women's Journal,* órgão do direito das mulheres na América, tomou a defesa "das eleitoras de saias" e contou uma história direrente: que as eleições transcorreram em um ambiente de calma e respeito:

> "não se ouviram palavras grosseiras... mães de família, moças, ainda chegam com seus inocentes filhos nos braços, entrando na sala da votação do modo o mais natural do mundo. Nada de apertões, desordens, nem insultos". (8.6.1879,p.2)

A morte de miss Harriot Hunt é noticiada em 23 de abril de 1875: Harriot fora

> "a primeira entre as primeiras a se entregarem ao exercício da medicina. Pugnou pelos direitos da mulher, recusando-se a pagar impostos, enquanto não votasse. Proibiu os herdeiros de reclamarem dívidas de seus clientes". [30]

Em "Mulheres eleitoras", Noticiário, o pedido de inscrição de Hubertine Auclerc, no escritório das eleições, administração do décimo bairro de Paris, ocupou um bom espaço

---

[29] Id., ib., p. 259

[30] Harriot Hunt "foi a primeira médica de sucesso nos Estados Unidos". Segundo Peter Gay, ela escreveu que por volta de 1800,em Boston, a "mulher não era estigmatizada por demonstrar interesse pela economia nacional, e não só pela economia doméstica". Harriot Hunt predisse, em 1856 que, "dentro de poucos anos " a medicina seria dividida igualmente entre homens e mulheres. Gay observa que a afirmação de Hunt não passou de um anseio. Ob. cit., pp. 128 e 136.

unesp

do Correio Paulistano, que tinha apenas 4 páginas, sendo que duas, reservadas para publicidade. O que indica a importância que a editoria dava aos acontecimentos ligados ao movimento feminista. O redator, com minúcias, relata a chegada de "uma moça chamada Hubertine Auclerc", à administração, como ela foi atendida pelo empregado, que declarou que participaria o pedido de Hubertine ao *maire*. O *maire*, Sr. Devisme, "respondeu por escrito à cidadã:

> 'Visto o pedido e as razões em que se fundava, e vistas as leis eleitorais em vigor; considerando que desde 1789 todas as leis eleitorais, sem exceção, conferem somente esse direito aos homens e não às mulheres, e que não seria da competência do *maire* alterar essas leis, criando um novo direito, não pode ser admitido o pedido'. Apesar da delicadeza do *maire*, a moça entrou em campanha, e, com outras cidadãs, assinou um protesto em que se diz: - 'Nós abaixo-assinadas, cidadãs francesas, preenchendo todos os deveres que em tal qualidade nos incumbem, apresentamo-nos com os atestados de identidade e maioridade nos nossos respectivos bairros, e requeremos as inscrições nos cadernos eleitorais. Responderam-nos que, como mulheres, não podíamos ser inscritas. Por que? O texto eleitoral diz que são eleitores todos os cidadãos franceses maiores. Estamos nesse caso. Só a questão do sexo nos pode ser oposta, como outrora a questão de sangue e casta. A nossa sociedade moderna, que não crê na inferioridade de casta, não deve consentir em que metade da humanidade, as mulheres, sejam hereditariamente condenadas à privação dos direitos cívicos. Apelamos para a opinião, da injustiça que a república consagra mantendo-nos escravas! As mulheres francesas que suportam as obrigações públicas, pagam os impostos, obedecem as leis, devem possuir os direitos que os próprios estrangeiros podem adqüirir, e os velhos débeis e inconscientes podem exercer. Até que justiça nos seja feita não deixaremos de protestar contra tal mutilação. As cidadãs: Hubertine Auclerc, Aubé, Courthier, Blin, Genly, Maria Droin, Bastien Blanc, Eugénie Pierre, Leloup e Boucker".

Em 1882, Mlle. Hubertine Auclerc, "a jovem defensora dos direitos femininos", protestou contra a decisão da Câmara Municipal de Paris em não convidar senhoras para um banquete organizado pela mesma. O jornal transcreveu um trecho da carta de Hubertine:

> "É vergonhoso que, sob o falso pretexto de indignidade das mulheres, os homens façam delas as suas vacas leiteiras, e confisquem para si todos os lugares nas Assembléias, na Câmara Municipal" (...) ("Ousadia Feminina". 31.7.1882,p.3).

Contraposto aos relatos, nenhum comentário pejorativo por parte do jornalista. Com poucas exceções, os redatores assumiam posições abertas às reivindicações das mulheres. E bem diferentes das reações de alguns escritores, artistas e publicistas europeus e norte-americanos, que reagiram à luta feminista procurando desqualificá-la, através da identificações das feministas com o lesbianismo e com a figura da solteirona "mal-amada" e feia, e através de charges e produções artísticas, que identificavam "a nova mulher" a Medéias, Medusas, Esfinges, Salomés e outras figuras femininas, representativas de forças negativas.

A dedicação à literatura era um atestado de feiúra, de mulher pouco sedutora como se o amor fosse incompatível com o desejo de se desenvolver intelectualmente: "laide, la

unesp

'cerveline' et 'cerveline' parce que laide". Como escreve Annelise Maugue, a desmoralização das emancipadas tinha por objetivo intimidar e era tão repetida que acabava se constituindo "em evidência", independente dos fatos que a desmentissem:

> *"Elle avait toujours eu, je crois, le tort de n'être pas jolie. Pour une femme pareil tort mène à tout. Qui sait? Peut-être de désespoir, se lança-t-elle dans la littérature..."* [31]

Androginia e lesbianismo eram introduzidos na "imagem" da instruída, da artista e da emancipada:

> *"L'image du convent saphique avec ses supérieures abusives est donc artificiellement plaquée sur un univers scolaire féminin d'où l'homme n'est pas absolument absent".*[32]

Escrevendo a respeito da campanha em prol do ingresso nas faculdades de medicina e no exercício da profissão, encetada por Horriet Hunt, Marie Zakrzewska, Elizabeth Blackwell, "que tiveram que se munir de uma resistência, uma autoconfiança e uma paciência que seus adversários logo rotularam de antifemininas", assim se expressa Peter Gay:

> "Como acontece amiúde, os números fornecem apenas uma vaga indicação das desilusões de uma jovem aspirante a médica, de sua persistência diante das rejeições humilhantes e de uma tramóia organizada".[33]

Na revista *Punch,* em uma charge, as emancipadas eram desenhadas com longas calças, fumando charutos na rua, em grupos; em outra charge, intitulada *O Anjo na "Casa",* ou *O resultado do Sufrágio Feminino,* uma mulher magra, muito feia, óculos redondos, discursa em uma assembléia, tendo ao lado o chapéu-cartola, as agulhas de tricô e um novelo de lã; em *Plantas do Orquidário Moderno, Fliegende Blätter,* uma mulher despenteada, em uma mão um cachimbo e na outra um chicote, no meio de vasos e vidros, levita; alusão às bruxas? À George Sand? [34]

Voltando à Hubertine Auclerc, ela organizou o grupo *Suffrage des Femmes* e criou o jornal *La Citoyenne,* na década de 1870.[35] Segundo León Abensour, seu temperamento era o mesmo das militantes inglesas e norte-americanas e que ela

> *"fut une suffragette avant la lettre, entraîne, au cours des périodes électorales, quelques femmes à des manifestations assez violentes contre le suffrage prétendu universel".*[36]

---

[31] J. Barbey D'Aurrevily. Apud: MAUGUE, Annelise. *L'Identité masculine en crise.* Au tournant du siècle. Paris: Rivages,1987, p.83

[32] Id., Ib., p. 101

[33] GAY, Peter. Ob. cit., p. 137

[34] Id., Ib., figs. 1, 2, e 3, entre as páginas 160-1.

[35] SAFFIOTI, Heleiet, I. B. Ob. cit., p.111

[36] ABENSOUR, Léon. Ob. cit., p.275

unesp

A transcrição do relato de uma conferência da socialista Louise Michel, em Marselha, ocupa duas colunas quase integrais, na 2ª. página. O evento atraiu não apenas os socialistas, companheiros da conferencista, mas curiosos, "que não queriam dispensar esse prazer, que lhes custava apenas 50 cents, preço da entrada". Mulheres pertencentes ao grupo de operárias socialistas marselhesas estiveram presentes. A mesa estava coberta com um pano vermelho e enfeitada com ramalhetes de flores vermelhas, esclarece o articulista:

> "Entra Louise Michel, pálida e sombria, vestida de preto e trazendo compridas *mitaines* de seda. Prorrompem aplausos de todos os lados e uma cidadã oferece-lhe um ramalhete de flores vermelhas, saudando-a em nome das mulheres socialistas de Marselha. Luísa responde que não merece as homenagens que se dirigem à Revolução ,da qual é um apóstolo, mais do que à sua pessoa, e começa seu discurso em tom melodramático: 'O tempo atual me causa horror; tudo é injusto e falso, só há mentira e torpeza, é preciso destruir tudo e criar um mundo novo. Por minha parte, quero passar através do mundo exclamando: liberdade. O governo que hoje desonra a França é alguma coisa de horrível que não merece o nome de república; é um regime híbrido formado da escória dos velhos despotismos com um rótulo liberal mentiroso como tudo o mais. É tempo de fundar o regime da justiça e da verdadeira liberdade. Os revolucionários do mundo inteiro devem formar a grande nação universal e derrubar para sempre as barreiras que separam os povos e que os impedem de se abraçarem como filhos do mesmo pai. Nós, os socialistas, saudamos as vítimas e amaldiçoamos os carrascos, e, se for preciso que o nosso sangue corra, que corra, ao menos pela liberdade". ("Louise Michel em Marselha". C. P., 30.7.1882, p.2).

Na continuação da conferência, Louise Michel continua a ressaltar a "decomposição dos governos" e adverte que os socialistas, se preciso fosse, estariam prontos a recorrer às armas. Declara sua fé na vitória da revolução e no esmagamento de seus opositores. Reconhece que há disputas entre os revolucionários, mas "eles nunca mancharam a ninguém: eles nunca fizeram o que se faz agora a esse pobre Fournier que atirou sobre o seu patrão; insultam-no, caluniam-no, alteram a natureza do seu ato, mancham-no. Oh! melhor fora que o matassem..."

Chama a república francesa de irmã da "clerical e papista Roma", e diz que o *Elysée* pactua com o Vaticano. A revolução que se estava preparando seria para todos os povos, "sem distinção de nacionalidade". Infelizmente, haveria "uma hecatombe", porque os donos da riqueza e do poder "terão a covardia de defender-se"; mas o sangue derramado seria em benefício da humanidade e as mulheres que se preparassem para também participarem da luta. A revolução seria "uma internacional em pleno dia, uma internacional armada". Na revolução, os soldados seriam todos os cidadãos e os jovens deveriam negar-se a atirar contra os grevistas e voltar as suas armas contra os opressores. Após Michel terminar a conferência, fazendo um apelo às armas e à paz universal, "prorrompem aplausos sem fim. Um cidadão quer agradecer à Louise Michel o

unesp

seu apostolado, mas esta levanta-se de pronto e diz, com altivez, que não deve ser louvada por ter cumprido o seu dever".

A maneira como o *Correio Paulistano* noticia o evento é respeitosa: nenhuma crítica ao socialismo inflamado e, diríamos hoje, utópico, de Louise Michel, nenhum dito chistoso em relação à sua pessoa.

Machado de Assis, em 1895, faz uma crônica a respeito de uma futura visita da socialista ao Brasil, na qual ele imagina como seriam os dias dela, no Rio de Janeiro. O tom da crônica é chistoso e nela, nem a visitante, nem o seu empresário e nem os fluminenses que a recebem são poupados da galhofa:

> "Vamos ter, no ano próximo, uma visita de grande importância. Não é Leão XIII, nem Bismarck, nem Crispi, nem a rainha de Madagáscar, nem o imperador da Alemanha, nem Verdi, nem o marquês Ito, nem o marechal Iamagata. Não é terremoto nem peste .Não é golpe de Estado nem câmbio a 27. Para que mais delongas? É Louise Michel. Li que um empresário americano contratou a diva da anarquia para fazer conferências nos Estados Unidos e na América do Sul. Há idéias que só podem nascer na cabeça de um americano Só a alma ianque é capaz de avaliar o que lhe renderá uma viagem de discursos daquela famosa mulher, que Paris rejeita e a quem Londres dá a hospedagem que distribui a todos, desde os Bourbons até os Barbés".

A partir desse prolegômeno, Machado inventa a chegada da "musa da anarquia" ao Rio de Janeiro, o desembarque no "cais Pharoux, atulhado de gente curiosa, muda, espantada"; depois relata a ida da "musa" para o hotel dos Estrangeiros, onde teria "aposentos cômodos e vastos".

Luís de Castro pede-lhe uma entrevista para o jornal *Gazeta de Notícias*, causando admiração à visitante pelo seu francês perfeito. Louise pergunta-lhe se nasceu em França e ele responde que não, mas ama Paris e a língua francesa.

Continuando no tom brincalhão, o autor inventa outras visitas: a do empresário de teatro, que vem oferecer um camarote; a de um poeta que lhe mostrará o "último livro de versos: *Dilúvios sociais*; moças vêm lhe perguntar se ganhará o carneiro ou o leão e a "diva" responde que "o carneiro, que é o povo, há de vencer, e o leão será esmagado". Entre os visitantes, uma comissão de proprietários, que foram pedir socorro à Louise contra os "opressores que nos governam, que nos logram, que nos dominam, que nos empobrecem: os locatários". À afirmação dos locadores de que são os servos no Brasil e os inquilinos são os senhores, Luísa, exclama feliz:

> "-Mas então a anarquia está feita, o comunismo está feito. Justamente, madama, é a anarquia... -Santa anarquia, caballero, - interromperá a diva, dando este tratamento espanhol ao chefe da comissão, - santa, santa, três vezes santa anarquia! Que me vindes pedir, vós outros, proprietários? Que vos defenda os aluguéis? Mas que são aluguéis: uma convenção precária, um instrumento de opressão, um abuso da força. Tolerado como a tortura, a fogueira e as prisões, os aluguéis têm de acabar como os demais suplícios. Vós estais no fim. Se vos ligais contra os locatários, é que a vossa

unesp

> perda é certa. O governo é dos inquilinos. Não são já os aristocratas que têm de ser enforcados; sereis vós: *Çà ira, çà ira, çà ira, /Les propriétaires à la lanterne!"*

No final da hipótetica visita, Louíse, muito feliz, diz ao empresário que vai embora no dia seguinte, "pregar a outra parte", pois não "há que propagar neste país, onde os proprietários se acham em tão miserável e justa condição que já se unem contra os inquilinos; a obra aqui não precisava de discursos". O empresário ficou indignado, mostrou o contrato e Luísa fuzilou-o "com impropérios". [37]

Louise Michel provocou, durante a sua existência, reações que oscilaram da admiração irrestrita, passando pela ridicularização, como se viu em Machado, até a sua desqualificação total, tendo sido, inclusive, chamada de louca:

> *"pour les uns, um monstre femelle, une révoltée infernale et sanglante, pour les autres, uma soeur de charité laïque... La bonne Loiuise! Ni l'une ni l'autre. Elle ést l'acte, avec ses conséquences, dans l'orgueil de sa logique implacable. Un volcan de tendresse pour les méprisés, les humiliés, les meurtris".*[38]

Filha de uma criada, Marie-Anne Michel foi registrada em 29 de maio de 1830,não se sabendo o dia certo de seu nascimento. Foi criada por Charles Demailles e sua mulher, patrões de sua mãe. O pai adotivo lhe deixou um pequeno legado, que foi, inutilmente, contestado pelos herdeiros. Ela atribuiu o usufruto dessa pequena herança à sua mãe legítima, e foi viver em Paris.

Em Paris, participou da Comuna e, em conseqüencia, foi presa, tendo passado por sucessivas prisões em Versalhes, antes de ser deportada.

Louise intitulava-se anarquista e nunca pertenceu a partido político. Foi filiada à C.G. T., desde a sua fundação e pertenceu à *Maçonaria Droit Humain* (Capítulo 3), onde foi "iniciada" em 1902, dois anos antes de sua morte.[39]

A posição do jornal em relação às mulheres brasileiras, em diversos momentos de sua vida, será objeto dos Capítulos seguintes. Ver-se-á que há uma tendência da editoria a valorizar manifestações culturais femininas, tais como: produção literária, participação em conferências, em concertos - desde que beneficentes - promoção de eventos e o estímulo para que elas participassem "nos negócios da República", como diziam os republicanos, mesmo durante o Império.

Um exemplo é a nota introdutória à crônica "Devaneio", onde o autor elogia os esforços

---

[37] ASSIS, Machado de. *A semana* (1895-1900). Rio de Janeiro: Jackson Inc. Editores, 1953, 3v, p.15-22

[38] BULLETIN DU CENTRE DE DOCUMENTATION DU GRAND ORIENT DE FRANCE. *Louise Michel*, Paris, 48: Novembre-Decembre, 1964, p.58-66

[39] Id. ib.

unesp

> "das distintas patrícias, que todos os dias levantam-se protestando, contra o mau conceito que geralmente se faz de um sexo que tem como representantes Stael, George Sand, Emília Girardin, e tantas outras".

"Devaneio", é a estréia da autora que se assina Leonor, e que viera "juntar-se à pleiade brilhante de suas companheiras":

> "O escrito que ora apresentamos é o primeiro pensamento de uma cabeça inteligente, é a primeira tentativa de uma digna apreciadora das letras, e que delas tem feito uma religião, queimando-lhe o incenso da mais sincera homenagem. A essa nova sacerdotisa, bem como as suas amáveis companheiras, dirigimos os nossos parabéns, e pedimos que não desanimem em tão nobre empresa". (Noticiário. C.P., 24.9.1862).

O texto em questão, na primeira pessoa, tem a forma de uma carta, escrita à amiga Vicentina. Nele, Leonor fala de uma noite, em que a sua alma estivera "envolta em dolorosa angústia", que a beleza da noite, as estrelas, o múrmureo de águas distantes tornaram ainda mais dolorosa. O sentimento não pode ser aplacado nem com as lágrimas, que foram "embargadas pela dor". Então, Leonor lembrou-se de Deus e invocou-o, pois "só ele, com a sua infinita bondade", poderia ajudá-la. Orou, chorou e sentiu "o coração, quando não consolado, ao menos resignado". A carta de Leonor teve uma resposta de Vicentina, que destacou trechos da mesma, censurando, carinhosa e cristianamente a amiga e aconselhando-a a não desesperar-se:

> "Não olhe senão para o céu; não tenha senão esperanças. E cante, poetisa! Esse cantar é doce como um suspiro da noite!" ("Resposta ao Devaneio 1". C.P., 28.9.1862,p.3).

Anunciando a publicação de "Lírica Nacional", a "voz do professor" (Ver *Os Ecos de antigas vozes)*, em tom gentil, paternal e estimulador, como convinha ao pedagogo ilustrado, está nos prolegômenos que anunciam o texto:

> "Com verdadeiro prazer publicamos hoje uma carta modesta e sincera que uma patrícia dirigiu a uma de suas amigas; (...) Longe de ser um escrito que revele profundo conhecimento da poesia, essa carta parece-se antes com os primeiros vôos tímidos da avezinha que, apenas esvoaça em redor do ninho sem ânimo e sem força para sondar os largos horizontes que tem diante de si, e a cuja beleza, contudo, se extasia. Mas é em todo caso um desmentido aos que dizem que em nossa terrao gosto e o amor das belas letras é apenas um *desideratum*, uma utopia; desmentido tanto mais irrecusável quanto quem o dá, espontanea e ingenuamente, apenas conta 14 anos, e é mulher... (...)" C.P., 13.8.1862,p.2).

Na "Lírica", a autora comenta poesias publicadas no primeiro volume da *Biblioteca Brasileira,* dos seguintes autores: Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Macedo Soares, José Bonifácio (o moço?), e de Henrique C. Múzio.

Em carta de 28 de outubro do mesmo ano, na seção A Pedidos, a autora de "Lírica Paulistana" volta a escrever a sua amiga, falando de sua surpresa ao ver a sua carta publicada no *Correio Paulistano.* A princípio, quase indgnaram-se com a amiga, por tê-la publicado; mas um amigo a fizera ver que se a amiga assim procedera é porque achara

unesp

a carta bem escrita. Nesta, a moça fala de poesias, de uma viagem que fez à cidade onde mora a destinatária, cita estrofes de Gonçalves Dias e escreve sobre a "beleza do mar". E usa como assinatura as inicias L.E.

Era um hábito a correspondência através do jornal, sem a identificação pública das missivistas. Correspondência que é uma evidência de que elas liam, pelo menos, algumas seções do jornal, como Folhetins, Noticiário Geral, Variedades - seções que noticiavam os espetáculos - e a seção A Pedidos, que publicava as cartas dos leitores.

Outra mulher, que se assina L.L., escreve a respeito da peça *O anjo da meia noite*, em carta a uma "querida amiga". Nesta carta diz ter lido "o belo folhetim de Ferreira de Menezes" a respeito da peça e que o mesmo causara-lhe tanta impressão que a fez ir ver o drama. Segue-se comentário a respeito da trama e dos atores Joaquim Augusto e Júlia Azevedo.

Quando a brasileira Maria Augusta Generosa Estrela foi para os Estados Unidos estudar medicina, o jornal transcreveu matéria publicada no jornal *O Globo*, informando que "um dos mais importantes jornais do mundo", o *NewYork Herald,* noticiara a chegada de Generosa Estrela, o que O Globo considerava honroso. A respeito de Generosa Estrela, escrevia-se:

> "é um fato que enobrece os brasileiros e indica quão elevado grau tem atingido entre as senhoras o amor à ciência. Saudamos as nossas patriotas por esta prova de dedicação que denota o engrandecimento de nossa pátria". (Uma brasileira nos Estados Unidos. 4.6.1875, p.2).

Para anunciar a publicação do discurso de D. Luciana de Abreu (Capítulo 3), na primeira página, o redator ressalta (O discurso está no Capítulo 2):

> "um dos assuntos mais importantes da atualidade é sem dúvida o que diz respeito ao talento e à instrução das mulheres no Brasil". (...) O "progresso feminino, não só em São Paulo, mas na Província do Rio Grande Sul, merece aplausos de todos".(22.1.1876).

No anúncio do Folhetim *A pequena paróquia*, de Alphonse Daudet, uma nota na primeira página dizia que estava oferecendo

> "aos leitores aquele mimo inestimável, uma deliciosa e encantadora história contada no estilo admirável de Alphonse Daudet, transplantado com fidelidade e primor para a nossa língua por uma distinta literata, nossa patrícia, cuja modéstia obsta a que lhe publiquemos o nome".(28.8.1896).

Outras traduções feitas "por uma paulista" foram: *Os quarenta soldos de Júlia,* de Madame Th. Midy (28.1.1865) e *Os dez apaixonados,* de A. Houdelot.

O hábito da tradutora manter-se no anonimato perdurou durante todo o período: em 13 de janeiro de 1865, o folhetim, *A sobrinha do Papa*, de Eugene Nyon, foi traduzido "por uma paulista" e oferecido pela mesma ao Ilmo. Revmo. Senhor Cônego Arcipreste,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18

Joaquim Anselmo de Oliveira. (13.1.1865). Um artigo a respeito da importância da Imprensa, originariamente publicado no jornal *Do Moniteur des Dames et des Demoiselles*, foi traduzido "do francês por uma senhora". (19.9.1865).

Que razões levavam as tradutoras a se esconderem? Modéstia? Temor de serem socialmente diminuídas, por estarem fazendo um trabalho remunerado?

A publicação de jornais femininos era noticiada de forma a identificar tais jornais com flores; ainda mais que os nomes de alguns remetiam diretamente a elas, as flores: *A Flora,* redigido e dirigido por "distintas senhoras do *Clube Flora*, da cidade de Santos era considerado "um delicado e mimoso *bouquet* de violetas, tão repassados de místico aroma estão os seus escritos em prosa e verso" (Boletim. 10.4.1888, p. 2). *A Violeta,* dedicado ao belo sexo, era uma "excelente folha literária. É antes um *bouquet de* violetas do que uma só violeta". (9.8.1887,p.2). [40]

A violeta, literariamente, representava a modéstia, a beleza delicada e escondida, símbolos de idealidade feminina. José de Alencar, em *O demônio familiar*, faz a sua protagonista, Henriqueta, preferir as violetas, que ela planta em seu jardim às camélias, consideradas como uma "condecoração que a moda, verdadeir soberana, dá à mulher elegante". (Ato II, cena VIII).

O Sexo Feminino, de Francisca Senhorinha da Mota Diniz, "dado novamente à publicidade", tinha por objetivo "advogar os interesses do belo sexo e a reclamar a emancipação moral e intelectual da mulher". Os três primeiros números foram recebidos "com agrado" pela redação, por terem apresentado "belos artigos e poesias nacionais magníficas". A redação desejava ao periódico "longa e gloriosa existência". (N.G., 17.8.1875). [41]

O Eco das Damas, de propriedade de Amélia Carolina da Silva Couto, era descrito como "um jornal em pequeno formato", dedicado a defender os direitos da mulher:

> "O novo órgão de publicidade traz bem elaborados escritos advogando a causa por que se propõe combater. A redação do jornal parabeniza a iniciativa, ao mesmo tempo que deseja felicidades ao próprio. (23.4.1879, p. 2)[42]

---

[40] Afonso de Freitas registra a existência fugaz de dois jornais com o mesmo nome: *A Violeta*, dedicado ao sexo feminino e que teve a colaboração de Raimundo Corrêa, Olavo Bilac, de Narcísia Amália e de Felizardo Jr., e *A Violeta*, órgão comercial da loja com o mesmo nome. In: A Imprensa periódica em São Paulo, *Revista Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v. XIX, 1914, p. 647 e 583.

[41] No capítulo três falo da Imprensa feminina da época.

[42] Sobre Imprensa feminina no Brasil, ver: HAHNER, June E. O feminismo e o desenvolvimento da Imprensa feminina. In: *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas* (1857-1927). São Paulo: Brasiliense, 1981, p.51-65 e

unesp

A propósito do livro *Destinos de Adelina*, de Adelina Lopes Vieira, nota publicada à página um, o redator, antes de criticar a obra, faz uma digressão a respeito de sua posição favorável a que a mulher faça "carreira das letras e das ciências: "nenhum mal pode trazer ao lar a vocação da mulher escritora, médica e advogada".

Depois, afirma que a mulher tem condições de escrever bem sobre o amor, por causa de sua experiência com a maternidade, fazendo isso melhor do que o homem. Lamenta que nem todas as mulheres oferecessem

> "tal vantagem em relação ao sexo feio: umas porque não foram dotadas pela natureza; outras por não se sentirem aptas; outras porque se envolveram com a maternidade".

Mas Adelina, mesmo não tendo atingido um estilo "assaz castigado, como até certo ponto seria de desejar ou não muito intenso", conseguira produzir um livro no qual "uma realidade flagrante e páginas bem traçadas", atestam que "foram escritas por quem vivera as experiências traçadas". O livro era uma "prova de que a mulher pode ser escritora e mãe". (4.4.1900).

Adelina Amália Lopes Vieira, "poetisa, recitadora, já conhecida por suas belíssimas produções literárias", publicou *Margaritas,* que teve grande divulgação na Imprensa".(N.G.21.2.1879).

No número oito do jornal literário *A Violeta*, publicou-se uma poesia de Amália P.F., poesia que o jornal trancresve. Fala de dores, desilusões, religiosidade, e assim termina:

> "Assim na mente a ilusão / Vem mil quadros desdobrar/ E quando a realidade/ No chão os faz desabar / Resta-nos Deus, e a esperança / Nos manda para o céu olhar! (Noticiário. 26.8.1870, p.1).

Como leitora quase diária do *Correio Paulistano*, por cinqüenta anos, fico agradavelmente surpresa com a maneira como informavam sobre o que se relacionava à mulher e ao desenvolvimento do movimento feminista. Mesmo contextualizando seus redatores no "Feminismo paternalista", vejo-os mais abertos a certas mudanças nas relações entre os gêneros, procurando incentivar no público feminino a receptividade para tais mudanças.

A surpresa é ainda maior quando se compara a reação dos colaboradores e redatores do jornal com a reação de outros letrados do Brasil, Europa e Estados Unidos. Como demonstra Peter Gay, as feminista, ou eram tratadas com "grosserias", desqualificadas através de chacotas, ou lhes era solicitado que voltassem ao "pedestal": no New York Herald foi publicado:

unesp

> "As mulheres eram desprovidas de atrativos pessoais. Em geral são solteironas magricelas, ou mulheres que talvez viram frustrados os seus esforços para se apropriarem das calças e dos direitos de seus infelizes senhores".

Quanto "aos homens eram de 'espírito débil', presos aos aventais de 'alguma mulher teimosa' (...) 'penteiam seus cabelos para trás e falam com voz branda, com os dedos entrelaçados sobre a barriga e os olhos voltados suavemente para o alto', como foi publicado no *Albany Register*".[43]

Tal hábito continuou persistindo pelo século XX, como atesta a "poesia" publicada no *Filhote*, em 1909:

PELA MULHER...FEMININA

No velho mundo, de almas em chamas
Vibrando cheias de um nobre heroismo,
Na praça pública, erguem-se as damas
Para a vitória do feminismo.

Nobres matronas, jovens coquettes
Ei-las na luta, com o mesmo ardor;
Prepara o bando das *suffragettes*
da "saia" o nove de Thermidor.

Minhas senhoras, que louco empenho!
Pois há mulheres que se consomem,
Que gastem tempo, dinheiro, engenho,
Por almejarem direitos do homem?

Querem da vida na luta insana
Sentir os golpes da sorte cruel?
E entrar na pífia Comédia Humana
Representando nosso papel?

Perder o cetro da majestade,
Cair do sonho, do doce enleio
Nesta prosaica banalidade
Que é a feia vida do sexo feio?

Ser como os homens, perder a graça,

---

[43] As duas citações dos jornais norte-americanos estão em GAY, Peter. Ob. cit., p. 143

O encanto, o chic que as saias dão,
Lançar incêndios na populaça
Em vez de incêndios n'um coração.

Meter-se em lutas, fazer negócios,
Andar em ligas, congressos, dumas,
Deixar as danças, o *flirt,* os ócios,
fitas e flores, rendas e plumas,

Por esta vida prosaica e rude
-Árdua conquista do vil metal
Que não varia com a latitude
E em toda parte do mundo é igual?

Da *strenous life* forçar o ingresso,
Por entre espinhos, urzes, abrolhos,
E ser eleita de algum congresso
Em vez de eleita dos nossos olhos?

Isto é loucura de tal calibre,
Que me põe rubro, congesto o olhar;
Que o meu protesto veemente vibre
Por monte e vale, por terra e mar!

Não, belas damas, que outro comício
Novos discursos jamais provoque.
Deixai as urnas pelo bulício
Febril dos bailes e *five ó clock.*

Bem perderieis se essa eqüidade
Vos fosse dada, como pedis,
Pois sobre os homens a majestade
Tendes dos vossos olhos gentis.

Nós recebemos o santo e a senha
De vós, criaturas que vestis saias;
Por vós o mundo todo se empenha
Em criar as jóias, rendas e alfaias;

Por vos o mundo todo se agita
N'uma contínua conflagração;
- Que os olhos de uma mulher bonita
Valem o trono de uma nação!...

Ligas, congressos, - mandai às favas!
Voltai à calma dos vossos lares:
Dos feros homens vós sois escravas,
Mas sois escravas que têm altares... . (a) Don Xiquote. ("Hilaritas".*O Filhote*, Rio de Janeiro, Ano I, número 1, 1909, sem número de página).

CAPÍTULO 3

OS ECOS DE ANTIGAS VOZES

A discussão tomada ante-ontem no Tribunal do Júri pelo Dr.. Montenegro, negando a uma senhora diplomada o direito de defender um réu, mostra a necessidade indeclinável do pronunciamento do Congresso sobre o assunto. Na corporação dos magistrados há espíritos favoráveis ao exercício da advocacia pela mulher, e há outros contrários a semelhante concessão, de modo que, conforme o juiz, elas podem ou não defender um acusado. Há pouco tempo, o Dr. Viveiros de Castro inteligência lucídissima e emancipada de preconceitos, fundamentava em razões do mais lógico liberalismo a competência da mulher para o desempenho dessa função social e logo depois, no Tribunal Civil e Criminal, a mesma doutrina encontrou na maioria de seus membros completa aprovação". (Editorial. A Mensageira. São Paulo, (35), 15.12.1899,p.1)

"As mães, as filhas, as irmãs, representantes da nação, pedem para constituir-se em Assembléia Nacional. Considerando que a ignorância, o esquecimento ou o desprezo dos direitos da mulher são as únicas causas das desventuras públicas e da corrosão dos governos, elas resolveram expor numa solene declaração os direitos inalienáveis e sagrados da mulher, a fim de que essa declaração, constantemente presente a todos os membros do corpo social, lembre incessantemente os seus direitos e os seus deveres, a fim de que os atos do poder das mulheres e os do poder dos homens, podendo a todo instante ser confrontados com os fins de toda instituição política, sejam mais respeitados, a fim de que os reclamos das cidadãs, baseados doravante em princípios simples e incontestáveis, sejam sempre voltados para a manutenção da Constituição, dos bons costumes e da felicidade de todos." (Preâmbulo. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Olympe de Gouges, 1791).

unesp

"Desde quando é permitido abjurar o próprio sexo? Desde quando é decente ver mulheres que abandonam o zelo piedoso de seu núcleo familiar, o berço de seus filhos, para aparecer nas praças públicas, nas tribunas oratórias, nas barras do Senado? Será que a natureza confiou aos homens os cuidados domésticos? Deu-nos seios para aleitar nossos filhos? Não, ela disse ao homem: "És homem; a caça, o trabalho, os assuntos políticos, as fadigas de toda espécie, eis o teu apanágio". E disse à mulher: "És mulher: os ternos cuidados devidos à infância, as preocupações do núcleo familiar, as doces inquietudes da maternidade, eis os teu s trabalhos; mas estas assíduas ocupações merecem uma recompensa: bem! tu a terás, tu serás a divindade do santuário doméstico, reinarás sobre tudo o que te circunda com a fascinação invencível de tuas graças e virtude". (Discurso de Chaumette, na sessão da Comuna de 27 brumário, ano II (15.11.1793. Apud: BONACCHI, Gabriela GROPPI, Ângela (orgs.). *O dilema da Cidadania.* Direitos e deveres das mulheres. São Paulo: Unesp, 1994,p.19-20).

No último ano do século XIX, o *Correio Paulistano* enviava saudações ao sr. Delfim Carlos, pelo aniversário "de sua virtuosa e delicada esposa, Sra. D. Maria de Lurdes Freitas Silva". (13.3. l900, p. 2). Por que os redatores não saudaram diretamente a aniversariante? Era deselegante cumprimentar, sem a intermediação da figura do marido, a esposa de um amigo, ou colega de traballho? Tal fato é representativo da trama que orientava as relações entre homens e mulheres, das camadas sociais mais elevadas. Relações que se baseavam na idealização da mulher como um ente "frágil", dependente da proteção cavalheiresca e "racional" do homem; proteção que intermediava as relações das mulheres com os outros homens, aqueles que não pertenciam ao círculo familiar.

Essa trama perdurou até os meados do século XX, pelas lemranças que tenho da cidade de Campos Gerais, Sul de Minas. Todas as "esposas" de nossas relações eram chamadas, respeitosamente, de " senhôras". E era uma regra, percebida hoje, mas não na época, que os "cavalheiros" não se dirigissem, com muita constância, à uma "senhôra" , o que poderia torná-la "falada".

Durante o século XIX, a mulher, singular-coletivo, foi tema de uma fértil literatura pedagógica, que teve por objetivo organizar o seu comportamento. Nos textos românticos, ela é sempre jovem, possuídora de uma pele excessivamente alva e pálida,

unesp

de cabelos sempre sedosos, dentes brancos, esbeltez e aparência frágil, diáfana; é delicada, apaixonada.

A sociedade que se convencionou chamar de "burguesa" quebra a unicidade da idealização romântica, criando dois estereótipos fundamentais: o da jovem que mantém algumas características da idealidade romântica, mas que deve se preparar para ser Júlia ou Heloísa (personagens femininas de Rousseau) e o da "matrona romana", esposa e mãe dedicada, caridosa e devota. Nas jovens, tolera-se certa leveza, despreocupação que na "matrona" são intoleráveis.

Em peças de teatro, alguns romances e nos artigos e notícias que se publicavam no *Correio Paulistano,* percebe-se a organização de imagens diferentes: a da jovem "casadoira", que conserva ainda o ideal romântico de magreza, beleza, delicadeza e é identificada com as estrelas e as flores; e a da "senhora". Na peça de José de Alencar, *O demônio familiar*, a duplicidade de modelos é evidente. Enquanto Carlotinha, a jovem casadoira, cuida das violetas de seu jardim, sua mãe, D. Maria, cuida da horta para a alimentação da família.

Em 5 de maio de 1876 o *Correio Paulistano,* na seção Variedades, sob o título "A mulher forte", estipulava as características de um comportamento ideal de "matrona":

> "Que virtudes, que qualidades deve possuir a mãe para ser adorada pelos seus filhos; a esposa para ser sempre amada pelo seu marido; a senhora para ser venerada pelos seus fâmulos e respeitada por todos?... Para Salomão, as virtudes e qualidades da mulher forte se resumem assim: 1) trabalho e indústria; 2)Caridosa e afetiva em auxílio de todos os infelizes; 3) Desvelo por seus fâmulos; 4) Instrução e sabedoria benévola; 5) Devotar-se à criação e educação seus filhos; 6) Verdadeiros sentidos de religião e de amor a Deus".

A incapacidade da mulher para a ocupação do espaço público foi reafirmada, no século XIX, através dos discursos religioso, moralista e pseudo-científico, dados "à publicidade" através de livros, ensaios, da imprensa e da arte. As que não se sujeitavam à normatização de tais discursos, eram identificadas com personagens históricas e mitológicas que simbolizam a dissimulação, a maldade, o descontrole emocional e sexual.

unesp

Foi o que aconteceu com as que se engajaram no movimento feminista, que se iniciava: eram objeto da zombaria, que as representava como feias "viragos", numa "furibunda resposta" às pretensões de igualdade. [1]

Delumeau, analisando "a atitude masculina em relação 'ao segundo sexo', afirma que essa atitude sempre foi "contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade". Faz um retrospecto da repulsa que os homens, desde a Antigüidade, sentiram pelo fluxo menstrual, pelo líquido amniótico, pelas "expulsões do parto" e lembra figuras femininas mitológicas, como "a alemã Frau Holle, a dinamarquesa Ellefruwen e a sueca Skogsnufva, três representações 'da mulher que convida', mas cujo corpo pulula de vermes":

> "A ambigüidade fundamental da mulher que dá vida e anuncia a morte foi sentida ao longo dos séculos, e especialmente expressa pelo culto das deusas mães".[2]

As mais conhecidas, Eva e Pandora estão dentro da concepção que "o outro sexo" atribuiu à mulher , capaz de iniciativas:

> "mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte. Pandora grega ou Eva judaica, ela cometeu a falta original ao abrir a urna que continha todos os males ou ao comer o fruto proíbido".[3]

Demonstrando que "o medo da mulher não é uma invenção dos ascetas cristãos", o autor considera "simplismo" colocar a Igreja, em bloco, contra a mulher; se os "pais" da Igreja e alguns clérigos, em toda a história da Igreja, abominaram a influência "da mulher", por outro lado, a Igreja instituiu o culto mariano e "imortais obras de arte" foram consagradas à Maria. E atribui a ojeriza de certos clérigos à sua condição de celibatários, o que os fazia "exaltar a virgindade e enfurecer-se contra a tentadora de quem temiam as seduções."[4]

Todavia, a força e a insistência da pregação dos "Pais da Igreja" e, posteriormente, de clérigos a respeito "da natureza" pecaminosa da mulher tiveram um peso não desprezível na organização de um pensamento, na Europa Ocidental, que tinha por objetivo controlar as mulheres, consideradas, de forma generalizada, fúteis, indiscretas,

---

[1] GAY, Peter. Mulheres agressivas e homens defensivos. *A educação dos sentidos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, p. 128-167.
[2] DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente* - 1200-1800. São Paulo: Cia. das Letras, 1993,p.311-2.
[3] Id., Ib., p. 314.
[4] Id., Ib., p. 318

unesp

ambiciosas, emotivas e sensuais, quando não submetidas ao iluminado controle masculino.

As regras impostas pelos "pais" foram extremamente rígidas. Os sentidos eram perigosos, tendo cada "pai" escolhido um, para com ele simbolizar o perigo que todos representam. Era, através dos sentidos, que as descendentes de Eva se insinuavam aos homens. Por isso, eles vão obrigá-las a se cobrir com véus, a não usar perfumes e adornos e a vestir-se com simplicidade. Jerônimo recomendou ainda que as mulheres tivessem cuidado com a língua, não fazendo com ela gestos obscenos, evitando o "adultério da língua".

Algumas mulheres atenderam, com deleite, as exigências dos "pais", que as queriam invisíveis, e se enclausuraram. Alexandra chegou a emparedar-se em uma tumba e foi "visitada" por Melania, uma "santa" viajante que lhe perguntou porquê se enterrara. Alexandra respondeu-lhe:

> "Um homem distraiu sua mente por minha causa e, antes de ofender uma alma feita à imagem de Deus preferi retirar-me a um túmulo, por temor de causar-lhe sofrimento ou rejeitá-lo".[5]

E o que fazia Alexandra em sua tumba? Através da pequena janela, invisível, único meio de comunicação entre a tumba e o mundo exterior, Melania ouviu-a contar que passava o seu tempo rezando, fiando, tecendo e repetindo "mentalmente as palavras dos santos patriarcas, dos profetas, dos apóstolos e dos mártires".

Odom, abade de Cluny, no século X, que identificou as mulheres com substâncias nojentas, afirmou que "a beleza fisica não vai além da pele":

> "Se os homens vissem o que está sob a pele, a visão das mulheres lhes viraria o estômago. Quando nem sequer podemos tocar com a ponta do dedo um cuspe ou esterco, como podemos desejar abraçar esse saco de excremento?"[6]

Marborde, bispo de Rennes e depois monge em Angers (século XI) foi outro clérigo que não tinha em alta conta o sexo feminino:

> "Dentre as incontáveis armadilhas que nosso inimigo ardiloso armou através de todas as colinas e planícies do mundo, a pior e aquela que quase ninguém pode evitar é a mulher, funesta cepa de desgraça, muda de todos os vícios, que engendrou no mundo inteiro os mais numerosos escândalos (...) A mulher, doce mel, ao mesmo tempo favo de cera e veneno, que com um gládio untado de mel corta o coração até dos sábios".[7]

---

[5] SALISBURY, Joyce E. *Pais da Igreja, virgens independentes*. São Paulo: Scritta, 1991, p.176
[6] Apud:Id., Ib., p. 318
[7] Apud: Id., Ib.

unesp

Comentando as vozes que ao longo dos séculos pontificaram para a mulher, Virgínia Woolf usou, para defini-las, da expressão "a voz do professor".Woolf, que procurava no Museu Britânico publicações de mulheres, para uma conferência, espantou-se com a quantidade de ensaios, artigos, romances, peças e manuais de moral destinados a normatizar o comportamento feminino. Com base naqueles livros, podia-se pensar que qualquer homem que tivesse tido um grau de instrução mais elevado do que o da grande maioria das mulheres, julgasse necessária a sua intervenção para que a sociedade vivesse sob os signos da "ordem" e da "harmonia social", responsabilizando as mulheres pela manutenção dessa ordem e harmonia. O que mais parece ter chocado a escritora foi a "raiva" destilada pela "voz do professor":

> "tudo que eu havia recuperado do trabalho daquela manhã fora o dado sobre a raiva. Os professores - assim eu os tinha agrupado - estavam enraivecidos. 'Mas por quê?', perguntei de mim para mim, depois de devolver os livros, 'por quê?, repeti, de pé sob a colunata, entre os pombos e as canoas pré-históricas, 'por que estariam zangados'?[8]

Com a atenção voltada para a questão do obscurecimento das mulheres pela narrativa histórica, lendo um jornal vespertino, percebeu que o mesmo se referia quase que exclusivamente, aos homens. Sobre as mulheres, havia pequenas notas:

> "que o Sr. Juiz... tecera comentários no Tribunal de Divórcios sobre o descaramento das Mulheres". (...)uma atriz de cinema fora lançada de um pico na Califórnia e deixada suspensa no ar (...) O mais transitório dos viajantes deste planeta, pensei, que apanhasse este jornal, não poderia deixar de aperceber-se, mesmo a partir desse testemunho disperso, de que a Inglaterra está sob o domínio de um patriarcado. Ninguém de posse de suas faculdades poderia deixar de detectar a dominação do professor. Dele eram o poder, o dinheiro e a influência. Era ele o proprietário do jornal e seu redator e redator-assistente. Ele era o Ministro do Exterior e o Juiz. Era o jogador de críquete, era o proprietário dos cavalos de corrida e dos iates. Era o diretor. Deixava da empresa que paga duzentos por cento a seus acionistas, milhões para as universidades e instituições que ele mesmo dirigia. (...) É ele quem irá absolver ou condenar o assassino, e enforcá-lo ou dar-lhe liberdade. Com excessão da neblina, ele parecia controlar tudo. E mesmo assim estava com raiva". [9]

Especulando acerca da "raiva do professor", a autora se pergunta se, "de algum modo, o duende familiar que acompanha o poder" não seria o causador dela:

> "os ricos têm raiva porque suspeitam que os pobres querem apossar-se de sua riqueza. Os professores ou patriarcas, como talvez fosse mais exato chamá-los, talvez estivessem zangados em parte por essa razão, ou em parte por outra, situada de modo um pouco menos óbvio na superfície".

Virgínia acabou sendo contaminada pela raiva, porque "ele estava com raiva;" as considerações que ela faz a respeito da raiva do "professor", me fez lembrar de Ferreira de Rezende, quando escreve sobre a "quase miséria" em que morreu Laura Milliet, "lá no Angu, um quase sertão". Ferreira viu no fim de Laura, na sua morte, em um povoado

---

[8] WOLF, Virgínia. *Um teto todo seu.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.44-5.
[9] Id., ib., p.45-6.

unesp

pobre, longe "do galarim da fama", um castigo, "uma vingança do destino" contra a jovem de 16 anos, que brincara com o amor de um moço de boa família, "bonito, inteligente, bom orador", e que se suicidara por causa dela. (Falo de Laura, no Capítulo *Tudo que o seu mestre mandar faremos todas?*)

Dentro de um modelo que tem suas raízes no classicismo, mas que foi enfatizado pela Igreja e retomado, com pertinácia, pela "ideologia burguesa" e seus "intelectuais orgânicos", como Rousseau, Augusto Comte, os médicos higienistas, clérigos e publicistas, o século XIX foi cenário de uma divisão nítida entre as funções que eram consideradas compatíveis "com a natureza masculina" e aquelas compatíveis com "a natureza feminina". De acordo com tal divisão, a "natureza masculina," estruturada na racionalidade, tornava os homens capazes para o exercício dos negócios de Estado; "a feminina", realizando-se, principalmente, na fecundação e maternidade, condicionava as mulheres às atividades domésticas. A própria capacidade de fecundar é responsável pela emotividade, instabilidade e fragilidade, características femininas, transformando as mulheres em seres carentes de proteção.

Estudando escritores franceses do final do século XIX e princípio do XX, Annelise Maugue identificou em seus textos um pensamento autoritário e estereotipado em relação à mulher, pontilhado de afirmações absurdas sobre a menstruação, o cérebro e o coração femininos:

> "Le plus invraisemblable des chaos régne dans ce corps, espace ouvert, terrain vague, théâtre des plus improblables voyages. Voyage du sang chez Zola dont une héroine, Constance Beauchêne, est atteinte de folie meurtrière aprés um précoce retour d'âge: 'cette végétation monstrueuse en elle avait-elle donc gagné le cerveau? Un flot de sang suffit-il à obscurcir une conscience?'

Acrescenta a autora, que o cérebro e o coração femininos, para tais autores, são órgãos tão impressionáveis que os filhos de um primeiro amor nasciam quase sempre parecidos com o "Monsieur le premier". Interpretando o pensamento deles, afirma Annelise:

> "à la vieille question des conciles moyenâgeux, ces laïcs, ces rationalistes, ces modernes répondent: non, la femme n'a pas d'âme, pas de conscience, pas de 'moi' structuré. Son essence est de n'en pas avoir, d'être lá, chaotique et béante, morceau de nature à l'état brut."

A tese que eles defendem, logicamente, tem por objetivo reafirmar a recusa de conceder "aux femmes de nouveaux droits.[10].

---

[10] MAUGUE, Annelise. *L'identité masculine en crise*. Au tournant du siècle. Paris: Rivages, 1987, p. 23-5.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18

O século XIX retroagiu no tocante à restrição ao feminino. Entre os séculos XVII e o XVIII, em contraposição às sátiras de Molière às "preciosas ridículas" e "às sabichonas", homens e mulheres escreveram e debateram sobre a necessidade de igualar os direitos entre os gêneros, acreditando que mulheres e homens não se diferenciavam no tocante à capacidade de aprender e, portanto, de fazer.

Nas grandes capitais, como Paris, modelo para as demais, as mulheres das camadas mais altas gozavam de certa liberdade de locomoção, tinham os seus salões, onde brilhavam e eram soberanas.

Entre os precursores do "feminismo", situa-se Poulain de La Barre que, em 1673, publica *Traité de L'égalité des sexes*, cuja originalidade "marque une date dans l'histoire du féminisme".[11] Darmon o considera um "feminista autêntico e moderno. O ponto de partida para a sua militância, a favor da igualdade entre homens e mulheres é "une méthode inspiré d'un rationalisme cartésien étendu, pour les besoins de la cause, à un phénomène d'ordre sociologique". Duvidando e recusando a autoridade, "il reconstruit un savoir neuf sur la base des idées clares e distinctes et sur la connaissance que l'on peut acquérir de soi". Poulain compara os preconceitos contra as mulheres à velha crença que dizia que o sol girava em torno da terra. Faz remontar a origem da desigualdade à Pré-História, quando homens e mulheres cultivavam o campo e caçavam e o que obtivesse melhores resultados era o mais estimado:

> *"Le rapport de force fit pencher la balance en faveur des hommes.Le fardeau de la grossesse et l'allaitement ne fit qu'accentuer cet état de chose".*

Dois anos mais tarde, Poullain publica *"De l'excellence de l'homme contre l'égalité des sexes"*, que invalida, "aparentemente", as suas posições anteriores. Nessa obra, Poullain de la Barre quis dar ao publico "le moyen de comparer les deux sentiments opposés et de mieu juger lequel est le plus vrai".[12] As idéias de La Barre nessa segunda obra serão desenvolvidas pelos "féministes paternalistes", no século XVIII, segundo Darmon.

Algumas das idéias de la Barre forneceram elementos para a ideologia que apregoa a diferença natural entre os gêneros, dominante durante o século XIX:

---

[11] DARMON, Pierre. *Mythologie de la femme dans l'ancienne France*. XVIE. XVIIIe. siècle. Paris: Éditions du seuil, 1981,p.70.
[12] Id., Ib., p. 70-1.

unesp

> *"L'égalité de perfection entre l'homme et la femme n'est pas géométrique, comme celle qui se trouve entre deux cercles de pareille grandeur. C'est une égalité proportionell répond, à celle de deux cercles inégaux en grandeur et égaux en nombres...La foiblesse de la femme la rend peureuse et donc superstitieuse...Les femmes ont le corps mou, infirme, délicat, le visage doux et uni comme les enfants. Elles sont tendres, crédules, opiniâtres, timides, houteuses, badines, folâtres... Elles haïssent, elles aiment aisément, elles pleurent, elles rient, elles crient, elles querellent...Les maris sont obligés d'avoir en cela de la complaisance pour elles, d'éviter, comme de bons pères, tout ce qui peut les choquer..."*[13]

Como se verá, para justificar a necessidade de constante vigilância sobre "o sexo frágil", vigilância condescendente, mas nem por isso menos eficaz, as características enumeradas por Poulain serão sempre retomadas. Elas ficarão subordinados "aux bons pères".

Entretanto, em relação aos "misogines viscéraux", com sua forma grosseira de falar sobre as "carecterísticas" femininas, as concepções condescendentes e paternalistas de la Barre representam um passo à frente.

Os iluministas Diderot, Voltaire, Montesquieu e, principalmente Condorcet, saíram em defesa da mulher, mas não descartaram a concepção de uma "certa natureza feminina".

Para Diderot, o comportamento

> "da mulher" é resultante do útero, "um órgão suscetível de terríveis espasmos, que dispõe dela e que suscita em sua imaginação fantasmas de todo tipo. É no delírio histérico que ela retorna ao passado, que se lança no futuro, e que todas as épocas lhe são presentes".

Basta uma palavra" para abater "essa imaginação fogosa, esse espírito que se pensaria incoercível". Em seguida, cita vários casos em que a "racionalidade" masculina, utilizando-se de ameaças amedrontantes, chamou as mulheres à razão. Eis alguns: o médico de Bordéus que, ante as mulheres "atormentadas por apavorantes vapores", disse que elas "estavam ameaçadas de epilepsia, e ei-las curadas. Um médico sacode um ferro em brasa diante dos olhos de um bando de moças epiléticas, e ei-las curadas".[14]

Devido à sua natureza, que a fustiga, a mulher deve ser objeto de cuidados, de uma certa tolerância por parte do homem, que, entretanto, deve estar sempre atento ante um ser constantemente à beira de assumir atitudes desordenadas, extremadas. A mulher é superficial, por isso não confiável; a pouca ou nenhuma educação que recebe não lhe dá condições de controlar "a natureza":

> "A única coisa que lhes ensinamos foi a segurar bem a folha de figueira, que receberam da primeira antepassada. Tudo o que lhes foi dito e repetido durante dezoito ou dezenove anos reduz-se ao seguinte: 'Minha filha, cuidado com a vossa folha de figueira, vossa folha de figueira vai bem, vossa folha de figueira vai mal".[15]

---

[13] Apud: Id., Ib., p.72

[14] DIDEROT, Denis. Sobre as mulheres. In THOMAS, A. L.; DIDEROT E Madame D'EPINAY. In: BADINTER, Elisabeth (pref.) *O que é uma mulher?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira,s.d., p. 123-4.

[15] Id., Ib., p. 129

unesp

Voltaire protestou contra a lei sálica, que impedia a mulher de ocupar o trono francês, e contra a desigualdade com que a lei tratava o homem adúltero e a mulher adúltera: se, para o primeiro, não havia nenhuma forma de punição, a adúltera era encerrada em um claustro. Voltaire protestou também contra o monopólio masculino sobre o poder político. Observa Darmon

> *"le culte qu'il voue à Mme. Du Châtelet montre assez qu'il confond l'homme et la femme dans une même identité intellectuelle".*[16]

Mas, contrariamente à sua atuação, que o mostra com tendências igualitárias, escreveu no *Dictionnaire philosophique* que a fraqueza natural da mulher, proveniente de suas condições biológicas - regras, menopausa, gravidez, aleitamento das crianças - faz com que seu espírito seja inferior ao do homem, pois *"le physique gouverne toujours le moral".*[17]

Na Convenção Francesa (1790-1793), Condorcet, Guyomar, Romme pretenderam estender os direitos de cidadania às mulheres. Condorcet referiu-se ao hábito que as pessoas adqüirem em viver sofrendo injustiças, violação de direitos, ao ponto de acharem "natural" tal situação:

> "Haverá prova mais forte do poder do hábito, mesmo sobre os homens esclarecidos, do que ver invocar o princípio da igualdade dos direitos em favor de 300 ou 400 homens que deles haviam sido privados por um preconceito absurdo, e esquecer o mesmo preconceito com relação a 12 milhões de mulheres? Para que essa exclusão não fosse um ato de tirania, seria preciso provar que os direitos naturais das mulheres não são absolutamente os mesmos que os dos homens, ou mostrar que elas não são capazes de exercê-los".[18]

Condorcet, pretendendo invalidar a concepção de naturezas diferentes para os gêneros, aponta o caminho que será seguido pela reflexão "científica" do século, que vai, através de fatos que ela considera evidências, "demonstrar" a especificidade das naturezas masculina e feminina.

P. Guyomar, em 1793, após afirmar que refletira "profundamente" sobre a Declaração dos Direitos do Homem e lembrar a sua luta, desde 14 anos, contra os privilégios da nobreza, do Clero e contra o absolutismo, perguntava, então:

> "Qual é a prodigiosa diferença que existe entre o homem e a mulher? Não vejo nenhuma nos traços característicos. Quero dizer a alma, para aqueles que a admitem, e a razão e as paixões, para os partidários de um ou de outro sistema. Há certamente uma diferença: é a dos sexos".

---

[16] DARMON, Pierre, Ob., Cit., p. 171
[17] Id. ib., p. 170
[18] Sobre a admissão das mulheres ao direito de cidadania. In: BADINTER, Elisabeth. *Palavras de Homens* - 1790-1793. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p.45

unesp

Afirma que as mulheres não podiam ser transformadas "nos ilotas da República", e convidava os convencionais a procederem, com o sexo feminino, da mesma forma que procederam com os negros, que haviam acabado de ser devolvidos "à grande família." E que ele não via diferença entre uma exclusão pela cor da pele e a exclusão por sexo. E, concluindo:

> "A superioridade que os homens afetam de fato sobre as mulheres é tão atentatória à justiça quanto à soberania."[19]

Entretanto, esses homens não foram ouvidos; prevaleceu a desigualdade baseada nas diferenças "naturais", que destinava as mulheres aos assuntos relativos à procriação, criação e educação dos filhos e a fazer a felicidade de seus maridos. A pressão contra a admissão delas à cidadania foi tão forte, que Condorcet, já tendo defenddido tão ardorosamente a igualdade entre os sexos, omitiu a questão "da cidadania feminina no seu Projeto de Constituição, apresentado à Convenção Nacional em 15 e 16 de fevereiro de 1792."[20]

A *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, da autoria de Olímpia de Gouges, escrita em 1791 e dedicada à rainha Maria Antonieta, inicia-se com uma exortação ao homem:

> "Homem, sabes ser justo? É uma mulher que te pergunta: não quererás tolher-lhe esse direito. Dize-me, quem te deu o soberano poder de oprimir o meu sexo: a tua força? As tuas capacidades?"

No artigo I de sua declaração, há a afirmação de que "a mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem"; no artigo VI, a reivindicação ao direito a "todas as dignidades, postos e empregos públicos" para os dois sexos, "segundo as suas capacidades e sem outra distinção a não ser suas virtudes e talentos".[21]

Monarquista, girondina, Gouges tornou-se depois republicana, mas se opôs à condenação do rei à morte, optando pela pena do exílio:

> "Je crois Louis fautif comme roi; mas dépouillé de ce titre proscrit, il cesse d'être coupable aux yeux de la République".

Argumenta que Luís XVI, destituído da condição de rei, era apenas um ser humano e, como tal, merecia uma condenação menos radical, pois a prisão já o fragilizara e ele não

---

[19] A Igualdade política entre os indivíduos ou o problema muito importante da igualdade de direitos e da desigualdade de fato. In: Id., Ib., p.157-9.

[20] As raízes de um problema.In: BONACCHI Gabriella e GROPPI, Ângela. *O dilema da cidadania.* Direitos e deveres das mulheres. São Paulo: Unesp, 1991995, p.16

[21] In: Id., Ib., p.301-312.

INSTITUTO DE ARTES BIBLIOTECA

unesp

constituia mais um perigo. Perspicaz, ponderou: a morte do rei seria um duplo erro político, pois faria um mártir e não exterminaria os irmãos do rei, que haviam emigrado.

A sua atitude contrária à morte do rei e os ataques desferidos contra Marat e Robespierre - chegou a gastar o resto de sua fortuna para afixar cartazes contra "o incorruptível" - selaram a sua condenação como contra-revolucionária. Depois de sua morte na guilhotina, *La Feuille du Salut* publicou a seguinte oração fúnebre:

> *"Elle voulut être homme d'État, et il semble que la loi ait puni cette conspiratrice de voir oublié les vertus qui conviennent à son sexe."*[22]

Jean Jacques Rousseau foi um teórico da educação e do comportamento feminino, e suas idéias continuaram vigorando até o século XX. Rousseau pretendeu dar a algumas velhas idéias a respeito das mulheres, uma sistematização "científica", fazendo parecer que as as suas normas foram elaboradas depois da observação constante dos fatos sociais e da reflexão sobre eles.

A preocupação de Rousseau recai, inicialmente, sobre a educação das meninas, que deve prepará-las para se tornarem submissas e dóceis ao marido, a suportarem os seus erros, sem queixas e "até a sofrerem injustiças".[23] Aprendendo apenas o que convém ao seu sexo, a educação das mulheres deveria constar de lições de como administrar uma casa, a receber os convidados e a ser agradável para o marido. Como mãe, ela seria a primeira professora dos filhos, educando-os de forma compatível com as exigências da sociedade, que o autor julgava ideal.

Quanto à honestidade, não bastava que a praticassem, tinham que ser publicamente reconhecidas pela sua incorruptibilidade, para que a honra cobrisse a si próprias e as suas famílias:

> "A existência de uma mulher honesta é um combate perpétuo contra si mesma; é justo que esse sexo participe das penas que nos causaram".[24]

Quando fala das "penas que nos causaram", o autor refere-se ao pecado original, biblicamente atribuído à Eva. Pecado não só da concupiscência, mas também de desobediência e de indução ao pecado.

Como estão proibidas de praticar a sedução, os atavios, os adornos, a pintura e os trajes luxuosos lhe são proibidos:

---

[22] ROSA, Annete. Citoyennes. *Les femmes et la révolution française.* Paris: Messidor, 1989, p. 94-103.
[23] ROUSSEAU, Jean Jacques. Livro Quinto. *Emílio ou da Educação.* São Paulo: Difel, 1968, 437-9.
[24] Id., Ib., p. 438.

unesp

> "Jóias e adereços mimosos são a vaidade da posição social" (...) Dai a uma jovem com gosto, e que despreze a moda, fitas, tecidos finos, musselinas e flores; sem diamantes, sem enfeites pretensiosos, sem rendas, ela vai se arranjar de maneira cem vezes mais encantadora do que com os brilhantes atavios da Duchapt".[25]

Sendo simples e agradável, a esposa atrai o marido para as delícias da domesticidade:

> "Mas não acreditais que uma mulher amável e séria, senhora de tais talentos que os consagrasse ao divertimento de seu marido, não aumentasse a felicidade da vida dele, e não o impedisse de, ao sair esgotado do escritório, procurar distrações fora de casa?"[26]

A mulher ideal deve ter religião, mas uma religião baseada na razão, sem demonstrações exageradas de culto. Uma religião que operasse como freio moral e não como forma de alienação.

A cultura da personagem que ele idealizou não podia ser excessiva:

> "uma jovem culta e enfatuada, que viesse estabelecer no lar um tribunal de literatura do qual viesse a ser a presidenta, seria o flagelo do marido, dos filhos, dos amigos, dos criados, de todo o mundo".[27]

A beleza não só era dispensável, mas uma feiúra que não chegasse a produzir asco seria preferível à grande beleza; pois a bonita, a não ser que fosse "um anjo", tornaria a vida de seu marido um inferno. [28]

Augusto Comte, na construção de sua sociedade "regenerada", incumbiu a mulher - "sexo afetivo" - do "culto doméstico", estrutura fundamental para a regeneração da espécie. A sua obra, *Catecismo positivista*, que contém o pensamento de Comte a respeito da mulher, é um diálogo entre "o sacerdote" e "a mulher", que se dirige ao sacerdote chamando-o de "meu pai"; este, por sua vez, trata a interlocutora por "filha" ou "minha filha". Eis um trecho do *Catecismo*:

> "Toda mulher deve, pois, ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior ,a fim de poder preencher dignamente sua santa missão. Voluntariamente encerrada no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe".[29]

Sacerdotisa do culto doméstico, a mulher não deve ambicionar "enriquecer-se pelo seu próprio trabalho". A avidez contínua do lucro faz com que ela perca "a benevolência espontânea"; é por isso que "não podem existir piores chefes industriais do que as mulheres".

---

[25] Id., Ib., p. 442-3.
[26] Id., Ib., p. 445
[27] Id., Ib., p. 459, 476 e 491
[28] Id., ib., p. 491
[29] COMTE, Augusto. Décima Conferência. Regime Privado. *Catecismo Positivista.* : São Paulo: Abril Cultura, 1983, P. 275 (Pensadores).

unesp

As considerações em torno da "falha" liberal em relação às mulheres vêm ocupando feministas e teóricos das Ciências Humanos, que têm como objeto de trabalho o que se chama hoje "relação de gênero".

Michelle Perrault afirma que a determinação para que a mulher ocupasse unicamente o espaço privado e o seu enaltecimento como rainha do lar foi uma forma que os liberais encontraram para tirar do foco da discussão a questão da concessão dos direitos políticos às mulheres. A ideologia apossou-se das descobertas "científicas" para cientifizar as suas posições. Médicos, clérigos, publicistas, ensaístas e literatos entoaram a "mesma canção", que poderia ser sintetizada em uma palavra de ordem: "Mulheres, ao lar! Ali é o seu lugar". Excluindo as mulheres da cidadania, com base na diferença "natural" entre os gêneros, os liberais se eximem de responsabilidade por tal exclusão:

> *"C'est un discours naturaliste, insistant sur l'existence de deux 'especes' aux qualités et aux aptitudes particulières. Aux hommes, le cerveau (beaucoup plus important que le phallus), l'inteligence, la raison claire, la capacité de décision. Aux femmes, le coeur, la sensibilité, les sentiments".*[30]

O avanço das ciências biológicas e da medicina, durante o século XIX, dão maior prestígio aos médicos e eles procuram aumentar o seu espaço na sociedade, assumindo o controle sobre a família. Fazem das mulheres as suas aliadas, responsabilizando-as pela higiene da família e, ao mesmo tempo, engrossando o coro dos que as restringiam às funções relacionadas à domesticidade.

Analisando teses e discursos produzidos pela Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro, Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e Bahia, Jurandir Freire Costa mostra a influência do discurso higienista da Europa Ocidental sobre os médicos brasileiros, que vão também construindo um conjunto de normas para higienizar a família brasileira, situando na mulher grande parte da responsabilidade pela higienização.[31]

O poder de persuasão que teve tal discurso no século XIX, só será passível de avaliação, depois de pesquisas que comprovem a sua repercussão entre as famílias das camadas mais altas da sociedade. O estudo da mudança de hábitos, da organização do espaço da casa, do tipo de construções, tendo em vista as prescrições médicas, e das

---

[30] PERROT, Michelle. Les femmes, le pouvoir, l'histoire. In: PERROT, Michelle (org.). *Une histoire des femmes est-elle possble?* Paris: Rivages, 1984, p.214.
[31] COSTA, Jurandir Freire . *Ordem Médica e norma familiar*. 3ª ed. Rio: Graal, 1989.

unesp

relações entre os membros das famílias podem fornecer pistas esclarecedoras sobre a real influência do médico higienista.

José Leopoldo Ferreira Antunes, do Instituto Adolfo Lutz, estudando textos de médicos brasileiros, do final do século XIX e início do XX, como o Dr. José Rodrigues da Costa Dória, o Dr. Cássio Rezende e outros, vai apontando os preconceitos que o "pensamento médico" tinha em relação à mulher.

O autor cita o Dr. Dória, que afirmou, em 1894:

> "os passos da mulher são menores, mesmo em igualdade de estatura com o homem, e o andar é ondulante. É frugívora e assimila melhor do que o homem. É mais excitável, benévola e menos inteligente; é mais moral cem vezes do que o homem e seu máximo de criminalidade é aos 30 anos ao passo que o dos homens é aos 25. A elas não pertencem grandes descobertas, nem o primeiro posto nas artes e, se há exceções, confirmam a regra geral de sua menor potência intelectual. De outro lado, é destinada ao parto e ao aleitamento, e não poderia ser à ciência: se o fosse, o que deveria fazer o homem? Está, pois, dividida a tarefa: à mulher a geração do homem, ao homem a geração das idéias".

Como o parto e o aleitamento já são funções da mulher, é "natural" que as atividades "cerebrais" fiquem reservadas aos homens.[32]

A ênfase na "naturalidade" que fundamentava a divisão de funções - fisiológicas como próprias para a mulher e cerebrais para o homem - parece que era estimulada no Dr. Dória pelo temor da perda da primazia masculina, que durante o século XIX atormentou médicos, clérigos, cientistas e artistas.[33] Como perguntou Virgínia Woolf, onde está o científico, nessa argumentação?

Ferreira Antunes observa que o Dr. Dória considerava a mulher, como a considerou Spencer:

> "até certo ponto, como um homem não de todo desenvolvido. 'Às semelhanças físicas entre a mulher e o menino correspondem semelhanças psíquicas, possuindo a primeira muitos dos característicos dos segundos, como seja a timidez, a percepção rápida e ligeira, a imaginação intensa e inclinada à superstição, às emoções fáceis, à volubilidade, passando rapidamente do choro ao riso e vice-versa; ela, arrastada pelos impulsos do momento, sem a devida reflexão e força de vontade, procura sempre proteção e simpatia, que dispensa também facilmente às crianças e aos animais'.

Em 1922, o Dr. Plínio Olinto, em conferência intitulada *O homem e a mulher*, ainda julgava uma tolice o feminismo pretender equiparar os sexos:

> "não só porque a igualdade plena seria impossível, mas porque, desde o começo do mundo, através da maternidade e das astúcias, a mulher tivesse permanecido acima do homem, sempre subjugando o 'pobre sexo forte'.[34]

---

[32] ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. Preconceito contra a mulher no pensamento médico brasileiro. *Leitura,* são Paulo, 11(13), março de 1992, p. 8

[33] GAY, Peter. *A educação dos sentidos.* Da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

[34] ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. Ob. cit..

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

A "nova mulher"

> "'A emancipação feminina' era ainda bastante modesta a esta altura, mesmo tendo o período produzido um pequeno - mas sem precedentes - número de mulheres ativas em campos até então restritos exclusivamente aos homens e onde de fato elas se distuinguiam notavelmente: eram figuras como Rosa Luxemburgo, Madame Curie, Beatrice Webb. Ainda assim, era suficientemente ampla para produzir não apenas um punhado de pioneiras, mas - dentro dos meios burgueses uma espécie nova, a 'nova mulher', sobre a qual, de 1880 em diante, os observadores do sexo masculino teorizaram e di scutiram." (A nova mulher. In: HOBSBAWM, Éric. *A era dos Impérios. 1875*-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.272).

Durante o século XIX, se houve a predominância, na produção literária e artística em seus variados gêneros, da reprodução do pensamento que excluía a mulher das funções públicas, homens e mulheres, na Europa, nos Estados Unidos e Brasil reivindicaram direitos iguais para os dois sexos. Stuart Mill, Bebel, Harriot Hunt, Carey Thomas, Nísia Floresta Augusta e educadores, médicos, alguns maçons e republicanos exigiam a participação da mulher nos negócios públicos. As exigências eram motivadas por fatores diversos: por convicções autênticas, por interesses políticos, por terem atingido a percepção da necessidade de melhor educar a mulher para que ela exercesse as suas tradicionais funções.

As reivindicações eram definidas em graus diferentes: alguns queriam igualdade total, incluindo o direito de votar e ser elegível, outros centralizavam as suas propostas na questão educacional e ainda outros defendiam o acesso das mulheres às profissões que fossem "pertinentes à sua natureza", mas achavam que as mulheres ainda não estavam preparadas para votar e nem para certas funções.

Citando o professor Charles F. Thwing, presidente da Escola Superior Feminina da Western Reserve University, que, em 1894, afirmou que "a velha e aborrecida questão relativa a terem as mulheres aptidões intelectuais suficientes para receber e aproveitar uma boa educação superior", estava encerrada, observa Peter Gay:

> "A questão por mais aborrecida que fosse, de modo algum estava completamente encerrada nos Estados Unidos; continuava a assolar a educação superior na Inglaterra; e permanecia viva no continente europeu".[35]

---

[35] GAY, Peter. Ob. Cit., p. 163

unesp

Esse autor cita o caso de Phillippa Garrett Fawcett, filha de um líder feminista inglês, que obteve a primeira colocação nos exames de matemática em Cambridge, mas não sendo regularmente matriculada, não pode receber o titulo de *Senior Wrangler;* "ao invés disso, numa mistura bem característica de justiça e falta de lógica, foi elevada acima dessa honraria".

Hobsbawm, situando o início da "emancipação feminina" entre 1875 e 1914, e considerando "bem modestos" os avanços do movimento feminista - apesar de um número razoável de pioneiras nos diversos campos do conhecimento - comenta a estranheza que o comportamento das feministas e das mulheres profissionais liberais causava "dentro dos meios burgueses". Aglutinadas sob a denominação genérica de "a nova mulher", tais feministas e profissionais pertenciam "ao estrato médio da sociedade e - em forma diferente - aos estratos superiores da sociedade, estatisticamente menos significativos".[36]

Estereótipos em relação "a nova mulher" aparecem naquela que é considerada uma das mais sofisticadas produções literárias do século XIX: a russa. Em *Os Demônios,* em uma galeria de personagens femininas pouco edificantes, aparece uma jovem estudante, que em forma grosseira, pouco objetiva e superficial discorre sobre as questões que o escritor engloba sob o conceito de "Liberalismo" ou "idéias modernas", nelas incluído o feminismo. Ela suscita a reação irada de um major, seu tio, que se julga desrespeitado por aquela que ele carregara no colo e acalentara. O major repreende a jovem, dizendo que ela, sendo mulher, devia comportar-se "com modéstia" , "em lugar de se remexer como se estivesse sentada em uma agulha". E acrescenta que prefere discutir as "idéias modernas" e liberais em uma "conversa masculina":

> "Escutar essas mulheres, esses moínhos de palavras...não, é um suplício para mim".

A figura do major não é simpática; em sua rápida aparição, mostra-se agressivo, generalizador, o que desqualifica as suas opiniões a respeito das mulheres. Mas a jovem feminista não é tampouco, simpática, o que faz pensar que Dostoiévsky, se não fazia oposição à "nova mulher", também não a aprovava.

Em *Pais e Filhos,* Eudóxia Kukchine é apresentada por Turgueniev como desmazelada, recebendo os visitantes em uma "sala de visitas", que "mais parecia um gabinente de

---

[36] HOBSBAWM, Éric. A nova mulher. *A era dos Impérios.* 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, p.271-306.

unesp

trabalho", com papéis, cartas e "edições volumosas das revistas russas, na maioria intactas" sobre "as mesas cheias de pó". Eudóxia "usava um vestido de seda quase sujo" e vestiu, com indiferença, um mantô de veludo para receber, "indolentemente", os visitantes.

Turgueniev ressalta a superficialidade, a indolência e a infantilidade de Eudóxia, quando escreve que as revistas estavam "intactas", e comenta o seu jeito de aparente má vontade - "como as crianças: sem querer, complicado e pouco natural" - e o gosto pelas discussões sem profundidade, regadas a vinho e champanhe. No final do livro, Eudóxia vai para Heidelberg,

> "estudar ciências naturais e a arquitetura, em cujo domínio, segundo as suas palavras, chegou a descobrir leis novas. Como sempre, gosta da companhia dos estudantes, principalmente dos jovens físicos e químicos russos, de que a cidade de Heldeiberg está repleta".

Turgueniev diz que os jovens estudantes russos impressionam os "ingênuos professores alemães", inicialmente, pelo seu "modo sóbrio de ver as coisas" e, depois, "pela absoluta indolência". O que significa que Eudóxia estava entre iguais, por ser ela também preguiçosa, fútil e superficial.

O livro *Ann Veronica*, publicado em 1909, "originou-se da relação que H. G. Wells teve com Amber Reeves" e, segundo Jeanne MacKenzie, o "final do romance foi a concretização de suas próprias fantasias e não dos desejos de liberação de Ann Veronica". A publicação do livro provocou escândalo nos meios literários, editorias e da crítica londrina ". O editor do *Spectator* declarou "que a obra inspirava 'repulsa e indignação' e alegou que Wells mostrava 'uma comunidade de fuinhas e furões rixentos, não iluminados por um mínimo dever de abnegação'. [37]

Ann Veronica vai para Londres, viver sozinha e introduz-se entre as feministas, sendo presa depois de uma manifestação. Antes de mudar-se, em uma festa, Veronica declarou o seu desejo de votar e ouviu de um pretendente as velhas observações a respeito das mulheres, como: elas são serenas, delicadas, femininas e a "política é tão suja, tão sórdida, tão enfadonha e rixenta" que não é local para as mulheres:

> "As mulheres possuem muito mais poder do que imaginam, como influências, como inspirações".

---

[37] MACKENZIE, Jeanne. Introdução. In: WELLS, H. G. *Ann Verônica.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984, p.5-9.

unesp

Depois o Senhor Manning diz que tendo direito a dois votos, oferecia-os a Ann e votaria por ela.

Em Londres, buscando o amor e realizações, Ann apaixona-se por um professor, Capes, que lhe parecia "alegre e amistoso na liberdade de seu sexo", mas "indiferente a que ela se sufocasse diante de seus olhos", zombando de toda aquela apaixonada insurreição das almas das mulheres contra o destino de suas condições".

No final do romance, Ann Veronica casa-se com Capes e assim o autor a descreve:

> "Ann Veronica estava quase um centímetro e meio mais alta, o rosto simultaneamente mais forte e mais suave, o pescoço mais firme e mais arredondado, sua atitude definitivamente mais adulta e feminina do que fora em seus dias de rebeldia. Agora, era uma mulher até as pontas dos dedos."[38]

O debate em torno do tema - "a emancipação feminina" - foi acompanhado pelos editoriais, articulistas, cronistas e missivistas do *Correio Paulistano,* que apresentam opiniões divergentes, a respeito do "momentoso assunto". Alguns mostram-se favoráveis à uma certa mudança na vida das mulheres brasileiras. Pelos seus conselhos, vê-se que se afastam da pregação dos "pais" no tocante à clausura e à aparência, pois valorizam a mulher bonita, bem vestida, com aparência por eles considerada saudável e estimulam as paulistanas a sairem de casa, a freqüentarem livrarias, teatros, bailes, e a comparecerem às conferências da Sociedade Protetora da Instrução Popular.

Todavia, eles, como os pais e os pregadores religiosos da Idade Média e Moderna e os doutrinadores dos séculos XVIII e XIX, prescreviam moderação nos enfeites, no trajar, no comportar-se e altivez de atitudes. Juntamente com algumas idéias já antigas, acreditam e pregam a liberdade de escolha amorosa, de uma educação mais apurada, para as moças, visando um desempenho satisfatório das funções de esposa, anfitriã e mãe e o afastamento das mulheres da influência do clero, influência que liberais, positivistas e maçons consideravam "nociva".

A valorização da domesticidade é mais assídua, nos textos publicados e analisados.A saída do espaço do lar, para o brilho em festas, saraus, concertos ou para a prática da filantropia deveria efetuar-se sob a mentoria discreta e elegante de cavalheiros "esclarecidos".

---

[38] WELLS, H.G.. *Ann Veronica.* São Paulo: Francisco Alves, 1984, p.52-3, 200 e319

unesp

Aristarco (pseudônimo), em carta publicada na Seção Particular, relatando um baile acontecido em Jundiaí, comenta com agradável deslumbramento, a elegância e o bom gosto das senhoras presentes, comparando-as com "mimosas flores":

> "A simplicidade de suas toaletes mais servia para realçar a sua beleza. Quando compreenderá o sexo frágil que a simplicidade harmonizada ao bom gosto é que o torna sedutor e cheio de encantos?" (C.P., 7.2.1875, p. 3)

Dez anos antes, em Correspondência do Correio, sob o título "Soirée em Bragança", o missivista falava do baile em homenagem à criação dos Corpos de Voluntários da Pátria .

A "reunião, animada e ordeira", caracterizara-se pela "simplicidade com que se apresentaram, as damas, filha do bom gosto e que não exclui a elegância." Termina a carta, emitindo votos pela repetição de eventos como aquele, devido "ao gosto decidido que têm as moças pelas soirées, à falta de divertimentos e também porque são eles um poderoso elemento de Civilização".(C.P., 28.02.1865, p.2)

A veiculação de artigos e comentários persuasivos, no *Correio Paulistano*, ditando modelos de atitudes femininas, acontece, insistentemente, nas décadas de 1860 e 1870. O jornal modifica-se, a partir do final dos anos setenta, o que pode ter acontecido por influência da saída de Américo de Campos, que era diretor de redação ou da diversificação de atividades de lazer e de comércio, setores que, a partir de 1870, ofereciam mais opções para ocupar as mentes dos jovens escritores e das moças. As seções de Variedades, com publicações literárias, e o Folhetim deixam de ter tanto significado, como veículos de entretenimento em si e vão ficando mais informativas ou mesmo "formativos" a respeito de espetáculos. Mesmo os necrológios, tão prolíxos anteriormente, cedem espaço para os avisos curtos de mortes e de missas de sétimo dia.

A persuasão assumia, de acordo com as preferências dos que escreviam, diversas formas: às vezes, deixava transparecer a voz do "professor" benevolente, simpático; outras, assumia o tom impaciente e até raivoso, que Virgínia Woolf percebeu no jornal londrino e outras transformava-se em uma tonalidade respeitosa, brincalhona e amigável. Esta, era a preferida pelos folhetinistas e alguns missivistas das seções Correspondência e A Pedido.

Em 1865, na seção Variedades, o autor de um artigo intitulado "A mulher", fazendo uso do enaltecimento, cria uma figura de mulher irreal, possuidora, em grau superlativo, de todas as qualidades que eram então valorizadas como formadoras da idealidade feminina.

unesp

A mulher descrita, "coroa e epílogo da criação", a "quinta essência de tudo quanto Deus derramara de melhor no paraíso", era um exemplo para as leitoras:

> "O sumo fato fundiu-lhe o espírito brilhante e suava de um raio d'ouro do sol, e de um raio prateado da lua. Deu-lhe a pureza do cecem, a alvura do lírio, o pudor e a graça da rosa, a modéstia da violeta; acendeu-lhe no olhar o brilho de estrelas; descerrou-lhe auroras de carmim e pérolas no sorrir; para que ela falasse concentrou todas as melodias, balbuciadas no murmurinho das fontes, e no cântico das aves; modelou-lhe a estatura pela dos bustos mais esbeltos e mimosos; arredondou-lhe as formas, para que lembrassem os frutos mais gentis e apetecidos; difundiu-lhe os cabelos como os ramos pendentes do salgueiro aquático; impregnou-lhos de eletricidade; embebeu-os de um aroma que fala, revestiu-os de brilhantísmo tão esmerado e pródigo que o ouro e as pérolas, as pedrarias, os perfumes, as sedas e as flores ambicionando alcançá-los, recebessem deles novo apreço. Este ente meio positivo, meio áereo, meio terrestre, meio céu, que volteia por entre nós como anjo desterrado, saudoso, mas contente, tendo por fala um canto, a sujeição e a humildade por império.; em que a fraqueza é graça; e a graça onipotência; cujo encargo é mais que eternizar a espécie - é entendê-la, domesticá-la, refinar-lhe o gosto, os instintos do belo, os arrojos para o bom e para o sublime; a mulher, em suma, fadada de alguma sorte a ser mãe e mestre, guia, arrimo, lâmpada, conselheira, profetisa, modelo e prêmio, não só de seus filhos, mas de seus irmãos também, de seu consorte, de seu próprio pai, de todos que de perto ou de longe, lhe pudessem receber diretas ou reflexas influências".

O homemem, ente "grosseiro, pervertido, gasto, embrutecido", pensa que a mulher foi "brotada para seus prazeres efêmeros"; mas,

> "como as flores, ela não pode penetrar dentro em nós senão pelos olhos; feche-os e escute,lá está ainda ela com a sua magia, não a destruiu; o calor, os abraços e os beijos lhe revelaram completos os seus encantos. Não ouse, ou não possa tocá-la; um hálito, uma fragrância sutil, que não é de flores, mas de vida, - que é mais que de vida, pois é do amor, - lhe dirá: aqui está o fruto para a tua avidez e para a tua sede" (C.P., 23.9.1865, p.2. (1) Antônio Feliciano dos Santos).

Depois de tantos exageros metafóricos, o articulista terminava definindo a "mulher como comunhão perfeita de afeto", sendo "toda para todos e toda para cada um", o que significa que o autor assimilou a pregação comteana, que transformou a mulher em "regeneradora da espécie".

Como na quase totalidade dos textos dirigidos às mulheres, o autor faz uso do singular-coletivo nivelador de classes e de outras diferenças, como de raça, beleza, instrução. Dirigindo-se "à mulher", mesmo tendo em mente a figura ideal, que pela expectativa do autor e características assinaladas, pertencia às camadas mais altas da sociedade, qualquer mulher que o lesse poderia alimentar a fantasia de ser a destinatária. O realce da pele branca como o lírio, ou a referência a cabelos loiros excluiam todas as negras, mestiças, indígenas. O que confirma que os textos eram escritos tendo em mira as mulheres brancas das camadas mais altas. O retrato criado por Feliciano exclui também a grande maioria daquelas que trabalhavam, com o objetivo de sobrevivência, em atividades domésticas ou mal remuneradas, como costureiras, bordadeiras, professoras, fabricantes de flores, amas secas ou cozinheiras. Pois, tais trabalhadoras, cansadas após um dia exaustivo de trabalho, dispondo de poucos recursos e tempo para os cuidados

unesp

com o seu corpo, não podiam apresentar frescor, delicadeza e outras sutiliezas em suas fisionomias. Assim como estavam excluídas da pintura de Antônio Feliciano as feias e velhas. O retrato pintado por Feliciano só descrevia algumas jovens e, mesmo assim, em determinados momentos, como o da festa. Somente na festa (reuniões íntimas, saraus, espetáculos e bailes), momento fugidio, intervalo de encontro da beleza, entre os afazeres e a rotina do cotidiano, a figura descrita poderia existir. A festa, em todo o seu desenrolar, nos momentos que a antecediam - quando acontecia o ritual de se fazer bela e havia a entrega às emoções geradas pela expectativa de viver momentos de alegria, ou, quem sabe, de um encontro - no seu próprio tempo e nas rercordações posteriores, poderia provocar "as auroras de carmim"nas faces e o "brilho de estrelas" no olhar.

As "pérolas no sorrir", expressão usada como metáfora dos dentes da mulher idealizada, me lembram o caso de Floriza, a fazendeira pioneira, que não pôde se afastar de sua fazenda, "por mais de quatro anos consecutivos", o que comprometeu "os seus dentes pela falta de cuidados".[39]

O que pensariam as leitoras extenuadas por partos sucessivos, nem sempre com aparências saudáveis - principalmente devido ao descuido com a alimentação adequada, à dificuldade de cuidados médicos e odontológicos - com os olhos vermelhos e doloridos, depois de caprichosos bordados e de metros de rendas pregadas a mão da imagem idealizada por Feliciano?

O hábito da escrita persuasiva, normativa ou moralizante aparece até em um escritor como Machado de Assis, que no conto *A mulher de preto,* faz a personagem masculina central dissertar sobre o que é criticável e não criticável no comportamento feminino. Como o conto foi publicado no *Jornal das Senhoras,* onde Machado colaborou de 1864 a 1869, compreende-se a preocupação em emitir "mensagens" modelares de comportamento feminino, através das personagens dos contos.

Estevão, incentivado a casar-se por padre Luís, seu amigo, respondeu a este que só se casaria se encontrasse "uma mulher completa" como ele exigia. E, através de uma crítica à forma como as meninas eram educadas, e que as transformava em jovens frívolas, deixa claro qual o seu ideal de mulher:

> "Uma menina que deixa as bonecas para ir decorar mecanicamente alguns livros mal escolhidos; interrompe uma lição para ouvir contar uma cena de namoro; que em matéria de

[39] MALUF, Marina. *Ruidos de Memória*: São Paulo: Siciliano, 1995, p. 146

> arte só conhece os figurinos parisienses; que deixa as calças para entrar no baile, e que antes de suspirar por um homem, examina-lhe a correção da gravata , e o apertado do botim; padre Luís, esta menina pode vir a ser um esplêndido ornamento de salão e até uma fecunda mãe de família, mas nunca será uma mulher".

Padre Luís aconselha-o então a "não se casar com a regra" e "procurar a exceção". O autor atribui a atitude de Estevão ao fato do jovem, até aos vinte anos, ter testemunhado "a santidade do amor mantido pela virtude doméstica", entre os seus pais. "No ânimo de Estevão, o amor que funda a família devia ser aquilo ou não seria nada".

Estevão apaixona-se por Madalena, descrita como "uma viúva de trinta e quatro anos, bela como o dia, graciosa e terna". Após meia hora de conversa, estava totalmente "encantado com "as maneiras, a voz, a beleza de Madalena".

Madalena é casada com o melhor amigo de Estevão, que dela se separara por suspeitar, injustamente, da sua honestidade. Esclarecido o fato que provocara a desavença entre o casal, Estevão, fiel à amizade com Meneses, o marido, arranja uma viagem para Minas e envia um bilhete de despedida ao casal reconciliado. Meneses, não entendendo a inopinada partida do amigo, pergunta a mulher se ela sabia o motivo. Madalena, que "havia compreendido enfim" a paixão de Estevão por ela, "nada disse ao marido; nisso mostrava-se solícita pela tranqüilidade conjugal; mas mostrava-se sobretudo mulher". [40]
A atitude de Madalena, escondendo do marido o amor de que era alvo merece do escritor o comentário de que assim agindo fora "sobretudo mulher", o que aponta para o objetivo normatizador do conto.

A guerra do Paraguai fornece motivos para artigos, nos quais os autores opinam sobre qual deveria ser a forma correta de participação das mulheres no esforço de guerra..
A pretensão de combatente de Jovita (Capítulo 4) motivou a publicação de um artigo, publicado em duas partes, intitulado Patriotismo Feminil. Elogiando o "patriotismo nas senhoras - algumas já têm dado exemplos dessa qualidade tão nobre", o autor diz que a aplicação do patriotismo tinha que ser "aproveitável". E perguntava: "O que faz na guerra uma mulher? Incomodar-se a si e aos outros, servir de embaraço". Dizendo-se condoído dos pais e maridos "destes rasgos patrióticos", o autor afirmava que no seu "fraco entender", as "virtuosas e inteligentes senhoras brasileiras" deveriam colaborar ocupando funções no comércio, na agricultura, e até na administração pública; que procurassem fazer o que estava mais "ao alcance moral e físico, ou seja a pena e a

---

[40] A mulher de preto. In: *Contos Fluminenses*. Rio de Janeiro: Garnier, 1989, p.63-94.

unesp

consolação do país". Elas deviam fechar os "pianos por algum tempo, guardar os vestidos de baile" e dedicarem-se à Pátria.

O autor critica aqueles que, por preconceito, impediam as mulheres de irem para as repartições, de estarem em lugares públicos, mas aplaudiam as que iam para os campos de batalha, onde ficavam "expostas à brutalidade de homens grosseiros e desconhecidos". (C.P.,19.9.1865, p.2).

Nove dias depois, em outro artigo, com o mesmo título, Zumbre reclama que o primeiro não tivera qualquer repercussão. "Nem uma censura sequer!" Como não desistiu de comover "o coração das brasileiras", ele apela mais uma vez para elas:

> "Os jornais do Rio de Janeiro falaram muito sobre emancipação das mulheres, eis agora uma ocasião de emanciparem-se com sublime causa. Quem sabe se cem, pelo menos, ousariam dar o primeiro passo! (...) As "nobres provincianas e fluminenses podiam tomar o lugar dos cadetes alferes, tenentes e até capitães que estivessem nas secretarias. Se uma mulher dança a contra-dança, galope ou valsa, abraçada com um desconhecido, por quê razão não pode trabalhar ao lado de um homem conhecido, como escrevente em uma secretaria?"

Reclama do desperdício que é a manutenção de homens em serviços como no arsenal, em salões de costura, fazendo coisas que poderiam ser feitas pelas mulheres. Homens costuram, "enquanto as ruas estão cheias de mulheres pedindo esmolas ou perdendo-se, por não terem o que comer, por não terem serviço". Para o comércio, ele não acha que as mulheres estivessem aptas - "poucas poderiam preencher deveres comerciais - pois seria necessária uma instrução particular; nunca seria tarde, porém instruírem-se para outra ocasião". (C.P.,28.9.1865, p.3)

Apesar da pretensão - naquele momento utópica - pois somente muitas décadas depois as mulheres tiveram acesso ao serviço público, o autor é objetivo quando fala do número de mulheres desempregadas, quando critica a contradição existente no preconceito contra a ocupação de funções públicas por mulheres e o apoio com que era recebida a iniciativa de uma destemida "mulher-soldado".

O preconceito contra o trabalho fora de casa, existente entre os grupos intermediários, não era resultante apenas da perspectiva de convivência com homens, mas também porque o trabalho remunerado era um desdouro para o marido, pais ou irmãos, um sinal de pobreza, que as famílias médias não gostavam de aparentar. Quanto à "mulher-soldado", era um tema caro à pena dos poetas, inspirando-os e remetendo-os às heróicas reminiscências de Joana D'Arc e Maria Quitéria.

unesp

Aristarco, de Franca, escreve um longo artigo intitulado *A influência das mulheres*, onde cita exemplos de mulheres que tiveram influência positiva e negativa na História. Eva, Helena de Tróia, são citadas como influências negativas.Joana D'Arc, Madame de Stael, Rainha Vitória, Cleopátra - "se não tivesse se entregado aos impudicos amores com Marco Antônio"- e George Sand são influências "morais".

O artigo é escrito em tom jocoso e, no final, o autor pede desculpas ao "belo sexo", por ter falado da "perniciosa influência" de algumas mulheres; acha que elas, as más, são em menor número, pois "o belo sexo é mais propenso para o bem do que para o mal". E que ele procurou tão somente relatar os fatos históricos, já que não era "inimigo do belo sexo - 'a obra prima, a mais bela concepção de Deus sobre a terra' - na frase de um ilustrado escritor." Ele faz tal declaração por ser um "escritor público" amante da verdade e em prol da reputação do sexo feminino "a fim de que o tenhamos sempre ao nosso lado". (C.P., l0.10.l865, p. 3)

No artigo "Beleza e Saúde", o articulista anônimo dirige-se a uma mulher com quem parece viver intimamente. E censura essa destinatária - apesar "da sisudez" que folga reconhecer" no fundo do caráter dela - o muito tempo que ela desperdiça com os "atavios pessoais" , tendo-a "apanhado em flagrante delito de vaidosa contemplação:

> "Que vaídade de águas de cheiro, almiscares, pós para dentes e pós de arroz, e nem sei que mais! /Que horas inteiras te consomes em fazer uma prega aqui, um franzido acolá; em pôr mais uma fita, um debrum, um enfeite neste ou naquele vestido! E depois de tudo pronto, que rodeios diante do espelho, que exercício ativo das faculdades analíticas, que satisfação completa de contentamento! A tua fértil imaginação criou todo esse mundo, e agora, depois do trabalho, e imitando o criador ao sétimo dia vês as coisas que tinhas feito e que eram boas!/ Ora, eu bem quisera que empregasses teus talentos de combinação, simetria e perspectiva em outros trabalhos mais substanciais. Mas não serei agora eu a censurar-te. Antes de tudo, a censura recairia sobre teu pai e tua mãe, pois em geral os filhos são o que os pais os fazem e tens sido sempre, suponho eu, filha obediente. O fato é que não mereces censura".

Após a admoestação inicial, o autor elogia a dedicação da sua destinatária aos "deveres caseiros", dos quais ela se desincumbe, talvez, "com a mesma satisfação" com que "acaba o vestido de visitas".

Apesar da vaídade, já surpreendida algumas vezes, a interlocutora tem as qualidades positivas necessárias à uma "boa" mulher, e procede, no essencial, de acordo com o que se espera dela: é sagaz, prudente, ordeira e econômica na direção da casa, o que faz o articulista desejar que o "nosso governo imperial" fosse um imitador da sua excelente administração doméstica. Caridosa e solidária, ela exerce uma benéfica ação a sua volta, que atinge "a todos, brancos e pretos", pais, irmãos. O autor ressalta aspectos da

unesp

educação e do comportamento da sua destinatária, que devem ser modificados: ela lê pouco - "menos do que era para desejar e ainda menos dos livros" que deveria ler. E quando lê, procura "coisas triviais". Nos jornais, não se interessa pelas notícias políticas, nacionais e internacionais e nem pelas informações econômicas: só lê a gazetilha e o obituário. Quanto ao estudo:

> "é tarefa a que não te entregas.Mas disto não tens a culpa: têm-na teus pais; tem-na a nossa civilização que há reduzido o teu papel ao de vestir-te, casar, ter filhos e governar escravos."

Depois, mais apaziguador, diz:

> "não censuro as moças por quererem aparecer bem. Sustento até que elas 'devem' cultivar essa ambição, e não só elas, mas também nós, os homens. O que importa é evitar por todos os meios a exageração deste dever social, que redunda em vício grosseiro. Aparecemos bem pelo cuidado das maneiras, pelo do trajar, e pelo da própria pessoa, fisicamente considerada."

Mantendo o tom paternalista e indulgente, mas autoritário, ele ensina a sua destinatária os cuidados certos e úteis para manter o corpo saudável e a beleza dele e do rosto, objetivo do artigo. Pois vive-se em sociedade e todos devem esforçar-se não apenas "para tornar tolerável a nossa presença, mas até para fazê-la ser a origem de prazer aos que nos cercam".

Menosprezando a capacidade de compreensão da moça, ele afirma entender o belo, mas não poder dar a ela uma definição estética, que estaria acima de seu nível de entendimento. Ele diz que tentará ser o mais claro possível para que seja compreendido:

> "Para mim, o belo é a verdade - a verdade das relações ternas que nos comunica pelo coração e imaginação, produzindo em nós a admiração e o amor. A beleza é para mim a conformidade com as leis, com a ordem pré-estabelecida. No homem, o ser consciente, a beleza consiste no reflexo mais puro da imagem de Deus, segundo a qual foi criado, e a beleza física do homem consiste nas verdadeiras proproções do corpo e na suprema adaptação da cada uma de suas partes aos fins para que foram criadas".

A mulher "doente, quebrada, tísica", não é bonita, sendo boa apenas para os romances de Dumas Filho, pois "não há beleza sem saúde moral, intelectual e física. Se quiseres ser bela, cuida, pois da tua saúde moral, intelectual e física. A graça depende da forma bem proporcionada, de membros bem moldados, de um esqueleto bem desenvolvido", que por sua vez depende da alimentação. Esta, composta de matéria animal e vegetal, tem que ser equilibrada. Tanto a gordura, quanto a excessiva magreza são desvios das linhas de proporção e "das leis da saúde." O exercício também é fundamental:

> "Quando passas muitos dias em casa sem exercício algum, os pulmões caem, e o resultado é que o teu peito se retrai e perde aquele rico arqueado da sua beleza natural".

Depois fala do sangue, da importância do ferro para o "fluido vital", etc.

unesp

A pele "é como a atmosfera desse teu pequeno mundo físico. Se não a tens sadia, por meio do regime próprio, não podes ser bonita". Para que a pele seja bonita e tenha a aparência fresca são essenciais os exercícios regulares ao ar livre, comida abundante e nutritiva a horas regulares, banhos freqüentes de água fria e com um sabão de boa qualidade, "como o inglês Windsor", e uma ocupação sistemática e agradável.

Critica a magreza das "nossas moças", inclusive a da "interlocutora", que comem "como passarinho", por acharem que é sinal de elegância comer pouco. Não as quer como as inglesas, "comendo um fatião de queijo Stilton e lavando a goela com um copo de cerveja preta antes de ir deitar"; mas quer que "as suas patrícias" comam melhor. Desaconselha consumo exagerado de doces, pastéis e biscoitos que "enchem o estômago mas não alimentam; a comida tem que ser "digerível e sólida":

> "Quero que comas, não como passarinho, mas como mulher que és. Saiba toda a gente que tens estômago".

. Conclui, dando um último conselho, que sintetiza o que vinha afirmando no longo artigo:

> "Se queres ser bonita cuida bem da sua saúde, faz exercício, come bem, banha-te e ocupa-te em tarefas regulares, pacificadas, agradáveis e variáveis". (C. P. 19.3.75).

A atualidade dos conselhos, ainda que em meio a tiradas preconceituosas, faz crer que se tratava ou de um médico higienista, ou de um publicista[41] que assimilara as determinações da Medicina higiênica.

O passeio, o caminhar, foram aconselhados também por José de Alencar, que em uma de suas crônicas elogiava as belezas do Passeio Público do Rio de Janeiro e criticava o hábito das mulheres brasileiras de ficarem em casa, deixando-se "amolecer e engordar".[42] Alguns dos textos são de mulheres e demonstram afinidade das autoras com as preocupações de autores masculinos. Percebe-se, às vezes, nos textos de mulheres, uma dose de solidariedade compassiva e de manifestação de uma vontade que a mulher sobresaísse, que demonstrasse ser tão capaz quanto o homem, "ou até mais".

Em 1877, Maria Amália Vaz de Carvalho, portuguesa, faz considerações sobre "a educação da mulher principalmente da mulher peninsular, que por ser tão atrasada e incompleta", não permitia que "ela encontrasse em si mesma, no seu coração ou no seu

---

[41] Publicista era o nome que se dava aos jornalistas e aos que publicavam, em geral. Era mais usual os letrados de então usarem a expressão "publicidade" do que publicação.
[42] ALENCAR, José de. *Teatro Completo.* S/loc., MEC/FUNARTE v. 1, p. 67

unesp

espírito, um preservativo eficaz contra a ociosidade e preguiça, que são no fim de contas, os seus piores inimigos". Para Maria Amália, o que determina o comportamento da mulher é o coração, visão que é a a predominante entre os escritores. A novidade em relação aos textos masculinos da mesma época, publicados na Imprensa, é que a escritora refere-se também ao espírito, colocando-o ao lado do coração.[43]

Segundo a autora, a preguiça é a responsável por divórcios, adultérios e muita infelicidade. Até a morte prematura de muitas mulheres - cantada em prosa e verso pelos poetas, como resultado da paixão - nada tem a ver com esta, mas com o espartilhamento brutal, com os excessos para emagrecer, como "beber vinagre", as dietas violentas e com os "saltos de meio palmo". Enfim, com a vaidade.

Amália observa que médicos, moralistas, psicólogos vinham afirmando que "as mulheres caíam porque não tinham o que fazer, já que ninguém as tinha armado para entrarem no grande combate da vida". O ócio lhes atrofiava a mente, o tédio "lhes abria as portas dos sonhos perigosos", levando-as a

> "cismas doentias, nevrose e consequente loucura, o que não aconteceria se elas se ocupassem com trabalhos para os quais são tão competentes quanto os homens, se não lhes são superiores".

Fazendo comparações entre a atuação do homem e a da mulher - a autora emprega sempre o singular-coletivo - ela discorda daqueles que achavam que a diferença de comportamentos entre os gêneros era proveniente de suas naturezas diferentes e da maior inteligência do homem. Essa diferença, ou seja, a inferioridade histórica da mulher em relação ao homem, era resultado da educação inadequada que se dava à ela, afastando-a da ciência e da cultura. Enquanto o homem crescia, "em contato com as grandes descobertas da indústria e ciência", ela continuava no papel de "boneca enfeitada", furtando-se "ao papel que deve representar".

Pelos fatos que informam o texto, percebe-se que a autora estava se referindo às mulheres das camadas mais elevadas da sociedade. Mulheres que trabalhavam para o seu sustento e das famílias - comerciantes, domésticas, costureiras, bordadeiras, lavadeiras - estavam longe da aparência de uma boneca de luxo.

---

[43] "Como a mulher é sobretudo 'coração', expressão que eles usam como representação da amorosidade que deve caracterizar a mulher, este é o órgão é o meio de comunicação dela com o mundo, "a sua inteligência".Miranda, personagem da peça de José de Alencar O que é o casamento? diz: "não há nada que a mulher não compreenda pelo coração ".Ver: BORGES, Urquiza Maria. A sublimação da mulher na cena burguesa. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade,* São Paulo, (53), 1995, p.37-45.

unesp

A autora critica o costume da "educação em conventos ou ministrada por preceptoras com manias ridículas", que preparavam a mulher para ser dona de casa, apenas, ou ornamento. Uma educação estruturada no ensino superficial de

> "três ou duas línguas, de bordado, um pobre estudo de piano, as quatro operações e noções incompletas de geografia e história". Lamenta que o ensino de religião não seja dado pela mãe, pois a preceptora, "sendo inglesa, tem religião protestante".

Aos l6 anos estava completa a educação daquelas moças que seriam esposas, donas de casa e mães, sem estarem "realmente preparadas" para tais funções:

> "A única informação real de vida foi obtida através de leitura às escondidas, ouvindo conversas de adultos sem serem percebidas, ouuvindo confidências veladas de mulheres mais experientes e com isso punham-se a sonhar com futuros maridos poetas sensíveis e capazes de um amor louco".

A referência "à leitura às escondidas" e o despreparo da moça para a vida real me parece ter a ver com a falta de educação sexual das jovens, com o despreparo delas para o cotidiano da vida a dois, o que as tornava presa fácil do romantismo.

Outros autores demonstravam também preocupação nesse sentido. Em *O que é o casamento?,* Alencar faz Isabel, a protagonista, dizer à prima:

> "O casamento mata esse primeiro amor que dura alguns meses, o primeiro ano quando muito. Desaparece a ilusão: o marido não é mais um herói de um bonito romance, torna-se um homem como qualquer outro, e às vezes mais ridículo, porque o vemos de perto. Então sente-se na alma um vácuo imenso que é preciso encher". (Ato II, cena X).

Após a desilusão conseqüente da morte do amor romântico, Isabel soube superá-la e amar o marido, através da afeição que dedicou à filha. Passou a acompanhar as atividades políticas de Miranda "de longe", descobriu generosidade nele e povoou a solidão com "o governo da casa e os cuidados domésticos", encontrando o caminho, segundo o autor, do verdadeiro casamento.

Amália via na distância entre o "príncipe encantado" e o marido que conseguiam - "muitas vezes casavam-se com o primeiro que se lhes apresentava, desde que tivessem uma carruagem e uma frisa em São Carlos"- a razão de tantos casamentos frustrantes. Outras motivações que levavam as moças a se casarem e, conseqüentemente, a casamentos desastrados: o interesse em mostrar-se bem, em sociedade, a libertação do "jugo dos pais e a satisfação da curiosidade mórbida pelos prazeres mundanos".

Casadas, esqueciam-se do piano, do bordado e mergulhavam numa vida fútil, somente: de dia, compras e visitas; à noite, festas e teatros. .

unesp

Em um único momento, a autora fala da diferença entre pobres e ricas: as primeiras deixam-se ficar em casa, "onde só têm a sala arrumada, sendo um caos o resto, e ali recebem amigas para falarem de vida alheia. Se ricas, rodeiam-se de serviçais com falsa dedicação e assim vão vivendo".

Termina o artigo, conclamando as mulheres para lutarem para que a mudança aconteça. (Variedade. C.P., 29.11.1877, p. 1. (a) Maria Amália Vaz de Carvalho).

A publicação do artigo no *Correio Paulistano*, é mais uma evidência da preocupação que a editoria do jornal tinha com a educação da mulher e de que julgava os conselhos de Maria Amália adequados para as brasileiras, ou seja, especificamente, para as paulistanas e paulistas das cidades do interior, onde o jornal circulava.

O jornal publica, na seção Literatura, em 1876, sob o título "Discurso de uma senhora", a fala de D. Luciana de Abreu, por ocasião da criação do Parthenon Literário, em Porto Alegre. Antecedendo o artigo, uma apresentação do editor (Capítulo 2) no qual se afirma a importância que se deve dar à instrução das mulheres.

Luciana, dirigindo-se às sócias do Parthenon Literário, em Porte Alegre, diz que "a possante idéia que o Parthenon tem abraçado" versa sobre "a instrução, os direitos e a emancipação da mulher". Seguindo o pensamento de Auguste Comte, ela considera a mulher responsável pela resolução dos

> "difíceis problemas da instrução universal, do luxo em relação à posição social e pecuniária do indivíduo".
>
> S,ó "a mulher culta e moral" poderia "plantar no coração da mocidade os sãos princípios da ordem na liberdade".

Lembrando a sua origem humilde e agradecendo ao Parthenon o tê-la recebido fraternamente - a ela "uma mulher fraca e obscura" - finaliza:

> "Como filha do
>
> Parthenon, o meu maior desejo é "ver a mulher na altura sublime a que a destinou a Providência e ao Parthenon considero como o mais denodado campeão, nesta santa cruzada do futuro". (C. P., 22.1.1876).

Em 1885, o *Correio Paulistano*, na primeira página, comentava a publicação do "interessante jornal" *Eco das Damas,* um periódico dirigido pela Sra. Amélia Couto:

> "No artigo de fundo do *Eco*, encontram-se as seguintes consoladoras palavras que encerram a síntese do programa do jornal: 'Uma intuição fácil dos destinos da mulher na sociedade me impõe o dever que de bom grado aceito de impulsionar uma propaganda acérrima contra os velhos moldes da educação ferrenha ministrada à mulher brasileira.Temos sido até aqui as mais legítimas herdeiras dos preconceitos tacanhos de nossos maiores, a nossa educação mesquinha e falsa, os nossos deveres prescritos pela rotina atrás da mulher escrava, de outras eras, têm atrofiado o nosso desenvolvimento para a civilização, têm-nos feito umas pobres estacionárias, assistindo, Tântalo de mãos atadas, a todos os florescimentos do

unesp

> espírito da civilização do século, a todas as conquistas dos direitos e da liberdade dos homens. Urge romper com esta muralha tenaz que os homens diante de nós têm erguido, conservando-nos seres fracos e retraídos, a seu talante, pelos seus caprichos, a sorte de favoritas suas, escravas como as mulheres do Oriente, estúpidas como as escravas da Turquia. Nós temos uma sagrada e espinhosa missão a cumprir - seremos as mães de novas gerações, pelas quais esperam no futuro a prosperidade e a grandeza da nossa pátria. Esse mister de que temos muito a nos orgulhar, não poderá ser atingido se não o tivermos por meio de uma educação sólida, pelos variados conhecimentos práticos e teóricos que nos competem, adquirindo elementos para em nós desenvolver todas as aptidões com que nos dotou a natureza'.

O redator, após a transcrição do texto de Amélia Couto, "deseja ao ilustrado colega vida próspera e longa", fazendo "sinceros votos para que a sua distinta diretora possa realizar a sua nobre e gloriosa missão".(C. P., 25.12.1885).

Nota-se o tom laudatório com que o texto de Amélia é apresentado, o apoio claro às intenções da jornalista e a importância que se deu à publicação, na primeira página.

Amélia Couto, apesar do tom agressivo de seu discurso, não avança em relação ao objetivo da educação que deseja para as mulheres, que é o mesmo definido por Rousseau e outros teóricos do Esclarecimento: transformar as mulheres em verdadeiras mães, capazes de influir na formação das futuras gerações, das quais se espera "a prosperidade e a grandeza da Pátria".

O tom adotado pela autora é mais contundente, mais crítico em relação à maneira como a mulher vinha sendo tratatada "pelos maiores", do que os de Maria Amália e Luciana. A autora coloca-se em uma posição de confronto com os homens, que são responsabilizados pela manutenção das mulheres na ignorância, "estúpidas como as escravas da Turquia". E, utilizando-se de uma linguagem mais objetiva, mostra conhecimento "das novas idéias", e fala da possibilidade de se desenvolver conhecimentos "teóricos e práticos", após o desenvolvimento das aptidões naturais. Essa afirmação transforma Amélia Carolina em não adepta da subordinação da mulher a uma natureza que a excluía de certos conhecimentos e profissões, não compatíveis com "a natureza feminina". O que é um pequeno avanço, mesmo ela subordinando a aquisição de tais conhecimentos ao objetivo de preparo da boa mãe.

Maria do Pilar, em artigo intitulado "O trajar das senhoras", comentava a mudança de mentalidade das mulheres em relação aos gastos com vestidos e adornos. Via, com alegria, que o hábito de empenhar-se em gastos acima da fortuna, para aparecer bem em sociedade, estava caindo em desuso e "as senhoras mais elegantes, que vestem mais à moda, tem clara e corrente sua conta de despesas":

unesp

> "A nossa época tem as qualidades de seus defeitos; é prosaica, é positiva; mas olha com horror para as dívidas e gosta do método".

No longuíssimo artigo, transcrito de *O Globo*, Pilar comenta um artigo de "uma das revistas francesas mais afamadas", no qual se reclama dos preços da roupa e dos adornos femininos, o que estava fazendo com que muitas mulheres estivessem, ajudadas pelas mucamas, fazendo os seus próprios vestidos. Estimula as mães a ensinar as filhas as artes do bordado, do crochê e da tapeçaria, afirmando em relação às pobres:

> "as moças de fortuna modesta, que são as mais numerosas, necessitam saber cortar e coser a sua roupa e a de seus irmãos, aprontar a roupa branca e a remendar não só os seus vestidos, como toda a roupa de casa".

Chamando o trabalho de "santo e nobre", acrescenta que "a notória antipatia que se vai desenvolvendo no sexo forte contra o casamento" é causada pelo amor ao luxo e pela ociosidade das moças. (C.P., 10.11.1874, p.3).

O número e o teor dos artigos publicados no *Correio Paulistano,* nas seções que são de responsabilidade da redação, como os Editoriais, Noticiários, Variedades e Noticiário Geral testemunham o pensamento da direção e redação do jornal em relação às mulheres, pensamento que preconizava modificações na educação, na atribuição de funções, na relação das mulheres com a casa, a família, os filhos e com o Estado, transparecendo o estímulo para que elas ocupassem as fimbrias do "esfera pública do Setor Privado".

Pensamento influenciado por setores da Maçonaria que, no século XIX, pretendia algumas mudanças na vida das mulheres. Mesmo não aceitando mulheres em seus quadros, a Maçonaria liberal atuou no sentido de tirar o gênero feminino da exclusiva domesticidade, caminhando um pouco mais do que Augusto Comte, que elevou a mulher à condição de "regeneradora da espécie humana", mas fixou-a no espaço doméstico, local onde ela deveria exercer a sua função de regeneradora, sustentada pelo homem.

O estímulo para que as mulheres não se submetessem mais, docilmente, à autoridade masculina, do pai, irmão, tutor ou padrasto, quando tal autoridade não fosse "iluminada" pelas "luzes do século" ou da maçonaria, é recorrente em editoriais, cartas do leitor e artigos assinados. Nesses textos, a preconização de mudanças que não desestruturassem as relações familiares e não afetassem o decoro que deveria ser mantido em sociedade, exigido principalmente para as mulheres, que teria de subordinar-se à orientação esclarecida do marido. Culta, mas jamais competidora.

unesp

Um exemplo de execração do patriarcalismo colonial, é o que o autor da crônica "*De omnibus rebus*" diz a respeito do romance *A guerra dos Palmares*. O cronista critica "o silêncio insólito" com que a imprensa, "tanto de São Paulo quanto do Rio de Janeiro acolheu uma obra, eminentemente nacional, escrita por um paulista estudioso e muito amante das coisas de sua província". O Dr. Joaquim de Paula Souza, autor do referido romance, era mais uma vítima da "imprensa mandriona", que acolheu a obra "com a fórmula assaz conhecida de noticiarista apressado: 'recebemos e agradecemos'.

O Dr. Paula Souza apresentava, baseado em documentos históricos, um dos mais interessantes episódios da nossa história colonial:

> "O autor estuda e expõe com grande verdade de observação muitos quadros de costumes paulistas: - assim, a família de Diogo Velho, a fazenda que habitavam, o modo de vida patriarcal de então, a absoluta submissão da esposa e dos filhos à vontade dominadora do chefe; tudo isto, exposto com tal verdade que transporta o leitor para esses pretéritos tempos contemporâneos da época histórica que os *Palmares* estudam." (C.P., 2.12.1885, p.2)

O cronista empenhou-se em acentuar o patriarcalismo como coisa do passado, da época colonial. Veria ele, à sua volta, mudanças nas relações conjugais? Entre o seu grupo, a situação da mulher estaria realmente mudando?

Na seção Instrução Popular, sob o título *Tesouro da Família* - preceitos de economia doméstica, o autor definia as funções de cada um dos cônjuges:

> "Ao chefe de cada família incumbe em geral o dever de ganhar a subsistência dos que dependem, mas seus esforços serão em vão e insuficientes se a dona da casa ignorar a grande ciência da economia. Com ordem, nenhuma casa é propriamente pobre, da mesma forma que sem ela, nenhuma é verdadeiramente rica. É especialmente à mulher que cabe o governo da casa, e é ela na família um verdadeiro ministro do interior; e por isso, sempre que reina na casa uma boa e sábia direção, a mulher inspira confiança ao marido, que não deixará de consultá-la sobre seus negócios e projetos."

Continuava, ditando as mesmas regras constantes do artigo de Maria Del Pilar: a mulher tinha que saber costurar, e a mãe deveria ensinar as filhas todos os trabalhos de mão que soubesse.

No caso de ser pobre ou de ter fortuna medíocre, essa prática aumentaria consideravelmente os recursos da família, diminuindo as despesas de feitio, que são sempre elevadas. Se rica a mulher, seria uma forma de ocupar agradavelmente o seu tempo. (C.P., 22.7.1879,p.2).

unesp

Como se viu no Capítulo 2, o jornal publicou a opinião de George Sand sobre os trabalhos manuais, acrescentando o redator, no final do artigo, o seguinte comentário, que me pareceu jocoso:

> "lê, muito embora, não te esqueças de fazer a meia".
> (C.P.,10.2.1876).

A maçonaria e "a mulher"

Sendo a Maçonaria a inspiradora de muitos dos textos publicados no *Correio Paulistano*, dirigidos às mulheres, antes de entrar na análise de tais textos, torna-se necessária uma introdução sobre a maçonaria e de que forma esta considerou "a mulher".

Os maçons dividem a História da Maçonaria em duas partes: a Maçonaria "operativa" e a "especulativa". A operativa corresponde às antigas corporações de profissionais da construção, os pedreiros:

> "Essas antigas corporações comportavam segredos de ofício, que transmitiam a seus membros; segredos de operações manuais, habilidades, sutilezas diversas. A isso se acrescenta para os mestres de obra, toda a arte da geometria, e inevitavelmente o conhecimento da resistência dos materiais".[44]

A partir do século XVII, na Inglaterra, as lojas operativas, "por uma lenta evolução," foram se transformando em sociedade de pensamento; na passagem, "as cerimônias de iniciação transferiram seu simbolismo do plano material para o plano intelectual", surgindo asssim a Franco-Maçonaria "especulativa". [45]

Ambelain informa que durante a Maçonaria "operativa", houve mulheres que pertenceram às lojas. Cita o exemplo da loja Pedreiros de York, em cujos documentos se lê:

> "a cada ano, no sábado depois da Ascensão, os Irmãos e Irmãs reunir-se-ão num local determinado para recitar preces em honra da Santíssima Trindade(...)

Outro manuscrito pertencente à mesma loja, a respeito de uma "recepção" no século XVII, fala "de aquele ou aquela que deve ser feito Maçom" (grifo meu). O autor acrescenta que "outro fato" que veio "contradizer a misoginia exagerada de

---

[44] AMBELAIN, Robert. *A franco-maçonaria:* origem, história, influência. São Paulo: Ibrasa, 1990, p.33
[45] Id. Ib., p. 34

unesp

determinadas "obediências maçônicas" é o "grande nome feminino" de Sabine de Pierrefonds, entre os dos "Construtores de Catedrais". [46]

A exclusão das mulheres foi estabenecida nas *Constituições de Anderson*, de 1723 , que dizem:

> "Aqueles que são admitidos como membros de uma loja devem ser honrados, leais, livres de idade adulta e discretos. Nenhum escravo. Nenhuma mulher. Nenhum homem imoral ou de conduta escandalosa, mas homens de boa reputação".

A versão francesa dessas *Constituições* tentou dar à expressão "nenhuma mulher" uma razão galante: a proibição transforma-se em uma "homenagem", por ter sido motivada pelo temor

> "dos efeitos que seu mérito produz muito freqüentemente sobre os melhores irmãos". [47]

Ao contrário de Ambelain que se refere de forma crítica "à misoginia", Mellor, em um capítulo intitulado "Movimento Feminista", está mais preocupado em justificar o afastamento da mulher, estabelecendo inclusive paralelos entre a exclusão da mulher da Maçonaria e a forma, também misógina, com que a Igreja Católica dissertou para a mulher e excluíu-a do sacerdócio. Depois de afirmar que "a revolução feminina" é um "acontecimento fundamental para a história do mundo, transcendendo a todos os progressos técnicos", Mellor diz:

> "falar da exclusão das mulheres é impróprio. Tradicionalmente, a mulher não está excluída da Ordem, porém é considerada incapaz para participar. Essa inaptidão é um "Landmark". Apresentado, em princípio, nas *Constituições de Anderson*, em 1723, ratificado no Discurso de Ramsay em 1737, passando, então, de constituição para constituição, continua sendo um dos fundamentos sobre os quais repousa a Ordem". [48]

Outro argumento do qual ele se utiliza para justificar a posição da Maçonaria em relação à mulher foi a intransigência dos teóricos e políticos da Revolução Francesa impedindo as francesas de participarem ativamente da Política. Escreve ele:

> "os homens da revolução são antifeministas radicais. Chaumette afasta as mulheres que desejam ser 'cidadãs' nestes termos jacobinos: 'mulheres impudentes, que desejais transformar-vos em homens! Não recebestes o bastante? Que mais quereis? Dominais em todos os sentidos. O legislador e o magistrado estão aos vossos pés. A única coisa que as nossas forças não conseguem vencer é o vosso despotismo, que é o do amor". [49]

Comentando o Feminismo de após 1960, que ele chama de neofeminismo, Mellor enfatiza as dificuldades que as emancipadas têm para conciliar as atividades profissionais e domésticas, provocando o que ele chama de "contra revolução".

---

[46] Id., Ib., p.104

[47] MELLOR, Alec. *Os grandes problemas da Franco-Maçonaria.* Os novos rumos da Franco-Maçonaria. São Paulo: Pensamento, 1989, p.105

[48] Ob. cit., p. 80

[49] Ob. cit., p.84

unesp

Situando a exclusão total das mulheres nas lojas maçônicas a partir das *Constituições de Anderson,* o autor opina que a causa de tal exclusão foi a concepção de "felicidade maçônica" atingida pelos homens, reunidos na "loja-clube", onde a mulher provocaria a desarmonia:

> "Nesse hedonismo britânico não havia lugar para a mulher na loja, e quase poderíamos dizer que, se o Landmark de masculinidade não existisse, teria sido necessário inventá-lo".[50]

A Maçonaria e essa valorização das relações entre os homens, influiu na formação dos clubes masculinos ingleses. Elaine Showalter mostra a presença maçônica em uma história de Kipling, *O homem que queria ser rei:*

> "A epígrafe do conto imitando o linguajar da lei maçônica, apresenta os relacionamentos masculinos como algo quetranscende as classes sociais: 'Irmão de um príncipe e companheiro de um mendigo, se ele for considerado digno'.[51]

A Franco-Maçonaria francesa inventou para as mulheres uma maçonaria dependente, que foi denominada Lojas de Adoção. Citando ainda Alec Mellor, as razões da criação das lojas de Adoção provêm da "galanteria" dos franceses: a exclusão total das mulheres feriria o amor próprio delas; por outro lado elas não poderiam ter acesso ao Ritual "obreiro", por ser contrário aos *Landmarks* e por ser "ridículo" colocar "em suas mãos delicadas" as "espadas cavalheirescas, feitas para defendê-las, não para armá-las". "O cavalheirismo francês" encontrou a solução, elaborando uma Maçonaria adaptada a um sexo 'tão encantador quanto perigoso':a *Maçonaria de Adoção*. "Sua origem, ao que se supõe, data de 1740, aproximadamente, e cobriria rapidamente toda a França". [52]

A *Maçonaria de Adoção*, em vez dos símbolos herdados da Maçonaria "obreira", recebeu dos Maçons temas bíblicos como representação. Como os temas do Novo Testamento "provocariam as censuras da Igreja", foi adotado

> "o florilégio inesgotável de figuras femininas, a começar de Eva. Foram acrescentados o Dilúvio e a Arca, Babel e a confusão das línguas, o heróico episódio de Judite decapitando Holofernes, e outras cenas mais". [53]

Desde a fundação, as lojas de Adoção foram criticadas pelo seu mundanismo, brilhantismo das festas e uma certa teatralidade. O autor Mellor justifica o espírito festivo das lojas femininas, por achar necessárias as festas até como elemento de coesão; cita os "banquetes" fraternos das lojas masculinas, como correspondentes aos bailes das

---

[50] Id., ib., p. 104
[51] SHOWALTER, Elaine. *Anarquia Sexual*. Sexo e Cultura no *Fin de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p.127.
[52] MELLOR, Alec. Ob. cit., p. 106
[53] Id., ib.

unesp

lojas de Adoção. Estas foram copiadas em outras parte da Europa e em São Paulo, como se verá.

Além dessa "Maçonaria de mulheres", um grupo de lojas, em 1880, "com idéias extremistas", fundou a *Grande Loja Simbólica Escocesa* e,

> "francamente atéia e da extrema-esquerda resolveu tomar a iniciativa espetacular que, se bem sucedida nos resultados esperados, teria revolucionado toda a Maçonaria francesa: iniciar uma mulher".[54]

A escolha recaiu sobre Maria Deraismes, literata e conferencista, iniciada em 1882. No seu discurso de encerramento da cerimônia, Maria Deraismes perguntou aos presentes:

> "Com que autoridade a Franco-Maçonaria nos eliminou? Acaso é ela detentora do monopólio das verdades superiores, acessíveis às inteligências de elite? Não!(...) Ela esconde segredos, arcanos, mistérios, que só podem ser divulgados entre um número reduzido de eleitos? Não, pois acabou-se o tempo dos mistérios, dos segredos, dos arcanos! (...) Meus irmãos ..! a porta que me abristes não se fechará após mim, e toda uma legião seguir-me-á!"[55]

Mellor, que se posiciona claramente contra a iniciação de Maria Deraismes, diz que tendo desaparecido a loja *Os Livres-Pensadores*, a "unica mulher maçom" da França entregou-se à sua amargura e ao isolamento" e tornou-se a "única mulher maçom" da França.

O autor Alec Mellor fala da iniciação de Maria Deraismes, com uma ironia que chega aos limites do deboche. Em toda a sua narrativa, a aprovação explícita às constituições de Anderson e a ironia, ora expressa, ora mais sutil, ao que ele chama de "néofeminismo".

Maria continuou a sua batalha pela entrada das mulheres na Maçonaria. Cerca de meio século antes da famosa frase de Simone de Beauvoir "ninguém nasce mulher: torna-se mulher", [56] Deraismes declarou:

> "A inferioridade das mulheres não é um fato da natureza. É uma invenção humana. É uma ficção social". [57]

Do esforço conjunto de Maria Deraismes e de Gaston Martin, que se declarava feminista, surgirá a Maçonaria mista denominada *Direito Humano*.

Continuando a desacreditar as tentativas femininas por igualdade, Alec Mellor diz que está persuadido "de que ela Maria Deraismes foi o trabalho, enquanto Gaston Martin foi o cérebro". [58]

A carreira maçônica de Maria Deraismes, na loja *Les Libres Penseurs du Pecp*, onde foi iniciada, foi curta. Georges Martin fundou juntamente com ela, *la Grande Loge*

---

[54] Id., ib., p.113
[55] Id., ib., p.114
[56] BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1967, p.9
[57] Apud: MELLOR, Alec. Ob. cit., p.115
[58] Id., ib., p.116

unesp

Symbolique Ecossaise le Droit Humain, aberta a todos, sem distinção de sexo, de religião, de raça ou de nacionalidade".A nova loja iniciou seus trabalhos em 23 de outubro de 1893; em fevereiro do ano seguinte, Maria Deraismes morre:

> *"Les villes de Paris et de Pontoise veulent perpétuer le souvenir de celle qui, éprise de justice, défendit avec talent et passion les doctrines progressistes, anticléricales, humanitaires".*[59]

A Ordem maçônica mista e internacional le *Droit Humain* existe ainda e compreende vinte e uma federações e jurisdições na Alemanha, Áustria, Suiça, Costa Rica, América Central, Estados Unidos, Brasil, Argentina e outros países. [60]

Assumindo posição contrária à participação da mulher em suas lojas, mas posição favorável a certas reivindicações feministas, como uma educação mais apurada para as mulheres, abertura dos institutos de educação superior para elas, e pregando relações conjugais baseadas no respeito mútuo, a Maçonaria liberal e reformista iniciou com a Igreja Católica conservadora ou ultramontana uma disputa pela posse da alma da mulher. A Maçonaria percebeu que para ter influência sobre a mulher teria que subtraí-la ao poder do confessor e do pregador da Igreja Católica "ultramontana". O que só seria viável através de uma educação leiga capaz de estimular a observação, a percepção e o discernimento. Só mulheres mais instruídas, menos imbuídas de preconceitos e "velhas" noções de religiosidade, de pecado e de submissão incondicional à autoridade religiosa poderiam aceitar um marido, pai ou irmão maçom e desempenhar as suas funções de esposa, mãe, filha e irmã "ilustrada". Transcrevi no Capítulo 2 uma declaração de Antônio Pompêo de Camargo, na qual se mostra temeroso dos efeitos da educação das Irmãs de São José sobre as suas enteadas e as relações destas com a família.

No *Correio Paulistano*, durante a década de 1870, por influência da Questão Religiosa, a publicação de matérias contra a Igreja Católica e em defesa da Maçonaria, é recorrente.Tais matérias são significativas para se perceber a importância atribuída pela Maçonaria à "instrução popular", que tinha por objetivo o "esclarecimento" "do povo" e a preocupação dos redatores com o domínio ultramontano sobre as mulheres.

Juntamente com as informações sobre mulheres santas, caridosas e devotas, publicam-se artigos persuasivos a favor da maçonaria, especificamente dirigidos às mulheres, procurando convencê-las da deletéria influência do "ultramontanismo", que através dos

---

[59] Ibidem, p.381-3

[60] DICTIONNAIRE UNIVERSEL DE LA FRANC-MAÇONNERIE. Navarre: Prisme p.404-410.

unesp

confessores e pregadores pretendiam levar, no conceito dos maçons, a desarmonia e o empobrecimento aos lares, jogando as mulheres contra os maridos e praticando verdadeiras sangrias nas riquezas das famílias, através do estímulo a esmolas, donativos e dotes para as moças que entravam nos conventos. Somente a educação laica, pensavam os maçons liberais, poderia arrancar as mulheres das garras dos padres fanáticos e ambiciosos.

O caso da freira da Ajuda, irmã de José Ribeiro Franco, relatado por David Gueiros Vieira é um exemplo do nível emocional a que podia chegar uma disputa entre a Igreja Católica e maçons e protestantes. O episódio também ilustra o radicalismo da Igreja conservadora do século XIX.

Quando o bispo do Rio de Janeiro - Dom Pedro Maria de Lacerda, mandou colocar venezianas nas janelas do convento, quatro freiras se rebelaram contra a medida, declarando que não tinham vocação para a vida monástica. Por ocasião da visita do Promotor Público - Dr. José Tito Nabuco de Araújo - ao convento, as rebeladas já eram apenas duas e uma delas avisou ao Promotor que se não lhe fosse permitido abandonar o convento ela se mataria.

O Apóstolo, órgão da Igreja ultramontana, assumiu abertamente a posição de que as freiras deviam ficar retidas, mesmo contra a vontade delas e afirmou ser o assunto da alçada eclesiástica e que a Igreja não podia aceitar a interferência do governo. Para o jornal ultramontano, permitir que as freiras abandonassem o claustro seriao mesmo que

> "permitir-lhes se atirarem num mundo de enganos e de perdição onde perderiam as suas almas".

O autor, sem esclarecer se a freira que ameaçara suicídio é a mesma que não mudou de opinião, aliás a única, esclarece que essa última revoltosa, irmã de Ribeiro Franco, impedida de sair porque no conceito do jesuitismo, deixá-la ir viver com a sua família que se tornara protestante era o mesmo que "mandá-la para a perdição", ficou doente. E, apesar dos apelos da mãe da freira e desta para receber a visita da família, a freira acabou morrendo, sem ver a família. Comenta Gueiros:

> "Como era de se esperar, os jornais liberais e maçônicos tomaram a seu cargo a causa da freira. A barragem da imprensa contra o ato episcopal foi tão violenta que O Apóstolo sentiu-se constrangido a respondê-la. Publicou uma série de artigos do Padre João Manoel de Carvalho e do próprio redator do jornal, Cônego Xavier Pinheiro."[61]

---

[61] VIEIRA, David Gueiros. Ob. cit., p.267-8.

unesp

Algumas das informações publicadas no *Correio Paulistano* chegavam a assumir características escandalosas e duvidosas, devido à falta de esclarecimento com relação à fonte. Um exemplo é a notícia que o jornal publica em 16 de outubro de 1864, no Noticiário Geral, transcrita de um jornal de Lisboa, sob o título de "Fato horroroso:" um eclesiástico português obrigara uma moça, como penitência, a correr com a língua por uma parede de alvenaria. Em pleno século das luzes, seria possível tanto fanatismo?

A dar-se crédito à notícia da escabrosa penitência, alguns padres portugueses não estavam respeitando os preceitos que foram estipulados por teóricos eclesiásticos para normatizar o comportamento dos confessores.

Jean Delumeau analisa as determinações desses teóricos, entre os séculos XIII e XVIII, que estabeleceram normas para a confissão e a penitência, tendo em vista as circunstâncias agravantes e atenuantes do "pecado", o temor do penitente e a sua vergonha ante o confessor.

Tais teóricos elaboraram manuais de orientação para os confessores, quanto ao comportamento a ser adotado, nos mais diversos casos. Preocupados em não afastar o católico do confessionário, temerosos de que alguns não confessassem "inteiramente seus pecados", por medo de penitências muito duras, aconselharam moderação na atribuição destas, que deviam ser "aceitas" pelos penitentes, ou seja, a "suavidade" das mesmas poderia criar uma cumplicidade entre confessor e penitente, o qual retribuiria a boa vontade do confessor com uma reverência agradecida e obediente. O pecador só deveria ser forçado à reparação, contra a vontade,

> "no caso de pecados públicos e escandalosos".

Admitia-se, nos manuais, que "era preferível errar, exigindo menos que mais", especialmente numa época de indulgência plena. Mas, para salvaguardar o controle do confessor, este deveria advertir o penitente que "ele mereceria uma penitência maior, mas que se preferiu dar-lhe uma menor para que ele a cumpra com boa vontade".[62]

---

[62] Os conselhos são de Nicolas Turlot, cura de Namur, de Milhard, Gerson e João Eudes. Apud: DELUMEAU, Jean. *A confissão e o perdão.* A confissão católica (séculos XIII a XVIII). São Paulo: Cia das Letras, 1991, p.84.

unesp

Em 1876, nas Conferências já citadas no Capítulo 2, do Velho Liberal, na *Maçonaria do Vale dos Beneditinos*, no Rio de Janeiro, os exageros da Confissão são criticados e cita-se um exemplo de tais exageros: em Diamantina, um missionário, tendo ouvido no confessionário todas as mulheres que concorreram à missa, subiu ao púlpito e, após "exaltar as imaginações com quadros das penas eternas", bradou:

> Levantem-se todas, ocupem as honestas o lado direito da Igreja, as que ficaram contra o sexto mandamento, coloquem-se do lado esquerdo para serem confundidas e se penitenciarem". (27.10.1876).

Acrescenta o Velho Liberal que o delegado teve muito trabalho para "garantir a ordem pública". Exageros no confessionário aconteceram, provavelmente. O momento era de extremo radicalismo dentro da Igreja que fazia um cerco a tudo que tivesse sido produzido pelos pensadores do Esclarecimento. Opunham-se à laicização das instituições, que tiraria da esfera da Igreja, no caso do Brasil, nascimentos, casamentos, e óbitos, que passariam a ter validade civil e juridica apenas quando "sacramentados" pelos órgãos oficiais. A laicização , instituindo o casamento civil, o registro civil e o óbito civil, além de subtrair à Igreja Católica Romana meios de efetivo poder e de rendas, diminuiria, no nível das mentalidades, o alcance de seu poder ideológico exercido através de sua representação simbólica, peça importante no processo de persuasão.

A Imprensa, para os ultramontanos, tinha um efeito corrosivo sobre a sociedade. Em 1874, O Noticiário Geral publica "uns bocadinhos de ouro" de um artigo do jornal *A Palavra*, órgão oficial "da associação católica do Porto", de 26 de setembro de 1874 e assinado por um padre João Vieira Neves Castro da Cruz:

> "Uma das grandes manias do nosso século, entre as muitas que existem nesse século chamado do progresso e das luzes e da civilização, (grifo meu) e não sabemos que mais, é a Imprensa periódica. Parece que sem jornais, não se pode viver em nossos dias: o jornalismo é o pão quotidiano da maior parte das pessoas. É uma calamidade, uma praga, contra a qual o sábio Macedo publicou um pequeno livro com o título: *Exorcismos contra periódicos e outros maleficios.*"

O autor, em todo o artigo, vai tecendo considerações a respeito do imenso poder da Imprensa. Poder de efeito deletério para a Igreja e para a sociedade, segundo ele. A Imprensa, "por suas mil vozes", forma "essa opinião das massas, que alguns têm chamado a 'rainha do mundo'. Esta não é outra coisa senão a "popularização de idéias populares", "opinião", que, infelizmente para a Igreja, "governa o mundo"; a Imprensa provoca "incerteza e oscilação nos governos:

unesp

> A Imprensa agita os espíritos e influi sobre as assembléias deliberativas. É a Imprensa que todos os dias põe em questão os sustentáculos sobre os quais repousam a paz e a prosperidade, o presente e o futuro das nações. É a Imprensa que em nome da tolerância, protege o gênio do mal e sustenta o seu império.É a Imprensa, finalmente, que, por seus ataques diários, enfraquece nos povos o respeito para a religião e para os seus ministros, que contesta à Igreja os seus direitos mais sagrados".

O autor faz uma comparação entre o alcance que tem os livros e a Imprensa, concluindo que devido ao número limitado de exemplares de uma edição, a Imprensa atinge um número maior de leitores:

> "os jornais penetram em toda a parte, vão até o centro de todas as famílias, e passam de mão em mão, do pai aos filhos, da mãe às filhas, do patrão aos caixeiros, do mestre aos discípulos, do amo aos criados".

O autor comenta a frivolidade e superficialidade dos "jovens e mulheres", que, pouco afeitos "às discussões sérias" , procuram a "parte frívola e muitas vezes a mais perigosa do jornal, as novidades escandalosas, a crônica dos teatros e dos tribunais de justiça, sobretudo o folhetim, onde aparece o romance que se tornou uma infame especulação e um escândalo".

Cita o *Judeu errante* "e outras obras ímpias e imorais de Eugênio Sue, os romances de Paulo de Kock e os "d'outros socialistas franceses" como responsáveis pela disseminação "do veneno das más doutrinas que contaminam a sociedade. E dizer que são tais romances que levavam muitas pessoas a comprar os jornais!"

Assim finaliza o padre João Vieira Neves Castro da Cruz a explanação do ponto de vista ultramontano a respeito do Liberalismo e da liberdade de Imprensa:

> "Graças à liberdade ampla da Imprensa, fruto legítimo da revolução, por toda a parte se estende e propaga o império do mal".

A fonte do *Correio Paulistano* foi o *Jornal do Comércio*, de Lisboa, que, em adendo ao artigo de João Vieira Neves, publica o seguinte comentário:

> "Por que o jornal *A Palavra,* também beneficiado com a liberdade de imprensa, não vence 'as más doutrinas' com a sua pregação? Pois não disse Cristo que as portas do inferno não prevaleceriam contra a igreja?"
>
> Dói muito ao reverendo padre que o povinho (grifo meu) leia o bom e o mau, o que é útil e o que não presta".

O redator do jornal lisboeta continua, em tom de ironia, afirmando que o que o Sr. Cruz deseja é o "restabelecimento da antiga e real mesa censória, umas boas mordaças" que impedissem que as pessoas ficassem sabendo da corrupção do clero, pois com a

unesp

imprensa, "o povinho lembrou-se de tirar as máscaras aos tartufos". (Noticiário Geral. C.P., 1.11.1874, p.2)

O artigo do padre Cruz dispensa comentários: nele está evidente a posição da Igreja "ultramontana" a favor da velha ordem e sua oposição "às novas doutrinas", provenientes do Esclarecimento. E, ainda, a preocupação da romanização em tutelar jovens e mulheres, considerados como incapazes de julgamentos mais profundos e, conseqüentemente, de se dirigirem.

A linguagem ferina adotada no *Correio Paulistano* contra os setores conservadores da Igreja, durante a Questão Religiosa, aparece nos editoriais, em alguns Folhetins, em notas do Noticiário Geral e em cartas. Na Correspondência do Correio - Rio de Janeiro, o correspondente declarava-se a favor da Maçonaria, contra os bispos, e perguntava se o Imperador teria coragem de: enfrentar as conseqüências da punição dos bispos, de oficializar os nascimentos, de fazer o casamento civil, de construir cemitérios municipais (para receberem os não católicos) e de laicizar os registros de óbitos. C.P., 1.1.1874).

Em uma transcrição do *Corsaire* - não se especifica a localidade do mesmo, mas pela referência à "jovem república e à revolução de 1848" trata-se de um jornal francês - intitulada "O partido clerical", o clericalismo è associado às monarquias, por ser

> "defensor do dogma autoritário, inimigo, portanto, da República. Prepara os meninos para a sujeição que devem ter ao Estado, quando homens feitos; ensina o servilismo".

A oposição entre obediência ao Papa e fidelidade à Pátria era enfatizada, assim como era criticada a isenção de impostos ao clero e suas propriedades. No texto, a Igreja e o "clericalismo" aparecem como "inimigos da Pátria", sustentáculos da superstição, da monarquia, "da obediência passiva, dos privilégios, das castas, da desigualdade e do pauperismo".

Quanto aos seus opositores - liberais, maçons e republicanos - são homens que querem "e podem mudar, instruir", através da divulgação "das idéias novas, da democracia e da República". .

Os clérigos, "com "a sua vontade de reinar sobre todas as almas", eram considerados os mais perigosos inimigos da República, por terem

> "escolas, igrejas, púlpitos e confessionários, que são as suas armas de convencimento. Com estas, ensinam a mocidade o ódio de tudo o que fez a revolução, inspira-lhe o temor da Democracia (...) Ali, fala baixinho aos ouvidos das mulheres, e por elas governa o lar

unesp

> doméstico, impõe-se à consciência do marido e dirige o voto do eleitor. Aqui, do alto de uma tribuna, em uma Assembléia que só ele pode convocar, neste país em que os cidadãos não podem exercer o direito de reunião, fala em voz alta, sem contraditar, protegido pela força pública, ele catequiza e prega, denuncia, ameaça, ataca o Governo, calunia a democracia".

O Partido Clerical, entretanto, "ávido por controlar as almas, não se contenta com a escola, o púlpito e o confessionário: vai à praça pública e às ruas, faz procissões e romarias".(C.P., 1.12.72).

A oposição maçônica era circunscrita ao que eles chamavam "ultramontanismo", "jesuitismo" e "romanização", nomes que eles davam à Igreja conservadora. O Cristianismo e a Igreja, como instituições, eram respeitados.

A Maçonaria se diz deísta, e aceita filiados de todas as religiões, combatendo o radicalismo religioso que a negava. A condenação da união Estado e Igreja pela Maçonaria brasileira tinha o seu correspondente na França que era a condenação do clericalismo francês que conspirava contra "a jovem república", utilizando-se da "perfídia, fingindo aliança".

O Editorial de 5 de agosto de 1874 chama o jesuítismo de "implacável conspirador contra a Civilização e o Progresso". Responsabiliza-o também pela "depravação total dos costumes, devido aos princípios da hipocrisia e da vingança que professam". Para o editorialista, onde o jesuitismo aparece, ele "alucina, fanatiza e inocula a perversão a mais completa." Transcreve-se um artigo publicado no jornal *Tribuno Popular* - provavelmente de Coimbra, porque o articulista informa que ele é da mesma cidade do *Coimbrense* - no qual os jesuítas e as mestras "de Stª Teresa" são acusados de reduzirem meninas ricas "à uma servil obediência", convencendo-as a se tornarem freiras, fazendo doação de suas heranças aos conventos:

> "Nas Terezinhas há muitas destas. Essas devotas do apostolado seduzem as mães para que lhe dêem as filhas para suas escolas. Pedem testamentos. Enfim, a influência delas é nociva no lar, extorquindo presentes de mães e criadas. Lá e aqui, o jesuitismo foi deixando o seu veneno sutil".

O autor comenta que as"devotas" permanecem até sete ou oito dias seguidos dentro de algumas Igrejas, onde são obrigadas a fazer penitências e praticar rezas. Muitas dessas mulheres, vindas de longe, "têm que pernoitar nas casas dos 'santos' missionários, em lojas e casas vizinhas".

O autor indigna-se com o fato de que mulheres casadas abandonem casas, maridos e filhos e as solteiras deixem seus serviços

unesp

"iludindo os pais com subterfúgios que eles, os ladinos especuladores sabem ensinar, quando receiam que os chefes de família sejam adversos às suas suspeitíssimas beatices".

Fala de "donzelas formosas" que divagam pelo Sítio de Santa Teresa "altas horas da noite", o que é, no mínimo, suspeito. Donzelas e senhoras ficavam sujeitas às manobras ultramontanas, convencidas, em sua ingenuidade, de que através das devoções, terços, missas e confissões com clérigos "mal intencionados", chegarão à vida eterna.

Todos os métodos de aliciamento são usados pelos padres: não importam os meios, desde que os fins sejam atingidos; a penetração nos lares, principalmente nos lares ricos, através da espionagem das criadas, tornou-se um método usual de "invasão" ultramontana. Relata-se o ocorrido em uma casa, provavelmente de um maçom, cujo locatário, ouvindo um barulho no primeiro andar, de madrugada, desceu e encontrou as criadas com um homem que, veio a saber, tratava-se "do criado do padre Miguel de Santa Teresa, que as procurara por causa da confissão", desculparam-se as criadas. [63]

Além da espionagem, da pregação e do confessionário os padres organizavam "sociedades secretas com o fim específico de receberem jóias e mensalidades".

O artigo centraliza a sua crítica ao proselitismo em relação às mulheres, principalmente àquelas ligadas, por laços familiares, aos maçons. Temiam os maçons, que elas, convencidas, passassem a fazer oposição à Maçonaria dos maridos, pais ou irmãos. Em uma época de exercício do pátrio poder quase que exclusivamente pelos homens, de que maneira as mulheres poderiam fazer-lhes oposição? Rezando, organizando alguma forma de resistência passiva, "ghandiana", lançando aos seus homens olhares de censura?

A "queda", na visão maçônica, é uma inversão da católica: a influência dos padres, que afastam as mulheres de suas famílias, levando-as ao "pernoite" em locais estranhos, aparece nos textos maçônicos tão imbuída do pecado quanto a queda provocada pela tentação da serpente. Para os maçons, o fanatismo a que são persuadidas as mulheres é criminoso, por subverter as relações familiares, como a sedução da serpente subverteu a ordem primordial e paradísiaca.

A família cristã tem sido, secularmente, uma das vigas do poder da Igreja, que organizou, para estruturar essa viga, o culto mariano, o culto à Sagrada Família, o terço

[63] Além dos jesuítas, os capuchinhos, dominicanos, beneditinos e as congregações femininas de São José e Santa Teresa eram consideradas ultramontanas.

unesp

em família e outras práticas. Através da mulher, ente mais suscetível e impressionável, o padre se insinua através da persuasão sedutora, repressora e ameaçadora. O padre-serpente transforma a "rainha do lar" em aliada, em cúmplice das manobras com que pretendem destruir o Liberalismo ou a Maçonaria do marido. Mulheres fanatizadas, tornam-se desobedientes e tendiam a substituir a autoridade marital, paterna ou fraterna pela religiosa.

A subversão dos "fanáticos jesuítas" atingia a própria ordem burguesa, estruturada na submissão da esposa às suas funções domésticas. Influência contraditória a dessa persuasão: se por um lado conduzia à subversão da ordem doméstica, treinando as mulheres para um caminho que as poderia preparar para a emancipação do pátrio poder, por outro lado as submetia à autoridade religiosa, mais obscurantista, mais retrógrada do que a de homens influenciados pelos ideais maçônicos e liberais e que, de acordo com esses ideais, as envolviam em proteção, respeitabilidade e afetividade. Saíam da esfera de um autoritarismo "esclarecido", "liberal" para se entregarem ao autoritarismo estipulado nas bulas *Quanta cura* e *Sílabo de erros.* .

Em uma carta, "Os jesuítas em Jundiai", a Maçonaria aparece identificada com a civilização e o esclarecimento; a pregação jesuítica com o obscurantismo, o totalitarismo, a catequização através de métodos aliciantes e de ameaças. Segundo a carta, dois jesuítas que pregavam contra a Maçonaria, pediam às mulheres que influenciassem os seus maridos e filhos para que não entrassem para a Maçonaria ou para que dela saíssem.(C.P., 10.06.70, p.2)

A reação de algumas senhoras, que assistiram na *Loja Lealdade* a uma explicação sobre a |Maçonaria e seus princípios, foi a revolta contra os pregadores, porque "notaram a diferença da fala maçônica para a jesuítica". Uma delas disse ao missivista:

> "Na Maçonaria disseram que as mulheres devem implantar o Amor, a Caridade e a Harmonia no seio da família; que devíamos ser esclarecidas e nobres companheiras de nossos maridos, amorosas preceptoras dos filhos e caridosas mães de nossos escravos; estes padres, entretanto, só têm palavras de ódio, nada nos dizem sobre a nossa ignorância, sobre a ignorância na qual deixamos nossos filhos, os deveres que temos para com a escravidão. O que eles querem é que briguemos com nossos maridos sobre assuntos que não nos pertencem. Querem que representemos o atraso e o ódio no meio de nossa família; como eles no meio dos homens". (C.P.,10.6.1870, p.2)

A carta é anônima e parece ter sido escrita por um maçom, que atribui à mulher com quem conversou um razoável nível de conhecimento e de capacidade crítica. Uma mulher que já fora afastada da influência do confessor e do pregador.

unesp

De julho a outubro de 1876, o *Correio Paulistano* publica uma série de artigos intitulada "Liberdade de Culto", na qual as características da disputa entre a Maçonaria e o jesuitismo e a questão da mulher nessa disputa, ficam evidentes. No primeiro artigo, critica-se a presença do Cardeal Concetti no Rio de Janeiro, para "estabelecer a preponderância da Igreja Romana sobre o Brasil". A *Encíclica Quanta Cura* e o *Syllabus* são a teorização do poder romano, reacionário e inimigo do progresso; a saída única é a "plena liberdade de culto", o que evitaria as constantes agressões mútuas entre os poderes monárquico e eclesiástico.(5.7.1876).

Em 14 de julho, as reivindicações maçônicas, que coincidem com as republicanas, têm por objetivo a laicização.

Em 18 de julho, o articulista faz um histórico da Maçonaria no Brasil, dizendo que, se ela teve vínculos políticos, o que tinha sido um abuso, na época de Pedro I e de Teófilo Otoni, naquele momento, não os tinha mais. Reafirma-se os fins filantrópicos da Maçonaria e o seu ecletismo em matéria de religião por exigir como condição para integrar os seus quadros "apenas o reconhecimento de Deus e da imortalidade da alma".Afirma-se ainda, que é raro o habitante da Corte, com uma certa instrução e posição, que não seja maçom, "principalmente os maiores de 40 anos; três quartos das das irmandades religiosas deles se compõem".

Em 25 de julho, o Velho Liberal conclamava o governo imperial a "levantar a opinião contra os que falsificam os Evangelhos e fazem degenerar a religião de nossos pais"; reivindicava que as bulas e os breves contra a maçonaria só fossem executados com o *placê* imperial; o que era uma forma de não serem aplicados.

O Velho Liberal fazia aquela série de conferências no Rio de Janeiro com o objetivo de esclarecer "a opinião". Repete a necessidade da separação entre a Igreja o Estado, da abertura dos orçamentos dos cultos, e de medidas, por parte do governo, que impedissem a intromissão do poder eclesiástico no governo temporal, e "no exercício dos direitos individuais, civis e políticos do cidadão". A Igreja deveria limitar-se aos assuntos espirituais.

Em 28 de julho, "os desatinos e desordens provocados pelos ultramontanos, maximé depois da publicação da famosa encíclica", a conivência do governo imperial sob a pressão do triste fanatismo da princesa regente, são o tema principal. Critica a atuação

unesp

fanática do padre Caetano, de Messina, que deixou muita gente louca devido às suas ameaças "com o fogo do inferno".

Em 19 de setembro, o assunto é o "direito concordatário, como o estabeleceram os publicistas ultramontanos". O articulista considera a concordata uma "concessão feita pela Santa Sé ,e não um tratado entre ela e o governo: "tratado ou convenção entre um poder soberano e um subordinado, é inimaginável". Na Concordata, "o ponto culminante é o Papa que legisla e o príncipe que observa e obedece a legislação".

Em 6 de outubro, o Velho Liberal recomenda aos chefes das famílias que foram molestadas pelo frei Caetano de Messina a seguinte oração:

> "Meu Deus esclarecei-me ou embrutecei-me quanto bastar para que eu possa aceitar, sem hesitação, tudo o que vier de Roma. Amém".

Criticando a infalibilidade papal e Pio XI, sob cuja orientação o catolicismo "está assumindo um caráter de violência, ódio, ambição e de dominação, que de todo aberra o Evangelho", o autor reafirma a necessidade do cristianismo - que "satisfaz todas as aspirações da alma humana" - e enfatiza a sua oposição, não à Igreja como um todo, mas apenas à tendência do momento, tão bem expressa na "*Quanta Cura e Syllabus.*" Elogiando Cristo, diz, que nada na sua pregação, opunha-se "ao progresso, ao liberalismo, à civilização". (Grifo meu).

Na conferência, é mostrada a necessidade da Igreja aperfeiçoar-se "sob a influência das luzes", caminhando com a História. Citou a afirmação de Benjamim Constant: que "a imobilização do culto, não acompanhando o adiantamento das Luzes", faria com que a Igreja, com o tempo, fosse "aceita só pelas classes ignorantes". Lamentou a influência de missionários fanáticos sobre a população de Minas Gerais, onde os homens "chegaram ao ponto de brigarem"para transportar um missionário pela província, carregado.

A preocupação com a influência sobre as mulheres é mais uma vez evidente. Diz que um missionário, no Serro, obrigou as meretrizes a pedirem perdão "às senhoras, cujos maridos as tinham freqüentado". (C.P.,27.10.1876)

Em 28 de outubro, o Velho Liberal volta a criticar a infalibilidade papal "obra do Pio IX, perguntando o que mais desejava o papa: "O que lhe falta? O direito de encarcerar? De expatriar? De confiscar bens? De fuzilar?" Critica também a fórmula adotada pelos

unesp

partidos católicos - o altar e o trono - na sua luta contra o liberalismo. Relata que o rei Fernando de Nápoles celebrou, em 1818, a Concordata com Pio VII, pela qual os bispos ficariam obrigados a revelar ao rei os segredos de confissão, quando fossem relativos aos negócios de Estado. Tal método, famigerado, fora também utilizado pelo rei da Sardenha, que obteve assim uma lista de carbonários.[64] O conferencista lembra o artigo 80 do *Sílabo de Erros*, que condenou o Progresso, a Civilização e o Liberalismo. O cúmulo era a pretensão de Roma de canonizar o jesuíta Garcia Moreno, "caudilho, assassino", por ter "enriquecido os jesuítas". (Não é esclarecido de onde era o jesuíta. Há uma referência ao Equador, mas sem fazer a ligação do jesuíta com esse país).

Em primeiro de novembro, o Partido Católico é chamado de "uma excrescência", falando em nome de Deus e colocando-se acima dos outros partidos, apenas humanos:

> O que será de um país "dominado pela fé católica, com um povo ignorante e supersticioso e com os padres fazendo política? Se um lado representa o partido de Deus, os adversários são considerados emissários de Sartanás? Estes vão à arena armados somente com o seu direito; aquele com a religião, pompas do culto, o terror das penas eternas e o fanatismo, principalmente o das mulheres". (Grifo meu). Ou Deus ou o Diabo!"

E assim, volta às mulheres: fanatizá-las é o meio de que se utilizam os missionários e padres para, através delas,

> "exercerem pressão sobre os maridos, pais ou irmãos, acaso livres pensadores ou velhos católicos".

A paz pública era ameaçada pela polarização extremada, e a paz doméstica pelo fascínio exercido pelos "fanáticos ultramontanos" sobre as mulheres, transformadas em "cabalistas", empenhando-se em "converter os maridos, pais e irmãos". Uma disputa doméstica entre as mulheres "convertidas" e os maridos maçons. Assim,

> "onde irá parar o sossego das famílias, a estima recíproca entre seus membros? Se o marido é excomungado, como poderá amá-lo e respeitá-lo a mulher fanatizada, por muito bem que cumpra ele seus deveres como chefe de família?"

Se os jesuítas ensinam que "fora do catolicismo não há homem de bem, pai dedicado ou filho respeitoso", a mulher católica ultramontana estaria vivendo uma angústia que, provavelmente, seria a causa da loucura de "uma respeitável senhora", fato narrado pelo Velho Liberal.

---

[64] Os carbonários eram maçons italianos que se tornaram radicais devido justamente à perseguição política. Segundo David Gueiros, a impossibilidade de se formar na Itália "um Grande Oriente autorizado redundou na Carbonária. O papado não teve mais de contender com homens tementes a Deus e cumpridores da lei, diletantes especuladores filosóficos, mas com uma sociedade secreta, extremamente radical". Ob. cit., p. 43-4.

unesp

Na preocupação do articulista, é meridianamente esclarecida a importância que os maçons davam a uma educação liberal que preparasse as mulheres para o questionamento de uma tendência que excluia da História as conquistas do pensamento crítico.

Colocando mulheres em confronto com os seus maridos maçons e liberais, o ultramontanismo atingia o cerne da família: as relações conjugais baseadas em papéis definidos de liderança esclarecida e de submissão "voluntária". Mas a substituição de uma autoridade esclarecida pelas "novas doutrinas", por uma autoridade eclesiástica ultramontana seria, no meu entender, um retrocesso e não uma conquista do feminismo.

Finalizando o artigo, fala de uma mulher considerada fanática pelos liberais, a princesa Isabel, mostrando-se apreensivo em relação ao Terceiro Reinado, por causa do jesuitismo exagerado da princesa, conforme já foi dito.

> Em 1871, sob o título "Mais heresia!", noticia-se que, sob os "auspícios da oficina maçônica *Sete de Setembro* foi criada uma associação civilizadora, composta exclusivamente de mulheres." O editorial informa que recebeu "notícia circunstanciada do importantíssimo fato". A associação foi fundada em 14 de janeiro, na Oficina *Sete de Setembro*. A "loja de adoção" foi provisoriamente chamada *Sete de Setembro*. Na Ata de fundação já haviam sido registrados os nomes de de 50 obreiros e das futuras Irmãs. Cada uma das Irmãs declarou, formalmente, estar pronta para concorrer com "a melhor vontade" e à aplicação de "todos os seus sinceros esforços para a grande obra em geral da verdade e do bem, e em especial da educação e instrução de seus semelhantes, fim imediato para que se sentiam chamadas".

Nos discursos, diz ainda o Editorial, foi ressaltado o papel da Maçonaria "em prol da instrução e da regeneração da sociedade".

Descreveu-se o templo e a aparência das Irmãs, "todas uniformizadas". Aderiram à loja de adoção trinta e quatro senhoras, mães, esposas ou filhas de maçons, pertencentes à *Oficina Sete de Setembro*.

O Editorial tem um final irônico:

> "Maçonaria de mulheres! Os jesuítas decididamente não prevalecerão... Vão gritar, bracejar, excomungar a torto e a direito, porém mais que nunca os apóstolos da Civilização devem julgar-se seguros da vitória, pois contam ao menos nessa Província com o apoio nobilíssimo, generoso e invencível do coração feminino!. Saudamos, com o maior júbilo, o denodo e civismo das novas associadas. O seu verdadeiro título de glória é o ato que praticaram: com ele honram o seu sexo e o país. Nossos melhores louvores cabem à *Oficina Sete de Setembro* a iniciadora do magno pensamento". (C.P., 18.1.1871,p.1).

Estimulando a imitação, através de uma redação elogiosa, o jornal publica cartas de mulheres com autênticas convicções maçônicas ou notas sobre elas.

Em "Até o sexo frágil protesta", exalta-se a mulher que escreveu uma carta para o jornal, em resposta a um artigo publicado por "um padre de Franca", em um "órgão religioso" e

unesp

publica-se a carta. Nesta, a missivista conta que seu pai foi um maçom e que ela atribui à Maçonaria a característica de "associação humanitária, como não há outra igual; que nenhuma outra cumpre melhor e mais à risca os preceitos da religião cristã, pois que todos os dias, estamos vendo os passos agigantados que ela dá no caminho da civilização e da liberdade do homem e da mulher". A missivista termina a carta afirmando a compatibilidade entre o verdadeiro cristianismo e a Maçonaria, pois os seus princípios são cristãos, existem ministros da Igreja maçons e que ela iria aconselhar o marido e os filhos a serem maçons". A assinatura é de Maria Cândida do Amaral, do Rio de Janeiro. (Noticiário.C.P., 6.1.1871).

Em 21 de julho de 1870, informa-se sobre uma conferência de Quintino Bocaiúva, na seção Correio da Corte. Como o jornal não publica a conferência na íntegra, apenas alguns tópicos que seriam desenvolvidos, fica-se sem saber o que realmente o conferencista abordou sobre a questão da "Maçonaria e a mulher". Os tópicos são: "influência da mulher sobre as classe sociais; seus costumes; causas que hão ocorrido para fortalecer o caráter feminino; o exaltamento das paixões políticas é ainda o resultado da influência do belo sexo; confirmação histórica; organização da família; nova origem da influência da mulher; potência da mulher; potência de assimilação das sociedades platinas: a mulher é o agente principal desta força". Aqui, a conexão entre republicanismo, maçonaria e a função feminina na sociedade, enobrecida como mãe, educadora e ser solidário.

Em "Fanatismo religioso e senhoras", matéria transcrita do jornal *O Colombo*, sem informar a localidade do jornal, relata-se que

> "uma infeliz senhora que há quase ano e meio saiu do confessionário com as faculdades intelectuais perturbadas, anda atualmente de porta em porta nas ruas desta cidade, pedindo a quem encontra o favor de rezar um Padre Nosso a Nossa Senhora da Aparecida para a salvação de sua alma. Além dessa, três outras senhoras deixaram o confessionário loucas, havendo falecido duas delas. A imprensa fanática não registrou este portentoso milagre dos célebres jesuítas que estão fazendo da província de Minas um aldeamento de bugres". (Noticiário Geral. C. P., 18.4. 1874.)

Outra atitude típica dos textos que são maçons,o que se vê pelo seu conteúdo e pela antítese estabelecida entre maçonaria e "ultramontanismo", é o respeito paternalista, piedoso pelas manifestações populares, mesmo que produzidas por fatores que estão ligados ao que um maçom liberal poderia considerar superstição.

Um exemplo, são as notícias sobre devoção religiosa de algumas mulheres publicadas entre as muitas que condenam o "Jesuitismo": no Noticiário Geral, a notícia de uma

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18

mulher "admirada por toda a comunidade de sua vila", chegando alguns mesmo "a chamá-la de santa" (C.P., 6 de novembro de 1875); uma transcrição do jornal *Monitor* da Bahia relatava que Rita não comia há mais de um ano e que o seu corpo, diziam, apresentava as chagas de Jesus Cristo e uma cruz. A família da moça só permitia que fosse visitada por algumas pessoas. (C.P., 22.9.1876); outra mulher, tida como santa, apresentou chagas em seu corpo que se assemelhavam a figuras vistas pela imaginação das pessoas que acorriam ao local onde morava. A família solicitava às pessoas que não fossem em demasia à casa da doente, o que lhe "causava incômodo e transtornos à vida da família tão pobre e maltratada pela vida". (Noticiário Geral.C.P., 1.10.76).

Apesar da improbabilidade de tais fatos, eles eram noticiados de forma respeitosa, sem ironia ou tendência a qualificá-los de fanatismo. Os redatores que se mostravam tão preocupados com a "instrução popular", deviam ver em tais manifestações o resultado da ignorância em que eram mantidas as pessoas, que chamavam de "povo" ou "os pobres", ignorância que deveria ser combatida com a alfabetização através de "escolas para o povo", como se verá.

A função da mulher, dentro das expectativas maçônicas, estava também profundamente ligada à caridade material, às atitudes de solidariedade humana, o que deveria ser inculcado nela desde criança.

No Noticiário Geral, a transcrição de um jornal maçônico do Ceará, elogiava a atitude de uma loja maçônica que encarregou uma menina Benícia Vitorina de Sá, de oferecer esmolas, acompanhada por "um irmão". Como se vê, as esmolas tinham que ser distribuídas por uma menina, pois a mulher desde criança era ensinada que uma de suas funções era a caridade. (C.P., 22.5.1874).

Em 26 de julho de 1876, o *Correio Paulistano* publicou, na íntegra, outra conferência proferida no Grande Oriente pelo Velho Liberal, intitulada "A caridade e o século". Dividindo a caridade em três tipos - "a pública, a privada e a da associação" - o autor considera que a do último tipo tem mais alcance. "O caráter filantrópico da maçonaria", abrangida na caridade associativa, "é do conhecimento de todos que enxergam", enfatizava o conferencista. A privada é aquela realizada pela

> "mulher, que ao sair dos macios tapetes da sala de baile e se dirigir ao triste cubículo em que geme uma família infeliz, não só afasta os males físicos, mas melhora os caracteres, destruindo no espírito dos socorridos o fermento da inveja, das más paixões, do ódio causado pelas diferenças sociais".

unesp

O intento da caridade: impedir a luta de classes sociais, transformar os explorados em agradecidos colaboradores.

O artigo traça um paralelo entre a maçonaria e a igreja: a Maçonaria é solidariedade, caridade, tolerância e fraternidade; a Cúria romana: ira, vingança, intolerância.

Do *Sílabo,* eleito pelos opositores do ultramontanismo como símbolo do que havia de mais reacionário nos decretos papais, o autor destacava o art. 80, que exige

> "em termos expressos: a abdicação da razão e da inteligência do homem; a abolição de todos os foros e liberdades de que goza o mundo moderno; em uma palavra, a condenação do Liberalismo, do progresso e da civilização".

O artigo termina com a pergunta: "que país deixaremos aos filhos se a teocracia romana conseguir dominar este país sem resistências"?

Aqui também a oposição entre as palavras luz e sombras, tão ao gosto do século; a 1ª utilizada como representação das "idéias novas" ou "novas doutrinas", abraçadas pela Maçonaria e liberais e a segunda como representação do obuscurantismo, do retrocesso, atribuídos à Igreja e ao seu aliado, o Velho Regime.

A Maçonaria e a instrução

Para conseguir o seu intento, a Maçonaria criava escolas, incentivava a ida de mulheres às palestras organizadas pela *Propagadora de Instrução Popular,* entidade criada por iniciativa da *Loja América* (Noticiário. C. P., 26.5.1874). Logo após a criação da *Propagadora,* a *Loja América* fizera "valiosa oferta à escola do povo": a Biblioteca que possuía na capital, "auxiliando assim grandemente a patriótica idéia, de que foi muito digna iniciadora". Da diretoria da Propagadora faziam parte Joaquim Roberto de Azevedo Marques, Leôncio de Carvalho, que foi proprietário do *Correio Paulistano* de 1875 a dezembro de 1875, e Bernardo Gavião, desembargador e banqueiro. (*Indicador Econômico* para 1878, p. 7).

A *Propagadora*, além de aulas de alfabetização para adultos e menores, promovia conferências sobre temas os mais diversos, para as quais o jornal publicava notas

unesp

incentivando o comparecimento de senhoras. Informava que a entrada era franca e havia "um lugar reservado para as famílias"

Pelas notícias e informações sobre a *Propagadora,* deduz-se que esta era uma instituição sem fins lucrativos, constituída de sócios e que era objeto de doações de livros e de resultados de leilões e concertos, organizados em benefício dela.

Em nota publicada no *Correio Paulistano* (4.7.1874), Leôncio de Carvalho solicitava aos sócios que pagassem a jóia e mensalidades na casa bancária B. Gavião, Ribeiro & Gavião.

Em 2l de janeiro de 1874, no Noticiário Geral, *Correio Paulistano,* informava-se, aprovadoramente:

> "o majestoso monumento é uma realidade; A sociedade é filantrópica, conta com sócios, tem uma diretoria que instalará a 1 de fevereiro de 1874 a Biblioteca e a Escola".

Os cursos oferecidos: primário; secundário; superior de agrimensura; arquitetura & construção; higiene. Avisava-se que as aulas seriam gratuitas e nas do primário os alunos teriam livros e material de graça e prêmios pelo desempenho..

Em outra nota, os interessados eram informados da gratuídade das aulas primárias, dirigidas por Carlos Ferreira (dramaturgo, folhetinista), Silveira Caldeira e Manoel Azevedo. Marques. As matrículas continuavam abertas para ambos os sexos, menores e adultos; sendo que nos cursos noturnos só eram aceitos adultos. (C.P.,11.2.1874). Em 7 de agosto de1874, juntamente com os nomes de Carlos Ferreira e Gabriel Franzen, professores, aparecia o de Américo de Campos, redator por 10 anos do *Correio Paulistano*, como professor de Cosmografia e Geografia.

Em 18 de fevereiro de 1874, no Noticiário Geral, os diretores da *Propagadora* agradeciam os valiosos donativos, vindos dos que se preocupavam com a "Instrução Popular".

Noticiava-se que a afluência de senhoras às preleções da *Propagadora* continuava intensa:

> . "É uma prova notável de que a pouco e pouco se vão quebrando os hábitos de indiferença e isolamento a que andou sempre condenada a mulher brasileira, resultado esse proveniente das acanhadas idéias a que de longa data sempre viveu adstrita".(Noticiário. C.P., 24.3.1874).

unesp

Vê-se no texto, uma crítica sem rodeios, à situação das mulheres brasileiras: crítica ao isolamento no lar e à indiferença com que se via a educação feminina, ponto central das mudanças pretendidas pela Maçonaria.

Na instalação do curso superior de Fisiologia Comparada, ministrado pelo Dr. Antônio Caetano de Campos, este agradeceu o comparecimento do "grande auditório, entre ele, senhoras". (C.P., 21.3.1874).

Outro curso chamado de Superior foi o de Higiene, sob a responsabilidade do Dr. Cândido Barata, que desenvolveu duas preleções sobre "amamentação e cuidados maternais, devidos à primeira infância dos recém nascidos. O professor desenvolveu o assunto com perícia notável e abominou a roda dos enjeitados. O Dr. Cândido abordou também a questão das epidemias, métodos de evitá-las, através de comportamentos higiênicos e de combatê-las. Mais uma vez, louvava-se a "grande concorrência de ouvintes, entre os quais, com louvável constância, continuavam a figurar muitas senhoras." (C.P., 29.3.1874).

Já no curso superior de História da Pátria, não houve um grande público e "principalmente a concorrência de senhoras não foi tão grande". O tema, "Descoberta da América" era de menor interesse prático para as mulheres, do que aqueles relativos à Higiene,como o de amamentação.

Outro curso anunciado como de "imensa utilidade" foi o de Moral e de Direito Natural Público, sob a responsabilidade do Sr. Leôncio de Carvalho; o objetivo do curso seria "instruir o povo, educá-lo expondo-lhe com sinceridade os direitos e deveres do homem e da mulher considerados nas diversas relações sociais". A entrada seria franca e haveria lugar reservado "só para as senhoras". (C.P., 2.4.1874). Realizada a "preleção" , registra-se o brilhantismo da mesma. No final, o Sr. Leôncio, "propugnador da Propagadora", solicitou que as senhoras presentes organizassem um leilão de prendas em beneficio da Instrução Popular. As senhoras prontamente atenderam ao apelo e logo fizeram uma reunião para organização do dito leilão. (Editorial. C.P., 18.4.1874).

A importância que se dava à *Propagadora*, instituição ligada à *Loja América*, a qual pertenciam o diretor e alguns redatores do *Correio Paulistano*, é comprovada pela ocorrência constante de informações sobre a Instituição e o relevo que se dava às "preleções" de "Instrução Superior".

unesp

A palestra do sr. Leôncio de Carvalho foi publicada na íntegra. O palestrista enfatizou os objetivos da *Propagadora*: "desenvolver o espírito do povo, moralizar o seu coração; cultivar a sua inteligência; torná-lo capaz de atingir o conhecimento dessas verdades", pois ensinar a ler e a escrever apenas não era suficiente. Enaltecia o papel da Imprensa, "poderoso baluarte de nossos direitos e liberdades", tendo sido com razão "equiparada por Syéyès a um sexto sentido dos povos". Através dela e de palestras como aquela, poder-se-ia dizer "ao povo os direitos e deveres do homem e do cidadão".

O sr. Leôncio dirigiu-se, em particular, aos filhos e aos pais, enfatizando os deveres dos primeiros e, separadamente, dos homens e mulheres em suas funções de pais e "esposos". Aos filhos, pediu que amassem os seus pais e falou-lhes da importância da instrução primária, que deve ser gratuita e obrigatória, o que diminui a incidência de crimes.

Aos cônjuges, distribuiu obrigações dentro dos diapasões dos discursos comteano, maçônico e liberal. A novidade em relação a Comte e à uma ala mais conservadora da Maçonaria, foi a sua defesa da entrada das mulheres nas Academias para que elas pudessem desenvolver o "seu belo talento".

Ao "marido", exigiu amor e respeito pela consorte; caracterizou a mulher como conselheira magnânima, desprovida de apetites carnais, inspirando-se na imagem comteana; mas, diferentemente de Comte, concede à mulher o direito à igualdade de instrução, já defendido por Condorcet e Olympia de Gouges:

> "Digamos ao marido: amai a vossa consorte, não enxerga nela o traste mais nobre de vossa casa, segundo aconselham espíritos retrógrados, mas sim o anjo tutelar da família, a companheira inseparável de vossos prazeres e infortúnios, a fulgurante estrela que, através dos escolhos desse mar tempestuoso a que se denomina vida, dirige os vossos passos ao porto da salvação, e com o seu conselho, em que transluz a divina inspiração, defende-vos muitas vezes de medonhos abismos a cujas profundezas poderia arremessar-vos o fogo das vossas paixões.
>
> Digamos à mulher: compenetrai-vos da sublimidade de vossa missão e de vossos direitos. Protestai energicamente contra essa bárbara doutrina que pretende encerrar-vos em quatro paredes, fechar-vos as portas das Academias e das escolas superiores; não vos permitem desenvolver o vosso belo talento, em nada inferior ao do homem. Como espero demonstrar, minhas senhoras, quando especialmente tratar dos vossos direitos e deveres". (19.4.1874).

As notícias sobre a *Propagadora* continuam, quase que diariamente, durante todo o ano de 1874 e até 1878. Informações a respeito dos cursos e seus horários como os de História Pátria, Higiene, Escrituração, Língua Nacional e Geografia (C.P., 26.4.e 5,8,16, 27,28.4.1874); e elogios à solicitude das senhoras na organização de um bazar - quando

tiveram a cooperação dos "capitalistas e corpo acadêmico" (C. P.,4.9.1874) - e do leilão de prendas, "todas feitas por mulheres, as mais diversas" (C. P., 7.8.1874).

Em 20 de julho de 1875, as conferências sobre História Pátria, na *Escola do Povo*, como era também chamada a *Propagadora,* tiveram a concorrência de "grande número de distintas senhoras".

A ênfaze no registro da presença das "distintas senhoras" era um incentivo para que elas continuassem comparecendo e significa que os dirigentes da instituição preocupavam-se com a educação das mulheres, dentro do modelo que julgavam o ideal para a função que deveriam exercer na sociedade. Modelo que formava mulheres para serem boas esposas, mães, anfitriãs e "distintas senhoras da sociedade", dotadas de boas maneiras e de um certo requinte cultural.

Dois anos após a fundação da *Propagadora*, o Editorial do *Correio Paulistano* aproveitava o momento da distribuição de prêmios aos alunos da escola de Instrução Popular para enaltecer a iniciativa de sua fundação, "graças aos nobres esforços do Dr. Leôncio de Carvalho, merecedor de admiração, por proporcionar instrução às massas populares que até então permaneciam quase que em completo estado de ignorância, alheias a tudo o que dizia respeito a seus direitos, como também às suas atribuições". Mais uma vez, era lembrado o fato da *Propagadora* ter sido fundada pela loja *América* e ter se transformado em uma das "mais fortes e prometedoras do Império".

Informava-se que as aulas eram freqüentadas por 300 alunos de "classe baixa", que na *Propagadora* adqüiriam, além da alfabetização,

> "a luz, o conhecimento de seus deveres e direitos. Não só meninos, mas também os adultos e entre eles muitos cativos, já colheram e continuarão a colher o justo prêmio passando de analfabetos a alfabetizados. Que isso possa servir de estímulo aos professores e alunos que não pouparam esforços para que isto acontecesse".(Instrução Pública. *Correio Paulistano*,.1.1876,p.1).

No *Correio Paulistano,* a persuasão destinada às mulheres tem, quase sempre, a forma de elogios estimuladores, quando a informação é a respeito de um feito feminino considerado inusitado, como a produção de uma poesia ou de uma música.

Em 5 de maio de 1876, no Noticiário Geral, noticiava-se a publicação da "coleção de 150 exemplares das primorosas composições musicais da exma. sra. D. Maria da Piedade Leite de Abreu Filho, intituladas: *Brado Americano*, *Canto dos Anjos*, *O martírio de Tiradentes*, *Pátria e Glória* e *Silveirense.*

> O nome da ilustre compositora de há muito que é justamente admirado na província e na corte. Bem poucas almas, como esta, existem no seu sexo. Para prová-lo basta dizer-se que o seu belo e fecundo talento é sempre dedicado à liberdade e ao que há de grandioso na Pátria."

unesp

Finalizando, avisava-se que as "ditas músicas" seriam colocadas à venda na *Livraria Garraux* e o produto da venda iria para a *Propagadora.* Pelos títulos das composições, vê-se que eram patrióticas ou religiosas.

Em 1876, a *Propagadora* comunica que a "única pessoa encarregada de cobrar as mensalidades dos srs. sócios é o sr. Antônio Manuel Rodrigues". O aviso era feito porque "um indivíduo sem autorização para isso tem se arrogado a esse encargo". (C. P., 1.7.1876).

No mesmo ano, o único fato noticiado pelo *Correio Paulistano* foi o oferecimento de um retrato a óleo do professor Antônio Gabriel Franzem, que lhe fizeram os seus alunos, "em sinal de estima e reconhecimento". A entrega foi motivo para uma "singela festa" com discursos, declamação de poesias, a presença da banda de música de permanentes e de "algumas senhoras" que "abrilhantaram com a sua presença a modesta e simpática festa dos alunos da Propagadora". (C.P., 30.7 e 1.8.1876).

De 1876 a 1879, notícias sobre as atividades rotineiras da instituição: datas de matrículas, cursos, reuniões, cobranças de mensalidades, etc.

Mais um retrato foi pintado e doado: o do Sr. Dr. Leôncio de Carvalho; o presente foi louvado em discurso do Sr. Manoel Correa Dias, aluno da Faculdade de Direito, que agradeceu ao que Leôncio vinha fazendo em "prol da cultura, exemplificando com a criação da *Propagadora Popular".* (22.1.1876).

Chamou-me a atenção, uma nota intitulada "O fonógrafo e o microfone", em que se anunciava uma "conferência científica" na *Propagadora*, apresentando experiências com estes novos instrumentos, que têm causado admiração em todo o mundo científico". (C. P., 18.8.1878).

Nenhuma alusão premonitória, ou tentativa de relacionar a "novidade" com a extrema vaidade humana, vaidade passível de punição. Apenas a fé otimista na capacidade de inventar dos homens, ou de alguns homens.

No *Almanaque Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo,* para 1884, a *Propagadora* aparece como fundadora do *Liceu de Artes e Ofícios*, fundado em 1° de setembro "do ano findo", com ensino primário e profissional. Informa-se que o fundador da *Propagadora* foi Leôncio de Carvalho, que também fundou o *Liceu* e que exercia a Presidência da mesma; o vice-presidente era Rangel Pestana , o bibliotecário Américo de Campos e secretário Paulo Bourroul. Os professores todos, tanto do Liceu,

unesp

quanto dos cursos abertos, não eram remunerados. Entre as atividades da Sociedade, citavam-se a Biblioteca, com oito anos de funcionamento e uma escola noturna, pela qual já haviam passado mais de 800 alunos. Quanto aos projetos da *Propagadora*: fundação de uma revista; aulas suplementares de Línguas (inglês, francês e português), História Universal e Pátria, Filosofia, Higiene, Estética, História das Artes e Ofícios, Anatomia e Fisiologia das Paixões, Elementos de Direito Natural, de Economia Política e de Direito Constitucional e conferências para a Instrução Popular. Informava-se também que o governo havia cedido espaçosa casa e estabelecido uma subvenção anual para ajudar a instituição. [65]

A preocupação com a educação feminina aparece em outros momentos: sob o título "Ensino gratuito", enaltecia-se a criação de uma escola para meninas, à rua S. Gonçalo, Lapa, chamada *Sete de Setembro*, por iniciativa da *Loja Sete de Setembro*. a escola era regida pela esposa do Sr. Barnabé Vincent, irmão da loja. A professora possui "felizes disposições para o magistério e a ela deve-se o aproveitamento das meninas". No seu início, em 1869, possuia 37 discípulas. Em 1871 era freqüentada por 45 meninas. (Noticiário. C. P., 10.2.1871);

O Noticiário Geral (10 de maio de 1874) anunciava mais uma escola, criada pela loja maçônica, *Cruz de Cristo*, escola noturna e que já funcionava com 12 alunos.

Ao mesmo tempo que incentiva o ensino laico o jornal abria espaço para críticas à educação religiosa. Quando o Seminário das Educandas foi entregue às Irmãs da Congregação de São José, "um leitor" escreveu solicitando "a atenção para as pobrezinhas, sujeitas às hárpias do Santo Ofício". Órfãs e filhas de plebeus, elas que antes viviam "naturalmente, vivendo o gozo natural de sua idade", no Seminário, ficavam sujeitas "à férrea disciplina monástica:

> "o sol, o ar livre, as tardes iluminadas são lhes proibidos o mundo de extra-muros é contágio perigoso e lhes é vedado. Estão querendo habituá-las à luz crepuscular da superstição, ao confessionário, jejuns, alucinações do misticismo". (Comunicado. Leitura Popular. C. P., 9.2.1871, p.3).

O mesmo leitor, em 15 de fevereiro de 1871, na mesma seção, volta à crítica anterior, respondendo aos defensores "do jesuitismo". Diz que

> "o homem só tratou de defender as toucas, deixando o principal: a maléfica influência da educação jesuítica no espírito das crianças e mulheres, cujo domínio é para eles o domínio da família e portanto da Sociedade em todas as suas relações".

---

[65] MOURA, Francisco Ignácio Xavier de Assis (ORG.). *Almanaque Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo para 1848.* São Paulo: Jorge Seckler & Cia., 1883, p. 114-7.

Em 17 de fevereiro de 187l, em editorial intitulado "A questão das toucas", a entrega do Seminário das Educandas às Irmãs de São José, denominadas pejorativamente "as toucas", era criticada com veemência. O governo que possibilitara a transformação do ensino "do abc, aritmética, e da caligrafia" em "escolas e templos ultramontanos, institutos do beatério e grosseira superstição dos agentes de Loiola", agira contra o interesse social. A proteção oficial "à propagação do jesuitismo" só poderia vir de um governo despótico, centralizado, "avesso a todas aspirações e interesses nacionais, porque é o interesse de alguns homens erigido em potência feudal e tutelar de 10 milhões de homens, interesse garantido unicamente pelo direito da força e pelo prestígio que a tradição criou, e que somente na ignorância e indiferença de boa parte das populações ainda encontra arrimo".

Como "a opinião" pediu em "alta grita instrução e escolas, para que se liberte o povo da ignorância e inconsciência de seus mais elementares direitos e necessidades", o governo "assentou de iludir a questão", entregando o Seminário para as "hárpias do Santo Oficio".

É nítida, no texto, a separação entre as expressões "opinião" - que se referia aos letrados, de posição liberal - e o "povo", que precisava ser libertado de sua ignorância, 'sustentáculo único das prerrogativas despóticas".

Demonstrando conhecimento do que se passava em outros países da Europa e da América, o editorialista (nesta época era redator chefe do jornal, Américo de Campos, liberal, maçom e futuramente republicano) faz um comentário sobre "a cega abjeção moral e intelectual" que abateu-se sobre a "Itália dos Bourbons, a Espanha de soror Patrocínio e do Padre Claret e o povo paraguaio de Solano Lopes", conseqüente da influência jesuítica.

Finalizando, ressalta-se a necessidade da separação entre ensino e Igreja, "questão velha e já resolvida há muito entre os povos mais adiantados da Europa e dos Estados Unidos". [66]

---

[66] Seminário era o nome usado para os educandários destinados aos órfãos e mantidos pelo Governo. O Seminário de Nossa Senhora da Glória, do qual fala o editorial, foi criado a 8 de junho de 1825, no Ipiranga, na chácara pertencente à Fazenda Nacional. As educandas tinham que ser "as mais indigentes", de preferência oriundas das classes militares, podiam ser de cor, mas de condição livre". A primeira Diretora foi Da. Elisiária Cecília Espínola, que era "pessoa temente a Deus, de vida exemplar, com os conhecimentos necessários para ensinar a ler, escrever, fiar coser e tudo o mais que deve saber uma perfeita mãe de família". RODRIGUES, Leda Maria Pereira. *A instrução feminina em São Paulo.* Subsídios para a sua história até a proclamação da República. São Paulo: s. C/Edit., 1962, p. 114-5.

unesp

Depois de passar por várias direções e por muitas dificuldades financeiras, o Presidente da Província, Antônio Cândido da Rocha, fez um contrato, em 26 de junho de 1870, com a Madre Teodora Voiron, Superiora da Congregação das Irmãs de São José, que dirigiam o *Colégio Nossa Senhora do Patrocínio*, em Itú para que esta Congregação assumisse a direção do Seminário. Em consequência, a Irmã Anna Felicité assumiu a direção do estabelecimento com mais quatro religiosas. A direção "moral, religiosa e literária ficaria 'inteiramente confiada ao zelo da Superiora e de suas Irmãs'.

O ensino constava de instrução no Catecismo, Gramática Portuguêsa, História Sagrada, Aritmética e Geografia; "costura, remendos, pontos de meia, arte culinária e todas as prendas domésticas da condição de órfãs".

O Inspetor Geral, Dr. Diogo de Mendonça Pinto, desaprovou as cláusulas que davam inteira autonomia às Irmãs, "fato que não era bem visto de todos", devido à oposição que se fazia ao ultramontanismo, do qual a Congregação de São José era uma insigne representante. O Inspetor Diogo de Mendonça temia a transformação do educandário em "recolhimento de freiras", o que seria prejudicial para o Brasil devido à necessidade de povoar os "vastíssimos sertões". [67]

A "fuga" das mulheres do cumprimento da "missão sagrada de esposa e mãe", "enterrando-se em conventos, transformadas em "fariseus femininos", incapazes "porque não amaram, de cumprir a doce missão da mulher que é consolar e amar", é tema da seção Literatura, matéria intitulada "A caridade e a Família". (C. P., 2.4.1871).

Comparando o Educandário de Artífices (Liceu de Artes e Ofícios?) com o Seminário da Glória, "custeado e protegido pelo Governo como uma inconveniente lembrança",procurava demonstrar-se, em um editorial, a superioridade do colégio de artífices em relação ao Seminário das meninas órfãs: O primeiro era "fonte de nobilitação pelo trabalho" e o segundo

> "fonte de obscurantismo e supersticiosa atrofia da consciência e do bom senso(...) A idéia do colégio das meninas é odiosa ao pundonor das famílias, nociva à educação liberal e progressista que o século exige. Deste, sairão animadas contra a sociedade, seres fanatizados, instrumentos submissos da terrível seita, cujo ideal é a restauração da Idade Média". ("Educandos Artífices". C.P., 11.1.1874, p.1 e 2).

Em 1876, na parte denominada Oficial, destinada às informações do Governo, publica-se um relatório da direção do *Seminário da Glória* dirigido à Assembléia Legislativa Provincial. O relatório fala das dificuldades e resultados obtidos na"educação e preparação para uma vida fora do internato" das recolhidas. Solicita 9:000$000 para a

[67] O contrato foi mantido. Id., ib., p. 125

INSTITUTO DE ARTES BIBLIOTECA UNESP

unesp

reforma do prédio, deteriorado pelo tempo. Relaciona as alunas já formadas e que estão fora do Seminário. Nele, a direção posiciona-se contra as aulas de Música, "por considerá-las desnecessárias, pois estas não proverão o futuro das alunas que não terão condições também de adqüirir um piano ou outro instrumento". (9.1.1876).

Contrariamente à desqualificação de que era objeto o ensino religioso, os colégios laicos para meninas eram sempre objeto de generosos elogios nas diversas seções do jornal, como já se viu.

Bibliotecas populares faziam parte da programação da Maçonaria para a instrução popular. Em Noticiário, anunciava-se que no escritório do jornal havia alguém para receber livros doados para a *Biblioteca Popular,* que estava sendo organizada pela Loja América. Solicitava-se a concorrência de todos os cidadãos para "este *desideratum,* tão fácil e simples, quanto grandioso". O pensamento da *Loja América* era

> "uma semente plantada na Capital e que devia ser transplantada e fecundada. Que magnífico impulso dar-se-ia à educação popular, se desde já e com vigor e o devido ardor se tratasse de erguer por iniciativa particular em cada município um gabinete de leitura". (C. P., 6.6.1871).

unesp

CAPÍTULO 4

TUDO QUE O SEU MESTRE MANDAR, FAREMOS TODAS?.

"É digna de atenção e sério cuidado, o fato que acaba de dar-se: 'Eu abaixo-assinado, em homenagem à verdade, atesto que empreguei em minha casa as Pílulas de Tayuyá M. Morato, em pessoa de minha família, que sofria de uma loucura em conseqüencia da supressão dos menstruos, e que prontamente produziram maravilhoso efeito, cessando a loucura e restabelecendo a saúde, o que atesto livre e espontaneamente, e juro se preciso for. São João de Itapetininga, 7 de novembro de 1888. João Batista da Silva Simões". Está reconhecida a firma pelo tabelião de Botucatu - A.A. de Oliveira Cesar." (*Diário Popular,* 7.11.1889,p.2)

Depoimento de Frederico de Barros Brotero a respeito de sua tia, Francisca Dabney de Avelar Brotero, nascida a 16 de junho de 1837, em São Paulo, onde morreu em 1915: "Conservou-se solteira e sua vida foi um exemplo de virtudes e abnegação, consistiu em servir e derramar benefícios aos irmãos e sobrinhos". (In: *Descendentes do Conselheiro José Maria de Avelar Brotelo.* São Paulo: Ed. própria, 1961).

unesp

Respondendo à pergunta do título, pode-se dizer: nem sempre. Não é unânime, conforme ficou no imaginário de muitas pessoas, a submissão das mulheres às determinações dos "mestres", apesar da intensa divulgação destas determinações na Imprensa, em peças de teatro, romances, conferências médicas, ensaios, no púlpito, no confessionário e até em saraus e conversas informais. Assim como as recomendações de Paulo e seus sucessores, os "Pais" da Igreja, para que as mulheres fossem comedidas em atos e palavras não foram seguidas por todas.

Na história ocidental, desde a Antigüidade, mulheres das camadas mais altas da sociedade encontraram forma de se projetarem, de se fazerem ouvir, malgrado as restrições.

Todavia, a partir do século XVIII, como já foi visto, a pressão ideológica em torno da função doméstica do gênero feminino e a escolha de características como modéstia, recato e amorosidade para definir o modelo ideal de mulher acentuaram-se e era de bom tom que as jovens, principalmente, deixassem os cidadãos falarem por elas.

O caso de Josefina Porfirio de Lima, que se manteve em silêncio, enquanto o seu pai, o seu cunhado e outras pessoas encetaram, através do *Correio Paulistano,* uma apaixonada polêmica sobre a conveniência ou não da participação dela, uma "jovem-família", em um concerto público, é um exemplo de acomodação ao silenciamento, e Josefina não foi a única.

O silêncio era manifestação de recato e modéstia. O reverso eram as tagarelas, ridicularizadas desde a Antigüidade e tema recorrente em chistes e charges, publicados em jornais e revistas. No *Correio Paulistano,* em seções de variedades, e de notícias gerais, algumas vezes, o estereótipo que caracteriza a mulher como "tagarela", imprudente e incapaz de guardar segredo, vem à tona, apesar desse jornal, durante o

unesp

século XIX, ter incentivado as mulheres a se instruírem e assumirem uma participação inicial "na esfera pública" do setor privado. Criticando as freiras de um asilo em Niterói, ou as "entoucadas" conforme expressão usada pelos redatores e editorialistas, informava-se, com sarcasmo:

> "uma delas passava a noite fora do asilo, quando ia "sem dúvida, levar palavrs de consolo para alguém, noutra freguesia. Parece que uma recolhida viu e tagarelou com as companheiras. Pudera, era mulher!. (Grifo meu). (N.P., C.P., 12.8.1874,p.2)

Apesar da timidez e falta de preparo das mulheres brasileiras para "soltar" a voz em público, depois de mais de um milêncio de imposição de silêncio na cultura que elas herdaram e do seu provável medo de uma pena satírica, algumas conseguiram romper o medo, a vergonha e a culpa e se manifestaram através dos jornais, colocando posições, fazendo reclamações, escrevendo artigos, opinando a respeito de peças teatrais, reivindicando melhor educação para o seu sexo, anunciando e ofertando o seu trabalho. E o fizeram. Malgrado os limites estreitos de uma educação que não oferecia possibilidades de desenvolvimento da criatividade, da reflexão e da capacidade crítica, algumas foram se introduzindo na "esfera pública" do setor privado e expandiram a sua atuação além "da esfera íntima da família", ocupando também, pelo trabalho, algum espaço "na sociedade civil burguesa".[1]

Até o Governo de Getúlio Vargas, quando adqüiriram o direito de votar, as brasileiras não atingiram "o setor público, que se limita ao poder público". Mas, desde o século XIX, jornalistas, conferencistas e escritoras, como Senhorinha da Mota Diniz, Josefina Álvares e, antes delas, Nísia Floresta Augusta, artistas como Maria Velluti, Júlia de Azevedo e Madame Raquel, negociantes como Madames Fretin ou Ducos, penetraram na "esfera pública" do setor privado, procurando, através da produção literária e do trabalho, influir na opinião pública com o objetivo de mudar a situação jurídica e de fato do gênero feminino.

As mais próximas dos estereótipos da dona de casa zelosa e da frívola emergem das páginas do jornal, mas não sozinhas: outras, que não se encaixam em nenhum desses

---

[1] HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p.45-6. Habermas escreve: "Dentro do setor restrito às pessoas privadas, distinguimos entre esfera privada e esfera pública. A esfera privada compreende a sociedade civil burguesa em sentido mais restrito, portanto o setor da troca de mercadorias e do trabalho social; a família, com sua esfera íntima, está aí inserida. A esfera pública política provém da literária; ela intermedia, através da opinião pública, o Estado e as necessidades da sociedade".

unesp

DECLARAÇÃO

Mme. Julia Ducros declara que obteve de seu marido auctorisação por escriptura publica para negociar por si e por sua propria conta sem intervenção alguma do mesmo quer quanto ao activo como quanto ao passivo do seu negocio, sendo a abaixo assignada a unica que póde firmar qualquer obrigação relativa ao dito negocio, o que faz publico para conhecimento das pessoas com quem tem negociado e continúa a negociar.

S. Paulo 16 de Janeiro de 1866.

Paul Ducros.

Julia Ducros. (3—2

Júlia Ducros, autorizada a "negociar" *(Correio Paulistano,* 1866)

PROFESSORA DE PARTO

Mme. Cezarine Chemeroy póde ser procurada a qualquer hora para partos e molestias das mulheres, tanto para senhoras como para escravas.

Travessa do Quartel n. 4. 10—7

Mme. Cezarine, professora de parto (*Correio Paulistano,* 1866).

modelos, pertencentes às elites e camadas intermediárias, são noticiadas fazendo doações, coletando donativos para obras filantrópicas, libertando escravos, escrevendo contra a "injustiça dos homens", cantando e tocando em recitais particulares, esforçando-se para ocupar pequenos e possíveis vãos nas fimbrias da "esfera pública do setor privado".

No espaço do convívio, das festas, saraus e comemorações, mostrando um distanciamento, ainda que reduzido, entre a persuasão e a prática, algumas atitudes femininas apontam para uma certa desobediência, alguma liberdade de iniciativa, coqueteria e prática da verve , através de brincadeiras e apelidos, que eram postos nas pessoas.

Brindes em jantares feitos por uma mulher, mulheres que escreviam cartas para o *Correio Paulistano*, despedindo-se dos amigos, agradecendo os bons serviços de um médico, avisando que o marido estava sob a sua curadoria e que, portanto, as pessoas não fizessem negócios com ele; mulher que faz reclamações a um policial por ter sido vítima de atitudes desrespeitosas; ou, como no caso de Madame Ducos, uma negociante que avisa ao público que recebera autorização do marido para negociar: fatos que indicam uma certa autonomia, ainda que de conformidade com a lei, como no caso de Ducos, e que apontam para a diversidade: nem todas estavam na intimidade da família, apenas cuidando do lar.

D. Inocência de Andrada, jogava peteca com o seu marido, o advogado Dr. Fonseca, todas as tardes. O Dr. Fonseca, embevecido com o jogo, esquecia-se dos clientes e era alertado pela mulher: "Mas, Fonseca, parece que há gente no escritório". Mulher atenta, mas cordial, prazerosa.[2]

A mulher forte, objeto de um extenso necrológio, que foi mãe abnegada, esposa cuidadosa, católica fervorosa, mãe dos pobres e dos escravos, como se verá, teria, algum dia, jogado peteca com o seu marido?

As informações que emergem das notícias, necrológios, cartas de leitores, anúncios, crônicas e editoriais do *Correio Paulistano* e de cartas, relatos, biografias e autobiografias, fazem desfilar diversas imagens de mulheres: religiosas, caridosas,

---

[2] NOGUEIRA, Almeida.*A Academia de São Paulo*. Tradições e reminiscências. São Paulo: Secretaria da Cult. e Tecnologia; Saraiva, 1977, v3,p.97

unesp

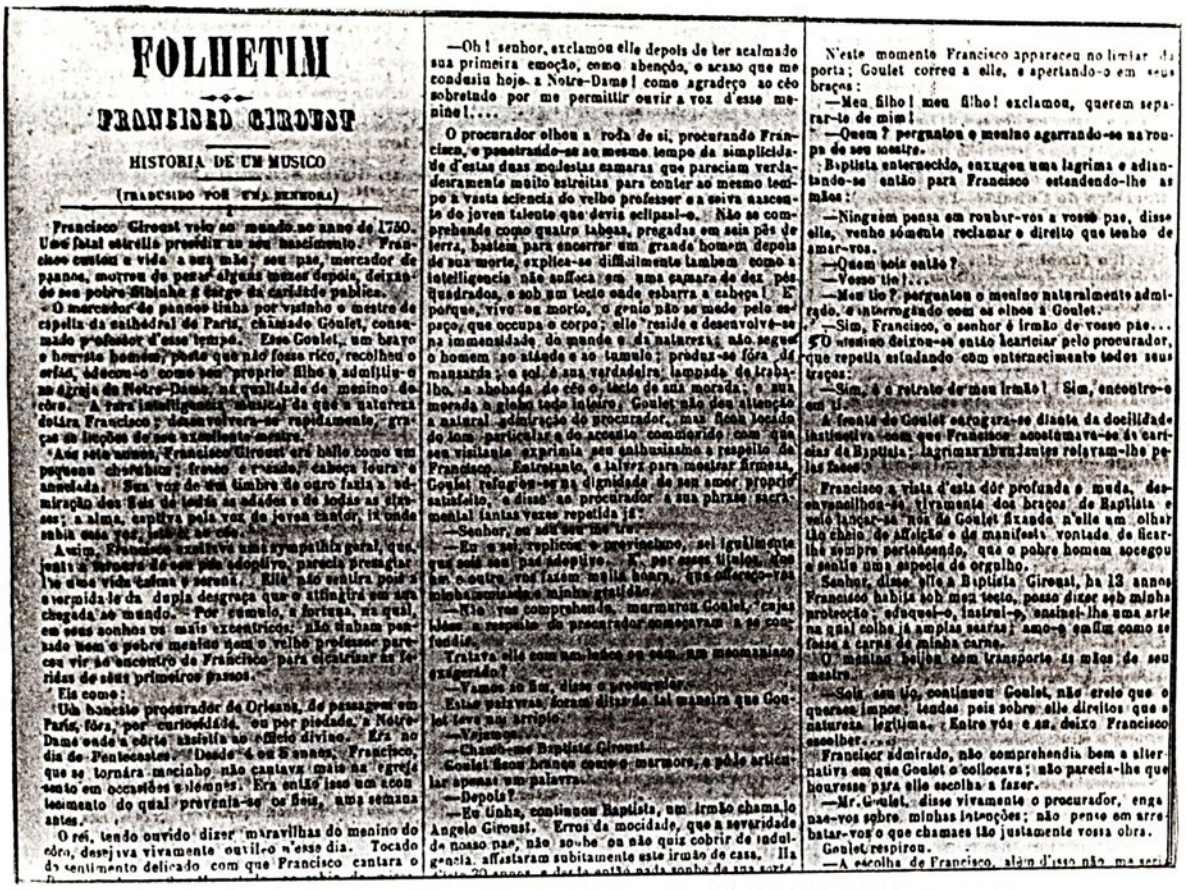
fúteis, mulheres - como ressalta o necrológio de Antônia Maria de Oliveira - jovens casadoiras, solteironas ansiosas, moças brincalhonas e "namoradeiras" como Laura Milliet. Mulheres que desempenhavam, além das tarefas domésticas, a função de colaboradoras dos maridos; jovens altivas, capazes de resistir a um casamento imposto; moças tímidas, bem educadas e silenciosas; instruídas como Francisquinha Brotero, Laura Milliet, Maria Velluti e a anônima tradutora de folhetins e artigos; professoras, compositoras e escritoras que fazem anúncios ou informam a respeito do que fazem.

Atitudes insignificantes, desimportantes? Não, se o o objeto da pesquisa são os fatos do cotidiano, as relações do dia a dia, dentro e fora de casa. São significados que esclarecem a respeito das mentalidades, do labor cotidiano, da vida conjugal que podia ser prazerosa, do comportamento de mulheres, que mesmo não pertencendo aos estratos mais elevados da sociedade, ousavam ir a público reclamar, quando se julgavam lesadas; e que sabiam se defender da prodigalidade de maridos, tornando-se curadoras deles.

A atitude do proprietário da *Confeitaria Paulicéia*, que se negou a servir duas mulheres desacompanhadas, motivo de uma polêmica em três jornais da cidade, entre homens, é um exemplo de como, ainda no final do século, elas dependiam dos cidadãos masculinos, para se defenderem. A calorosa polêmica, (no final deste Capítulo), é também um exemplo de como é difícil para a pesquisadora descobrir os sentimentos e as emoções daquelas paulistanas do século XIX. As que não foram servidas na Confeitaria, por ter o proprietário presumido que fossem prostitutas, ficaram envergonhadas? Choraram, em casa? Como saíram do estabelecimento? Cabisbaixas ou altaneiras?

As observações de Álvares de Azevedo e de Ferreira de Rezende acerca de Laura, a reclamação da descendente de escravos contra a costureira que estragara o seu tecido, ou a bonita carta de Sinhazinha, a bisavó de Fernando Pompêo de Camargo, a poesia de Nhanhã, mãe de Sinhazinha, o empobrecimento de Maria Luísa e de sua filha Chiquinha, que tiveram de assar biscoitos de polvilho e bordar para fora, a fim de se sustentarem, são trechos de vidas; são fragmentos permitindo apenas a composição de uma colagem (ou bricolagem?), possível graças ao cuidado de alguns descendentes, que conservaram cartas e poesias em "um baú" ou receberam informações que vieram passando de geração A geração, impedindo que elas fossem totalmente esquecidas.

unesp



FOLHETIM

FRANCISCO GIROUST

HISTORIA DE UM MUSICO

(TRADUZIDO POR UMA SENHORA)

I

Francisco Giroust veio ao mundo no anno de 1750. Uma fatal estrella presidiu ao seu nascimento. Francisco custou a vida a sua mãe; seu pae, mercador de pannos, morreu de pesar alguns mezes depois, deixando seu pobre filhinho á borge da caridade publica.

O mercador de pannos tinha por visinho o mestre de capella da cathedral de Paris, chamado Goulet, consumado professor d'esse tempo. Esse Goulet, um bravo e honrado homem, posto que não fosse rico, recolheu o orfão, adoptou-o como seu proprio filho e admittiu-o na escola de Notre-Dame, na qualidade de menino de côro. A rara intelligencia musical da qué a natureza dotára Francisco, desenvolveu-se rapidamente, graças ás lições de seu excellente mestre.

Aos sete annos, Francisco Giroust era bello como um pequeno chrysalino; franco e travesso, cabeça loura e annelada, cuja voz de um timbre de ouro fazia a admiração dos fieis de todos os adros e de todos os claustros; a alma, captiva pela voz do joven cantor, ia onde subia esse voo; subia ao céo.

Assim, Francisco excitava uma sympathia geral, que, pouco a pouco, de seu pão adoptivo, parecia prestar-lhe uma vida calma e serena. Elle não sentira pois a aveiada lei da dupla desgraça que o atfligira ao seu chegada ao mundo. Por comulo, a fortuna, na qual, em seus sonhos os mais excentricos, não tinham pensado nem o pobre menino nem o velho professor parece vir ao encontro de Francisco para cicatrisar as feridas de seus primeiros passos.

Eis como:

Um honesto procurador de Orleans, de passagem em Paris, fôra, por curiosidade, ou por piedade, a Notre-Dame onde a côrte assistia ao officio divino. Era no dia de Pentecostes. Desde 4 ou 5 annos, Francisco, que se tornára mocinho não cantava mais as egrejas senão em occasiões solemnes. Era então isso um acontecimento do qual prevenia-se os fieis, uma semana antes.

O réi, tendo ouvido dizer maravilhas do menino do côro, desejava vivamente ouvil-o n'esse dia. Tocado do sentimento delicado com que Francisco cantara o

—Oh! senhor, exclamou elle depois de ter acalmado sua primeira emoção, como abençôo, o acaso que me condusiu hoje a Notre-Dame! como agradeço ao céo sobretudo por me permittir ouvir a voz d'esse menino!...

O procurador olhou a roda de si, procurando Francisco, e penetrando-se ao mesmo tempo da simplicidade d'estas duas modestas camaras que pareciam verdadeiramente muito estreitas para conter ao mesmo tempo a vasta sciencia do velho professor e a seiva nascente do joven talento que devia eclipsal-o. Não se comprehende como quatro tabuas, pregadas em seis pés de terra, bastem para encerrar um grande homem depois de sua morte, explica-se difficilmente tambem como a intelligencia não soffoca em uma camara de dez pés quadrados, e sob um tecto onde esbarra a cabeça! E porque, vive ou morto, o genio não se mede pelo espaço, que occupa o corpo; elle reside e desenvolve-se na immensidade do mundo e da natureza; não segue o homem ao atáude e ao tumulo; prodeze-se fóra da mansarda e do sol, é uma verdadeira lampada de trabalho, a abobada do céo o tecto de sua morada, o seu morada a gloria todo inteiro. Goulet não deu attenção a natural admiração do procurador, mas ficou tocado do lom particular e do accento commovido com que seu visitante exprimia seu enthusiasmo a respeito de Francisco. Entretanto, a talvez para mostrar firmeza, Goulet refugiou-se na dignidade de seu amor proprio satisfeito, e disse ao procurador a sua phrase sacramental tantas vezes repetida já:

—Senhor, eu sou um pae.

—Eu o sei, replicou o procurador, sei igualmente que sois seu pae adoptivo... e por esses titulos, que um e outro vos fazem muita honra, que alcançou-vos minha admiração e minha gratidão.

—Não vos comprehendo, murmurou Goulet, cujas idéas a respeito do procurador começavam a se confundir.

Tratava elle com sem igual ou com um mecenazinho exigente?

—Vamos ao fim, disse o procurador.

Estas palavras foram ditas de tal maneira que Goulet teve um arripio.

—Vejamos...

—Chamo-me Baptista Giroust.

Goulet fecou branco como o marmore, e pôde articular apenas uma palavra:

—Depois?

—Eu tinha, continuou Baptista, um irmão chamado Angelo Giroust. Erros da mocidade, que a severidade de nosso pae, não soube ou não quiz cobrir de indulgencia, affastaram subitamente este irmão de casa. Ha cerca 20 annos, e de lá então nada sonha de sua sorte

N'este momento Francisco appareceu no limiar da porta; Goulet correu a elle, e apertando-o em seus braços:

—Meu filho! meu filho! exclamou, querem separar-te de mim!

—Quem? perguntou o menino agarrando-se na roupa de seu mestre.

Baptista enternecido, enxugou uma lagrima e adiantando-se então para Francisco estendendo-lhe as mãos:

—Ninguem pensa em roubar-vos a vosso pae, disse elle, venho sómente reclamar o direito que tenho de amar-vos.

—Quem sois então?

—Vosso tio!...

—Meu tio? perguntou o menino naturalmente admirado, e interrogando com os olhos a Goulet.

—Sim, Francisco, o senhor é irmão de vosso pae... O mesmo deixou-se então learteiar pelo procurador, que repetia estudando com enternecimento todos seus traços:

—Sim, é o retrato de meu irmão! Sim, encontro-o em ti.

A fronte de Goulet enrugou-se diante da docilidade instinctiva com que Francisco acostumava-se ás carricias de Baptista; lagrimas abundantes rolaram-lhe pelas faces.

Francisco a vista d'esta dôr profunda e muda, desenvencilhou-se vivamente dos braços de Baptista e veio lançar-se nos de Goulet fixando n'elle um olhar tão cheio de affeição e de manifesta vontade de ficar-lhe sempre pertencendo, que o pobre homem socegou e sentiu uma especie de orgulho.

Senhor, disse elle a Baptista Giroust, ha 13 annos Francisco habita sob meu tecto, posso dizer sob minha protecção; educuei-o, instrui-o, ensinei-lhe uma arte na qual colhe já amplas searas; amo-o emfim como se fosse a carne de minha carne.

O menino pulou com transporte ás mãos de seu mestre.

—Sois seu tio, continuou Goulet, não creio que o queraes impor; tendes pois sobre elle direitos que a natureza legitima. Entre vós e eu, deixo Francisco escolher.

Francisco admirado, não comprehendia bem a alternativa em que Goulet o collocava; não parecia-lhe que houvesse para elle escolha a fazer.

—Mr. Goulet, disse vivamente o procurador, engana-vos sobre minhas intenções; não pense em arrebatar-vos o que chamaes tão justamente vossa obra.

Goulet respirou.

—A escolha de Francisco, além d'isso não me seria

Lazer (*Correio Paulistano*, 1862-1875)



LYCEUM

DO

CORREIO PAULISTANO

RUA DO ROSARIO N.° 49.

Acaba de receber-se nesta livraria um grande sortimento de livros vindos em direitura de Lisboa, e sendo a maior parte d'elles dos mais conceituados autores portuguezes. Além dos que abaixo publicamos, existem muitos mais não só de litteratura, como de direito, religião, instrucção primaria, etc.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Duas horas de leitura. 2.ª edição, 1 vol. ..... 2$500
O romance de um homem rico. 1 vol. ..... 3$000
Onde está a felicidade. 2.ª edição, 1 vol. ..... 3$000
Scenas contemporaneas. 2.ª edição, 1 vol. ..... 3$000
Doze casamentos felizes, 1 vol. ..... 2$500
Amor de perdição, 1 vol. ..... 3$000

Anathema. 2.ª edição, 1 vol. ..... 3$000
Carlota Angela. 2.ª edição, 1 vol. ..... 2$500
Scenas da Foz. 2.ª edição, 1 vol. ..... 3$000
A Filha do Arcediago. 2.ª edição, 1 vol. ..... 3$000
A Neta do Arcediago. 2.ª edição, 1 vol. ..... 3$500
Misterios de Lisboa. 3.ª edição, 2 vol. ..... 5$000
Livro Negro de Padre Dinis. 1 vol. br. ..... 1$500

A. HERCULANO.

O Monge de Cister. 2 vol. ..... 5$000
Eurico, o presbytero. 1 vol. ..... 1$000
Lendas e Narrativas. 2 vol. ..... 6$000
Historia de Portugal desde o começo da monarchia até o fim do reinado de D. João I. 4 vol. ..... 8$000

A. P. LOPES DE MENDONÇA.

Recordações de Italia. 2 vol. ..... 5$000
Memorias de um doido. 1 vol. ..... 3$000
Scenas e phantasias de nosso tempo. 1 vol. ..... 2$500

JULIO CESAR MACHADO.

Scenas da mocidade. 1 vol. ..... 3$000
Contos e Lendas. 3.ª edição, com o retrato do auctor, 1 volume. ..... 3$000

BRITO ARANHA.

Lendas, tradicções e contos hespanhoes. 2 vol. .. 6$000

BERNARDINO RIBEIRO.

Anatilia, romance. 2 vol. ..... 3$000

REBELLO DA SILVA.

Obras Posthumas de Antonio Ribeiro dos Santos. 2 vol.

ALMEIDA GARRETT.

Romanceiro. 3 vol. ..... 5$000

P. JOSÉ DE ALMADA E CASTANHEDE.

Contos e Lendas. 1 vol. ..... 1$000

ALFREDO HOGAN.

Manual do Fabricante de Assucar. 1 vol. ..... 6$000

ALFREDO CAMPOS.

Versos. 1 vol. ..... 1$000

MENDES LEAL.

Contos e Lendas. 1 vol. ..... 2$000

J. M. DA COSTA E SILVA.

Emilia e Leonidas ou a mocidade de Napoleão, poema 1$000
Os Argonautas, poema de Apollonio Rodio, 1 vol. ..... 3$000

M. M. B. DU BOCAGE.

Obras completas, 7 vol. ..... 10$000

BERNARDIM RIBEIRO.

Menina e Moça. 1 vol. ..... 2$000

FERNÃO MENDES PINTO.

Peregrinação (nova edição). 1 vol. ..... 10$000

FREI LUIZ DE SOUSA.

Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres (classica). 2 vol. ..... 6$000
Annaes de El-Rei D. João III, publicados por A. Herculano, 1 vol. ..... 6$000

MIGUEL CERVANTES.

D. Quixote de la Mancha, com o retrato do auctor, 6 vol. ..... 10$000

LUIZ DE CAMÕES.

Os Lusiadas, pequena edição. ..... 1$000

ALVARO DE GOUVEA.

Justa Acclamação do Serenissimo Rei de Portugal D. João IV. 2.ª edição, 1 vol. ..... 1$000

A. A. TAVEIRA DE VASCONCELLOS.

Roberto Valença, romance, 1 vol. ..... 2$000
A Evolução de Monsenhor Pontigaud, romance contemporaneo, 1 vol. ..... 2$000

A. C. P. GAMITO.

O Monte Carmello e os povos Moabita, Chinita, Mesopotamio, Lydio, Lycio, Cretense e da Africa boreal — Diario da expedição portuguesa, agora pela primeira vez publicado. Com um mappa, depois, e outro de muitas gravuras, 1 vol. ..... 5$000

JAVIER.

Quadro elementar de historia natural dos animaes, ornado de muitas e grandes gravuras, 3 vol. 10$000

J. MICHELET.

O Padre, a Mulher e a Familia, traducção por um Andrade Ferreira. 1 vol. ..... 3$000

ANDRADE FERREIRA.

Elementos de Direito Civil Portuguez, comprehendendo o Direito Publico, 1 vol. ..... 5$000

LAMENNAIS.

Pensamentos escolhidos, traducção por A. F. de Castilho. 1 vol. ..... 2$000

EUSTAQUIA DE TOLEDO.

Novo Manual de Conversação em portuguez e francez, ou Collecção de Dialogos familiares sobre todos os assumptos da vida civil, 1 vol. ..... 1$500

Lyrismo, versão e annotada, por Castello Branco ..... 2$500

FRANCISCO SOARES FRANCO JUNIOR.

Sermões, 1 vol. ..... 2$000

DUMAS FILHO.

Dama das Camelias, romance de gravuras. ..... 2$500

A. LAMARTINE.

Historia dos Girondinos, 1 vol. ..... 7$000

ALEXANDRE DUMAS.

Martim de Freitas, romance historico portuguez, 1 vol. ..... 2$000
Os tres Mosqueteiros, 1 vol. encadernados em 2 8$000
Vinte annos depois, 3 vol. em 2 ..... 8$000
Visconde de Bragelone, 10 vol. em 5 ..... 16$000

AUGUSTO RICARD.

Sem um nome antes, 3 vol. ..... 4$500

JOSÉ FRANCISCO DA SILVA.

Diccionario Bibliographico Portuguez, estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil, 6 vol. ..... 30$000

Livros de Educação.

Manual Encyclopedico (7.ª edição). ..... 2$500
Thesouro da mocidade, por L. Roquette, 1 vol. com gravuras. ..... 2$500
Bibbia da Infancia, ou historia resumida do velho e novo testamento. ..... 1$200
O Evangelho para os meninos, em quadros historicos ou recitados do novo testamento, 1 vol.. 2$000
O Expositor Portuguez, ou rudimentos de ensino da lingua materna, 1 vol. ..... 1$000
Methodo Facilimo para aprender a ler tanto a lettra redonda como a manuscripta, 1 vol. .. 1$000
Cartilha da Doutrina Christã. 200
Cartas de A. H. C., a 80 réis cada uma.
O Mestre da Mocidade, ou os effeitos do bom e mau ensino. ..... 2$000
Thesouro da Infancia. ..... 2$000
Estudos economicos e industriaes para uso da mocidade. ..... 2$000
Diccionario Juvenil, contendo instrucções e materias de estudos a mocidade ..... 2$000

Manual do Fabricante para pesar a Massa, Confeitaria e Pastelaria. 2 vol. com duas de boas estampas gravadas, com a descripção de cada uma e todos os moldes ..... 1$500
Horas Marianas ou piedosas ..... 2$500

Manual abbreviado de Missa e do Confessio, encadernado de velado e fecho dourado.. 1 2$000
Deus é o amor perfeito 200
Imitação de Christo, por J. J. Roquette ..... 1$000
Livros de Missa grandes, ricamente encadernados, etc. etc.

Almanack de lembranças para 1862 a 1863... 1$000

PEÇAS DRAMATICAS.

Theatro para ler. — Collecção de comedias jocosas, cada uma 300
Primavera eterna, comedia-drama, por Ernesto Biester, com retrato do autor ..... 1$200
O Bisqueiro de Sebastopol ou regresso de querião do Oriente, comedia 800
A Preferia ou queda de Jerusalem, drama em 5 actos, por D. José de Almada e Lencastre. 2$400
Raphael, drama em 3 actos, por E. Biester... 1$000
A opposição systematica, provérbio em 1 acto, dialogos... Amigos... provérbio em 1 acto, por J. Cezar Machado. 800
O Anjo da Paz, comedia em 2 actos 640

Alem destas peças ha ainda um grande numero de dramas, comedias, scenas comicas, etc.

A Moral Universal, ou os deveres do homem, fundados em sua natureza, pelo Barão d'Holbach, 2 vol. ..... 3$000
As Vidas e Feitos de Monarchia Portugueza que tem honrado o throno, por Vilhena Barbosa, 3 vol. ..... 10$000

Esta obra é de immensa curiosidade e importancia; por ella se conhece a origem de todos os brazões de Portugal, que se acha ali representados por meio de gravuras e acompanhados de artigos explicativos. O artigo que merecem de toda a imprensa é a sua melhor recommendação.

DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA

composto por

ANTONIO DE MORAES E SILVA.

Edição melhorada e muito acrescentada pelo Desembargador Agostinho de Mendonça Falcão, 2 grossos volumes ..... 35$000

SELLOS (PTOS.

E um grande sortimento de todos para os mesmos.

Typ. Imparcial.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18
unesp

As informações, além de escassas e fragmentadas, podem até nem ser percebidas em textos cujo objetivo não é o de informar a respeito das mulheres, daquelas anônimas antepassadas. Seus aparecimentos rápidos e seus longos desaparecimentos podem parecer banais, comuns, indignos de serem historiados, poderão pensar alguns pesquisadores. Mas não pensa assim "o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos", levando "em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história", como escreveu Walter Benjamim.

Nos ecos distantes do cotidiano daquelas mulheres há uma certa afinidade que as aproxima de vidas posteriores. Mais uma vez, citando W. Benjamim, e a sua linda visão do passado:

> "O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso".[3]

Nos papéis manuseados e lidos - manuscritos amarelados, com trechos apagados pelo tempo ou jornais que se esfarelam ao contato com as mãos - a esperança de neles encontrar dados que possibilitem a composição de um quadro coeso, fundamentado, da vida daquelas antepassadas distantes e que parecem inacessíveis à pesquisa.

A busca leva apenas a alguns gestos, pequenos sinais de vida, descrições dos jornalistas "sérios", dos folhetinistas e muitos casos, passados de uma geração à outra. Mesmo pequena, a colheita contribui para a configuração de imagens de mulheres massacradas pelo dever, de moças que se enfeitaram esperançosas para o baile, de jovens que se procuram nos salões e serões familiares, imagens tão próximas daquelas que recolhi em minha infância e adolescência, na pequena cidade de Campos Gerais. Mulheres que não têm como sobreviver, indo atrás de ajuda governamental, reclamando as pensões, viúvas de literatos pobres, solteironas abnegadas ou tristonhas, casadas que morreram cedo, depois de tanto sonho, como Sinhazinha e Laura Milliet.

---

[3] benjamim, Walter. Sobre o conceito da História. In: *Magia e Técnica. Arte e Política.* 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.223 (Obras Escolhidas).

unesp

Dos necrológios ou notícias que falam da abnegação feminina, brotam sombras que se movimentam em uma "roda viva" de afazeres, de dedicação à família, aos pobres, aos doentes. Enxergo-as sempre de cinza ou de negro.

> *Lembro-me de um conto que escrevi nos meus vinte anos, Mulheres cinzentas, sobre duas irmãs que ficaram "solteironas" e se entregaram a uma vida de lamentações e rezas. A inspiração foi uma tia, sofrida, objeto de brincadeiras dos sobrinhos, que lhe arranjavam supostos namorados. Brincadeira cruel, que reacendia esperanças, fazendo-a aprontar-se e ir sentar na varanda, à espera "dos pretendentes", normalmente vizinhos.*
>
> *No final da década de cinqüenta, eram ainda escassas as perspectivas de emancipação feminina, em Minas Gerais. O pânico de "ficar solteirona" aliava-se ao temor de não ter como sobreviver.Tia Alzira era um exemplo: fora costureira, tivera um ateliê com varias aprendizes na pequena cidade de Pains, onde nasceu.Na cidade grande, transformara-se em companhia e enfermeira dos pais, sustentada pelos irmãos mais novos. Lembro-me das queixas dela, limpando cusparadas de meu avô, que mascava rapé, das tardes de domingo, quando ela, após o "jantarado", trancava-se no quarto e nós ficávamos ouvindo, da sala, o seu solitário, as suas reclamações por toda a "serviçama" e trabalho que lhe davam os pais doentes e velhos. E me pergunto, se o redator da curta nota sobre anos de dedicação de duas mulheres A uma paralitica, lembrou-se, por um momento, do significado de "deixar a própria vida de lado" para viver, sentir e esperar, apenas em função da mãe avó paralitica, como no caso que relatarei.*

A minha própria experiência no Clube da cidade de Campos Gerais, apesar de quase um século depois, faz-me conjecturar sobre a vida das jovens paulistanas do século XIX: sofriam esperando prováveis namorados e noivos, temendo não ser convidadas para a contradança, sentadas em cadeiras dispostas em volta do salão, vivendo um humilhante "chá de cadeira", como sofreram, pelos mesmos motivos, as jovens de tantas gerações após? Atormentavam-se com a possibilidade de não se casarem, como a "Diana, caçadora de marido", Olímpia Coriolana, ou excitavam-se ante a nova esperança despertada pelo aparecimento de alguém, como aconteceu com Olímpia Coriolana?

Vicente de Azevedo ridiculariza e reprova o comportamento de Olímpia, que fez, segundo ele, uma insistente corte ao poeta Gonçalves Dias, que "vencido pela pertinácia" de Olímpia, casou-se com ela. [4]

Escrevendo cem anos depois do casamento de Gonçalves Dias e Olímpia, o retrato que Vicente de Azevedo traça da moça está calcado em estereótipos e em "raiva". Sua voz lembra a do "professor", ao qual se refere Virgínia Woolf. O secular "professor", que apesar de ser a voz dominante na Imprensa, Universidades, na medicina e nas religiões, estava sempre com raiva das mulheres.

---

[4] AZVEDO, Vicente de Paulo Vicente de. *A vida amorosa dos poetas românticos*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Esporte e turismo, s@d.,p. 34.

O trabalho remunerado, parco para as mulheres - podiam ser professoras, negociantes, costureiras, bordadeiras, quitandeiras, artesãs de flores, quadros ou tradutoras anônimas obrigava a grande maioria delas a viver à sombra dos pais, maridos, irmãos ou parentes mais distantes. A literatura e os livros genealógicos têm exemplos de tais "agregadas".

Uma vasta gama de comportamentos... "Alguém na terra está à nossa espera". Terei "uma frágil força messiânica" para ouvir e tentar interpretar o apelo de ecos tão distantes? Terei sensibilidade para perceber a "reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo?" Como apropriar-se da "verdadeira imagem histórica, em seu relampejar fugaz"?[5]

Escondidos e guardados em documentos, biografias, cartas amareladas, diários, jornais, os sons de suas vozes ainda ressoam. Através desses distantes e, às vezes, quase inaudíveis sons, o esforço para perceber, compreender como viveram, o que sentiam, suas angústias, medos e esperanças. Tarefa difícil: suas aparições na cena histórica são rápidas, fragmentadas.

Como viveram, antes e depois da rápida aparição? A tentação de adivinhar, de especular, de cobrir os desvãos produzidos pela escassez das fontes com a imaginação, é quase incontrolável.

Elas vão surgindo, fugazes, como sombras: a imagem da mulher submissa, cristã, trabalhadora, "a mulher forte", enaltecida por amigos, parentes e maridos; a da perdulária, dissipada, desobediente às normas, "a nevrótica". Outras, nem submissas e altruistas seguidoras de Rousseau e Augusto Comte, nem cópias de *A dama das Camélias*.

Qualquer dado, por menor que possa parecer de imediato, é vorazmente guardado: somado a outros, pode fornecer indícios, pistas para a tentativa de elaborar uma história do cotidiano daquelas mulheres, tão pouco presentes na História "oficial", nos documentos "oficiais", políticos, econômicos. Qualquer comentário, mesmo casual, de um biográfo ou cronista, é motivo de uma excitada esperança. E eles são poucos.

Frederico de Barros Brotero, escreveu muitos livros sobre as antigas famílias paulistas. Sobre as mulheres, poucas informações. No *A vida do Dr. João Dabney de Avelar*

---

[5] BENJAMIM, Walter. Ob. cit., p.224-5.

unesp

Brotero, após os casamentos, as mulheres "desaparecem", apagam-se atrás das biografias dos maridos. Um exemplo, tomado ao acaso: Maria Constança Benevides Rezende, nasceu em São Paulo, a 18 de dezembro de 1870 e casou, na mesma localidade, com o dr. Gabriel José Rodrigues de Rezende; após a informação sobre o casamento, a biografia do marido. O mesmo se dá com as demais mulheres do livro: cita-se o casamento e em seguida a biografia do marido. E não se fala mais delas.[6] ...

Em romances, cartas e anedotas, muitas vezes a figura estereotipada, frívola, fútil,

sem vontade própria, sem qualquer afinidade com aquelas mulheres que trabalhavam dentro ou fora de casa, para a sobrevivência sua e da família, como existiram tantas.

O crítico da sociedade urbana "fluminense", Machado de Assis, é pouco benevolente na construção de algumas personagens: Sofia, Benedita, Cláudia, Valéria, Capitu, Flora, mesmo Natividade do *Esaú e Jacó* - que comete "pequenos pecados" contra a ética, quando se vale do antigo amor do diplomata Aires para lhe pedir um favor - são mulheres que apresentam características de ardil, futilidade, frivolidade, indecisão, ganância e ambição política.

Em *Esaú e Jacó,* o autor comenta sobre as moças presentes em um sarau, após o Baile da Ilha Fiscal:

> "as moças, pela segunda ou terceira vez, trocavam as impressões do grande baile recente; também falavam de músicas e teatros, das festas próximas de Petrópolis, da gente que ia naquele ano, e da que iria em janeiro".[7]

Teria Benedita, a personagem do conto com o mesmo nome, cansado a "leitora" contemporânea de Machado, com a sua indecisão, langor, falta de capacidade para a ação e a rapidez com que mudava de opiniões e afetos? Ou tal leitora se identificara com ela?

Eu, leitora de hoje, a cada projeto não realizado de Benedita, impaciento-me. O marido foi ser desembargador no Pará, Benedita ficou no Rio e ensaiou, até a morte do marido, uma viagem, não concretizada, para visitá-lo. Deixa-se convencer pela ardilosa filha, a consentir no casamento desta com um oficial. No convencimento, a farda teve o seu peso. Machado descreve-a para "a leitora" como "não sendo nem "Vênus", nem "Medusa",ou seja, uma trivial mulher, como tantas outras:

---

[6] São Paulo: edição própria de 300 exemplares, fora do comércio, p. 200 e segs.
[7] *Obra Completa*. Rio de Janeiro, São Paulo: Jackson, 1950, p.237.

unesp

> "Ao contrário de Medusa, nota-se-lhe o alisado simples do cabelo, preso sobre a nuca. Os olhos são vulgares, mas tem uma expressão bonachã. A boca é daquelas que, ainda não sorrindo, são risonhas, e tem esta outra particularidade, que é uma boca sem remorsos nem saudades: podia dizer sem desejos, mas eu só digo o que quero, e só quero falar das saudades e dos remorsos". [8]

Benedita passa o seu tempo ajeitando o quimono, dormindo com um livro no colo, fazendo projetos de escrever cartas ao marido, de ir visitá-lo, arrumando-se para as festas e saraus... Um dia, sentou-se para escrever ao marido, após ter ajeitado o roupão.

. Depois de ter escrito a data e "Meu ingrato marido", foi interrompida pela filha que a viera buscar para o almoço:

> "Olhou alguns instantes para a filha, como desejosa de lhe dizer alguma cousa grave, ao menos difícil, tal era a expressão indecisa e séria dos olhos. Mas não chegou a dizer nada; a filha repetiu que o almoço estava na mesa, pegou-lhe do braço e levou-a".[9]

Após a morte do marido e do casamento da filha, "um negociante, viúvo"quis casar-se com ela:

> "D. Benedita acolheu a idéia com muita simpatia, embora sem alvoroço. O casamento seria uma consolação, uma companhia. E consigo, na rua ou em casa, nas horas disponíveis, aprimorava o plano com todos os floreios da imaginação vivaz e súbita; era uma vida nova, pois desde muito, antes mesmo da morte do marido, pode-se dizer que era viúva. O negociante gozava do melhor conceito: a escolha era excelente. Não casou. O genro tornou do Sul, a filha deu à luz um menino robusto e lindo, que foi a paixão da avó durante os primeiros meses. Depois o genro, a filha e o neto foram para o Norte. D. Benedita achou-se só e triste; o filho não bastava aos seus afetos. A idéia de viajar tornou a rutilar-lhe na mente, mas como um fósforo, que se apaga logo. Viajar sózinha era aborrecer-se e cansar ao mesmo tempo; achou melhor ficar. Uma companhia lírica, adventícia, sacudiu-lhe o torpor, e restituiu-a à sociedade. A sociedade incutiu-lhe outra vez a idéia do casamento, e apontou-lhe logo um pretendente, desta vez um advogado, também viúvo. Casarei? Não casarei?"

No final do conto, D. Benedita , sonolenta, em uma janela, ouviu uma voz de criança repetir as palavras:

> "Casa.. não casarás... se casas... casarás...".

D. Benedita "teve a força de perguntar à figura quem era:

> a figura achou um princípio de riso, mas perdeu-o logo; depois respondeu que era a fada que presidira ao nascimento de D. Benedita: seu nome era Veleidade." [10]

Um dos mais fortes contos de Machado de Assis mostrando uma mulher destituída de vontade, volúvel, inerte... Assim é Benedita, afilhada de "Veleidade".

Retratando principalmente os grupos mais elevados da sociedade urbana do Rio de Janeiro, Machado esqueceu-se das negociantes, professoras, enfermeiras, costureiras, donas de casa, que realmente faziam as tarefas domésticas, das fazendeiras que

---

[8] *Papéis avulsos.* Rio de Janeiro: Garnier, s\d., p. 136.
[9] Id. Ib. p. 138
[10] Id. ib., p.160-1.

unesp

substituíram os maridos na direção dos negócios, ou com ele colaboraram na atividade agrícola, anexando às tarefas domésticas, de mãe e anfitriã, a de "médica".

Referência à frivolidade aparece também, de forma ainda que carinhosa, em um recado que Álvares de Azevedo envia à irmã:

> "Diga à Nhanhã que eu pretendia escrever-lhe mas que como é tão **preguiçosa** de escrever talvez seja também de ler, e como tem tantos TRABALHOS v.g. ir ao baile, ao teatro, pentear-se etc., coisas que reconheço essenciais e trabalhosíssimas, pode ser que não tivesse tempo de ler a carta..."[11]

Trabalhando com fontes como cartas, necrológios, relatos de vida, biografias, autobiografias, artigos de jornais em que as características pessoais são anunciadas, quase sempre, como positivas, a tarefa de procurar separar a idealização do real, é árdua. Normas, valores e comportamentos se entrelaçam, nos diversos espaços da História Social, formando uma intrincada rede de relações. Como separar, na fala de um parente, marido, ou amigo, o que foi real do que é ideal? Um Necrológio, por exemplo, no qual se costuma exaltar apenas as boas qualidades da morta, serve de indicação apenas para a confirmação do que se idealizava para o comportamento feminino, ou a mulher morta, tão pranteada e objeto de pedidos de preces pela sua alma, fora, realmente, um modelo de virtudes? Nos necrológios que achei, publicados no *Correio Paulistano*, na década de 1860, as que morreram nunca sentiram raiva, brigaram, ou foram ciumentas; não tiveram inveja, não foram impacientes e nem fúteis. Elas têm as qualidades femininas ideais "da mulher brasileira ou paulista". Teriam sido realmente fortes e perfeitas cumpridoras das obrigações que eram estipuladas para elas? Ou a morte e o seu cortejo de mágoas e saudade fizeram com que os defeitos fossem esquecidos? Aquele que ficava, sentia culpa por lembrar as qualidades negativas de quem morreu?

"Xiquinhas, Xaviéis e Gaviôas"

Álvares de Azevedo, nas inúmeras cartas que escreveu à mãe, residente no Rio de Janeiro, faz vários comentários sobre as moças de São Paulo: alguns desabonadores, outros elogiosos, para algumas. São observações de um jovem: Álvares nasceu em São Paulo, em 1831; quando voltou à cidade natal para estudar, na Faculdade de Direito, em

---

[11] AZEVEDO, Álvares de. *Cartas*. (Pref. e org. de Vicente de Paula Vicente de Azevedo). São Paulo: Academia Paulista de Letras, p.78

unesp

1848, estava com 17 anos. Ficou em São Paulo até 1851, não chegando a terminar o curso: morreu da queda de um cavalo, com 21 anos.

Suas observações sobre a cidade, sobre as moças da cidade, a Academia, colegas e professores são carregadas de espontaneidade e exagero de apreciação. Detesta a cidade, acha-a feia, triste, enfadonha com um comércio pobre; critica, de forma impiedosa, as suas "patrícias", que são mal vestidas, sem instrução, não sabendo conviver em sociedade, segundo ele.

Contando os bailes do Clube Concórdia, fala das moças com as quais dança e daquelas que exclui como pares. "

> "Enquanto aos meus pares, resolvi-me a dançar aqui com uns pares certos dos quais não prescindo e em desdouro meu ou de São Paulo seja dito que nem são da terra - são Xaviéis - Olýmpia - e Milliets - que são todas santistas. Enquanto a gente daqui só uma vez na vida danço com as Brigadeiras (Pintos) ou com a filha do Pacheco (que seja dito em parêntesis é uma menina de 13 ou 14 anos que vai aos bailes de calças).[12]

Em outra carta, diz à mãe que

> "a terra de São Paulo, tirando-se 4 ou 5 famílias pode chover-lhes o dilúvio de grandíssima injustiça - só com essas famílias danço eu - Pela morte da D. Joana a saber, do Cláudio, as Xavieis e as Milicts não irão a bailes tão cedo - e ir a bailes para dançar com essas **bestas** minhas patrícias que só abrem a boca para dizer asneiras acho que é tolice - Não julgue Vmce que falo com exageração - a moça senão a mais bonita, a estátua mais perfeita em tudo uma Belisária (Mineira) é uma estúpida que diz - Nós não sabe dançá poquê, etc. e contudo é uma beleza mas 'É uma estátua estúpida e sem vida - como diz o soneto de Otaviano.' [13]

Em carta de abril de 1848, ele fala da chegada de Santos da família do Francisco Xavier. Em nota, Vicente de Azevedo diz que é o Sr. Francisco Xavier da Costa Aguiar de Andrada, conhecido como Capitão Chico e pai das **Xaviéis.** Uma delas casou-se com o Francisco Inácio Carvalho Moreira e foi, portanto, baronesa do Penedo.

As **Xaviéis** voltam à tona, quando foi oferecida uma *soirée,*

> "pelo anos de uma delas - para melhor saber vmcê do assunto da tal reunião, leia este improviso do aquático poeta pai delas:
>
> 'Viva quem faz anos hoje / A quem tenho tanto amor / Quem quiser saber quem é
>
> É a minha filha.

Este destempero de pé quebrado foi pronunciado no meio da sala de calix de licor na destra".

---

[12] Id.,ib., p. 87. Em nota, à p. 88, Vicente de Azevedo informa que "as brigadeiras" são filhas do Brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto, "que por duas vezes presidiu a província de São Paulo.
[13] id., ib., p. 106

unesp

E volta a dizer que dançou com "todos os pares bons da sala - a saber: as 3 Xavieis - a D. Olympia - e as duas filhas do Cônsul Francês em São Paulo - Milliet".[14]

Em outra carta, refere-se à filha da Marquesa e à Belisária, a "mineira",como as mais lindas no baile Acadêmico de ll de agosto de l849. E assim as descreve:

> "A Condessa de Iguassú e a Belisária eram as raínhas do baile - com uma diferença que a Belisária com a simplicidade de seu traje estava mais bonita que a Bela com a sua riqueza de jóias e sedas. A Bela tinha um vestido cinzento que lhe fazia uma cinturinha de sílfide. No colo, numa volta só lhe corria um colar de finíssimas, digo, grossíssimas pérolas. Nem havia de dizer-se se as pérolas aí eram o enfeito ou o enfeitado".

Ainda, sobre a Belisária:

> "não vão lá entender que estava mal vestida. Estava com o seu penteado, de crespos grandes, dous dos quais - um de cada lado lhe caiam nas neves dos ombros e quatro ou seis ou oito sobre o colo. O seu vestido era de finíssima fazenda branca toda bordada de flores de seda verde - Simples porém bem vestida, realizando inteiramente essas criaturas mimosas da fábula que não apareciam sobrecarregadas de pedrarias, porém ricas e ufanas de sua própria beleza - era ela a rainha indisputável, a rainha soberana, a Sultana soberba ante a qual as outras todas eram apenas humildes odaliscas, sobras de sua beleza sem par, era a rosa sobressaindo entre lírios e violetas".

As notas de V. de Azevedo a esta carta são contraditórias: em uma, diz que a Loloca era sobrinha e neta da marquesa e tratada por esta como filha, pois a Marquesa não teve filhas. Na nota 5 explica que a "Bella" era a Condessa de Iguaçú, a última filha da marquesa de Santos com D. Pedro I: Maria Isabel de Alcântara Brasileira.[15]

Belisária não foi identificada, mas devia pertencer à família Soares de Sousa,de Minas Gerais, "em que o nome Belisária era tradicional. De Minas, durante o apogeu fluminense do café, transferiu-se a familia Soares de Sousa para a Província do Rio de Janeiro. Outras famílias fizeram o mesmo". A nota de Vicente de Azevedo não explica porque Belisária estava em São Paulo. Se a família mudara do Rio para São Paulo, ou seria ela uma hóspede.[16]

Na descrição de Álvares, as características que eram ideais para uma jovem: cintura de sílfide, tez marmórea, elegância discreta, sem espalhafato, adornos - que não eclipsassem a beleza, mas que a realçassem - delicadeza, mimosidade. Enfim, a evidência da beleza por si mesma, transformando a sua possuidora em "rainha".

---

[14] Id., ib., p. 66, 67 e 82.
[15] Id., ib., p. 12 e 125-7.
[16] Id., ib., p. 134

unesp

As Gomides, são objeto de referências pouco lisonjeiras; ele diz que Mariquinha Gomide "canta alguma cousa bem, e dá uns arremedos da Candiani". Mas que ,"em geral, cantam sofrivelmente mal as minhas patrícias".

Volta a fazer uma referência depreciativa às Gomides, dizendo que fez cruz na porta da casa delas ,

> "pois não é das melhores nem mais louváveis - pelo contrário é bem nodoada a reputação dessas Senhoras que, contudo, vão a todos os bailes etc.!"

Estaria Álvares atribuindo a péssima reputação dessas senhoras ao fato de irem a todos os bailes? Pelo que informa Vicente de Azevedo, a família Gomide era das mais conhecidas em São Paulo e cita políticos e magistrados da família, contemporâneos de Álvares de Azevedo.[17]

Nova crítica às Gomides: diz que um dos grandes "no pau" é o Gomide, mas que o chefe de Política não

> "querendo desagradar as Gomides - pela simples razão de querer agradar à Chiquinha - não o prende e nem manda recrutar. Ora, valha-nos Deus! Que terra esta onde a polícia é feita por Gomides".

Na apresentação da Filarmônica, que foi prejudicada pela pancada de chuva, cantaram a Mariquinha Gomide e uma filha da Chiquinha que "promete ser uma ótima voz pois que, pouco sabendo ela ainda de música, como é natural a uma menina de 12 anos, tem uma voz muito afinada e muito doce".

Uma coisa que não devia ser muito freqüente: mulheres apresentando-se em público. Nem freqüente, nem bem vista por alguns, como se pode ver na polêmica sobre a apresentação de Josefina Porfírio de Lima. [18]

Vicente de Azevedo esclarece que Francisco de Assis Peixoto Gomide representou São Paulo na Câmara Geral do Império e que o Dr. Martim Gonçalves Gomide foi deputado provincial e o Dr. Antônio Gonçalves Gomide, magistrado e depois advogado. Mas é só. Não se estabelece o nexo de parentesco das Gomides, tão depreciativamente comentadas por Álvares de Azevedo, com tais senhores.[19]

Conta Almeida Nogueira que Antônio Gonçalves Gomide, paulista, filho do cirurgião Cândido Gonçalves Gomide e sobrinho do senador por Minas, do mesmo nome, formou-

---

[17] Id., Ib., p. 75 (nota 6)
[18] BORGES, Urquiza Maria. Josefina deve ou não tocar em público? *ARTEunesp*, São Paulo, v. 7. p.173,185, 1991.
[19] id., ib., p. 61, 73, 75, 91, 95 e 112.

unesp

se em Direito em 1852, foi promotor público de Taubaté e de Campinas, juiz de Direito de Jacareí em 1872 e de Mogi-Mirim,desembargador e presidente da Relação de Mato Grosso em 1880. Tinha o apelido de Tuna, tocava violão, tinha boa palestra e gostava de "ouvir e referir anedotas e casos facetos, o que muito se coadunava com o seu temperamento jovial".[20] Provalvemente, é o Gomide que foi colega de Álvares de Azevedo.

Outra jovem que é elogiada por Álvares de Azevedo é Olímpia Coriolana da Costa, que "se não é uma beleza, lembra esses ideais poéticos dessas virgens frágeis, desses lírios do vale que um sopro lança em terra: é uma cópia da Madalena do Dumas - não te lembras? Também é loura, mas seus cabelos tendem mais para castanhos, seus olhos são pardos, sua tez é pálida. Às vezes, no ardor das danças, no prazer da conversação, ou no cansaço, suas faces se roseiam, ficam como duas largas pétalas de rosa."

Comparando-a com a Laura Milliet, diz que a Laura parece "um anjo num momento de fascinação. A Q. (Olímpia) parece uma santa; e não poderia eu sentir amor por ela: às santas adora-se, mas não ama-se". [21]

Vicente de Azevedo informa que Olímpia é filha do médico Cláudio Luis da Costa e casou-se com o poeta Gonçalves Dias, cuja poesia e vida amorosa são objeto de declarada admiração de Vicente, que transcreve uma carta do poeta na qual ele diz já estar "farto de amores platônicos, passando a terreno mais positivo"; e que foi

> "apanhado com a boca na botija. Foi uma cena como nunca tive, nunca a terás, como nunca a viste escrita em romance. Uma cena de perigo, risco e de amores, que há 30 e tantas horas me traz tonto e pensativo e embriagado".

Acrescenta Vicente, em tom de deslumbramento, que o poeta foi "um colecionador de mulheres", pelos lugares por onde andou.

Gonçalves Dias viu Olímpia pela primeira vez na Fazenda Paraíso, Porto das Flores, Estado do Rio de Janeiro e assim ele a descreveu ao amigo Teófilo: "pálida, desfalecida, arrastando-se a custo sem quase animação, quase sem vida, contrastava com o ruído do baile". Diz que sentiu por ela piedade.

Foram apresentados em outro baile e ele a descreve novamente:

> "natureza delicada, nervosa, excessivamente impressionável, romântica com a leitura de poesias e romances - com as contemplações de uma vida quase solitária,

---

[20] *A Academia de São Paulo. Tradições e reminiscências.* São Paulo: Secret. da Cultura, Ciência eTecnologia\Saraiva S\A., v. 3, p.175-6.
[21] Id., ib., p. 70-1

com o excessivo abuso do chá, persuadia-se de boa fé que era um infortúnio vivo, o resumo de todas as dores da humanidade!"

A partir daí, ele deixou-se levar pelos "esforços" de Olímpia para agradá-lo:

"todos os esforços que era possível fazer para me agradar, ela os fez; todas as considerações; todas as atenções, condescendências extremas eu as tive".

Citando Otelo, que foi amado por Desdêmona "pelas suas desgraças", e correspondeu ao amor dela porque ela "dele se apiedara", o poeta diz sentir-se como Desdêmona, e que Olímpia é o seu Otelo.[22].

Em carta de 26 de julho de 1848 , Álvares de Azevedo refere-se à saúde de Olímpia e de seus parentes, ao contar que D. Joana, irmã do Dr. Cláudio, estava desenganada. Havia ao todo "cinco pessoas de cama na casa do Dr. Cláudio, e além disso, a Olímpia que é talvez a mais doente e parece que é a que há de morrer quando menos se pensar".

Vicente, referindo-se à essa carta, diz, lamentando, que Olímpia não morreu, tendo vivido para atormentar Gonçalves Dias e vencê-lo representando a frágil e doentia:

"Ao conhecer Gonçalves Dias fazia-se de coitada para inspirar compaixão, uma vez que não conseguira despertar paixões".

O autor de *A vida amorosa dos poetas românticos* refere-se à Olímpia sempre com desdém e uma certa raiva; parece não a perdoar pelo casamento com Gonçalves Dias, que aconteceu, segundo ele, devido à insistência de Olímpia. O despeito e a infelicidade de G. Dias por não ter se casado com Ana Amélia, que foi "a paixão de toda a vida" do poeta, transformaram-no em presa fácil para as manobras "da Diana caçadora de maridos".

Cáustico, diz que Olímpia teve o privilégio "raro e imerecido" de ter sido "retratada" por três poetas: Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Francisco Otaviano. Álvares de Azevedo dedicou-lhe uma poesia que consta do album de Olimpia. (Álvares refere-se ao fato, em carta ao amigo Luiz Antônio da Silva Nunes).

Com relação a Francisco Otaviano, Vicente escreve:

"A sorte velou pelo destino de Otaviano, como velou pelo de Álvares de Azevedo. Se a santa tivesse permanecido sob a redoma, ou no altar, não teria também contribuído para a infelicidade de Gonçalves Dias".

Francisco Otaviano, em carta para Areas, também descreve Olímpia como pálida, tendo

"olhos azuis celestes, testa de grande gênio, cabelos castanhos, pensativa, deslizando suas mãos de lívia palidez mórbida por sobre o teclado e traduzindo por sons as suas dores e visões de artista; um tipo especial, organização

---

[22] AZEVEDO, Vicente de Paula Vicente de. *A vida amorosa dos poetas românticos.* São Paulo: Secret. da Cult.Esporte e Turismo, s/d., p. 24-25

> excêntrica, gênio de poeta em corpo delicado; não é em coisa nenhuma a mulher dos meus sonhos. A mulher deve reunir ao angelicismo que resolve as nossas aspirações celestes, formas terrestres que falem a nossos frenesis, aos estremecimentos do afrodisismo. A mulher deve ter o coração e íntimo sentir da virgem, e a lascívia e o apetite da cortesã. Se eu fora poeta da palavra como o sou do pensamento, havia de fazer uma epopéia satanicamente divina da mulher de meus sonhos. (...) Não pode existir uma mulher candidamente cínica? Portanto, já vês que a Olímpia não pode entrar em cena, quando se trata de paixões".

Terminava dizendo que "idolatrava Olímpia como u'a irmã" e que ela era "só a primeira parte do meu poema: um anjo".[23]

Durante as viagens de Gonçalves Dias à cidade de São Luiz, a "clorótica, chorosa e melancólica" não deu sossego ao poeta, escrevendo-lhe com insistência. "Quando o poeta chegou ao Rio "não a procurou mas ela continuou na sua porfia".

Engravidou contra a vontade do marido, que temia que a mulher fosse tuberculosa e transmitisse a doença ao filho. Nesse momento, com relação à gravidez, o autor faz um pouco de justiça, ao lembrar que o poeta esquecia-se de sua "sífilis", lembrando-se tão somente da má saúde de Olímpia. Sifilítico e "aventureiro", quantas mulheres não teria contaminado? Vicente de Azevedo não parece preocupado com as contaminações que as aventuras românticas do poeta teriam provocado. Os comentários em relação a Gonçalves Dias são sempre laudatórios.

O casamento não deu certo; na opinião de Vicente de Azevedo, por culpa exclusiva de Olímpia, que "tinha ciúmes até das escravas". Para se livrar da mulher que "o abafava", Gonçalves Dias foi viver na Europa.

"A estonteada D. Laurita"

O encantamento com Laura Milliet, filha do negociante de origem francesa Luís Afonso Milliet, transborda de várias cartas de Álvares de Azevedo. A beleza dela e de Olímpia Coriolana da Costa são comparadas em uma das cartas, na qual elas aparecem sob as inicias: N.M. e D.Q.. (Iniciais que Vicente de Azevedo afirma serem referentes à Laura Milliet e Olímpia Coriolana.[24] Álvares de Azevedo descreve Laura:

> "É uma dessas moças de cabelos d'oiro e de olhos cor do céu, de faces de rosa e fronte de neves, que parecem a quem as contempla anjos esquecidos na terra a sonhar gozos de outra vida..A certa distância, entre duas luzes, seria uma imagem

[23] Id., ib., p. 27-8.
[24] Ob. cit., p. 70-1.

unesp

> de Santa, um desses ideais de madeixas louras de poeta, uma dessas sílfides que nas noites de luar vagueiam entre as neblinas, à meia noite, a dançarem nas relvas dos píncaros da Calodênia, uma dessas fantasiadas belezas de Ossian, um desses anjos de Moore, um desses anjos formosos que nos tempos primeiros do mundo amaram com amor de anjo as virgens da terra, de tão belas que as acharam. Porém vista de mais perto esvai-se o encanto: o anjo torna-se mulher".

Descreve N (Laura) como tendo "corpo de mulher", sendo alta e "bastante cheia de corpo, sem sê-lo contudo em demasia" ... "A N. pareceu-me um anjo num momento de fascinação". [25]

" O anjo de fascinação", anda na roda da fama e, pouco anjo, comete as suas diabruras. Um anjo endiabrado, a filha do Milliet , que era "a língua mais ferina da cidade, tendo a mania de colocar apelidos nas pessoas. O missivista não sabe ainda qual o dele; assim que o souber manda dizer para "que apreciem a espirituosa rebeca da estonteada D. Laurita". [26]

Entretanto, a estonteante Laura "teve que ceder o trono que ela ocupava nos bailes da Concórdia" para "Bella e Belisária", na festa de ll de agosto. [27]

As moças das quais fala o Álvares de Azevedo não eram filhas de fazendeiros, mas de médicos, engenheiros, negociantes, magistrados e de políticos, como no caso das Gomides. Estou inclinada a acreditar que havia tendência, em algumas famílias urbanas de profissionais liberais e negociantes, a menos rigor em relação à forma como as filhas se apresentavam em sociedade. Os profissionais urbanos estariam mais abertos a uma "modernização" dos costumes, como já acontecia na Europa. O exemplo europeu é um dos argumentos de que se vale José Porfirio de Lima, na citada polêmica a respeito da participação de sua filha Josefina em um concerto público.

José Porfirio de Lima, pai de Josefina, defendeu a participação da filha, atitude considerada de mau gosto por seu genro, por achar este que "uma moça-família", não poderia apresentar-se em um teatro público, onde estaria sujeita a prováveis "pateadas". O genro de Porfirio, João Batista de Almeida Werneck, iniciou, anonimamente, a discussão, que teve a participação de outros paulistanos, que se posicionaram uns a favor e outros contra a apresentação. José Porfirio foi engenheiro da província por mais de 30 anos, tendo se aposentado em primeiro de março de 1884, depois de trinta anos de

---

[25] Idem
[26] Id., ib., p. 82
[27] Id. ib., p.12

unesp

serviço.[28] Mostrou-se mais aberto que o genro às inovações. A apresentação da filha, que não receberia remuneração por se apresentar, frisa em uma de suas cartas, não podia ser confundida com a de uma artista profissional, constituindo-se apenas em uma demonstração de aptidões, o que já era feito pelas jovens européias.

Como Josefina não participou da polêmica, recolhida ao silêncio, enquanto alguns cidadãos discutiam acerca dela, a pesquisadora se frustra pela impossibilidade de saber o que pensou Josefina, objeto de tantas cartas pela Imprensa.

O caso de Josefina, assim como a maneira de se comportarem as jovens urbanas presentes nas cartas de Álvares, indicam menos rigidez de hábitos, mais soltura do que o retrato tradicional da "sinhazinha".

Laura Milliet, colocando apelidos nos outros, adotando uma certa coqueteria em sociedade, desprezando pretendentes, não se parece com a imagem de moça recatada, corando por qualquer motivo, com receios de "ficar falada". Nem as Gomides, "senhoras de reputação bem nodoada", segundo o jovem poeta, "indo a todos os bailes, etc.!!" [29]

O "etc.", seguido das exclamações, aponta para uma crítica àquelas que iam a todos os acontecimentos sociais, mostrando-se em demasia.

Álvares faz reservas às Gomides mas não entra em detalhes sobre o aspecto do comportamento delas que era censurável; todavia, a aproximação que ele estabelece entre "reputação nodoada e "ir a todos os bailes" é evidente. E a tal "reputação nodoada" é motivo para que ele não freqüente a casa delas, fazendo até cruz em sua porta.

Almeida Nogueira, quando escreve sobre Alfredo Eugênio Milliet, filho de Afonso Milliet, e irmão de "Laurita" Laura Milliet, diz sobre esta jovem de l6 anos, que os seus "encantos agitaram tantos corações na Academia, a ponto de inspirar sonetos que se tornaram célebres e também, infelizmente, o suicídio de um estudante". E transcreve um soneto e duas estrofes de Silveira de Souza, destinados à Laura. Em nota de rodapé, Almeida informa que pouco depois do trágico desenlace, a família Milliet mudou-se para o Rio de Janeiro, "onde se entregou à carreira comercial", sendo que um dos irmãos de

---

[28] Assembléia Legislativa da Província de São Paulo. Anais de 1884, p. 9.
[29] Ob. cit., p. 73

unesp

Laura teve "importante casa de baixela e outros artefatos de *christofle* na Rua do Ourives".

Sobre Laura, ele escreve:

> "A interessante menina de cabelos de ouro, face cor de jambo e olhos cor do céu, casou-se com um comerciante, alguém nos disse que inglês, que residiu por algum tempo em Santos e depois se mudou para o Rio de Janeiro. O que nós sabemos com maior segurança é que o marido de Laura não foi para ela um Petrarca, antes se assemelhava no zelo a Otelo. Trazia enclausurada a sua formosa companheira e, quando algum amigo o censurava por isso, respondia: 'não quero que os olhos de Laura façam a outro homem o mal que me fizeram'.

Almeida diz que Laura enviuvou e voltou a morar com seus pais, passando a dar lições de piano, 'pois era de uma educação perfeita, conhecia música a fundo e executava-a com muito gosto e maestria." Ele ganhou de um amigo um daguerreótipo de Laura, do "período áureo de sua formosura. Um primor de estética!" Linda, corada, adorável, olhos azuis, graciosa, bem educada e coquete. É como a descreve.[30]Conta-se que Almeida Nogueira enamorou-se da beleza de Laura e conservava o retrato dela na sua mesa de trabalho. Quando ficou doente e o seu escritório arrombado, levaram o retrato.
[31]

Francisco de Paula Ferreira de Rezende dedica um trecho à Laura Milliet, em suas memórias. É implacável com a jovem de l6 anos:

> "era uma dessas moças que habituadas a serem sempre levadas ao galarim da fama, parece de ordinário não terem vindo ao mundo, senão para serem o tormento e a desgraça de muitos".
>
> "Era em todo caso uma mulher formosa; e sendo como era, francesa, ou filha de franceses, quantos não seriam os pobres corações que ela não saberia prender?"[32]

Segundo o autor, a jovem "francesa" despertou muitas paixões. Uma delas foi no poeta Silveira de Souza que "a amou com todo o ardor. Era a maior ou a única beleza de São Paulo. Em uma poesia o futuro Conselheiro João Silveira de Sousa procurou descrever toda a beleza de Laura; poesia que continuou sendo declamada muito tempo depois." Ferreira cita uns versos que Silveira Sousa dedicou à Laura:

> "tens nas faces de neve a cor do pejo / os langues olhos a do céu pintada; / É nuvem d'ouro a trança desatada / por sobre o colo seu todo espargida".

Almeida Nogueira também cita umas estrofes de um soneto de Silveira de Sousa, dedicada à Laura:

---

[30] Ob. cit., v. 3, p.232-3.
[31] Cartas de Álvares de Azevedo (cit.) p. 85-6. A informação está em nota de rodapé e foi dada ao autor da nota, Homero Pires ou Vicente de Azevedo, por D. Domiciana, irmã de Almeida Nogueira.
[32] REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. Minhas recordações.Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988, 237-8.

unesp

> "Quanto te amei! Meu coração de bardo, / Minha vida, meu ser, minh'alma ardente, / Meus dias, noites, meu futuro e sonhos, / Tudo, tudo a teus pés lancei, e nunca, / Mulher, um teu olhar! / Quanto te amei! Minhas canções doridas, /Orvalhadas de pranto, amor sem termo: / Poesia e paixão, um templo n'alma, / Incenso, adoração, mulher, votei-te, / E nunca um teu sorriso". [33]

O magistrado mineiro diz que as "ilusões do desgraçado poeta" tiveram o mesmo destino das ilusões de "tantos outros antes dele"; foram varridas "pelo mais impetuoso dos tufões, o da ingratidão".

Ferreira de Rezende conta a história da paixão de Feliciano Coelho Duarte por Laura, culpando-a pelo suicídio do jovem. Em tom dramático, aproximando-se do folhetinesco, narra a luta do jovem e brilhante mineiro para que a sua família consentisse no namoro com a francesa. Após o consentimento, Feliciano, "devorado daquele amor que formava para ele o quase único alvo de toda a sua felicidade no futuro" só pensava em se casar. Tudo ia caminhando bem, pensava Feliciano, que, cego, não percebia quem era verdadeiramente o objeto da de seu avassalador amor:

> "Laura era pura de corpo e mais do que ninguém era formosa. Se grande era porém aquela sua tão proclamada formosura, a sua alma parece que não correspondia nem de longe a um tão belo invólucro; na opinião de quase todos não passava de uma simples loureira; ou o que é pior, muitíssimo pior talvez ainda o fosse - Laura era uma formosura que em vez de sentir, ainda quando tremia e chorava, apenas calculava".

Laura se interessou por um moço sem maiores predicados que o de ser herdeiro de uma grande fortuna. Ao contrário de Feliciano, descrito como "alto, barbado, bonito, inteligente e eloqüente", o rico herdeiro era "baixo, gordo, sem grande espírito", não passando de "um estudante sem nome".

O autor enfatiza a falta de qualidades físicas, intelectuais e morais do novo pretendente para mostrar o comportamento interesseiro de Laura, que se deixou seduzir pela fortuna do recém-chegado.

Desprezado,

> "Feliciano inquieta-se; queixa-se; até que em um baile todas as atenções de Laura são para aquele e para este, só reserva os desdéns que se cobrem com o sarcasmo de uma meiguice à flor dos lábios."

No dia seguinte, ou dois ou três dias depois, Feliciano amanhece morto: na sua gaveta foram encontrados alguns resíduos de arsênico.[34]

---

[33] Id.,ib., v.3, p.232
[34] Id., ib., p. 239

unesp

Ferreira Rezende, apesar de não expressar claramente ter sido Laura a culpada pelo suicídio de Feliciano, pelo teor de suas considerações a respeito de Laura e do que lhe sucederá depois, não deixa dúvidas quanto ao partido que tomou: "a loureira", leviana e dissimulada Laura, que provocara a morte de uma inteligência promissora, morreu paupérrima, anos depois, no lugarejo chamado Angu, próximo de Leopoldina, onde Ferreira era magistrado. Se tivesse se casado com Feliciano, que pertencia a uma "abastada e influente" família mineira e cujo irmão foi senador do Império, observa Ferreira Rezende, poderia ter chegado a "uma grande altura", pois Feliciano era superior ao irmão na inteligência.

Ferreira de Rezende transforma a morte de Laura, ainda jovem, num "quase sertão", esquecida de todos, em uma vingança do destino contra aquela que tanto mal fizera, no conceito dele.

A "estonteada Laurita", tinha como sonho "a riqueza, a riqueza unicamente". Pensando estar fazendo um rico casamento, casou-se com um inglês, que ou "não era rico", ou "se porventura o era, veio a perder toda a fortuna".[35]

O final de Laura foi relatadO ao autor por um juiz amigo, que foi chamado para fazer o inventário "ou a arrecadação dos bem poucos bens que Laura possuia". Morreu, deixando aos filhos menores um colégio "bem pequeno e que bem poucos conheciam", perdido "naquele quase sertão".

A frase final de Rezende mais parece um trecho de romance-folhetim:

> "E assim morreu quase que na miséria e quase que no meio do sertão, quem unicamente havia sonhado com a opulência e por meio da opulência, com todos os gozos e todos os esplendores de uma grande cidade".

Nem uma palavra de comiseração pela mulher que, jovem ainda, mas viúva, embrenhou-se "pelo quase sertão" em busca de sobrevivência para si e os filhos. Se ansiava por fortuna, não se deixou vencer pela má sorte e foi ser proprietária de um pequeno colégio, em um pequeno povoado.

A brincalhona e alegre jovem de 16 anos teria sofrido com o suicídio do ex-namorado? Sentiu-se culpada? Envergonhada? A família teria mudado por causa do acontecido? Houve muitos falatórios? Na visão de Rezende, o casamento com um homem pobre e ciumento foi o castigo que a "frívola" Laura mereceu. Mas e a reação dela ante o

---

unesp

marido"Otelo"? A vida com ele foi amarga, tediosa? Teria sido uma Bovary, frustrada com a mediocridade de sua vida?

Em *Romance de uma mulher bonita*, Costa e Silva Sobrinho fala dela. Seu pai, Luís Afonso Milliet, nascido em Paris e que bem moço veio para o Brasil, exportava "gêneros do país, como açúcar, fumo, couros de boi, para Montevidéu, Buenos Aires e sobretudo para o seu país natal. E deste recebia objetos manufaturados como chapéus, louças e outros."

Luís Afonso casou-se em 1831 com Elisabeth Gamble, natural de Nottingham, Inglaterra:

> "deste casamento, que veio coroar-lhes as aspirações ardentes, o primeiro rebento foi uma encantadora menina".

O autor reproduz o assento de batismo da menina que se chamou Laura, realizado em 18 de setembro de 1832. Foram padrinhos Elisa Fomm e seu irmão Augusto Fomm. Os irmãos de Laura, todos nascidos em Santos, foram: Alfredo (1834); Afonso (1835); Emília (1837); Luísa (1839); Olímpia (1841); Ana (1843); Graciano (1844).

Esse autor, como os demais, enaltece a beleza de Laura e se refere às paixões que ela despertou. Entretanto, diferentemente de Ferreira Rezende, atribui ao pai de Laura a responsabilidade por ter a jovem desprezado Feliciano: "Afonso sonhava com um genro francês". Na sua visão, a mudança da família para o Rio de Janeiro, em 1851, está ligada ao suicídio de Feliciano. Viajaram pelo vapor "Fluminense".

Laura se casou no Templo Evangélico do Rio de Janeiro, a 20 de dezembro de 1853, na idade de vinte anos, com um comerciante inglês. O autor recebeu tais informações de Alexandre Haas, paulistano de 1872, "dedicado estudioso" da família Milliet, que confirma a morte de Laura em Angustura, freguesia do município de São José de Além-Paraíba, no Estado de Minas, em 21 de janeiro de 1869:

> "Faleceu no viço dos anos a linda santista, e numa situação tão vulgar como poéticos teriam sido os seus primeiros sonhos. Sua linda figura fundiu-se na sombra, de onde a retiramos agora como quem regala o espírito com as histórias maravilhosas do passado".[36]

O "apagamento" de Laura e de tantas outras, impossibilita uma história mais completa, frustrando a pesquisadora. As mulheres que não foram escritoras, poetas, jornalistas ou

---

[36] *Santos noutros tempos*. São Paulo: s. C. Edit., 1942, p.609-615.

unesp

pioneiras em alguma atividade ou profissão só aparecem quando, tendo feito casamentos brilhantes, tornam-se senhoras de grandes salões, anfitriãs e esposas de homens importantes. Não foi o caso de Laura. "O anjo da fascinação" sumiu em um passado de pobreza, de dias passados na luta pela sobrevivência.

Frederico de Barros Brotero transcreve o termo de casamento de Luiz Afonso Milliet e D. Elisabeth Gamble, em 1831 e relaciona os filhos do casal, citando como primogênita Elisa, batizada em 2 de novembro de 1832, pelos mesmos padrinhos que aparecem como sendo os de Laura. Laura teria também o nome de Elisa? Ou Brotero trocou os nomes?

O segundo filho do casal Luíz Afonso e Elisabeth, Afonso Augusto Roberto Milliet, casado com Maria Carolina Louzada Milliet teve uma filha que se chamou Laura, provavelmente em homenagem à tia, morta aos 37 anos. Outras filhs de Afonso Augusto foram Aída, mãe do escritor Sérgio Milliet [37] e América, casada com Horácio Sabino, informam Brotero e Laura Rodrigo Otávio, sobrinha de Horácio[38].

Sinhazinha, Ana Cândida, Chiquinha, Vitalina, Maria Luiza...

Sinhazinha era o apelido de Antônia Amália Pacheco e Silva, casada com o seu primo Antônio Pompeo de Camargo. Era a filha mais jovem do Guarda-mór Antônio Carlos Pacheco e Silva e de Anna Cândida do Amaral, que se casaram em 1827. Não consegui descobrir a data do nascimento de Antônia Amália; pela data do casamento de seus pais, em 1863, e tendo ela sido a última filha do casal, pode-se afirmar, morreu jovem. a Sinhazinha, quando após o parto de seu nono filho, segundo o atestado de óbito, recebeu "os sacramentos d'unção"[39] e foi absolvida sem confissão, por ter perdido a fala, teria menos de 30 anos.

---

[37] BROTERO, Frederico de Barros. A Família Jordão. *Aditamentos a Silva Leme*. São Paulo, 1948, p.476-7.

[38] OTÁVIO, Laura Oliveira Rodrigo. *Elos de uma corrente*. Rio de Janeiro: Civilização, 1994, p.32 e e 227.

[39] A cópia do Atestado de Óbito faz parte da documentação colhida por José Pompeu de Camargo, que pesquisou durante trinta anos para escrever um livro a respeito de famílias campineiras. José Pompeu, que morava em um sítio, em Sousa, no Vale do Ribeirão das Cabras, morreu (1984), antes de conseguir publicar o livro e deixou os originais com o seu filho, José Pompeu de Camargo, residente na Cidade de São Paulo.

unesp



Antônia Amália Pacheco e Silva.

Os filhos de Antônia, relacionados no inventário, [40] apresentam uma diferença de idade, de um para o outro, de um ano a dois. Os últimos, Abelardo de 15 meses e Amélia de 40 dias, devem ter falecido "muito crianças e sua memória foi perdida", segundo informa Fernando Pompêo de Camargo, bisneto de Antônia.

A família guarda ainda uma carta de Sinhazinha, escrita em 1857, para o seu irmão Francisco, que estudava no Rio de Janeiro (o xerox está anexado no final deste trabalho). Datada da Fazenda Santa Cândida, de propriedade de Ana Cândida, na carta, em papel apropriado, com uma boa letra e um linguajar fluente, Antônia Amália demora falando da "imensa saudade" que sente de Francisco:

> "Só três meses se tem decorrido e essas saudades já se acham no seu auge, porém tudo é suportável ao bem lembrar-me, esperançosa, se Deus quiser, que um dia venturoso virá para com um apertado abraço saciar tantas saudades".

Pede ao irmão que sempre que puder, empregue "um minuto das horas vagas" contando "das tantas cousas belas que já tem visto". Seguem-se depois as notícias de batizados, casamentos e comentários a respeito dos filhos: Antoninha, que "está boa", Dario que "esteve bem doentinho" e a "afilhadinha" do irmão que "está se desmamando"(Vitória, apelidada Vitalina). Após os registros da vida, relata as mortes, inclusive a de "de Joaquina mulata", que "já não podia mais suportar o peso dos anos e caduca até morrer, como antes". Uma notícia que confirma a opinião do descendente e meu informante Fernando, pelo menos em relação à Antônia, de que a sua família tratava os escravos, "humanamente", sem violência maior do que a que já existia no âmago da instituição: a velha escrava não foi jogada para morrer no "olho da rua", através de uma alforria malandra, como aconteceu muitas vezes (Capítulo 5).

Vou transcrever o P. S., por tê-lo achado significativo, como demonstração do amor à vida, curiosidade e gosto pela aparência, características também do comportamento de Antônia Amália que, segundo tradição familiar, foi "senhora de rara beleza e extrema bondade":

> "Mande-me contar como usam os vestidos e os penteados, para você explicar melhor, mande-me dois ou três figurinos modernos, meu vestido preto até agora não mandei vir do Rio, vou encomendar pelo Totó Ruiz que vai buscar fazendas de sociedade com o futuro cunhado; mande contar do que usam os vestidos pretos, se de veludo ou de cetim. Escreva-me sempre e conte-me das modas e de tudo quanto for bonito".

---

[40] CENTRO DE MEMÓRIA DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS, Campinas. Inventário de Antônia Amália Pacheco e Silva. TJC, Cartório 3º Ofício, Caixa 301, processo 6982. A cópia deste inventário, assim como as dos demais que serão citados, me foram cedidas, gentilmente, por Fernando Pompêo de Camargo.

unesp

Dizimada pelos sucessivos partos, Antônia Amália, a que morreu "sem fala", permanece na carta ao irmão jovem e viva.

Em 18 óbitos de mulheres registrados no Livro l, da Casa Paroquial de Cajurú, da Vara da Freguesia de Batatais (1830) e no Livro 7 de Lage, a predominância é de mortes prematuras, sendo que em alguns óbitos especifica-se como causa da morte, o parto. Outras causas citadas são inflamações, febre (puerperal?): Cândida Maria da Mota, morta com 22 anos; Maria Francisca da Conceição, morta com 27 anos, em 1852; Gertrudes Maria da Conceição, com 40 anos, de parto, em 1854;[41] Maria Joaquina Barbosa, que morreu em 1850, com 36 anos, "de inflamação" (Esse registro consta do inventário de José Ferraz do Nascimento, Caixa 137, Proc. 1853, Cartório de Batatais); Theodora Maria da Luz, 22 anos, que confessou e teve missa e enterro solene (sinal de prosperidade); Rosa Maria Alvarenga, morreu com 22 anos, após receber os sacramentos; Ana do Carmo da Boaventura, 22 anos, em 1869; Mariana Maria de Moraes, com 29 anos, de febre, tendo recebido os sacramentos; Rosa Maria Alexandrina, com 23 anos, parto, tendo recebido os sacramentos; Leopoldina Maria da Conceição, aos 15 anos (como já era casada, com Manoel José da Silva Braga), pode ter sido também de parto. Foi enterrada com luxo: "funeral solene, em hábito preto e posta em caixão". [42]

Albino José Barbosa de Oliveira relata a morte de uma irmã, Maria Luiza, nascida na Bahia em 1817. Luíza fora "educada com extremo amor" e Albino diz que a queria muito. Foi madrinha de batismo da filha dele, Francisca. Luiza era "bonita, habilidosa, tocava muito bem o piano, cantava, acompanhava-se"'. Casou-se com um médico de Coimbra, Adelino Fort Gado: como "os gênios não se encontravam" o casal separou-se e Luíza voltou a morar com os pais. Após a morte destes, casou-se de novo com o Dr. Adriano Ferreira, tio dela. Luiza morreu em 1857, de parto, juntamente com o nascituro:

> "Concebendo pela primeira vez, não pode facilmente dar à luz e o menino nasceu morto em 1857. Ela ficou tão estragada, que faleceu alguns dias depois, tendo sofrido muito".[43]

---

[41] Livro um, p. 61. Óbitos copiados por Clarice Barbosa de Magalhães, que faz um levantamento de documentos relativos à sua família, originária de Cajurú e que, gentilmente, me cedeu cópias de alguns.

[42] Os últimos óbitos constam do Livro 7, Lage. As mulheres eram casadas, o que pode significar a possibilidade de que as mortes tenham sido causadas causadas por partos ou complicações dele resultantes.A cópia dos óbitos foi feita por Clarice Barbosa.

[43] OLIVEIRA, Albino José Barbosa de Oliveira. *Memórias de um magistrado do Império.* São Paulo: Cia. Nacional, 1943, p.24.

unesp

Frederico de Barros Brotero conta que a sua "tia Chiquinha" serviu de "segunda mãe" para ele e os irmãos, após a morte prematura de sua "adorada e veneranda mãe", três meses depois do nascimento do último filho.[44]

Brazília Urbana de Aguiar Whitaker, morreu aos 30 anos de idade, "depois de dar à luz nove filhos". Era filha do cônsul da Inglaterra em Santos "e dona de melancólicos pendores poéticos." A respeito dela, escreve Marina Maluf:

> (...)"deixou poesias, provavelmente escritas na fazenda, nos desvãos da lida com a empresa doméstica e com os filhos que teve, e que foram transcritas por suas filhas, netas e bisnetas em suas antologias literárias pessoais. Brazília Urbana escreveu para consumo doméstico, de acordo com o prescrito. Somava às prendas domésticas algum cultivo da alma". [45]

Alimentação não apropriada, condições de higiene insatisfatórias, durante e após os partos, parteiras despreparadas, o excessivo número de partos, a pequenos intervalos, eram causas de mortes prematuras das mulheres e dos nascituros. Se isso acontecia entre as elites e camadas intermediárias, quão maior não teria sido o número de parturientes e de nascituros mortos entre as camadas mais pobres?

Peter Gay, relatando a morte de Elizabeth Chauncey, "já então aproximando-se dos 43 anos", do parto de seu segundo filho, observa:

> "Houve milhares de Elizabeth Chauncey naquela época. O desperdício de vitalidade humana, de vidas florescentes e cheias de energia de jovens mulheres, foi simplesmente enorme. O espectro de uma morte prematura pairava como uma praga imprevisível sobre os pobres e sobre os prósperos, sem distinção. Isabella Beeton, a autora do livro de conselhos caseiros preferido na Inglaterra, uma jornalista ativa e conceituada, perdeu sua primeira criança quando esta tinha três meses de idade, e a segunda aos três anos; ela mesma faleceu em 1865, de febre puerperal, após o nascimento de seu quarto filho, quando tinha apenas 28 anos". [46]

Apesar do clorofórmio ter se "tornado disponível para aliviar as dores do trabalho do parto e do nascimento propriamente dito", os processos da gravidez e do parto apavoravam as mulheres e traziam muitos sofrimentos. A utilização do clorofórmio teve que enfrentar barreiras de preconceitos, de crenças religiosas que estipulavam como "naturais, benéficas e teologicamente corretas" as dores do parto:

> "Os homens racionalizavam seu prazer secreto diante da dor da mulher argumentando que essas dores aceleravam o processo do parto; e, de resto, não era verdade que desde os tempos imemoriais as dores acompanhavam o parto?"[47]

---

[44] BROTERO, Frederico de Barros. *Descendentes do Conselheiro José Maria de Avelar Brotero.* São Paulo: ed. própria, 1961, p.216.
[45] MALUF, Marina. *Ruídos da Memória.* São Paulo: Siciliano,1995, p.177.
[46] GAY, Peter. Ob. cit., p. 171
[47] Id., ib., p. 172

unesp

O recurso à cesariana realizava-se somente em casos extremos e até meados do século XIX as mulheres e as crianças não sobreviviam à operação. Aliás, a cesariana foi impulsionada pela Igreja, que determinava que as parteiras tirassem a criança das mães mortas para não serem enterradas sem o batismo.

Conforme escreve Jürgen Thorwald, a respeito da cesariana:

> "Certo é apenas que o 'parto, mediante incisão', atestado das dificuldades do parto em todos os tempos, figura como recurso extremo, em documentos milenários - desde o Rig-Veda, o mais antigo dos livros hindus, e o Talmud dos judeus, passando pelos testemunhos dos gregos, dos romanos e dos árabes, até à época de Porro, porque a história universal do parto é a mais dolorosa, a mais desumana das histórias universais". (Grifo meu).[48]

Segundo esse escritor, foi um médico italiano, Edouardo Porro que realizou, no Hospital São Mateo, em Pávia, a primeira cesariana seguida da extirpação do útero, necessária para evitar a morte da paciente por uma brutal infecção. Nas cento e trinta e quatro operações cesarianas, pelo método de Porro, praticadas após a primeira experiência deste médico, em 21 de maio de 1876, a percentagem de mortes foi de 56%,

> "percentagem que ora nos pareceria monstruosa, mas então, quando importava em 100%, já parecia uma benção, uma sorte inesperada".[49]

A infecção pós-parto, ou febre puerperal, foi outra causa de milhares de mortes. Thorwald conta a reação dos "deuses" da medicina em face da descoberta de Semmelweis a respeito "da infecção pelo contato". Este médico, desiludido com a insensibilidade dos luminares da Obstetrícia, que não lhe deram ouvidos e continuaram passando dos cadáveres para as parturientes, com as "mãos sujas", teve crises nervosas causadoras de seu internamento em hospital psiquiátrico. Acabou morrendo, prematuramente, de uma infecção provocada pelo corte de um bisturi com o qual dissecava um cadáver. A angústia levou-o a escrever cartas abertas aos principais professores - Scanzoni, Siebold e Späth - "cada um deles, um luminar da obstetrícia européia contemporânea". Escreveu a Scanzoni:

> "A sua doutrina, Senhor Conselheiro Áulico, assenta nos cadáveres das puérperas assassinadas pela ignorância...Se a minha teoria se lhe afigura falsa, convido-o a expor-me as razões em que funda a sua opinião..."[50]

---

[48] THORWALD, Jürgen. *O século dos cirurgiões.* (Conforme documentos de seu avô o cirurgião H. E. Hartmann). São Paulo: Hemus, s/d., p. 199.

[49] Id., ib., p. 217-8. O autor cita dados de uma Clínica de Zurich, relativos ao período de 1935 a 1949, com apenas seis mortes em 899 cesarianas. O livro foi escrito na década de 1950, motivo pelo qual o citado período é o último referencial do autor.

[50] Id., ib., p. 244

unesp

A resposta que deram a Semmelweis foi o desprezo e a sua marginalização da classe médica, da qual, segundo os destinatários das cartas abertas, "ele se excluía por si mesmo, pelo seu descomedimento".

Ana Cândida - mãe de Antônia Amália - morreu aos 73 anos, em 1883 e teve teve cinco filhos. A tradição familiar atribui a ela a imagem de mulher forte, administradora eficiente dos bens da família, "em pé de igualdade" com o marido, Guarda-mor Antônio Carlos Pacheco da Silva. Após a morte deste, "ainda jovem", assumiu sozinha a administração. Viviam na Fazenda chamada "Queluz", entre Itú, Campinas e Capivari onde iniciaram plantação de café. Depois que Antônio Carlos morreu, Ana Cândida vendeu "Queluz" e foi para Campinas, sua cidade natal, onde adqüiriu terras e abriu "a grande fazenda *Santa Cândida*, construindo um grande solar e plantando milhares de pés de café". Mais tarde, Ana Cândida permutou "Santa Cândida" pela fazenda "Palmeiras", mais próxima da cidade. Esta pertence hoje à Fábrica de Máquinas de Costura Singer, chamada de "Companhia Palmeiras de Máquinas e Móveis", próxima ao Aeroporto de Viracopos. [51]

No inventário de Ana Cândida consta um monte-mor de 198:522$000, um passivo de 5:955$00, ficando para ser dividido entre os herdeiros 192:567$000. Pela descrição das casas "do sítio" e da cidade, esta decorada de acordo com o bom gosto da época, vê-se que o luxo já havia chegado à família: na "do sítio" havia: dois sofás, mesa redonda, aparadores, piano, (grifo meu) cadeira de balanço, cadeiras, mesas de pés torneados, relógio de parede com caixa, marquesões, cômodas, seis quadros, várias camas catres e dois veículos: um Troly, (carro leve de quatro rodas, para dois passageiros, com ou sem boléia para cocheiro) e um Banguê (cadeirinha com dois varais, onde se atrelam dois burros, um na frente e outro atrás, para transporte de pessoas). Na casa da cidade, com duas salas, havia: na primeira: sofá, mesa redonda, aparadores, de tampo de mármore, cadeiras de braço "ditas singelas", espelho oval; segunda sala: estofado de veludo, marquesão, tapetes, globos de iluminação, aparelhos de porcelana e de cristal e a sempre presente máquina de costura. Outros móveis de sala e alcova são citados, como: cômoda de Caviuna com escrivaninha, marquesa de Sallas, cama francesa, cômoda de

[51] Dos originais, citados, de José Pompeu de Camargo.

unesp

caviúna com friso, mesa de jantar, cadeiras de balanço, fogão de inverno, canastras, etc. [52]

Um "adeus à Queluz", escrito há cento e cinqüenta anos atrás, por Ana Cândida está em poder de um dos descendentes do último filho dela, Dr. Francisco Eugênio Pacheco e Silva . No adeus, em estrofes, a autora "canta" a beleza da natureza, do pomar e do jardim da fazenda, vendo-a como um refúgio, onde ela pudera ser feliz com o marido e os "filhinhos":

> "Adeus jardinzinho querido, onde algumas horas me entretinha à sombra do caramanchão / Para gozar das viçosas flores de aroma agradável / Adeus gratos lugares, para mim de eterna lembrança / Onde vi brincar os meus caros filhinhos na infância vigorosa".

O contato com as "matas frondosas de gigantescas sombras", o canto dos pássaros, as "viçosas palmeiras", a colina, onde ia "contemplar tudo quanto podia avistar, como nuvens doiradas", deixadas pelo "sol em sinal de despedida", eram para Ana Cândida um meio de "elevar o pensamento a Deus, só nele pensar e o mais tudo abandonar".

Melancolia, misticismo, amor à natureza, sentimentalismo, paixão pelo marido e pelos "filhinhos" seriam os traços predominantes na personalidade de Ana? Os seus descendentes não souberam informar como eram as suas relações com os escravos. Mas, consta do seu inventário, que "não puderam dar valor à escrava Josefa, descrita pelo inventariante, por se achar fugida". Por não se saber se a escrava fugiu antes ou depois da morte de Ana Cândida, a fuga não pode ser tomada como um indício de maus tratos da fazendeira e de seu feitor, admitindo-se a impossibilidade de um feitor ser violento, sem o consentimento da "senhora". O feitor citado no inventário não é livre ou liberto, é um escravo de nome Adão, avaliado por 1:700$000. A condição de escravo não significa que o feitor pudesse ser mais suave em sua função; pesquisas vêm demonstrando que o escravo-feitor podia ser tão violento quanto outro, livre ou liberto; por ter sido cooptado, para agradar os senhores e obter regalias, ou, como ironiza Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas,* para descarregar em outros os maus tratos recebidos. (Capítulo 5).

Vitalina fala de uma sua avó, que passava muito tempo na fazenda (Ana Cândida vivia mais na fazenda do que na cidade e era uma das avós de Vitalina, sendo a outra Thereza

---

[52] CENTRO DE MEMÓRIA DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS, Campinas. Inventário de Ana Cândida Pacheco do Amaral, 1883. TJC, 1º Ofício, Caixa 261, processo 5178.

unesp

Michelina), que desculpou um escravo fugido que, chegando até ela com dois "pequenos pedaços de pau", ajoelhou-se aos seus pés, formando uma cruz e pediu perdão, em nome da cruz, "por esta veiz". Ao que ela respondeu:

> 'Por esta vez está perdoado, mas, por essa cruz, precisa criar brio'. E dava ordem para que fosse confortado e agasalhado". [53]

A respeito dessas "escritoras" da mesma família - Antônia Amália, Ana Cândida - chama a atenção o fato de filhas de fazendeiros terem uma instrução que lhes permitia escrever cartas, crônicas e poemas. Com quem teriam estudado Ana Cândida e Antônia?

A primeira escola pública, na Cidade de São Paulo, data de 1828. No interior, as primeiras foram criadas em Itu, São Sebastião, Taubaté e Sorocaba e em condições precárias, segundo as reclamações das professoras. A instrução deveria preparar as moças para serem boas donas de casa e um tanto devotas.[54]

A instrução feminina fazia-se em casa, por quem estivesse habilitado, ou nos Recolhimentos: na Cidade de São Paulo havia o recolhimento de Santa Teresa e em Sorocaba o de Santa Clara. [55] A partir dos meados do século, já devia ser hábito entre os liberais mais abastados contratarem professoras européias, como se vê nas memórias de Maria Paes de Barros. Na década de 1850 o "Comendador" contratara *"Mademoiselle"*, que ministrava as lições em francês e alemão. Lições de português e de piano, eram dadas por "Dindinha, dotada de excelente ouvido musical". Quanto ao português, escreve Maria:

> "Pobre vernáculo! Enquanto a Gramática Francesa era decorada a fundo, limitava-se o ensino do português a minguados estudos no pequeno volume da 'Enciclopédia'. [56]

Álvares de Azevedo comentou o jeito de falar das paulistanas, "caipiras" que maltratavam o português, como já se viu no Capítulo Um.

Pelo inventário do pai de Ana Cândida, José Rodrigues, do qual constam alguns livros, pode-se concluir que havia na família uma tendência a valorizar a alfabetização, o

---

[53] QUEIROZ, Vitalina Pompeu de Sousa. *Reminiscências de Campinas.* Campinas: s. C/Edit., s/d. Apresentação de: José de Castro Mendes e José Pompeu de Camargo, p.p.31. Vitalina, como o seu sobrinho-bisneto, Fernando Pompêo de Camargo, ressalta que os "maiores" de sua família eram bons senhores. No texto, Vitalina refere-se a 1889, "como o último verão". Portanto ela deve ter escrito Reminiscências a partir de 1889, com a idade de 34 anos.

[54] RODRIGUES, Leda Maria Pereira. *A instrução feminina em São Paulo.* Subsídios para a sua história até a proclamação da República. São Paulo: s. C/Edit.: 1962, p.71-3.

[55] Id., ib., p. 45-60.

[56] Ob. cit., p. 20-1.

unesp

aprendizado do francês e a aquisição de alguns conhecimentos gerais elementares. São os seguintes os livros inventariados: "uma obra, em 9 tomos, do Padre Theodoro de Almeida (o nome é incompreensível); Dicionário de Francês; Um 'livro novo' de francês; um livro intitulado Novo Atlas; um intitulado Curso Máltico; uma Gramática Portuguesa; um Bom Tempo, autor de medicina".[57]

Anexados ao inventário, os quadros demonstrativos das despesas feitas pela inventariante, Ana Matilde, mulher do inventariado. No relativo ao ano de 1929, Ana Matilde registrou as seguintes despesas:

> Pagamento a Manoel Alvim para ensinar Gramática Latina a dois filhos meus em São Paulo: 20$000 /
>
> Despesas com os mesmos 50$000 /
>
> Livros para os mesmos 55$000

Depois dos primeiros estudos, os meninos continuavam na Europa, Rio de Janeiro ou na Academia de São Paulo. Mas e as meninas Ana Cândida e Theresa Michelina, filhas de Ana Matilde, como aprenderam a ler e escrever? Em casa, com professores particulares? Os descendentes não têm informação sobre esse fato.

Como se viu anteriormente, Ana Cândida foi uma eficiente administradora de sua fazenda, o que pode ser comprovado pela fortuna constante de seu inventário. Seguiu o exemplo da mãe, Ana Matilde: esta, por decisão do Juiz Curador dos órfãos, a pedido do Capitão-mor Floriano de Camargo Penteado, tutor, ficou com a administração dos bens, cuja partilha prejudicaria os órfãos.

José Rodrigues Ferraz deixou uma herança avaliada em 24:326$000 e dívidas no valor de20:786$000. O saldo para ser dividido entre os herdeiros era menos de 4:000$000. Ana Matilde entrou em contato com os credores, provavelmente, conseguiu prazo para o pagamento das dívidas e passou a administrar a Fazenda Sete Quedas, o que fez até o ano de 1836, quando foi dissolvida a sociedade organizada entre ela e os filhos, de forma amigável. Nesta data, a sociedade faz um inventário dos bens, para se proceder a partilha: em Monte mor, apurou-se 37:244$000; em dívidas: 10:876$000. Portanto, um saldo positivo de 26:367$000 para ser dividido, demonstrando o quão profícua foi a gestão de Ana Matilde. Esta, quando morreu, deixou um "líquido partível" de

---

[57] CENTRO DE MEMÓRIA DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS, Campinas. Inventário de José Rodrigues Ferrás do Amaral, 1819. TJC, Cartório 1º Ofício, Caixa 20, Processo 549.

33:406$000 para os seus herdeiros.[58] Tereza Michelina, filha de Ana Matilde, conseguiu administrar de forma eficiente as heranças recebidas, pois no seu inventário (1882) o seu patrimônio foi avaliado em 1.611:414$000, fortuna notável, para a época. Fazendo parte da herança, 122 escravos, avaliados em 166:250$000.[59]

Tendo nascido em 1801, Theresa Michelina ficou viúva do Capitão Antônio Pompêo de Camargo, em 1836, na idade de 35 anos, com três filhos menores: Ana Guilhermina, doze anos (Ana Guilhermina se casará com o seu tio, irmão de sua mãe, Joaquim Bonifácio do Amaral, futuro Visconde de Indaiatuba); Antônio Pompêo de Camargo, dez anos e Francisco Emílio, de cinco anos. Teresa tinha em sua companhia também dois filhos naturais do Capitão Antônio e consta também como herdeira, no inventário, Maria Delfina, outra filha natural.

Anexada ao inventário, uma petição de Thereza ao Juiz de òrfãos, de 24 de abril de 1837, inconformada com a nomeação de um tutor para os seus filhos menores:

> "(...)A suplicante na qualidade de mãe de menores filhos órfãos está nas circunstâncias de ser tutora, e para esse fim não só está pronta a hipotecar todos os seus bens, como a dar os fiadores que V. S. quiser e achar justo, pois que ninguém melhor pode zelar de seus filhos doque a suplicante e como proferia Mãe".

Thereza nomeia seu cunhado Francisco Teixeira Nogueira o seu fiador e, em seguida à resposta do Alferes José de Campos Penteado, de que a suplicante tinha condições para ser Tutora de seus filhos", o juiz aprova a solicitação de Thereza.

Firme e decidida a atitude de Michelina. Apesar da firmeza de caráter demonstrada perante o Juiz de Órfãos, a tradição familiar atribui a ela bondade e cordialidade, no trato com a família, amigos e escravos.

Vitalina, neta de Thereza Michelina, relata a história de um plano para "um levante" de escravos, liderado por um branco de nome Vespasiano, que só não se realizou porque no dia da procissão do Encontro, o padre, durante o sermão, citou, no meio dos episódios do martírio de Cristo, os nomes de imperadores romanos Vespasiano, Tito e Tibério, que, por coincidência, eram os nomes dos líderes do levante. Ouvidos os "seus nomes", do púlpito, os líderes, com medo de terem sido descobertos, fugiram para o mato. Após o episódio, um pardo, escravo de Joaquim Egídio de Sousa Aranha, Barão de Três Rios

---

[58] CENTRO DE MEMÓRIA DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS. Campinas. Inventário de Ana Mathilde de Almeida Pacheco, 1844. TJC, Cartório 1º Ofício, Caixa 105, Processo 2460.
[59] CENTRO DE MEMÓRIA DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS, Campinas. Inventário de Theresa Michelina do Amaral Pacheco, 1882, TJC, 1º Ofício.

unesp

e incentivador da imigração, contou o que sucedera. Fazia parte do plano matar os maus senhores, queimar casas, mas

> "algumas famílias antigas, conhecidas e grandemente estimadas pela moderação e mansuetude para com os escravos, seriam poupadas na terrível hecatombe. Entre essas, haviam escolhido uma que seria a família reinante, pois seria aclamada a sua rainha, a sua chefe, a ilustre matrona que gozava com os seus, de mais justo acatamento na cidade de Campinas:".[60]

A família procura enfatizar as relações de amizade que os seus membros mantinham com a escravatura. Vitalina, além desse episódio envolvendo a sua avó Teresa, escreve que, em Campinas, quando um senhor, feitor ou administrador era assassinado pelos escravos, ouviam de seus "maiores, penalizados:

> 'De duas não escapam... Ou vivia à meia com os escravos, ou era um carrasco! Não tem por onde escapar!' E raras vezes nãoficava plenamente confirmada tal asserção".

Afirma a autora que "escravos pretos não matavam senhores ou administradores, que embora severos, fossem moderados e justos". Ela não explica, nem nesse momento, nem quando relata "o levante", o que eram castigos moderados e justos. Em relação ao levante, diz:

> "Deram provas, nessa ocasião, os campinciros, de inteligência sagaz e serena energia. Não faltaram instigações para que castigos exemplares fossem realizados, a fim de que não fosse mais perturbada a tranqüilidade pública. Precisavam de um escarmento inexorável! Sem ligarem aparentemente a importância devida a tão grave ameaça de perturbação da ordem pública, tomaram as diligências precisas com bem dirigidas investigações e fecharam a questão da melhor maneira possível, podendo encontrar então a população no sossego e na paz habituais".[61]

Vitalina retrata relações baseadas em "verdadeira amizade", entre senhores e escravos, principalmente entre as amas e os jovens senhores. Quando um jovem casal levava consigo suas amas e respectivas famílias, estas passavam a disputar por maior influência junto aos senhores, "formando pontos de rivalidades", que eram conciliados através de casamentos entre os dois grupos. A autora recorre ao testemunho de estrangeiros, que se admiravam com "a benevolência, a funda confiança desse trato e a cega dedicação com a qual correspondiam os escravos a essas provas de confiança e amizade". Conta de uma avó sua, provavelmente trata-se de Thereza Michelina, que vivia mais na cidade do que na fazenda, próxima da cidade, que

---

[60] QUEIROZ, Vitalina Pompêo de Sousa. Ob. cit., p. 19. Vitalina não diz o nome "da ilustre matrona". Em nota de rodapé, provavelmente as notas foram organizadas por José de Castro Mendes, é esclarecido que a matrona era Thereza Michelina e que ela e seus filhos, genro e enteada eram "todos fazendeiros e excelentes para a sua numerosa escravatura".

[61] Id., ib., p. 20

unesp

> "dava tanta folga e meios para os escravos conseguirem alguma cousa, que chegaram alguns a possuir na cidade pequenas casas de aluguel, com que poderiam comprar a sua liberdade". [62]

Demonstrando não desconhecer e não fingir que não estava vendo o lado mais nefando da escravidão, Vitalina afirma, em relação à fama que os fazendeiros campineiros tinham de "cruéis verdugos" de seus escravos:

> "O que julgamos poder asseverar, sem receio de contestação, é que formavam os senhores carrascos uma sombra negra sobre o quadro da risonha Campinas, notável pelas famosas festas nas fazendas, nas quais tomava parte com suas danças e seus cantares, a pobre gente preta, boa e amorável, que a elas se entregava com tal entusiasmo e com tão grande e espontânea alegria, que não seria possível descobrir nesse meio festivo e barulhento, o atordoamento de uma vida atormentada, isso é indubitável".[63]

Quanto ao último fato, no Capítulo 4, falo de Luíz Pajem (pajem era uma espécie de criado pessoal, que cuidava da roupa do senhor, fazia-lhe a barba, dava recados, etc.), filho de Theóphilo, que fora escravo de Thereza Michelina e que deixou uma pequena herança para os filhos.

O "alto grau de civilização" a que chegara a família de Vitalina - da qual ela tira os exemplos e que chegara ao propagado estágio, através "da educação e exemplos de distintos antepassados" - é que condicionava o "notável trato entre o senhor e os escravos, que chegavam a ganhar a estima dos seus brancos".

Vitalina tem razão ao atribuir a menor violência da instituição escravista - em si uma violência - a um "alto grau de civilização"; proprietários de escravos com um mínimo de bom senso não iam destruir, através de má alimentação e maus trato, a saúde daqueles que lhes eram vitais para o desenvolvimento de suas propriedades e que, a partir da extinção do tráfico, tiveram seu custo muito elevado.

Quanto à alimentação da escravaria, acrescenta a autora:

> "(...) dos numerosos hóspedes da cidade e de fora, que procuravam as fazendas para mudança de ares e repouso, muitos pediam, nas horas das refeições, o saboroso feijão gordo com torresmos e angú de fubá, de caldeirão da gente, misturado com verdura variada e silvestre, que colhiam em abundância nos cafezais. A saudável e apetitosa chicória, a serralha, o almeirão, a mostarda, a beldroega, a taoiva ou tala, como também o delicado cará; o carurú, a abóbora, o mangarito (...) a branca e desenfastiante canjica, indefectível no jantar da gente, por vezes, com melado e rapadura". [64]

Francisca Pompêo de Camargo (pelo seu casamento com Dario Pompêo de Camargo, filho de Antônio Pompêo de Camargo) era a promogênita do 3° casamento do Capitão

---

[62] Id., ib., p. 29 e 30
[63] Id.,ib., p. 26
[64] Id., ib., p. 27

unesp

Francisco José de Camargo Andrade com Maria Luíza Nogueira, filha de Luciano Teixeira Nogueira, proprietário da Fazenda Laranjal, no Distrito de Joaquim Egydio. No inventário do Capitão Francisco José (1869) constam 7 fazendas de café, entre outros bens, minuciosamente descritos. A "legítima paterna" de Francisca foi de 24:356$000, em terra, dinheiro e uma escrava Justina, avaliada em 1:800$000.[65]

A mãe de Francisca casou-se com Antônio Pompêo de Camargo, em 1871, passando este a cuidar da educação dos enteados. Antônio matriculou as enteadas no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, de Itu, provavelmente por ser considerada a melhor opção para meninas católicas, opção vista por Antônio Pompêo com reservas, como já se viu no Capítulo Três. Neste Capítulo, mostrei que a preocupação de Antônio Pompêo com o fanatismo que poderia provir da educação ultramontana é similar àquela que orientava os editoriais do *Correio Paulistano* e fundamentava-se no temor, não apenas do "esfriamento das afeições paternas", mas da prodigalidade excessiva em relação às Irmãs, que estimulavam tal prodigalidade durante a permanência das meninas no colégio. A respeito de tal prodigalidade, Ivan Manoel escreve acerca das doações feitas pelas famílias das elites cafeeiras às irmãs de São José e as relações entre essas famílias e as irmãs, que continuavam "ao longo do tempo".

Um exemplo é o da ex-aluna Ana de Queiroz Telles, casada com Jorge Tibiriçá Piratininga, filho do republicano histórico João Tibiriçá Piratininga. Em 1906, quando Jorge Tibiriçá ocupava a Presidência do Estado de São Paulo, ele, "por indicação de sua esposa, desapropriou a chácara de Veridiana Prado, situada na rua da Consolação nº 93 e entregou-a às Irmãs de São José, para instalarem o *Seminário da Glória"*. Carolina Ferraz de Almeida Prado, ex-aluna do colégio em Itú, forneceu, juntamente com o seu marido o Major Marcelo Prado, "os recursos financeiros necessários para a instalação do orfanato anexo ao *colégio São José* em Jaú.[66]

Em 1877, Francisca aparece como aluna do Colégio Rangel Pestana, onde terminou seus estudos, depois de ter estudado por três anos (1871-1873) no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio de Itu, dirigido pela Madre Teodora Voison. Segundo tradição familiar, ela não gostou de ter sido transferida, juntamente com a irmã Olívia, para o novo Colégio,

---

[65] CENTRO DE MEMÓRIA DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS, Campinas. Inventário do Capitão Francisco José de Camargo Andrade, 1869. TJC, Cartório 3º Ofício, Caixa 320, Processo 7.117.
[66] No caso, o custo da desapropriação foi do contribuinte e não particular. MANOEL, Ivan. Ob. cit., p. 175-176

unesp

por terem deixado colegas, professoras "e a querida diretora, que continuou por toda a existência uma desvelada amiga e companheira, para todos os momentos de alegria e aflições" [67]

Francisco de Rangel Pestana era amigo e correligionário político de Antônio Pompêo de Camargo, ambos fundadores do Partido Republicano em Campinas; como se viu de sua prestação de contas, transcrita no Capítulo 3, a amizade e a afinidade política não foram os únicos motivos que levaram o tutor de Francisca a mudá-la de colégio.

Francisca casou-se Dario Pompêo de Camargo, filho do casamento de Antônio com Sinhazinha, em 28 de abril de 1881:

> "O casamento realizou-se na Capela Particular da senhorial mansão de Da. Thereza Michelina do Amaral Pompêo, avó de Dario, à noite, em grande gala, em que compareceu a fina flor da sociedade de Campinas e de são Paulo, seguindo-se recepção e baile, por dois dias. No terceiro dia, a festa continuou na Fazenda Sertão, constando de um grande jantar, baile e samba, oferecidos aos empregados e escravos". [68]

Após o casamento, Dario iniciou "a montagem de sua fazenda, anexa ao Sertão, um lugar de boas terras, boa conformação, com altitude de 1.200 metros e com trinta escravos. Plantou 60.000 pés de café, cuja primeira colheita produziu dezoito mil arrobas de café, ou 300 por mil pés".

O casal contratou o Engenheiro Ramos de Azevedo para reformar a sua casa do Sítio Novo (Alpes):

> "Foi uma das primeiras casas de fazenda que teve água encanada, instalações sanitárias, gás acetileno e o primeiro telefone de Campinas, ligando a fazenda à casa da cidade".

Durante alguns anos o casal, que teve dez filhos, viveu na abastança, com luxo:

> "Preceptora francesa, cozinheiro chinês, vinhos e conservas das melhores marcas da França, Chiquinha vestia modelos de Paris, e Dario recebia suas roupas de Londres, confeccionadas por um dos melhores alfaiates 'Pool'. Tinha criação de cavalos puro sangue, constando seus parelheiros dos programas de Campinas e de São Paulo. Foi sócio dessas duas entidades e do Jockey Club do Rio de Janeiro, para onde, seguidamente ia, tendo exposto lá dois produtos de sua criação. Comparecia

---

[67] A respeito da amizade entre Francisca e Madre Teodora, perguntei a Fernando Pompêo de Camargo, neto de Francisca, se quando a avó dele que enfrentar o empobrecimento total e a doença do marido, ela recebeu alguma ajuda em forma de educação para os filhos de Madre Theodore; ele não soube informar. Parece que não, pelo relato das dificuldades enfrentadas e pelo fato de que o pai de Fernando filho de Francisca, não pode estudar.

[68] Além dos Inventários, as informações a respeito de Chiquinha, Dario e Maria Luiza foram extraídas de de papéis e reportagens da coleção de Fernando Pompêo de Camargo (um texto datilografado que encontrou nos "guardados de seu pai", Antônio Carlos, um texto, inédito, de seu tio José Pompêo de Camargo, que publicou o livro de Vitalina Pompêo de Souza Queiroz, *Reminiscências de Campinas* e de um relato feito por Fernando Pompêo)..

unesp

> às corridas com 'craizet' e cartola cinza, como se estivesse assistindo a um 'Derby' de Epson".[69]

Mas, contava Dario aos seus filhos, veio a geada preta, ventos frios, chuva de pedra (Fernando não sabe exatamente em que ano), a abolição - "com todo o seu cortejo de desorganização" - , a República, "a política financeira de Rui Barbosa, a mais nefasta possível", a grande emissão de papel moeda que gerou o Encilhamento e "o café, a locomotiva da economia nacional, caiu a preços vis".

Não bastasse tudo isso, Dario caiu do cavalo, fraturou uma vértebra e ficou parcialmente inválido para o resto da vida. Tempos duros: os filhos espalhados, pois Chiquinha tinha que cuidar de Dario, falta de dinheiro, a fazenda dos Alpes sequestrada pelos credores que a levaram à praça, no final do século XIX.

Mudaram-se para Campinas, para uma casa alugada "modesta" e "modestamente mobiliada". Compraram uma máquina de costura *Singer*, por sessenta mil réis e Chiquinha começou a trabalhar "na confecção de enxovais e serviços manuais de bordados, no que era prestimosa". Antônio Carlos contou para o seu único filho, Fernando, que quando ia visitar os pais em Campinas, do quarto, ele ouvia "o leve ruído da agulha de sua mãe, perfurando o tecido esticado no bastidor".

Em Campinas, ficaram com os pais alguns dos filhos:

> "Outros ela teve que deixar com os irmãos e cunhados dela. Chiquinha foi vendendo, aos poucos, as jóias e a prataria para ajudar no sustento da casa e manter o filho mais velho, Francisco, que foi estudar medicina, no Rio de Janeiro. Lucila, a terceira filha, cuidava dos irmãos, enquanto a mãe trabalhava para o sustento. Antônio Carlos, meu pai, desistiu de freqüentar a escola pública: "sentia-se humilhado com a pobreza, de ter que ir com o pé enrolado em pano, para fingir que estava com o pé machucado, pois a verdade é que um dos pés do calçado se acabara. Foi morar na fazenda de um tio, trabalhar. Auto-didata, Antônio Carlos foi depois gerente do Agência de Campinas, do Banco Comercial do Estado de São Paulo e Superintendente da Fundação Sinhá Junqueira".

Chiquinha, ouvindo falar que seria fundada a Escola Normal em Campinas, dirigiu-se, em carta, ao Dr. Carlos Guimarães, Secretário da Educação expondo-lhe, "sem preconceitos", a sua aspiração, que era ser professora de prendas domésticas da futura Escola Normal"[70]. Lecionou por 30 anos, aposentando-se em 29 de novembro de 1934, quando foi homenageada pela Escola, em festa de despedida. A professora, de acordo com as despedidas anuais das normalistas, soube fazer-se estimada: nestas

---

[69] Id., ib..

[70] CAMARGO, Elsa Penteado Pompêo de. Centenário de nascimento de Da. Francisca Pompêo de Camargo. *Diário do Povo,* Campinas, 28.4.1962).

homenagens Chiquinha era chamada de "bondosíssima e carinhosa mãe", "querida mestra" e outras expressões carinhosas.

Seu neto Fernando descreve-a:

> "Vestia-se com muita simplicidade, cabelos presos, todos os seus quarenta netos falavam e falam bem dela. Tratou de meu avô sempre com carinho".

Dario morreu em 1924; Francisca em 1940, aos 78 anos de idade.

Maria Luiza, que no inventário de seu primeiro marido teve "a meação" no valor de 334:189$000 e ainda herdou do pai, também ficou sem nada, indo morar com Chiquinha, até morrer. "Fazia biscoitos de polvilho para fora, para ter algum dinheiro para os seus gastos pessoais". Lucila, além de cuidar dos irmãos e ajudar Chiquinha com os bordados, fez o Curso Normal, tornou-se professora, depois Inspetora. Comprou uma casa em Campinas, onde morreu com mais de 70 anos. Quando menino, morando em Ribeirão Preto, Fernando lembra-se dela, em suas viagens de inspeção pelo interior do Estado, hospedando-se na casa deles.

Antônio Pompêo de Camargo, 2° marido de Maria Luiza, teve com ela quatro filhos. Pelo seu inventário, em 1884, vê-se que uma das razões do empobrecimento de Maria Luiza foi o aval por ele dado em favor do comerciante Comendador Manoel Antônio Bitencourt, comissário de café em Santos, que teve sua falência decretada. A fiança, em 1884, estava estimada em 476:484$000. Ficou decidido que a dívida incidiria apenas sobre "a meação do inventariado, para salvaguardar a herança dos menores".[71] A tradição familiar atribui também a perda da fortuna ao fato de que Antônio gastou muito dinheiro com a política. Eis o depoimento do bisneto, Fernando Pompêo de Camargo, sobre Antônio Pompêo:

> "Ele não soube gerenciar bem suas finanças, perdendo quase toda a sua fortuna. Entretanto, não se pode julgar um homem somente pela habilidade para ganhar dinheiro. Antônio teve muitas outras virtudes, como: Foi um dos fundadores do antigo Colégio Culto à Ciência, outrora um colégio que se destacava como o melhor ensino do estado. Foi o presidente do Partido Republicano, em Campinas, no final do Império, numa época em que o ser republicano era mal visto, numa sociedade monarquista. Por ser republicano, participou da fundação do jornal *A Província de São Paulo*, hoje *O Estado de São Paulo*. E o mais importante, era recordado pelos filhos com muita saudade, amor e carinho. Como Vovó Chiquinha".[72]

---

[71] CENTRO DE MEMÓRIA DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS, Campinas. Inventário de Antônio Pompêo de Camargo, 1884. TJC, 1° Ofício, Caixa 550, Processo 10163.

[72] O relato de Fernando Pompêo de Camargo, a respeito de seus antepassados, está anexado a este trabalho, no final. Ele informa que Antônio Pompêo foi um dos maiores acionistas do jornal *A Província de São Paulo*, quando de sua fundação. Entretanto, Afonso de Freitas afirma que os maiores acionistas foram Rangel Pestana e Américo de Campos, "que eram solidariamente responsáveis pelos atos praticados em nome da sociedade, que girava sob a firma Pestana, Campos & Comp." Freitas enumera

unesp



Anna Mathilde de Almeida Pacheco.



Francisca de Paula Camargo.



Vitalina Pompeo de Camargo de Souza Queiroz.



Honoria, escrava de Antônio Pompeu de Camargo.

Arilda Ribeiro enfatiza a participação de Jorge Krug na fundação do *Colégio Culto à Ciência,* por ele ser irmão de Carolina Florence, que fundará o *Colégio Florence*, tema de sua pesquisa. Jorge Krug trabalhou como guarda-livros e era responsável pela captação e administração de recursos, sem receber qualquer paga por esse trabalho. [73]

Vitalina, em *Reminiscências de Campinas*, não cita o nome de seu pai, Antônio Pompêo de Camargo, como fundador do Colégio *Culto à Ciência*, talvez por ter julgado de mau gosto engrandecer a família. Diz que ele foi fundado "por meio de uma subscrição entre os mais importantes chefes de famílias campineiras, que conseguiram levantar a soberba instituição em belíssima e pitoresca chácara, onde funcionou por largos anos". Vitalina não nomeia as pessoas das quais fala.

O Diário do Povo publicou a Relação dos Sócios Fundadores, que foi encontrada em 23 de março de 1973, dentro de um vidro que tinha sido enterrado por ocasião da colocação da primeira pedra da construção do Colégio *Culto à Ciência.* Entre os fundadores estão o Dr. Jorge Krug e Antônio Pompêo de Camargo.[74]

Vitalina Pompêo de Sousa Queiroz nasceu em 1855 e era a 2ª filha de Antônio Pompêo de Camargo e de Antônia Amália Pacheco e Silva. Estudou no *Colégio Nossa Senhora de Patrocínio* e deixou um manuscrito no qual relata fatos de sua infância e juventude em Campinas. Além das informações a respeito dos escravos, já citadas, Vitalina, através de seu texto, demonstra: ter vivvido prazerosamente a sua juventude, entre as famílias mais ricas de Campinas; que valorizava as suas origens familiares e que não questionava o patriarcalismo, pois fala dos "maiores" com admiração e respeito.

A sua dedicação à literatura - escreveu outros textos sob o pseudônimo de Voletina, segundo depoimento de seu neto, Eduardo de Souza Queiroz e que foram publicados em revistas francesas - [75] comprova o tipo de educação que era ministrada pelas irmãs de São José, na qual se enfatizava a habilidade verbal, além da formação religiosa:

> "Nos Próspectos dos colégios em Itú e Taubaté, figura, sempre um curso de literatura no "gênero epistolar". (...) No que tange às Irmãs de São José, percebe-se

---

os demais sócios, já que se tratava de uma "sociedade em comandita com o capital de 50.000$000". Entre eles Antônio Pompêo de Camargo, o segundo citado. E, apesar do jornal não ter sido fundado pelo Partido Republicano, "a maioria de seus comanditários era acentuadamente republicana". Ob. cit., p.537-8

[73] RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. *A educação feminina durante o século XIX:* O Colégio Florence de Campinas (1863-1889). Campinas (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, 1993,p. 51.

[74] *Caderno e Diário do Povo.* Campinas, 8.4.1973).

[75] O depoimento de Eduardo de Souza Queiroz, manuscrito, está anexado a este trabalho, no final.

unesp

> que o objetivo final era o mesmo, ressalvando-se que, nesse caso, epistolar tem mais a conotação de composição literária em forma de carta ou descrição".[76]

Ela inicia o seu mascruto, enaltecendo Campinas:

> "Terra de simpatia, de lealdade e singeleza! Terra das velhas amizades, sólidas, de funda solidariedade entre parentes e amigos. Terra de alegria despreocupada, animação natural na mocidade, e também na velhice" (...)[77]

Faz uma descrição geográfica, histórica, econômica, política, cultural, arquitetônica e dos índices comparados da população da cidade, com base na obra *Le Brésil*, de A. Marc, em suas observações e, provavelmente, em relatos de seus familiares. As informações constantes das *Reminiscências de Campinas* evidenciam que Vitalina não lia apenas romances e "as gazetilhas e obtuários" publicados em jornal, interessando-se por vários assuntos, ainda que de forma não aprofundada.

Como os autores da época, ela utiliza-se de conceitos como "luzes", "civilização" e "progresso" para avaliar a realidade em que vivia e o desenvolvimento da cidade, comparando, orientada por tais conceitos, o momento em que escrevia com o passado. Outra identificação dela com os letrados seus contemporâneos é a adoção da "Europa" como paradgma.

A autora relaciona as escolas, sociedades, principais lojas e os serviços oferecidos na Cidade de Campinas. Dedica algumas páginas a comentar o "número notável de facultativos estrangeiros, que se tornaram credores da estima e da amizade da população". De forma respeitosa, fala dos "curandeiros" - os que se dedicavam à prática médica e farmacêutica, sem serem formados - mostrando grande admiração por eles e referindo-se, sem nominar, como era seu costume, a "senhoras da família Ferraz do Amaral (Pompêo de Camargo e Pacheco pelo casamento)", que se destacaram como "curandeiras" em suas fazendas, "devido à absoluta falta de recursos médicos". Tais matronas faziam "medicamentos" de plantas, e "até os médicos de Campinas, por vezes, a eles recorriam":

> "Até hoje, ainda lançam mão de algumas dessas receitas, descendentes dessas ilustres e esforçadas matronas campineiras (sobretudo preparados de plantas nossas).[78]

---

[76] MANOEL, Ivan. Ob. cit., p. 231. O autor está se referindo à origem do programa educativo das irmãs, o *Ratio*, com a diferença que a valorização que se dava neste ao "gênero epistolar" ,exclusivamente, é substituída no programa do colégio em Itú, pela valorização também da "composição" e da "descrição".
[77] Ob. cit., p.3
[78] Id., ib., p. 10

unesp

A religiosidade da autora, de origem familiar e reafirmada no colégio em que estudou, conprova-se pela forma como ela descreve as festas religiosas da cidade:

> "não podemos deixar de deter o espírito,ante a comovente recordação das duas procissões, realizadas em Campinas com grande e imponente solenidade, em que tomavam parte cavalheiros da mais alta categoria, que se disputavam a glória de carregar os varões do pálio, nas soleníssimas procissões".[79]-

Outro aspecto do comportamento de Vitalina, confirmado pelo testemunho de seu neto, Eduardo, era o amor a um modo de viver refinado, ao "consumo conspícuo". Ela descreve a "simplicidade da graciosa elegância" das campineiras, quando em festas e "bailes de aparato e regozijo públicos" e o encantamento produzido nos visitantes pelas "belas rendas verdadeiras, e raras já hoje, lindos bordados e sedas antigas, que conservam o seu valor , em mais de meio século de uso, o que inspirou a espirituosa senhora, ao admirar tais primores, a dizer: 'isto indica que aquela gente tomava chá em pequena, já naquela época".

Os refinados produtos chegavam à Campinas através do comércio atacadista e de encomendas feitas "a grandes casas de Paris, desde vestuário, serviços de mesa e de cama, de apurado gosto, roupas de uso, mibliários artefatos, objetos de arte, prataria, porcelanas e cristais".[80]

> *A referência ao hábito de tomar chá em pequena" deve ter sido motivada pelo fato de que esse hábito era, - até à minha infância no interior de Minar, posso testemunhar - um sinal de requinte.*

Vitalina casou-se com Antônio de Souza Queiroz, filho do Barão Francisco Antônio de Souza Queiroz e de Antônio Enfrosina de Campos Vergueiro de Souza Queiroz, fazendeiro e um dos sócios da firma exportadora de café *Souza Queiroz Vergueiro.*

Segundo o seu neto, Eduardo, viajou muito e teve em São Paulo, onde residia, vida faustosa e socialmente intensa:

> "Era expansiva, voluntariosa e autoritária, procurando influenciar no casamento dos filhos, que eram dez. O número de festas que dava tornou muito célebre e conhecido o número 18 da rua Consolação, que era um casarão, que tinha até quadra de tênis no fundo. Uma demonstração do quanto era caprichosa foi a casa que fez meu avô construir, onde é o Terraço Itália. Ela supevisionou a construção, desde a fundação. Morou nesta casa pouco tempo, não gostou e voltou para a rua da Consolação".

Vitalina ficou viúva na "década de vinte e já com a fortuna abalada, passou a morar em uma casa razoavelmente suntuosa na Rua Visconde de Ouro Preto e por fim em uma

---

[79] Id., ib.,p. 18
[80] Id., ib., p. 32

unesp

casa simplicíssima à Rua Sergipe". Eduardo diz não ter boa lembrança dela: ao contrário de sua outra avó, Matilde, irmã de Vitalina, esta não era afetiva com os netos e muito autoritária. E conta um fato do final da vida dela, que morreu em 1936, que ele considera "mais uma demonstração de sua dramaticidade e pretensa influência sobre a família:

> Quando estava nas últimas, recuperou-se e sentada em uma pesada poltrona, convocou todos os filhos e principalmente os netos e a cada um abençoava com uma cruz na testa e fazia alguma recomendação. Depois da benção a vovó durou ainda alguns dias e a maioria dos netos mantinha-se reúnida no porão, que era alto e tinha boas acomodações".

A outra avó de Eduardo, Matilde, deixou-lhe lembranças "emocionantes:

> Era simples, simpática e carinhosa. Tinha a fisionomia muito triste e toda a razão para ser triste. Seu marido era um boêmio, alcoólatra mesmo. De uma ótima situação, tinha um cartório, perdeu tudo. Apesar das dificuldades, nunca deixou de presentear os 18 netos. Um Natal me deu um sabonete e um pentinho de plástico preto, embrulhados em papel celofane vermelho. Adorei o presente pelo carinho que representava. Da vovó Vitalina, que me lembre, nunca recebí presente algum".

Matilde morou, até a sua morte, em 1933, em um pequeno sobrado, alugado, à rua Augusta.

O empobrecimento de algumas das famílias paulistas - além de razões específicas como condução não muito eficiente dos negócios e gastos excessivos, como foi o caso de Vitalina, de acordo com o depoimento de seu neto - deve ser entendido dentro do contexto da produção cafeeira, afetada por sucessivas crises, no final do século XIX e início do XX.

A Abolição, o encilhamento, o excesso de produção, provocando queda no preço, dificuldades de crédito, geadas são alguns dos motivos citados pelos autores para as crises do café e conseqüente empobrecimento de alguns fazendeiros. Quanto à Abolição, Faoro considera que afetou menos as fazendas do oeste paulista, em melhores condições financeiras para atrair o assalariado e, algumas delas, já tendo iniciado a experiência com os colonos europeus. [81]

No tocante a financiamento, exportação e preços, escreve Faoro:

> "No contexto da corrente econômica reorganizadora, que se inicia em 1891 e atinge seu clímax no período 1898-1902, o café geme ao peso da crise, agudamente dolorosa desde 1895. A superprodução esmaga os cafeicultores, até que o esquema valorizatório de 1906, compartindo os sacrifícios, beneficie a todos".[82]

---

[81] FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. Formação do Patronato Político Brasileiro. 6ª ed.Porto Alegre: Globo, 1985, v.2, p.504-5.

[82] Id., ib., p. 521

unesp

Esse autor cita como "típico fazendeiro em aperturas", Jorge Tibiriçá, "apanhado, em 1901, pelas restrições de crédito, derivadas da política de Campos Sales". Tibiriçá hipotecou a fazenda para conseguir empréstimos. Como a venda do café "mal dava para pagar os colonos", viu-se forçado a ceder parcelas de terra aos colonos:

> "Urgido pelas despesas de juros, não conseguiria sobreviver se a paciente e tenaz Ana Tibiriçá não se dispusesse a aproveitar o gado da fazenda para a venda de leite e o fabrico de requeijões, queijo e manteiga, artigos adqüiridos pelos próprios colonos".[83]

Warren Dean chama a atenção para o fato de que apesar de controlarem a máquina do Estado, de serem os únicos a ter acesso à educação superior, a gozarem de subsídios para a imigração de colonos e de influência política suficiente para poderem adqüirir grandes extensões de terra, alguns dos membros masculinos das elites agrárias não conseguiram manter o seu poderio econômico.[84]

Leonor, Guilhermina e outras...

Leonor é uma paulistana que aparece com pequeno destaque na obra de Almeida Nogueira. Ela casou-se com Marcos Antônio Ribeiro Monteiro de Barros, da turma de 1853-1857, e era filha do tenente-coronel Benedito Antônio da Luz, "que por muitos anos exerceu nesta Capital o cargo de administrador geral dos correios":

> "D. Leonor era uma gentil senhorita, muito admirada e cortejada, tanto pela sua formosura como pelo espírito e fina educação." [85].

O episódio do qual é protagonista Leonor e que encantou Almeida Nogueira é a respeito da atitude da moça com um carreiro, entregador de lenha. O autor conta que estavam na casa de Leonor algumas visitas, inclusive o Marcos, então noivo, na varanda da casa, à rua São Bento. D. Leonor servia às visitas "um *lunch à* ántiga moda paulistana. - chá

---

[83] Id., ib., p. 522. (Faoro cita o livro *Jorge Tibiriçá e sua época*, de Rodrigo Soares Júnior como fonte para tal informação). Ana, as avós de Fernando Pompêo de Camargo, a mãe de Maria Paes de Barros, Anésia Pacheco Chaves, mulher de Fernando Pacheco Chaves e nora do rico fazendeiro, comerciante e diretor da Cia. Paulista de Estrada de Ferro, Elias Pacheco Caves, todas, mulheres muito ricas e que tiveram que trabalhar para sobreviver, após perderem suas fortunas, ou, no caso de Ana, trabalhar para salvar a fazenda, me estimulam a escrever um trabalho, futuramente, focalizando o comportamento delas e de outras ex-ricas.

[84] DEAN, Warren. *A indústrialização em São Paulo.* São Paulo: Difel, 1971, p. 51-4. Os fazendeiros mais poderosos formaram companhias que receberam contratos para a construção de docas, fornecimento de água e esgotos, construção de prédios públicos e importação de equipamentos agrícolas, têxteis e matérias-primas.

[85] NOGUEIRA, Almeida, ob. cit., v. 4,p.199.

unesp

nacional e café com leite, acompanhados de bolos, bolachas,biju, pipocas", etc.. Ouviu-se o chiar de um carro de bois e Leonor mandou um "fâmulo" comprar lenha e pediu que fizesse subir o carreiro para o pagamento. Subiu o carreiro, e para a surpresa deste,a "graciosa menina" convida-o a entrar e oferece-lhe café.

> "De vexado, o carreiro se escusa, ela, com a maior naturalidade, serve-lhe o café e, com as suas próprias mãos, lho vem trazer ao patamar, onde ele se encontrava".

Almeida diz que "mais perturbado ainda se mostra o caipira. Contudo aceita a xícara, sorve o café em rápidos tragos, pousa a xícara no chão e desce aos saltos a escada:

> -Espere, patrício, espere o seu pagamento.
>
> -Já estou pago, minha dona.

E seguiu com o seu carro. D. Leonor mandou alcançá-lo e levar-lhe o pagamento:

> -Mas como é que mecê está pago se ninguém lhe deu o dinheiro? Perguntou o emisssário.
>
> - Já estou pago.
>
> Repetiu ele, aludindo à honra de ter sido servido por tão graciosa senhorinha".

Outra ligeira referência de Almeida Nogueira às moças paulitanas é feita quando ele escreve sobre Afonso Celso de Assis Figueiredo (futuro Visconde de Ouro Preto), da turma de 1853-1857. Afonso Celso, de Ouro Preto, era chefe de uma República de mineiros e namorava a filha do Cel. Joaquim Floriano de Toledo, Francisca de Paula Martins de Toledo, com quem se casou. Os companheiros de República de Afonso Celso organizaram uma "caçada" para pegar uma leitoa no quintal do dito Cel. Toledo. Um dos caçadores deixou cair um lenço com as iniciais de Afonso Celso no terreiro, lenço que foi "cuidadosamente" guardado por uma das irmãs de Francisca, "para que o pai o não visse". Em um chá, dois dias depois, na casa do Cel., presente Antônio Carlos, aquele ameaçou os próximos assaltantes de serem submetidos à força "a um banho interno".[86]

Esse autor fala também da resistência de uma moça contra o excesso de autoritarismo de um tio: D. Maria Guilhermina da Rocha Leão, irmã do dr. Rocha Leão, ex-deputado geral. Essa moça, "bem jovem ainda,de rara formosura e de um belo moreno cor de jambo, o encanto das brasileiras", foi "constrangida" pelo tio

> "a casar-se com pessoa que não era de seu afeto. Celebrara-se a cerimônia religiosa e ficou firmado o vínculo matrimonial; não, porém, a sociedade conjugal. A noiva, de volta do altar, não deixou o seu quarto de donzela e continuou a viver como dantes... até que o seu respeitoso marido não mais a importunou com a sua presença. Vindo a São Paulo, por ela tomou-se de amores o Dr. Camargo e pediu-lhe a mão em casamento".[87]

---

[86] Id., ib., v.4, p.216-217.
[87] Id. Ib., v.5, p.122.

unesp

Joaquim Augusto de Camargo, paulistano, filho do capitão João José de Camargo, formado em l860, "aluno brilhante, moço finíssimo", defendeu tese em Direito Criminal e tornou-se lente da Academia de Direito de São Paulo. O casamento dele com Guilhermina, "distíntissima senhora de ilustre família mineira e fluminense", tornou-se possível porque uma "alta autoridade eclesiástica incumbiu-se de obter da Santa Sé a nulidade do primeiro casamento, permitindo assim ao amoroso par a realização dos seus sonhos de felicidade". O dr. Joaquim morreu em l882, ficando casado com Guilhermina apenas l0 anos. Guilhermina ainda estava viva quando Almeida Nogueira escreveu o seu livro e morava em Portugal.

De acordo com os ditames do Esclarecimento, os letrados mais liberais, posicionavam-se contra o casamento forçado. Defendiam em textos jornalísticos e em sua produção dramática a "livre-escolha" feminina. Ainda que tal "livre-escolha" estivesse delimitada pela condição de classe social.[88] Nogueira escreve com enlevo sobre Guilhermina, a jovem que se livrou de um casamento imposto da forma que estava ao seu alcance: obedeceu ao tio-tutor, que provavelmente viu no casamento conveniências para ele próprio, casou-se, mas não fez sexo com o marido, que acabou desistindo do casamento. Como teria sido o comportamento do tio, ante a resistência dela?

As referências rápidas que Almeida Nogueira faz à algumas mulheres é por terem elas casado com os bacharéis da Faculdade de Direito de São Paulo, ou por serem parentes deles, pois o objeto do relato são os estudantes da Academia de Direito de São Paulo. Registro as passagens, por ter achado nelas indícios de comportamentos, de atitudes que podem contribuir, ainda que minimamente, para esclarecer a respeito do cotidiano das mulheres. Guilhermina, por exemplo, foi para mim uma surpresa agradável, devido à resitência que soube opor ao tio. Resistência ghandiana, de uma briosa donzela. Teria havido outras Guilherminas?

Ante cada pergunta sem resposta, a pesquisadora angustia-se com a parcimônia de informações de que dispõe para fazer um trecho da História das Mulheres paulistas. Na busca, encontra fragmentos, pequenas referências. Uma tarefa trabalhosa, um resultado incompleto e muitas perguntas sem respostas. As referências, ainda que fugazes, fazem surgir uma diversidade de "imagens": a da moça coquete, como Laura; a gentil, como

---

[88] Ver sobre a questão da liberdade de escolha amorosa em peças de teatros: BORGES, Urquiza Maria. A mulher em cena (2ª metade do século XIX), cit., pprincipalmente capítulos 8 e 9.

unesp

Leonor, a que ofereceu lanche ao carreiro, a ghandiana, como Guilhermina; administradoras como Ana Matilde e Ana Cândida e as que, empobrecidas, "arregaçaram as mangas" e foram garantir a sobrevivência sua e dos seus, como Chiquinha, Ana Tibiriçá e Maria Luiza.

Alguns documentos deixam entrever mulheres que não obedeciam as prescrições e eram repudiadas. Em um ofício da Comissão Inspetora das Escolas de primeiras letras da Vila de Batatais para a Presidência da Província de São Paulo, formal, escrito em linguagem burocrática, apesar do estilo, a quase raiva sentida pelos autores com a insubmissão de Luísa, que escolheu viver de acordo com o seu critério, transparece. O teôr do ofício é uma retratação da Comissão, que vira em D. Luisa Lopes de Oliveira, "as qualidades para o ensino", e por isso a indicara, indicação que fora aprovada em Portaria de 22 de setembro de 1851. Após a indicação, a Comissão tomara conhecimento de que a dita "senhora" vivia com "uma pessoa indecente, além de outras circunstâncias, o que deu lugar a exigir-se que se mudasse de tal companhia, para entrar no exercício". Em vista da recusa de Luísa em abandonar a "companhia da pessoa indecente", tendo preferido rejeitar emprego, a Comissão propunha uma nova candidada, D.Maria Tolentina do Amaral,

> "senhora casada, de bons costumes, probidade, sabe gramática portuguesa, escrever e contar, coser e bordar, além de outras prendas do sexo, podendo tudo ensinar com bastante perfeição. A Comissão está persuadida, que há de bem desempenhar os seus deveres, e por certo com muito mais vantagem, e utilidade pública, do que a primeira."[89]

Luísa e Guilhermina: dois comportamentos que não se enquadram no simplificado esquema de mulheres obedientes, medrosas, atormentadas pelo medo da solidão, ou do desemprego. Timoratas precursoras, ou apenas duas entre muitas anônimas mulheres, ensaiando as suas primeiras tentativas de se imporem?

Contrapondo-se à imagem de Luísa, que não se deixou dominar pela exigente Comissão, aparece a figura exemplar de sua substituta, D. Maria Tolentina do Amaral, "senhora casada ,de bons costumes", de acordo com as prescrições dos "mestres", ou "maiores" como se expressavam as pessoas na época em questão.

---

[89] DAES. Ofício 830, Caixa 36, p. 3-D.l).

unesp

Devotas, caridosas e dedicadas

D. Hipólita, casada com Joaquim Ferreira da Rosa e avó de Olga Ferreira da Rosa, mulher de Gabriel Monteiro da Silva, é um exemplo de matriarca cristã, abnegada, trabalhadora, segundo o que escreveram a respeito dela, amigos e parentes. Foi nome de rua, tendo o seu nome sido substituído depois pelo de seu neto por afinidade. Após a substituição, houve protestos.

Um deles foi o de Léia Cabral, publicado em 20 de janeiro de 1949, no jornal *A Noite* que considerou a substituição irreverente, apesar de reconhecer o valor de Gabriel Monteiro:

> "È um símbolo novo da democracia, de honestidade, de dedicação integral à coisa pública, a substituir um outro símbolo do passado, que reune as virtudes das mulheres brasileiras, recatada, virtuosa, dedicada aos afazeres domésticos, plasmadoras de homens íntegros e mulheres femininas. Entre estes dois sentidos da vida, uma coisa confortadora fica: a homenagem continua em família". [90]

A "veneranda" Hipólita, "reunia as virtudes femininas da época, sendo excepcionalmente culta e ilustrada", continua Léia Cabral. Além disso, descendia "de uma tradicional família que vai além 'dos paulistas de 400 anos', pois era descendente direta de Pedro Álvares Cabral e tia da baronesa de Lavras.

Casou-se com 1871 com o Capitão da Guarda Nacional Joaquim Ferreira da Rosa, "bandeirante de velha estirpe, de uma família de agricultores, proprietários de muitas fazendas na Alta Mogiana". O marido trouxe para a chácara, na futura rua D. Hipólita, "a noiva linda e tímida".

"As virtudes das mulheres brasileiras", que D. Hipólita possuía, eram condizentes com o levar uma vida afastada do "tumulto, das aventuras, de feitos extraordinários de certas mulheres, que mesmo hoje não se coadunam com a estrutura feminina". [91]

> "Rainha do lar, religiosa e prestativa, ela centralizava os problemas daquele vasto império que dependessem de solução da alma feminina. Assim é que os muitos escravos, para os quais não foi preciso surgir o 13 de maio, adoravam-na, chamando-a de "Sinhá Dona Santa".

---

[90] In: BROTERO, Frederico de Barros. *A família Monteiro de Barros*. São Paulo: s. C/Edit., 1951, p. 513-6.

[91] BROTERO, Frederico de Barros. São Paulo: s/C.Edit., 1951, p.513-6.

unesp

O recato, a simplicidade, a existência tranqüila, o exercício eficiente e amoroso das funções de mãe, de dona de casa e organizadora das tarefas da chácara, onde é hoje a rua Gabriel Monteiro da Silva, são enaltecidas por Léia. "Sinhá Dona Santa"comandava os seus escravos no cultivo do chá, dos "imensos parreirais", na produção do leite e de sua venda avulsa. Para Léia, tudo que Hipolita fazia, era por influência de sua "alma feminina".

O relato que a autora faz das atividades de Hipólita mostram uma mulher prática, entregue não apenas aos afazeres domésticos, mas também à administração de negócios, como a venda do leite e a produção de chá. No entanto, a autora centraliza o seu enfoque naquilo que ela considera pura manifestação de feminilidade, ou seja: o cuidado da casa, dos filhos, o carinho com os escravos, "que adoravam" Hipólita, que viveu "uma vida voltada para dentro". Mas que soube administrar bem, segundo o próprio testemunho de Léia, as suas relações com o mundo. Aproveitando o ensejo que lhe dava o enaltecimento das "virtudes" de Hipólita, Léia repudia as mulheres que, ao contrário de Hipólita, procuravam para as suas vidas "um registro pomposo":

> "As vidas barulhentas, as existências cheias de tumulto, de aventuras, de feitos extraordinários de certas mulheres, que mesmo hoje não se coadunam com a estrutura feminina - essas vidas, a maioria das vezes - são muito pobres, faltando-lhes essa riqueza que está no fundo de uma vida tranqüila"(...)

No momento que Léia escreveu o elogio à Hipólita, as mulheres brasileiras já começavam a ocupar as fimbrias do esfera pública: em 1914, a Assembléia Legislativa Provincial aprovou o projeto de lei nº 49 que autorizava o ingresso de mulheres na administração pública, "desde que não ocupassem cargos de autoridade"; em 1934, após a concessão do direitos políticos ao sexo feminino, duas mulheres se elegeram deputadas para a Assembléia Legislativa do Estado: Maria Theresa Silveira de Barros Camargo e Maria Theresa Nogueira de Azevedo.

As qualidades enaltecidas por Léia, em 1949, são idênticas àquelas que eram atribuídas à morta, em Necrológios enaltecedores, cem anos antes.

Por ocasião da missa de sétimo dia em intenção da alma de D. Antonia Maria de Oliveira, mulher do Capitão Vicente Ferreira de Silos Pereira, em Casa Branca, o *Correio Paulistano* publicou integralmente - o que significa que se tratava de uma pessoa "considerada" na cidade - o discurso de José Rodrigues Mendes, que se inicia com uma citação em latim: *Mulierem fortem quis inveniet"*, que o orador traduz por: -

unesp

"quem encontrará uma mulher forte?". [92]A resposta estava naquela que entre nós "se ausenta, desaparece". Depois de falar da dor, da vitória da morte, da angústia da família e dos amigos, do papel da religião naquele momento, o orador volta à frase inicial, afirmando que todos os que conheceram D. Antônia, perguntarão uns aos outros: "Quem encontrará uma mulher forte?". Antônia está morta; mas a lembrança de

> "suas virtudes religiosas não morreu com ela; com ela não sucumbiram os edificantes exemplos, durante o seu trajeto pelos tortuosos caminhos do desterro do mundo. Ajuntando a honestidade com o seu distinto nascimento, ela se ostentava sempre zelosa da glória de Deus ,a quem temia - por ali estão registradas as oferendas às irmandades desta vila -sempre solícita no progresso de sua casa e família - vigilante em suas obrigações domésticas - circunspecta e prudente na educação de seus filhos - cheia de mansidão para com o próximo, e de caridade para com os pobres - esposa desvelada, submissa em tudo a seu marido, recolhida quase de contínuo em sua casa, fazendo timbre das virtudes do próprio sexo - mãe extremosa, atenta e acordada - aplicada às veredas de sua casa, não comendo o pão ociosa - eis meus senhores a definição da mulher forte, o característico da ilustre finada, o elogio que lhe tece, não uma frágil pena, mas o sábio da escritura - mulierem fortem quis inveniet?" (C.P., 22 de abril de 1865, p.3)

Em um discurso carregado de solenidade, de apelo místico, no qual o tom poético não está ausente, o autor ressalta as características ideais da mulher de "boa família": trabalhadora, religiosa, caseira, caridosa, esposa e mãe exemplar, submissa ao marido e mansa com o próximo. Características que constituiam a força de uma mulher e suporte de sua respeitabilidade e de sua família.

No Necrológio em honra da sra. D. Cherubina Duarte Passos, mulher do alferes Antônio Luiz Duarte Passos, e que deve ter falecido jovem ainda, pois o orador fala da orfandade de "cinco filhinhos inocentes", as qualidades da morta são ressaltadas: esposa dedicada, mãe carinhosa, amiga sincera, dona de "alma nobre, sua benfazeja mão nunca deixou de repartir o óbolo da caridade com os necessitados que a ela recorriam." (a) J.A.C. Carneiro Leão. (*Correio Paulistano*, 20.9.1865).

Em ll de fevereiro de l865, a carta de um marido inconsolável e anônimo, àquela que morrera :

> "Minha querida! Venho dar novas lágrimas à tua memória! Faz hoje 30 dias que as parcas te arrebataram d'entre os vivos, deixando para sempre inconsolável, e abismado na mais profunda tristeza aquele que muito te prezou sobre a terra, a mim que, ferido de dor e espanto por golpe tão fatal, ainda hoje me recuso a acreditar na validade do teu triste passamento".

---

[92] O orador está usando a indagação - Quem encontrará uma mulher forte? - de forma retórica, com o sentido de afirmar que a morta era uma mulher forte. Provavelmente influenciado pela retórica de Cícero.

unesp

O missivista clama pelo testemunho dos amigos, quando ressalta as qualidades da morta, que fora objeto de sua estima e, naquele instante, de sua "aflição". Bondosa, esposa e mãe amantíssima, a morta fora sempre dígna da afeição do missivista:

> "Foste o gênio do bem na Terra. Deves, portanto, ter alcançado a benção da Providência".

A caridade tinha que ser um traço do comportamento feminino das camadas sociais mais elevadas da sociedade. Funcionava como um meio de convívio , de ascensão social, de demonstração de poder econômico, dava prestígio, era noticiada pela imprensa. No capitalismo ocidental do século XIX, do qual o Brasil era um apêndice, a filantropia foi erigida em panacéia da exploração. Os maridos exploravam ao máximo os trabalhadores e suas mulheres ocupavam o tempo criando instituições de caridade, organizando chás e bazares filantrópicos.

Algumas "almas caridosas" faziam questão de manter o anonimato, acrescentando ao ato caridoso a virtude da modéstia. Outras, deixavam-se noticiar. Entre todas, quais foram genuinamente caridosas, quais as que procuravam um lenitivo para qualquer tipo de culpa, quais as entediadas, que faziam da benemerência uma atividade de lazer? Quais as que eram movidas pelo desejo de aparecer?

Em *Quincas Borba,* Sofia, após o enriquecimento de seu marido Palha, penetra em novos círculos sociais através da "Comissão das Alagoas", que possibilitou, inclusive, o casamento de Maria Benedita, a prima de Sofia:

> "Fique desde já admitido que, se não fosse a epidemia das Alagoas, talvez não chegasse a haver casamento; donde se conclui que as catástrofes são úteis, e até necessárias".[93]

Usando a Comissão para a sua ascensão na sociedade, Sofia não foi egoista: ergueu com ela a prima, Maria Benedita, que granjeou a simpatia de D. Fernanda, esposa de um político, prima de Carlos Maria, este, objeto da simpatia amorosa de Benedita. D. Fernanda, casamenteira, percebendo os sentimentos de Maria Benedita aproximou-a de Carlos Maria.

Em conversa com Rubião, o Major, pai de Tonica, lastima não ser mais convidado pelo casal Palha e Sofia, agora que o casal vivia luxuosamente. Ante a desculpa de Ruibião de que Sofia andava muito ocupada "com esta Comissão das Alagoas", o Major diz:

---

[93] ASSIS, Machado de. *Quincas Borba.* Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegra: Jackson, 1953, p.242-6.

unesp

> Lembra bem, interrompeu o major Siqueira; por que não meteram minha filha na *Comissão das Alagoas*? Qual! Já há muito que reparo nisto; antigamente não se fazia festa sem nós. Nós éramos a alma de tudo".[94]

Quanto à Sofia,

> "chegara ao fim da *Comissão das Alagoas,* com elogios da imprensa; o Atalaia chamou-lhe 'o anjo da consolação'. E não se pense que este nome a alegrou, posto que a lisonjeasse; ao contrário, resumindo em Sofia toda a ação da caridade, podia mortificar as novas amigas, e fazer-lhe perder em um dia, o trabalho de longos meses. Assim se explica o artigo que a mesma folha trouxe no número seguinte, nomeando, particularizando e glorificando as outras comissárias -"estrelas de primeira grandeza".

Com a sua costumeira ironia, Machado vê na caridade de Sofia apenas um meio de fazer amizades nos círculos sociais mais elevados que aquele que até então freqüentara e observa que "se nem todas as relações subsistiram, a maior parte delas estava atada e não faltava à nossa dona o talento de as tornar definitivas".[95]

Os jornais, *Correio Paulistano* e *Diário Popular*, informam, constantemente, sobre as atividades femininas no campo da caridade e da abnegação. A informação tem a forma persuasiva, pois o objetivo é estímular a filantropia nos dois gêneros, mas principalmente entre as mulheres, partindo-se do princípio de que a solidariedade ou "a simpatia", como se expressava Auguste Comte, é inerente à natureza feminina. Solidariedade que deveria alcançar também os países vizinhos, pois o objetivo final da filantropia é a humanidade, pensava a Maçonaria.

A doação para obras pias, bibliotecas, hospitais, asilos, era sinal de poder econômico, conferia distinção aos doadores, mas fazia parte também da ideologia maçônica e católica, como já foi visto e, provavelmente, era praticada com sinceridade e devoção por alguns.

Em "A peste em Buenos-Aires", apelava-se para o espírito caritativo dos paulistanos em prol da cidade atingida por uma epidemia de febre amarela, que matava de 400 a 500 pessoas por dia:

> "Nós, os paulistanos, não sejamos os últimos a ajudar. Reunamos nossos esforços, atentem-se os espíritos bons e generosos e corramos a tomar parte no piedoso ministério do mais belo apanágio do homem - o exercício da caridade". (C. P., 19.4.1871).

---

[94] Id., ib., p. 274.
[95] Id., ib., p. 286

unesp

Noticiando-se o falecimento de Gertrudes Maria da Silveira, aos 73 anos, viúva do capitão reformado Braz Antônio Moreira, destacava-se o fato de que Gertrudes vivera 20 anos paralítica, em uma cama, durante os quais foi

> "cuidada por uma filha e neta que abnegadas, tudo abandonaram para fazer esta caridade. A pensão a que teria direito nunca lhe foi dada, ficando subordinada à caridade de um neto de nome Joaquim Bento da Silveira Barbosa". (*Correio Paulistano,* 5 de setembro de 1877).

Duas mulheres que, durante vinte anos, não fizeram outra coisa senão cuidar de uma inválida. Sonhos, alegria, emoções, expectativas resumiram-se a emoções, alegrias e expectativas em relação ao estado de melhora ou piora da doente. Mulher de um capitão do exército, essa não é a única viúva de funcionário público, como se verá, a depender da solidariedade da família.

Num artigo publicado no republicano *Diário Popular*, em 31 de dezembro de 1889, cujos fundadores Américo de Campos e José Maria Lisboa eram também maçons, na seção intitulada Assuntos do Dia, 1ª página, destinada aos assuntos "mais quentes", como define o próprio nome da seção, criticava-se o avesso da solidariedade, da filantropia, que era o espírito "pedinchão" da sociedade brasileira. O autor do artigo, Urbano Duarte, afirma que a expectativa dos brasileiros em relação "à administração da nova República" é que esta fosse austera, honesta, "sem os empreguismos existentes à época do Império:

> "Os chefes de repartições e altos funcionários respiram aliviados crendo que a mudança de regime político acabaria com os pedidos de parentes, dos amigos, dos parentes dos amigos, e por aí vai, mas... Puro engano, ledo e cego. Parece até que com o advento da República ainda mais se assanharam. Dizem que o Marechal tem recebido cerca de cinco mil cartas de todas as partes do Brasil e do mundo, nas quais, de envolta com saudações e parabéns pela vitória alcançada, sempre há uma pretensãozinha embrulhada em adjetivos laudatórios. Todos invariavelmente, começam a missiva declarando-se republicanos antigos, ardentes e convictos, ex-perseguidos pela Monarquia 'da qual nada solicitaram e nada obtiveram'.
>
> Dentre os solicitantes distinguem-se as mulheres velhas, pela implacável pertinácia com que lá se apresentam todos os dias, até que o ministro lhes dê solução favorável ou cumpram a sua promessa. São terríveis os pretendentes velhos e que usam saias. O dente do carrapato, o ferrão do mosquito, e outras coisas impertinentes, juntas e misturadas, darão apenas uma pálida idéia da teimosia e da obstinação de uma pretendente velha que 'qué falá a sô ministro'. Sempre que vou a certa Secretaria de Estado, lá encontro invariavelmente, duas gordas e velhas matronas, todas embrulhadas em panos pretos. "N'um desses dias, conseguiram ir à presença do Ministro. Que trapalhada! Falavam as duas ao mesmo tempo com voz chorosa e fina. Afinal o ministro aborreceu-se e despachou-as com um gesto seco. As duas ficaram desoladas e ao fim de alguns minutos, uma debulhou-se em lágrimas e a outra explodiu em cólera. Disseram que não voltariam... No dia seguinte, estavam lá, firmes".

A veracidade das observações de Urbano Duarte, quanto à tradicional prática clientelística no Brasil, esta criticada por políticos, jornalistas, romancistas e

unesp

dramaturgos, ao longo de nossa História, perde um pouco a sua força por causa da forma preconceituosa com que ele se refere às "mulheres velhas", pertinazes pedintes e, especialmente, às "duas gordas e velhas matronas, todas embrulhadas em panos pretos". Não poderiam ser essas velhas incômodas, viúvas de funcionários, pretendendo as pensões a que tinham direito?

Já me referi, neste capítulo, às viúvas que tinham direito às pensões de seus ex-maridos militares e que nunca receberam tais pensões. Além disso, outros fatos que apontam para a triste situação em que ficavam algumas mulheres, após a morte de seus maridos, são as subscrições e festas de caridade noticiadas no *Correio Paulistano* em benefício das viúvas de Joaquim Manoel de Macedo e de Júlio Ribeiro.

Apesar da atualidade da crítica de Duarte e de sua declaração a respeito da expectativa de que cada mudança na esfera governamental possa acabar com "os empreguismos existentes" - tanto a crítica quanto a expectativa, pertinentes ainda hoje - não posso deixar de lembrar de casos concretos, testemunhados por mim, de viúvas que viveram o seu folhetim particular, esperando uma pensão que não vinha.

Cada vez que meu pai ia a Belo Horizonte, cuidar dos assuntos da Coletoria, elas vinham, trazendo em um pedaço de papel os dados a respeito da morte do marido, data da morte dele, número de filhos e desfiavam o seu cotidiano de misérias, que nós conheciamos. Uma delas, mulher de um antigo professor da cidade, tivera que quebrar os seus móveis para fazer lenha, o que fez minha mãe chamá-la de ignorante, pois os móveis, de madeira preta, entalhada, eram bonitos. Ficara a cama, já um tanto balançante, quando mudamos para perto deles, e a penteadeira, com tampo de mármore, e espelho divido em três partes, duas delas móveis. Muito chique, eu achava. Com a minha compreensão infantil, nunca pude entender porque aquelas mulheres diziam ter direito a pensões e não as recebiam. Lembro-me de que D. Maria, a viúva do professor, só começou a receber a sua, nas vésperas de mudarmos da cidade; lembro-me também da satisfação de meu pai, quando voltou da Capital com a boa nova.

Em 10 de julho de 1866, em Noticiário, informava-se que D. Veridiana oferecera "uma lata contendo nove libras de fios com destino aos hospitais militares do Sul".

Um concerto oferecido por "algumas jovens discípulas do senhor Gabriel Giraudon", juntamente com outras moças "dentre as famílias desta capital", e que seria dado em "um salão particular", em benefício do 7°. corpo de Voluntários da Pátria, foi noticiado com muitos elogios: tratava-se de "mais uma daquelas muitas demonstrações que as senhoras brasileiras vão dando de sua dedicação e amor à pátria". (C.P., 20.10.1865).

Três anos antes, Josefina fora impedir de tocar em um concerto em benefício de seu professor, Giraudon. Entretanto, naquele momento, quando o benefício era para uma

unesp

obra pátria, não houve qualquer oposição por parte do genro de José Porfírio e cunhado de Josefina, o iniciador da polêmica.

As guerras do Prata foram motivo de muitas subscrições e atitudes caridosas. Uma subscrição, em 1865, iniciativa de um grupo de senhoras, angariava fundos que seriam empregados na feitura de "uma rica bandeira que será oferecida ao corpo de *Voluntários* desta província". Com votos para que as senhoras apliquem bem o resultado da subscrição, informa-se que elas tiveram sorte no primeiro dia da coleta. O excedente, depois da feitura da "rica"bandeira", seria oferecido para a sociedade promotora de *Voluntários da Pátria.* Quanto aos nomes das patrícias, "serão publicados depois". (C.P., 16.2.1865, p.1)

Também a Marquesa de Santos doou 5$000 a cada praça de São Paulo que marchou para a guerra. Diz o redator da seção Noticiário, onde eram normalmente publicadas as notas sobre assuntos variados:

> "Foi uma sublime generosidade. A sra. Marquesa é merecedora dos mais sinceros encômios, principlmente pela maneira como foi feita a coisa. Adornada com a faixa da ordem de Sta. Isabel de Portugal, distribuiu em pessoa e abraçou chorando a oficialidade".

O redator acrescenta que à pergunta da marquesa se iam contentes, todos responderam que sim.

O "patriotismo e a bondade da marquesa" nunca seriam esquecidos, pois todos os membros da nobre família

> "tiveram o nome gravado no livro eterno da gratidão popular, como no alcáçar glorioso dos servidores do estado". (C.P. 26.2.1865, p. 1).

A caridade patriótica, durante as guerras no Prata, é seguidamente elogiada na Imprensa.

No Rio de Janeiro, em uma reunião no teatro D. Pedro de Alcântara, fora aprovada "moção para convidar as famílias brasileiras para costurarem, gratuitamente, os fardamentos, ficando o valor que teriam que receber para as famílias dos voluntários". C.P., 28.4.1865, p.3).

Uma senhora mandou celebrar missa por intenção do Imperador, para "que Deus lhe conservasse a saúde e de todos que estavam na guerra." Diz o redator: "É um ato louvável que muito se recomenda pela piedade e deve ter o apoio de todos". (C.P.,18.8.1865).

unesp

Uma mulher doou a 3ª parte de sua pensão para o governo acudir as necessidades da guerra. Trata-se da "exma. Sra. D. Maria de Barros de Paula Souza, viúva do Senador Paula Souza. O aplauso da redação:

> "Honra às sras. paulistas cujo amor à Pátria corre de par com a dedicação varonil dos valentes filhos da terra de Cabral". (Noticiário. C.P., 11.2.65,p.1)

Entre os elogios para as "caridosas" e "patrióticas" senhoras e para os "corajosos" combatentes, aparecem comentários, no Noticiário do *Correio Paulistano,* sobre a fuga dos jovens da "patriótica missão" da guerra.. Em Paraibuna e nas povoações vizinhas havia aumentado em muito o número de casamentos; os homens casavam-se para se livrarem da guerra. O comentário final da redação:

> "Já se sabe: o que eles querem é uma certidão de casamento. A mulher é coisa secundária". (C.P., 12.9.1865,p.2)

Após o término da guerra, as notícias sobre caridade continuam, sem o enfoque patriótico.

No Rio de Janeiro, organizou-se "uma comissão de senhoras para esmolarem de porta em porta em favor da população de Buenos Aires". Entre elas, a Baronesa de Mauá, D. Carolina de Góes e Vasconcelos, Duqueza de Caxias, Viscondessa do Rio-Branco, D. Rosaura de Frias, D. Magdanela Ferreiras, entre outras. (Correio da Corte.C.P., 23.4.1871)..

A atriz Emília Adelaide fundou um asilo de crianças. Foi elogiada pelo jornal. (Noticiário Geral. C.P., 5.9.1875,p.1.)

O jornal transcreve notícias de outros jornais do país. Uma matéria transcrita do jornal *O Globo* informava que

> "algumas senhoras da cidade de Paranaguá, província do Paraná, filantropicamente inspiradas, resolveram cooperar ativamente na magnífica obra do desenvolvimento moral e intelectual das classes pobres promovendo, por meio de donativos, recursos para fornecer livros e utensílios escolares aos meninos do município, que, pela pobreza do país, não podem possuí-los. Todo ato que tende a difundir a instrução é tão meritório, que falecem-nos expressões laudatórias para o das senhoras, nobres damas, cujos votos, altamente caridosos, vão transformar-se no pão de espírito das criancinhas pobres, condenadas talvez, sem o seu socorro, à cegueira da inteligência."

O redator pede permissão "às dignas senhoras" para "perpetuar seus nomes nas colunas do nosso jornal como tributo de honrosa homenagem". A publicação da notícia é motivada pelo "desejo que nos domina de vermos ampliado seu influxo benéfico".

Finalizando o artigo, afirma

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18

> "que é na educação e na instrução, tanto da família, como nacional, que a mulher tem de desempenhar (não está longe o dia), o principal papel; porquanto sobram-lhe para tanto qualidades, títulos e predicados, muitos dos quais faltam aos homens". (Noticiário Geral. C.P., 1.3.1875,p.2).

Em Santos, uma senhora que "quis se manter anônima, faz doação de 500$000 à Santa Casa, como auxílio no tratamento aos indigentes. "Aproveitou-se de um portador desconhecido para praticar ato de caridade com a modéstia recomendada nas Sagradas Leis". (Noticiário Geral. 4.5.1876).

Ana Joaquina S. Prado Aranha faz donativo de 500$000 ao asilo das órfãs desvalidas. ("Atos filantrópicos". Noticiário Geral. 6.3.1877, p.2)

"Caridosa e educadora" foi a atitude de "uma vendedora de frutas que conseguiu pegar o larapiozinho que lhe roubara pão e pregou-lhe o seguinte sermão:

> 'Ouve lá garoto... se tens fome, guarda o pão e toma este queijo. Coma à vontade. Agora, se não tens fome e roubaste só por hábito, então desprezo-te.' O pequeno chorou e disse que não faria mais aquilo." ("Cena popular". Noticiário Geral. C. P., 27.4.1877,p.2).

Seria o relato de um fato verídico, acontecido na "Paulicéia" ou alguma pequena história, transcrita de algum jornal europeu, pretendendo passar para o público um exemplo edificante?

As senhoras "da sociedade de Taubaté", saíram às ruas para pedir esmolas e "ajudar os nossos irmãos do norte, tão prejudicados e maltratados pela seca". (Noticiário. C.P., 24.5.1877).

Em uma pequena notícia intitulada "Oferta importante", comentava-se que o *Eco Bananalense* publicara que a exma. sra. D. Maria Joaquina de Almeida, "sabedora da precária situação da Santa Casa da Misericórdia daquela cidade, ameaçada de fechar as suas portas pelo não pagamento de dívidas no valor de sete contos de réis", tomou a decisão de negociar com os credores a redução da dívida em 50%, pagou e enviou os recibos ao provedor da Sta. Casa, não pretendendo reembolso. (C.P., NG., 27.9.1877).

Em Campinas, a Sra. D. Joaquina Bueno, "revelando os seus generosos sentimentos de caridade", propôs angariar valiosos recursos para que, com o auxílio da câmara municipal," se conseguisse levantar

> "um lazareto confortável para os desgraçados afetados pela morféia. Este procedimento foi muito aplaudido por todos". (C.P., 10.8. 1877,p.1).

unesp

Outras notícias: A baronesa de Atibáia ofereceu l2 carros para a enfermaria que a *Santa Casa de Misericórdia* de Campinas mantinha para crianças. (*Correio Paulistano,* 10.7.1887).

Damas da sociedade promovem sarau musical com o intuito de angariar fundos para ajudar "os flagelados do Nordeste". (C. P., l2.7.-l877,p.2).

Senhoras vassourenses fundaram uma Sociedade Beneficente "cujo fim é levar auxílio e conforto aos menos afortunados". Estas senhoras são elogiadas e comparadas a outras da França, Inglaterra, Suíça e EUA, onde já existiam semelhantes instituições.("Uma Idéia Humanitária". Noticiário Geral. C.P., 2l.6.1877).

Em Cartas do Interior, de Lorena, reclamava-se do "pedir de esmolas sem conta, ainda que para justo e louvável fim". E informava que algumas senhoras esmolaram para as obras da matriz nova, em fase de acabamento, no dia anterior:

> "Hoje, um bando de gentis moças percorreu a cidade pedindo para as vítimas das febres em Campinas. Constanos que arrecadaram trezentos mil réis. (a) Aristarcho. (Diário Popular, 29-abril-l889,p.l).

Uma voz destoante, criticando o hábito de esmolar, mas sob um pseudônimo.

Além dos motivos já expostos, que ligavam a mulher às atitudes pias, a filantropia era um meio para ocupar algum espaço fora das atividades domésticas, ainda que restrito, uma oportunidade de convívio, de ocupação do tempo ocioso, e também de lazer.

Em 25 de janeiro de 1877, as "Exmas.Sras. DD. Maria Antonieta Saldanha da Gama, Corina de Vivaldi e Mme. Lamas dirigiram-se à Câmara dos Deputados afim de pedirem aos deputados para que fizessem preleções públicas sobre a caridade. O produto/resultado da venda das entradas seria "aplicado em benefício de diversas associações filantrópicas que a benemérita comissão protege". (Noticiário Geral. 28.1.1879, p. 2). A notícia é transcrita do *Correio da Noite* do Rio de Janeiro, e o destaque que o *Correio Paulistano* dá ao fato, tanto poderia ser pelo inusitado do fato, senhoras indo à Câmara, quanto pela presença da Senhora Antonieta Saldanha da Gama, nome que remetia ao influente maçom Dr. Joaquim Saldanha da Gama.

Aristarcho, em outra carta, demonstra ter gostado do titulo de baronesa para a sra. D. Angelina Moreira de Azevedo:

> "Se o título representasse veramente a nobreza da pessoa, aquela veneranda senhora seria a maior das titulares. Não há no mundo alma mais pura, ídolo da pobreza e mãe dos desamparados. Quem diz é um republicano que não mente e não acredita

unesp

> na nobreza dada por decreto daqueles caricatos déspotas que criaram a guarda negra da rainha!" (a)Aristarcho. (*Diário Popular*, 29.4.1889, p.1).

O tom apologético, sem qualquer indício de crítica à pura e simples beneficência, demonstrando uma resignada aceitação da caridade, como paliativo para a questão social, é substituído no artigo de Urbano Duarte por observações ácidas contra "os economistas, que parecem ter descoberto a esmola,

> "como único paliativo para atenuar a iníqua e monstruosa distribuição do bem estar entre os homens".

Apesar de sua posição contra a caridade, que ele manifestará na crônica sobre "as mulheres velhas", escrita depois desta, Duarte aqui mostra-se resignado com a falta de soluções mais compatíveis com a "triste realidade", da "nova administração republicana" e elogia a caridade, que "se tem revelado de um modo tocante e consolador. As folhas mencionam constantemente esmolas, donativos, subscrições". E o que era mais digno de admiração é que os "generosos doadores" ocultavam os seus nomes.

Conta a história de "uma infeliz mulher, mãe de cinco filhos", que se suicidara, "num acesso de desespero", motivado pela miséria em que vivia com os filhos. Aberta uma subscrição para os órfãos, a coleta subiu rapidamente a 5:000$000: quase todos os subscritores conservaram o anonimato". (*Diário Popular*, 23.12.1890, p.1.)

A sra. Dna. Maria da Anunciação Leite do Canto remeteu aos incumbidos de agenciarem esmolas para o lazareto de variolosos a quantia de 50$000. (2.9.1875, p. 2).

Em 1890, comunica-se que a sociedade *Protetora das Famílias Pobres* estava divulgando as "deliberações tomadas com relação a novas propostas recebidas para cooperar com o socorro às famílias pobres, dando-lhes provisões". Seguem-se os nomes dos membros da Comissão diretora, formada de voluntários, e entre eles: D. Maria Tornotti, esposa do diretor Francisco Tornotti, D. Luiza Maiz Torteroli, esposa do prof. Angeli Torteroli, inspetora sindicante. (*Diário Popular*, 15.12.1890, p. 2).

As mulheres já estavam na cúpula de uma entidade, mas caritativa.

unesp

O inusitado feminino, em notícia

No dia 25 do corrente o Sr. Caetano Ferreira Balthar, rico negociante e proprietário, ofereceu um jantar para mais de 30 convivas. O sr. Montenegro ofereceu um brinde à trindade Martim Francisco, José Bonifácio e o Dr. António Carlos. Seguiram-se outros brindes e, entre eles, um da Senhora Balthar à família Montenegro. (C. P., 27.12.1862).

Seria usual a mulher brindar em jantares? No caso, é a mulher de um negociante. Já falei sobre uma liberalidade maior de atitudes, quando se tratava de mulheres ligadas a profissionais urbanos ou quando elas próprias eram profissionais, como atrizes e negociantes.

Mesmo assim, pelos valores que controlavam o comportamento feminino, enfatizadores do recato, modéstia e timidez, um brinde como o da Sra. Balthar deveria ser uma atitude rara, caso contrário não teria merecido destaque da redação.

Outras notícias, sobre mulheres que anunciam que estão casadas com separação de bens, que são curadoras dos maridos, ou cartas de mulheres que se despedem da cidade, dos amigos... de outras que agradecem a médicos, que reclamam de serviços,de barulho, vão surpreendendo a leitora. Quando comecei a procurar a presença feminina nos jornais, como destinatária, não imaginei que fosse encontrar essas anunciantes e missivistas, que têm a coragem de se publicarem.[96]

Mulheres que não parecem ter vivido à sombra "protetora" de um marido, pai, irmão ou tutor delas e de seus filhos. Se tomam iniciativas é porque, casadas ou não casadas, não houve quem as impedisse.

Dúvidas quanto à identidade de quem escreveu tais cartas, se foram verdadeiramente escritas pelas signatárias, se por terceiros - mentores -, surgem, juntamente com a satisfação de encontrá-las e o ler o seu conteúdo. São autênticas em seus relatos de curas ou seriam uma forma de propaganda, incentivada ou sugerida pelos médicos aos quais se referem? Quem eram, a que classes sociais pertenciam as signatárias? O que faziam para sobreviver?

---

[96] Tive vontade de citar o título do livro de Fernando Gabeira, sobre as mineiras D. Beja, Chica da silva, Olímpia, Tiburtina e Ângela Diniz. *Sinais de Vida no Planeta Minas.* 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

unesp

Balbina Carolina Moreira, dirigindo-se ao público, elogia o "seu protetor e benfeitor" que a curou de uma hidropsia. A carta relata detalhes da doença e o fato de que a missivista já estava desenganada. Acrescenta que o seu objetivo, escrevendo para o jornal, foi o de cientificar o público do nome de seu benfeitor, o "Ilmo. Sr. Dr. Ignácio Achiles Emílio (o último sobrenome apagado. (A Pedido. *Correio Paulistano*, 4.8.1865).

D. Catharina Fortunato Chichorro, em uma bem escrita carta, agradece o Dr. Paula Souza por lhe ter "restituído completa visão, depois de uma operação de catarata". Não torna o fato público para agradecer, "porque seria desnecessário", mas para que outros,sabendo de sua cura, pudessem beneficiar-se também.(15.1.1865).

Joaquina Maria de Oliveira - a carta é bem escrita - agradece ao "Ilmo. Sr. Dr. Manoel Augusto Álvares Barboza", que a salvou da morte por meningite. Pede desculpas se o médico sentir-se ofendido em sua modéstia e acrescenta que foi apresentada ao Dr. Manoel "por amizade". (7.8.1872).

Outro agradecimento a médico é feito por Gertrudes Emília da Penha ao Dr. Alfredo Ellis, que lhe fez uma "pequena operação de coração". (15.12.187l).

Espanto. Não se explica o tipo de operação realizada e eu me preocupo em pesquisar, futuramente, a respeito da atuação do Dr. Alfredo Ellis.

Rachel Peixoto, em comovida carta, agradece o médico, a enfermeira e o mordomo da *Santa Casa da Misericórdia* que tão bem a trataram durante "moléstia perigosíssima, o tifo", que além de ter provocado "ulcerações gangrenosas", prostrou-a completamente. Desenganada, sarou graças a "habilidade e perícia do distinto médico dr. Borgoff, "tão caritativo e zeloso com os doentes, bem como do trato delicado que recebi da enfermeira e do sr.Tristão da Cunha Cavalheiro". (3.3.1871)

Antonia Gertrudes de Barros agradece à Bárbara Bueno de Camargo o ter ajudado a educar uma órfã, sua afilhada e filha adotiva. Gertrudes "não tem expressões" para manifestar à Bárbara Bueno de Camargo, proprietária de uma escola para meninas, a sua gratidão. A órfã fora tão bem preparada - o que causa "a admiração em todos" - que depois entrou para *o Seminário das Educandas.*[97] (C. P., 17.6.187l).

---

[97] Sobre o Seminário das Educandas, escrevo a respeito da oposição que foi feita a sua entre às Irmãs de São José. Mais informações, ver: RODRIGUES, Leda Maria Pereira. Ob. cit., p. 113-137.

unesp

A necessidade do agradecimento público é produzida por uma gratidão tão grande, que não se satisfaz com o agradecimento privado. Mas o agradecimento podia também ter sido insinuado pela pessoa que era objeto dele.

Isabel Neoben publica uma carta prevenindo para que ninguém fizesse transação com seu marido, Antônio José de Oliveira, sobre as escravas Porcina, Bráulia e Amazília, pois tais foram doadas a ela anunciante, com a condição de só a ela pertencerem. O marido não tinha direito algum sobre elas, que não poderiam ser hipotecadas por dívidas. Enfatiza que a razão de "fazer público" a sua exclusiva propriedade sobre as escravas era o temor de que o referido Antônio José de Oliveira quisesse fazer qualquer negócio sobre elas. (O anúncio é publicado em l4., 16. e 18.5.1865,p.3 e 4).

Isabel Neoben Penteado, por sua própria conta, ou por conselho de outrem, defendia-se de um mau marido, ou de um negociante incompetente. O anúncio faz supor também uma relação conjugal desarmônica, levando Isabel a lançar mão de um recurso extremo, verificada a a impossibilidade de um entendimento.

As mulheres que vinham a publico anunciar que os maridos eram pródigos sintonizam-se com os protestos de Senhorinha da Mota Diniz contra maridos esbanjadores, jogadores ou maus negociantes:

> "Porém nesta sociedade corrupta, sem moral e sem religião, o casamento *é um meio de fazer fortuna,* é o fim a que se propõe o homem malandro que não quer trabalhar, e que qual volantim de nova espécie quer dar *saltos mortaes* para apanhar um bom dote, não importa que seja de moça bonita ou feia, velha ou viúva rica, tudo lhe serve".

Para evitar que as moças sejam vítimas incautas de tais senhores, Senhorinha exige uma educação mais cuidadosa para as mulheres, pois o esclarecimento proveniente da instrução era condição essencial para que as mulheres soubessem se prevenir e resistir às "armadilhas" tão bem arquitetadas por certos homens, a fim de se apropriarem de bens que não lhe pertencem:

> "O estado de crassa e supina ignorância em que jazem as mulheres, as mães de famílias, sempre enganadas por seus maridos, faz com que muitas vezes elas deitem-se na suposição de *serem ricas* e acordem outro dia na mais *triste realidade* de que não possuem cousa alguma, e são *pobres e paupérrimas,* porque seus maridos esbanjando *o patrimônio,* estragou-o, entregando-o aos credores que com *a lei na mão* vem reclamar o seu direito. Só então é que tais mulheres se apercebem do abismo que têm diante dos olhos! E não é muito de estranhar que tais maridos em ocasiões destas coroem a obra de suas trapaças, abandonando mulher e filhos".

unesp

As moças, sem instrução, ignorando seus direitos - mesmo aqueles que "a legislação do país a considera solidária - qual é a outorga na alienação *de bens imóveis*" - casa-se jovem, recebe um dote que custou aos seus pais "um labutar desabrido" e termina na pobreza, depois de "um casamento que foi para ele não *um fim,* mas sim um meio de obter fortuna *sem trabalho".*

No indignado artigo, Senhorinha reconhece a existência de outro tipo de maridos que, contràriamente aos que "bendizem a ignorância" das suas mulheres, para terem maior liberdade para gastar seus dotes,

> "sentem que suas mulheres não tenham instrução para, em sua ausência, tomarem a si seus negócios, pondo e dispondo como eles próprios o fariam".

A contundência da jornalista pode ser uma evidência de que a questão do "caça-dotes" assumira alarmantes. Ela termina o artigo, situando-se como representante do "seu sexo" e dando várias respostas à pergunta - "O que queremos?" A última resposta, fecha com "chave de ouro" as reivindicações:

> "Queremos saber o como se fazem os negócios fora de casa; Só o que não queremos é continuar a viver *enganadas."*[98]

Os dramaturgos José de Alencar Ubaldino do Amaral, Cândido Barata (os dois últimos maçons e republicanos) e França Júnior também investem contra o "caça-dotes", em suas peças.

Alencar escolheu para protagonistas jovens promissores, profissionais liberais e políticos, cheios de propósitos edificantes, trabalhadores que, mesmo quando fazem ricos casamentos, o fazem por amor, nunca por interesse. As personagens masculinas que fazem a defesa do casamento como "um negócio" são elaboradas de modo a despertar no público sentimentos antagônicos em relação a elas.[99]

Voltando às anunciantes:

D. Rosa Maria do Espírito Santo "faz público" que se casou com Guilherme Ferreira de Araújo tendo ela mais de 50 anos, não havendo, portanto, "comunicação de bens com o mesmo seu marido"; e que o dito não podia "alienar os seus bens, nem dispor por

---

[98] O que queremos? In: HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas:* 1850-1937. São Paulo: Brasiliense, 1981 Apêndice II, p.128-131.

[99] Ver BORGES, Urquiza Maria. "A agiotagem do casamento. In: *A mulher em cena* (citada) p. 212-219.

unesp

qualquer modo dos mesmos". Prevenia ao público para que ninguém com ele contratasse os bens dela, anunciante. (6.2.1866,p.2)

Um anúncio de D. Ana Gabriela de Castro Alves, de Campinas, avisa que a mesma é curadora de "seu marido desmemoriado", que hipotecou os poucos bens que restavam ao casal, que foram dados como pagamento a um credor. A anunciante, "na qualidade de curadora", afirma que o casal ficou "exaurido de bens", que não chegaram para o pagamento completo das dívidas. "O presente anúncio se faz para conhecimento de outros credores". (9.1.1866, p.2)

A secura do anúncio não impede que se vislumbre nas entrelinhas a angústia da missivista, "exaurida de bens" e com um marido desmemoriado.

Elisa do Pilar Prestes, em "Mulher Curadora", na Seção Livre do *Diário Popular*, protesta contra o pagamento de dois títulos de dívida de quinze contos de réis cada um, ao Sr. Antônio Lopes Machado, "que de acordo com o processo corrente, usou de má fé com o marido dela, vendendo ao mesmo um sítio no bairro de Inhambiru, que não valia dez contos de réis, por sessenta contos". Susta também um cheque no valor de trinta e quatro contos de réis do Banco do Comércio e Indústria a favor do mesmo Antônio Lopes Machado, decorrente do mesmo negócio, até decisão final do processo. "Protesta" ainda contra outro "mau negócio que o seu marido fez com o Sr. Cândido de Oliveira Dias e comunica que por ordem do Sr. Juiz fica suspenso também este pagamento no valor de setenta e sete contos de réis.(10.9.1891).

Maria Leonardo Ferreira dirigindo-se ao "Sr. Redator",em estilo correto e elegante, diz ter lido duas cartas contra Sr. Dr. Aquilino Leite do Amaral: uma elogiosa, do sr. J. A. Baptista Rodrigues; outra "em que se procura deprimir o caráter do sr. dr. Aquilino dizendo que este se acha envolvido em "uma gravíssima questão de cavalo: para quê gravíssima?"

A missivista diz que não vê nada de grave, "em uma transação onde houve o pagamento do que se comprou". E dá o seu testemunho de que viu o Sr. Dr. Aquilino comprar e pagar o cavalo que viera de Indaiatuba. "Em verdade do que, posso prestar um juramento, se for preciso". (2.12.1865, p.3)

Corajosa a atitude a de Maria Leonardo. Quem seria? Mais uma vez, deixo-me dominar por conjecturas a respeito das mulheres que tomavam iniciativa de escrever para o jornal

unesp

cartas bem escritas, agradecendo, tornando pública a sua curadoria sobre o marido ou defendendo alguém. Entre a especulação de quem seriam, o que faziam, se as cartas são verdadeiras ou forjadas como àquelas que falavam em nome de pessoas "do povo" mas que eram na verdade escritas por letradas. Rechaço a dúvida e fico com a hipótese de que são verdadeiras.

Jovita é uma jovem do Ceará, que ocupou espaço no *Correio Paulistano*, em alguns dias, durante a Campanha do Prata. Notícias apologéticas, discordantes e poesias são dedicadas dedicadas à Jovita, que se alistara como voluntária, para combater.

Jovita Alves Feitosa, natural de Inhamuns, província do Ceará, tornou-se sargento do batalhão de *Voluntários do Piauí*. A sua atitude provocou o artigo "Patriotismo Feminil", já comentado, criticando as mulheres que iam para a guerra, quando poderiam "servir a Pátria" em atividades "mais adequadas ao sexo".(C. P., 19 e 28.9.1865). O aparecimento de Jovita no jornal é fugaz. Sabe-se dela mais através dos sonetos, nos quais a figura de Jovita é transmudada na de Joana D'Arc.

No soneto intitulado *A heroína brasileira,* de I.M.F., a "distinta cearense", "orgulho da terra de Cabral", "esperança da glória triunfal" era exaltada. Jovita é a "destemida, anjo imortal", exemplo dado ao mundo "vestindo do soldado hirsuta veste". Em em outro soneto do mesmo autor, a "mulher soldado", "fenômeno do Norte, vestal do Ceará", era conclamada a não poupar o inimigo "em campo armado". (*Correio Paulistano,* 15.11.1865, p.3).

Em *O brado da virgem* a identificação com Joana D'Arc:

> "Eia, patrícias! varonil pujança / Não conte a França em suas filhas só; / Dela e de Roma feminis proezas / Obrae, acesas do Brasil em pró! /Segui o exemplo, que, valente, abre / Jovita, o sabre a manear gentil; / Ide com ela, de clavina ao ombro, / Fazer o assombro do gaúcho vil!"(17.11.1865,p.3)

"Heroísmo e amor filial": é o título da pequena nota, acerca da canoa que virou em Paraitinga com o Sr. Antônio Feliciano dos Santos e sua filha. Esta nadou para a margem, mas quando viu o pai ainda se debatendo na água, voltou, arriscando a própria vida, e conseguiu trazer o pai. O redator não poupa elogios ao "heroísmo da moça, que teve de nadar com pesadas roupas. (1.8.1875,p.2)

unesp

O riso de uma "senhora", durante a apresentação da peça *O anjo da meia noite*, traduzida por Machado de Assis, provocou um comentário ácido de Ferreira de Menezes:

> "Uma senhora vi eu, que no momento do 6º ato em que as personagens feridas da fatalidade se atiram aos pés do crucífixo em uma oração fervente, achou azado de rir-se. Fez-me mal o riso daquela senhora. Pois as mulheres, únicas pessoas que choravam no teatro, rir-se-iam agora por ouvir falar de Deus e de orações? Por que seria aquele riso? Teria bons dentes aquela senhora? Oh! vaidade feminina". (Folhetim. 21.9.1865).

O riso de uma única senhora, em um momento inoportuno, foi motivo para uma digressão generalizadora sobre a vaidade feminina e para considerações pedagógicas sobre o comportamento das mulheres, em geral.

Em matéria intitulada "Dedicação", o cronista considera injustos os homens que atribuem às mulheres, "vaidades excessivas":

> O "belo sexo, em todas as escalas sociais tem dado provas exuberantes de saber sacrificar as suas vaídades aos sentimentos do coração".

O autor diz que chegara a tal atitude, em defesa das mulheres,devido ao ato de uma jovem, pobre, mas bem educada, que ficou noiva de um serralheiro analfabeto, "moço bom e simples". No dia do casamento, o serralheiro assinou em cruz e a moça, apesar de instruída, também. A madrinha da moça, que ajudara em sua educação, perguntou à afilhada, a razão da assinatura em cruz. A "delicada" jovem respondeu-lhe que assim o fizera para não humilhar o marido a quem ela começaria a ensinar a ler e a escrever, no dia seguinte ao do casamento.

> "Não é um ato heróico, mas é um bonito rasgo de delicadeza e dedicação. (C. P., 28.5.1865, p.4)

Apesar da falta de nomes das personagens, a história parece verdadeira, em sua simplicidade.

Em Notícias das Províncias, "a triste vida das famílias", cujos maridos iam como voluntários forçados para a guerra, chega aos leitores através do relato de um caso, acontecido no Ceará. Depois das despedidas pungentes, na partida dos soldados, uma mulher que viera com a filhinha de poucos meses, pronta para acompanhar o marido para o Sul, fora advertida que a criança não poderia embarcar. Desolada, abraçou-se chorando ao marido, disposta a voltar. O soldado beijou a menina muitas vezes e entregou-a à mãe:

> Nisto porém, o amor conjugal despertara com força igual ao materno e a situação exigia que um suplantasse o outro. Foi uma resolução desesperada; a mulher

unesp

> entregou a filha a uma conhecida e embarcou. O amor de mulher triunfou sobre o amor de mãe". (Noticiário. 29.4.1865,p.1)

"

Outro soldado despedia-se da mulher e do filho, abraçados e chorando os três. Disse à mulher, antes de embarcar:

> "Adeus; abraça por mim a nossos outros filhinhos. Sê honrada; se te faltar o trabalho, sai pela rua a pedir esmolas para a mulher de um soldado que partiu para a guerra". (Idem)

Notícias curtas, que não esclarecem acerca das vidas das personagens envolvidas: quem eram, camada social a que pertenciam, como viveriam as mulheres dos soldados, em um país onde as possibilidades de sobrevivência para as mulheres eram tão poucas. Mas, se pouco informam, estão carregadas com a dor e o desemparo, comuns aos membros das camadas mais pobres da sociedade.

Emília Pezzol, em 1875, diz adeus à Capital. Desculpa-se por ter sido obrigada, pela falta de tempo, a se servir do jornal para "se despedir de todas as pessoas e famílias que a dinstinguiram com "suas relações". Agradece "os distintos cavalheiros e senhoras que a acompanharam até a partida". Oferece a todos o "seu limitado préstimo", em Campos, onde vai morar e, "do fundo d'alma", empenha a "constância da amizade e a lembrança viva" do que lhes deve. (Seção particular. 13.8.1875.)

Emília, pela sua forma de escrever, devia pertencer às camadas intermediárias da sociedade, caracterizadas por um comportamento proveniente da aquisição de um grau razoável de instrução e de maneiras provenientes da normatização burguesa. Um misto de independência, que só poderia ser gozada por mulheres que trabalhavam e não dependiam de marido, com atitudes consideradas distintas e apanágio da nobreza. Uma despedida respeitosa, mas pública, que não era feita pelas damas das famílias enobrecidas pelo possuir, há gerações, riqueza oriunda da terra.

Madame Dause, retirando-se para Toulouse, "a negócios de família" e não tendo tido tempo de despedir-se, pessoalmente, faz uso do jornal e recomenda "os bons serviços de sua colega Mme. Amélia Lalarde que a substituirá plenamente. (*Diário Popular*. 26.8.1892)

Lucinda Maria de Lima, residente à rua Vergueiro, Vila Mariana, mostra-se disposta a usar um "chicote para dar uma lição àqueles que não sabem respeitar uma mulher - principalmente por viver só - e as leis vigentes". A razão de sua raiva é a notícia

unesp

"mentirosa, publicada em outro jornal, sobre as suas reclamações contra o "excesso de barulho dos vizinhos". "O outro jornal" parece ter ridicularizado a reclamante, que se diz injuriada pela forma irônica com que foi chamada de "Rainha do Bairro" . (Seção particular. 25.8.1877).

"Mulher-homem" é o título de uma nota em que se relata a busca de liberdade por parte de duas escravas, que tentaram fugir "vestidas de homem". Uma voltou para Rio Claro, de onde vieram: a outra "foi presa e recolhida ao xadrez". A fuga do cativeiro, o anseio de liberdade são noticiados desrespeitosamente, sob o título dúbio e sensacionalista, que remete a outras possibilidades, como hermafroditismo, transexualidade. (20.3.1881,p.2)

Em Boletim do Dia, noticia-se:

> "Mãe e filha fugidas". A mulher de Silvan Paschoal (não se informa o nome dela) raptou a filha do casal, de nome Nicanora, que morava com o pai. Silvan procurou a polícia, mas esta chegou tarde: mãe e filha haviam partido, de navio, para a Itália". (19.9.1884,p.1)

Lendo-se "Noiva decidida", surge a dúvida: fato verídico? brincadeira do redator? A notícia é sobre moça de Batatais, que no momento de dirigir-se à Igreja recebeu do noivo um comunicado de que não "estava mais para se casar". A noiva

> "não ficou atrapalhada, nem mostrou-se descontente; expedindo logo aviso a outro moço que estava a duas léguas da cidade e que atendeu ao chamamento, compareceu à hora marcada,realizando-se logo o consórcio". (Boletim. C. P.,12.12.1888,p.1)

Em tom irônico, no Noticiário do *Diário Popular,* em "Que mulher!", nota transcrita da *Gazeta de Goyana*, uma mulher de São José do Araguaia,

> "se diz enviada ao mundo para regenerá-lo. Incute ao povo um terror infantil, por meio de ameaças de castigos; fez-se sacerdotiza e como tal batiza a casa."

A mulher foi celebrante do seu próprio casamento com Ricardo de tal, que estava convencido que seria "por sua mulher milagrosamente curado de uma paralisia". Informa-se que a mulher é a mesma que, lá no Norte, dois anos antes,

> "impingira suas bruxarias, chegando a ter adeptos que tinham muito gosto em apanhar da mão da Santa uma dúzia de bolos por dia". (16.2.1891)[100]

Cecília de Camargo reclama de uma costureira e da maneira como foi retratada pelo jornal *A cidade de São Paulo. O Diário Popular* publicou a sua carta sob o título "Os

---

[100] Laura de Mello e Souza estudou casos de degredadas pela Inquisição que continuam com práticas, consideradas de brixaria, aqui no Brasil. Seu estudo é relativo séculos XVI, XVII e SVIII. Não conheço trabalho sobre práticas de religiosidade popular ou de "bruxarias" no século XIX. Ver: *Inferno Atlântico.* Demonologia e colonização - Séculos XVI-XV|III. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Sobre figuras femininas fortes que passaram para o imaginário brasileiro, cito também o estudo de: MEYER, Marlyse. *Maria Padilha e toda a sua quadrilha.* São Paulo: Duas Cidades, 1993.

pretos e a Cidade de São Paulo". Na carta, Cecília diz que entregou a uma costureira (não dá o nome da mesma), da rua da Assembléia tecidos, fita e renda no valor 29 mil réis e pagou 12 mil réis de feitio, adiantados e recebeu um vestido

> "completamente mal feito, com saia em forma de dominó de carnaval e o corpo do vestido tão pequeno e curto que se tornava ridículo; além disso a tal costureira arranjou uma anquinha grudada no corpinho pela traseira que me torna uma patrona da antiga Guarda Nacional".

Acrescenta Cecília que "apesar de ser preta", desde que "pagou direito", tinha que ser bem servida; "quem não tem habilitações para costurar não tem as portas abertas e nem recebe fazendas para estragar".Reclama da redação do jornal *A Cidade de São Paulo*, que publicou nota desabonadora sobre ela que, afirmando, mentirosamente, que ela promovera desordens.

Acrescenta:

> "nunca bebi, nunca fiz desordens, portanto não tem o tal jornal direito de chamar a atenção da polícia sobre mim. Há poucos dias, houve bem perto da casa em que se publica essa folha, uma tentativa de assassinato, tiros, pessoas feridas, barulho de povo e esse jornal noticiando o fato ocultou nomes e casa, porque são ricas e brancas, e comigo tanto furor.Depois da lei de 13 de maio e da proclamação da República sou tão boa como qualquer senhora por mais importante que ela seja. É natural que eu defenda meus direitos como os demais defendem." (5.1.1891,p.2)

Vejo no título da matéria uma insinuação de racismo, em consonância com as reclamações da missivista e com a posição "democrática" do jornal.

Uma carta significativa como demonstração da forma como uma mulher negra, ex-escrava ou descendente de escravos, via a forma discreta e condescendente como eram noticiados fatos escandalosos, como brigas ou quase assassinatos, envolvendo pessoas das camadas mais altas da sociedade.

Ela fornece uma pista para a elucidação do fato de que as personagens que figuram nos noticiários policiais são sempre provenientes "do povo", ou "plebeus". Daí a dificuldade de se encontrar nos jornais informações sobre crimes cometidos por pessoas pertencentes às camadas mais elevadas da sociedade. Fazia-se de tudo para impedir "o escândalo".

O manifesto medo da polícia, pois a missivista censura o outro jornal por ter chamado a atenção policial sobre ela, é indício da maneira diferenciada e determinada pela condição social como eram tratadas as pessoas, pelas autoridades e por determinada imprensa.

O *Diário Popular*, cujo primeiro número saiu em 8 de novembro de 1884, sob a firma Lisboa & Campos, assumiu uma feição que se pode chamar de popular, ou seja, algumas

unesp

seções eram elaboradas com a intenção de atingir um maior número de eleitores, não apenas os que possuíam uma cultura mais elevada. Vejo nele uma semelhança com o Correio Paulistano das décadas de 1860 e 1870, justamente quando era Diretor de Redação deste Américo de Campos. Apesar de se dizer um jornal independente e imparcial, "era de feição acentuadamente democrática".[101] De propriedade de dois republicanos - Américo de Campos e José Maria Lisboa - desde o início os seus editoriais são radicalmente contrários à Monarquia, à união entre Igreja e Estado e favoráveis ao casamento civil, à naturalização e à descentralização. Um exemplo é o seu Editorial de 6 de abril de 1887, intitulado "Riqueza nos Estados Unidos e São Paulo", fazendo uma comparação entre o desenvolvimento econômico dos Estados Unidos e da Província de São Paulo. No Editorial são apresentados dados estatísticos referentes à indústria norte-american e à indústria inglesa, concluindo que, apesar dos "juros mais altos pagos aos capitalistas, dos salários mais altos pagos aos operários" nos Estados Unidos, mesmo assim, este vinha conseguindo colocar os seus produtos por preços mais baixos no mercado internacional, "invadindo a Inglaterra e fazendo-lhe concorrência em seu próprio mercado".

Quanto às razões apontadas para o sucesso norte-americano em comparação com o atraso industrial da Província de São Paulo são:

> "a igualdade dos direitos civis pelo casamento civil, a igualdade dos direitos políticos pela facilidade da naturalização, abrindo os Estados Unidos as suas portas aos mais hábeis operários do mundo inteiro, que existem principalmente nas raças manufatureiras do norte-europeu".

A posição evidente no Editorial é a mesma de certo grupo de políticos e jornalistas, denominado de "novos liberais" (Capítulo 2 e 5) e dos republicanos, influenciados pelo pensamento de clérigos e teóricos protestantes ou não religiosos, que situavam o apogeu da "civilização" no norte da Europa, ou melhor, no noroeste da Europa, devido aos fatores racial e religioso. Apesar da ênfase recair em razões culturais e politicas - centralização monárquica, dificuldade em se conseguir a naturalização e o melhor preparo técnico dos operários da Europa do Norte, - não deixa de soar de forma estranha o fato de liberais se valerem da origem geográfica e étnica para a qualificação dos imigrantes.

---

[101] FREITAS, Afonso de. Ob. cit., p. 610

unesp

Malgrado a ambigüidade, típica dos letrados do século XIX, como já se viu em outros Capítulos e em obras citadas neste trabalho, o Diário Popular tinha uma preocupação clara em atingir, propagandisticamente, "o povo".Daí a posição assumida em favor da reclamante descendente de escravos e da escolha do título, apontando para racismo.

Alguns fatos, como os que serão narrados no Capítulo 5, a respeito da Escravidão e um "lamentável incidente" envolvendo uma aluna da Escola Normal, Francisca de Paulo Galvão de Moura Lacerda de Azevedo indicam para a pesquisadora, que trabalha com História de mulheres ou com as relações entre os gêneros, um caminho que não é aquele em que o gênero feminino é transformado sempre em vítima. Por injunções sociais ou culturais, mulheres assumiam atitudes marcadas pela violência ou pelo desprezo pelo outro.

Francisca acusou um colega, João de Oliveira Fagundes, de ter invadido as dependências femininas e de a ter insultado. O Dr. Vicente Mamede de Freitas, diretor da Escola, investigou, colhendo depoimentos de várias alunas que desmentiram Francisca. Concluiu-se que esta caluniara João de Oliveira para se "desforrar da rival nos estudos", que era esposa de João". Francisca foi expulsa mas readmitida dois anos depois, tendo a Congregação dos Professores opinado que se dera "importância excessiva a 'ciúmes pueris'. [102]

As informações conseguidas são pistas que apontam para atitudes, comportamentos que só poderiam ser provenientes de mulheres que buscavam formas de resolver problemas matrimoniais, de realizar um trabalho ou uma função, fora de casa, como a anônima tradutora ou a soldado Jovita, que tinham os seus negócios próprios como Rosalie Naret, Madame Fretain e Madame Ducos, ou fundadora de "terreiro", como a de São José do Araguaia, que, orgulhosa faz o seu próprio casamento; mulheres capazes de gestos desesperados, como o da mulher que resolve acompanhar o marido à guerra, deixando o filho com uma conhecida, heroínas como a que salvou o pai da morte por afogamento; mulheres que, casadas ou não, expunham-se, publicamente, agradecendo, reclamando, prevenindo, fazendo brindes.

---

[102] RODRIGUES, Leda Maria Pereira. *A instrução feminina em São Paulo.* Subsídios para sua História até a proclamação da República. São Paulo: s. C/Edit., 1962, p. 159

unesp

O teor, a forma de reclamar, de expor sentimentos talvez indiquem que algumas deveriam ser mulheres pertencentes àquela parte da sociedade que os redatores chamavam, genericamente, de "povo" ou "plebeus". Pequenas comerciantes, costureiras, quem sabe. Damas das elites escreveriam para o jornal, expondo os seus problemas, ou mesmo, agradecendo?

Apesar de poucas, as pistas são animadoras: remetem para a diversidade de vidas, para a existência de mulheres que tomam iniciativas, que lutam pelo que desejam, como a mãe corajosa que roubou a filha da companhia do marido, mulheres que se vestem "de homem" para fugir da escravidão. Apontam para um vasto território, ainda inexplorado, estimulando novas pesquisas.

"Escândalo na Paulicéia"

O fato de duas senhoras não terem sido atendidas na *Confeitaria Paulicéia,* provavelmente por estarem desacompanhadas, motivou uma polêmica que se desenrolou em todos os jornais da cidade. As cartas dos contendores, eram publicadas, repetidamente, nas seções dos jornais destinadas aos leitores.

As cartas dos envolvidos e dos que se envolveram no "Escândalo na Paulicéia" foram publicadas nos jornais *O Estado de de São Paulo*, *Diário Popular*, *Correio Paulistano* e pelas referências das mesmas, no *Diário Mercantil.*

A polêmica inicia-se com uma carta assinada por Antônio Baptista Barony e João Salgado de Sá, na Seção Livre de *Estado de São Paulo*, sob o título "Grande Escândalo" e dirigida ao senhor chefe da Polícia.

Nela, relata-se que no dia 28 de dezembro de 1890, às 7hs. da noite, ante "mais de 90 pessoas, foram desfeiteadas duas senhoras pelo proprietário do estabelelecimento que as tratou como meretrizes negando-se a servir-lhes sorvetes".

Os signatárias pediam providências ao chefe da Polícia, pois se tratava

> "de duas senhoras honestíssimas: uma, esposa de um moço engenheiro e a outra cunhada de um negociante desta cidade. A bem de nossas famílias, do decoro social, contamos com a real justiça do sr. chefe da Polícia, que deverá punir com um processo o biltre que por inépcia, tenta macular o que há de mais sagrado: a honra. Providências, Exmo. Senhor, para que nossas famílias não sofram igual dissabor e vergonha. Às exmas. famílias um apelo: reunam-se e protestem contra

unesp

> este atentado às vossas honras além do que às vossas filhas, pode acontecer o mesmo."(28.12.1890), p.2)

Pela carta publicada na mesma seção do jornal *O Estado de São Paulo*, no dia 30 de dezembro, sob o título "Escândalo na Paulicéia", sabe-se que o fato intitulado "O grande escândalo" e relatado na carta anterior, aconteceu na *Confeitaria Paulicéia* e que Barone e João Salgado já haviam publicado o seu protesto também no *Correio Paulistano*, anonimamente.

O signatário e proprietário da *Confeitaria Paulicéia*, Sr. Domingos José Coelho, dá a sua versão do acontecido: os empregados do seu estabelecimento tinham

> "ordem de servir às famílias e não senhoras de procedimento equívoco; e por isso deixaram de servir as duas senhoras que consideraram nessas condições, sem que, aliás, lhes dirigissem alguma expressão".

O Sr. Domingos enfatizava a sua maneira delicada "de tratar os fregueses" e não seria a "maledicência de indivíduos completamente desconhecidos na cidade" o que iria prejudicá-lo.

Põe em dúvida a veracidade do casamento de "uma das supostas ofendidas", pois a mesma negou-se "a declinar o seu nome e o de seu marido e que este, em vez de defender os direitos de sua mulher, consinta que outros tomem a sua defesa e sobretudo na imprensa".

Acrescenta um "P.S"., no qual declara que após publicada a "tal carta no *Diário Popular*", soubera, "por pessoas fidedignas, que a dita senhora casada nunca fora casada" e que só "alguém que com ela conviva poderá julgá-la digna da boa sociedade".

E dava ao marido da "dita senhora" um ultimato para que apresentasse a certidão e ele calaria "os rumores das pessoas" que lhe "prestaram informação".

Em 31 de dezembro, na Seção Livre do *Diário Popular*, uma carta anônima esclarece que

> "dois distintos cavalheiros, sendo um deles um abalisado médico, vão informar a Domingos Coelho, que a pessoa de quem lhe prestaram informações é uma mulher chamada Magdalena, atualmente nesta cidade, à qual se refere o imundo artigo de hoje, no *Mercantil*, e não à exma. esposa do Dr. Ernesto Rodrigues Chaves. Declarou-nos um dos mencionados cavalheiros que reconheceu a calúnia de Domingos Coelho, só hoje, quando leu o artigo no *Correio Paulistano*, por nós firmado".

O autor da carta se diz defensor da "honra de uma honesta senhora", injustamente "infamada". Critica o comportamento do sócio gerante da *Confeitaria Paulista*, por ter acreditado em informações de terceiros e não ter procurado averigüar a verdade.

unesp

Acrescenta que "a injúria e a calúnia de que foi alvo a Exma. Sra. D. Brásília Chaves deve ser reparada pelo processo judicial, de conformidade com sua certidão de casamento e demais documentos comprobatórios". Informa que um "ilustre advogado" já está encarregado do processo e pede "às exmas. famílias e ao público em geral, que acompanhem com interesse esta melindrosa questão, em que também se acha empenhada a honra geral das famílias". (*Diário Popular*,31.12.1890,p.2)

No mesmo dia, através da nota "Pura Verdade", o Sr. F. Jordão da Silva informa que foi perguntado por Domingos Coelho se ele conhecia uma mulher chamada Magdalena, moradora no Rio de Janeiro "e atualmente nesta capital; respondi que conhecia e que era de posição reconhecidamente suspeita."

Garante que Domingos Coelho confundiu a esposa do Dr. Ernesto Chaves com "a tal mulher e por isso torna público: "que a senhora que diz ter sido injuriada e caluniada é a esposa do Sr. Ernesto Chaves, senhora honestíssima. Em bem da verdade firmo o presente". (31.12.1890,p.2)

A carta do sr. F. Jordão da Silva foi publicada também no *Correio Paulistano*, em primeiro de janeiro de 189l, sob o mesmo título, após uma outra intitulada "A verdade surge", na qual são dadas explicações sobre a confusão que houve entre a pessoa de D. Brasília Chaves, esposa do Dr. Ernesto Rodrigues "e a tal de Madalena". Os signatários dizem ter cumprido o seu dever defendendo "uma questão em que se infama a honra de uma honesta senhora"e " as exmas. sras. e o público em geral avaliariam se eles tinham ou não razão". Confiam no julgamento da "sociedade independente e honrada" e criticam a "imprudência do Sr. Fernandes, que fez "mau juízo de uma pessoa", por ter tido informações de terceiros, informações que não foram averiguadas. A carta é a mesma que já fora publicada no *Diário Popular*, 3l de dezembro.

Em dois de janeiro de 1891, no *Diário Popular,* José Salgado de Sá e Augusto Baptista Baroni dizem que se acham "dispensados e prosseguir em nossa honrosa missão pela imprensa" em vista da declaração do sr. Jordão da Silva, que fora um dos informantes de Domingos Coelho, ter esclarecido públicamente que a mulher da qual falara ao proprietário da *Paulicéia,* não era Brasília; que os demais "informantes" seriam, "em juízo", solidários com o sr. Jordão. Os signatários esclareciam também ao público que o

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18

irmão da "senhora caluniada" chegara à capital trazendo a certidão de casamento dela e que a mesma já fora entregue ao advogado Capote Valente que estava com o caso.

Salgado de Sá e Baroni respondem de forma veemente aos ataques de "um anônimo" que assinara uma carta que fora publicada no *Estado de São Paulo* com o pseudônimo, "Um pai de família". Este chamara os defensores de Brasília de "cavalheiros andantes", expressão que pareceu aos defensores de Brasília ofensiva. Terminam a carta apelando para que "as pessoas mais gradas de nossa sociedade", que os estavam acompanhando com "adesões e conselhos", acompanhassem o processo judicial contra o proprietário da *Confentaria Paulicéia.*

O Dr. Jesuíno Cardoso explica no dia 3 de janeiro os motivos que o levaram a não aceitar a causa de Brasília e de seu marido o Sr. Dr. Ernesto Chaves: por falta de tempo, por estar muito cansado e por achar que o "caso de simples e claro que lhe parecera, tornava-se, pouco a pouco, escuro e embrulhado". (Seção Livre. *Diário Popular*, p. 2).

Deve ter havido um desentendimento entre os srs. José Salgado de Sá e Augusto Baptista Baroni e o advogado Dr. Jesuíno porque em 4 de janeiro, no *Correio Paulistano*, aqueles publicam uma carta explicando ao Dr. Jesuíno que a questão do dinheiro poe eles levantada, não se referia ao Dr. Jesuíno, mas a "uma certa pessoa" que andara dizendo que com dinheiro tudo se arranjaria, não havendo, portanto, necessidade de se dar satisfações "aos ofendidos".

Mas não aceitam a afirmação do Dr. Jesuíno de que "a questão está escusa" pois, "com a certidão de casamento e documentos comprobatórios e com a contradição das informações acha-se tudo esclarecido".

Quanto ao dinheiro, somente o Sr. Dr. Ernesto Rodrigues Chaves poderia aceitar

> "em juízo, como idenização de perdas e danos, uma importância que será destinada à Santa Casa e às sociedades beneficentes brasileiras e estrangeiras para que a pobreza possa encontrar no óbolo o alento para a sobrevivência".

No dia 5 de janeiro, no *Correio Paulistano,* o sr. Ernesto Rodrigues Chaves agradece ao Dr. Lins de Vasconcelos pelo "valioso apoio, fazendo reconhecer-se a honestidade de minha esposa e demonstrando o erro que tinha havido sobre sua pessoa".

Quanto ao Dr. Lins, publicou no *Correio Paulistano*, em 6 de janeiro e no *Diário Popular*, em 5 de janeiro, a mesma carta, informando fora procuraDo pelo sr. Ernesto Rodrigues Chaves para "tomar o patrocínio de sua causa, originada do incidente na

unesp

Paulicéia" e, repugnando-lhe "tratar disto em juízo" e autorizado pelo Sr. Ernesto, entendera-se com o sr. Domingos José Coelho:

> "Das explicações trocadas resultou, e estou a declarar que o incidente ficou terminado sem ofensas, nem queixas entre os contendores que, comigo, pedem aos estranhos que se têm envolvido nesta questão o favor de fazerem o mais absoluto silêncio sobre ela. Assim termina, sem quebra de dignidade de quem quer que seja, uma discussão desagradável e que muito tem incomodado a todos sem vantagem para ninguém" S. P., 4.1.1891. (a) Lins de Vasconcellos.

Duas senhoras que pretendiam tomar sorvete, às sete horas da noite, no final do ano de 1890, não foram atendidas porque uma delas não quis dizer o seu nome e o de seu marido. Provavelmente, por ter se sentido ofendida com a necessidade de esclarecer quem era para ser servida.

Após a interferência do Dr. Lins de Vasconcelos, as cartas cessaram. Aqui também se observa o silêncio das mulheres, que deixaram aos homens a sua defesa. E saber o que pensaram ou sofreram Brasília e sua amiga em função da "desfeita" sofrida é impossível.

No *Correio Paulistano*, em 5 de março de 1876, no Noticiário Geral, sob o título "Café Europeu", a título de persuadir as "senhoras" a irem a este estabelecimento, o redator comparava as senhoras cariocas com as de São Paulo, afirmando que as paulistas - que tinham fama de não se sujeitarem às imposições do "bom tom" - estavam, naquele momento, modernizando-se e já freqüentavam um Café. A nota, que faz publicidade não explícita, estimulava o comparecimento das "amáveis presenças femininas" a esse tipo de lazer, deixando claro que o hábito de mulheres irem a cafés era recente.

Comparando o *"réclame"* (falo desse tipo de publicidade no Capítulo 6) do *Café Europeu* com o acontecimento que foi denominado na Imprensa de "Escândalo na Paulicéia", vê-se que o esforço "civilizatório" dos liberais ou republicanos maçons, que tinha por objetivo "modernizar", dentro dos limites de um patriarcalismo "esclarecido", a atuação feminina, confrontava-se com setores sociais imbuídos de preconceitos secularmente cristalizados.

Na polêmica a respeito da apresentação de Josefina Porfírio de Lima, em 1862, (citada) os que se opuseram a que Josefina tocasse usaram o argumento seguinte: a apresentação de Josefina ia de encontro "aos usos e costumes da Capital", contrários a uma representação artística de uma "moça-família". E os que defenderam a apresentação de Josefina, como o seu pai, o engenheiro Dr. José Porfírio de Lima, argumentaram com a prática de fatos semelhantes na "civilizada' Europa e com a

unesp

necessidade de "inovação" para que se saísse "do ponto onde estamos". Inovação, "opinião ilustrada" versus "escola dos maus preconceitos", é a contradição que salta das polêmicas de 1862 e de dezembro de 1890 a janeiro de 1891, demonstrando lentidão no processo de mudança das mentalidades.

A questão da aceitação de mudanças no comportamento feminino, em público, suscitava polêmicas na Imprensa, não apenas na Cidade de São Paulo. Oito anos antes do "Escândalo na Paulicéia", na Crônica Geral, publicava-se a nota intitulada "As senhoras inglesas":

> "Na Imprensa inglesa está-se debatendo uma questão curiosa, a do *Crossing alone*: deve uma senhora andar pelas ruas de Londres sempre acompanhada de um criado, ou, ao contrário, ser-lhe-á permitido passear só? Até agora a opinião pública pende a favor desta última solução".

A redação do *Correio Paulistano*, coerente com o seu "paternalismo esclarecido", que penso ter sido suficientemente esclarecido nos Capítulos 2 e 3, apoiou a "opinião pública inglesa", concluindo que não "seria por andarem sós, que as mulheres seriam desrespeitadas". (25.11.1882, p.1).

unesp

CORREIO PAULISTANO

RUA DO ROSARIO N. 49.

Acaba de receber-se nesta livraria um grande sortimento de livros vindos em direitura de Lisboa, e sendo a maior parte d'elles dos mais conceituados autores portuguezes. Ha dos que abaixo publicamos, existem muitos mais não só de literatura, como de direito, re gião, instrucção primaria, etc.

Ha normale

Attenção

Coros